

JACQUELINE WINSPEAR MAISIE DOBBS

"Uma deliciosa
combinação de mistério,
romance e história de guerra."
- *Publishers Weekly*







A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

MAISIE DOBBS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

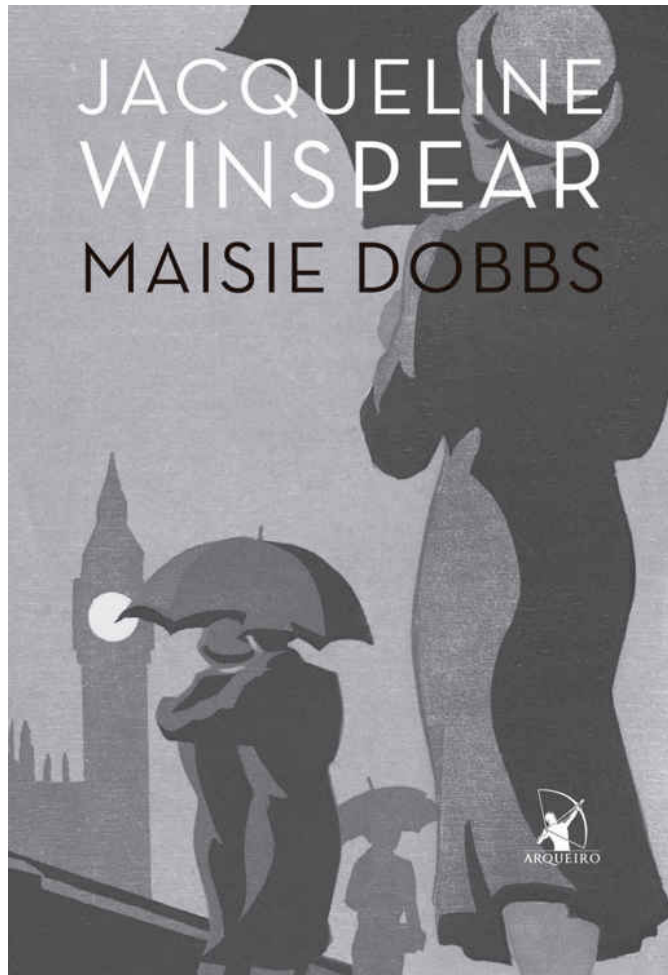
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JACQUELINE
WINSPEAR
MAISIE DOBBS



Título original: *Maisie Dobbs*
Copyright © 2003, 2014 por Jacqueline Winspear
Trecho de *Birds of a Feather* © 2004, 2015 por Jacqueline Winspear
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado em acordo com a Soho Press por meio da International Editors' Co.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Reprodução do trecho de "Disabled" por Wilfred Owen, de *The Collected Poems of Wilfred Owen*, © 1963 por Chatto & Windus Ltd., autorizada pela New Directions Publishing Corp.

tradução: Nina Schipper

preparo de originais: Milena Vargas

revisão: Midori Hatai e Rayana Faria

projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura

foto da autora: © Stephanie Mohan / Creative Portraiture

capa: Helen Yentus

imagem de capa: Andrew Davidson

adaptação de capa: Renata Vidal

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W744m

Winspear, Jacqueline, 1955-
Maisie Dobbs [recurso eletrônico] / Jacqueline Winspear; tradução de Nina Schipper. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital (Maisie Dobbs; 1)

Tradução de: Maisie Dobbs

Continua com: O caso das penas brancas

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5565-269-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Schipper, Nina. II. Título. III. Série.

22-75398

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é dedicado à memória do meu avô paterno
e da minha avó materna*



JOHN “JACK” WINSPEAR sofreu graves ferimentos na perna durante a Batalha do Somme, em julho de 1916. Após se recuperar, ele retomou seu trabalho como verdureiro ambulante no sudeste de Londres.

CLARA FRANCES CLARK, nascida Atterbury, trabalhou na fabricação de munições no arsenal de Woolwich durante a Primeira Guerra Mundial. Ela perdeu parcialmente a visão em uma explosão que vitimou várias jovens que trabalhavam com ela na mesma seção. Mais tarde, Clara se casou e teve dez filhos.

SUMÁRIO

Primavera de 1929

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Primavera de 1910 – Primavera de 1917

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Verão de 1929

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

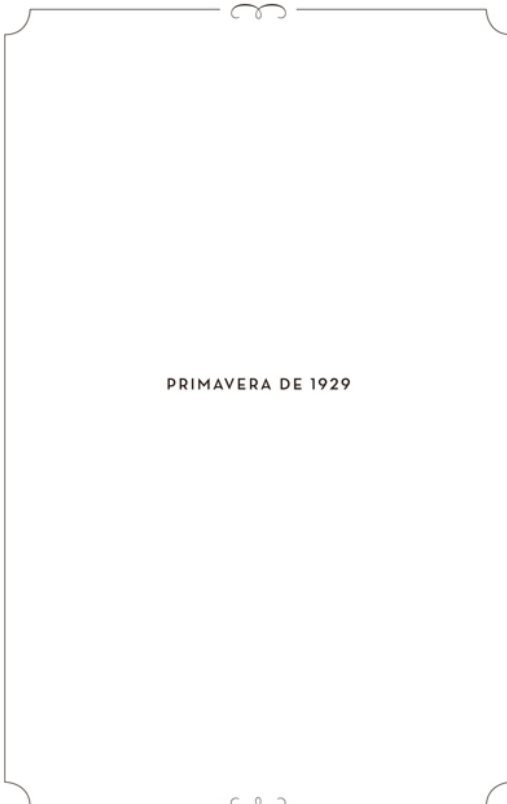
Capítulo 29

Capítulo 30

Sobre a autora

Agora, ele passará alguns anos doente em hospitais
E fará aquilo que as regras considerarem prudente,
E terá sua porção da comiseração que possam repartir.
Hoje à noite ele notou como os olhos das mulheres
Passaram dele aos homens fortes que estavam inteiros.
Como faz frio e está tarde! Por que eles não vêm
E o colocam para dormir? Por que eles não vêm?

Trecho final de “Disabled”, de Wilfred Owen. O poema foi escrito em Craiglockhart, hospital para oficiais com trauma de guerra, em outubro de 1917. Owen foi morto em 4 de novembro de 1918, apenas uma semana antes do armistício.



PRIMAVERA DE 1929

CAPÍTULO 1



Mesmo que ela não tivesse sido a última pessoa a atravessar a catraca da estação de metrô na Warren Street, Jack Barker teria notado a mulher alta e esbelta de sobretudo azul-marinho combinando com uma saia plissada e curta o bastante para revelar tornozelos torneados. Ela tinha o que sua velha mãe teria chamado de “postura”. Um jeito de andar, com os ombros para trás e a cabeça erguida enquanto vestia as luvas pretas e ao mesmo tempo segurava uma pasta de documentos preta um tanto surrada.

– Dinheiro de família – murmurou Jack consigo mesmo. – Esnobismo desnecessário.

Jack esperava que a mulher passasse por ele, então bateu os pés na tentativa inútil de espantar o frio cortante que aos poucos subia por suas botas. Ele juntou uma meia dúzia de exemplares do *Daily Express* em um dos braços, prevendo a freada brusca de um táxi e a mão que se estenderia com as moedas necessárias.

– Ah, pare. Me dê um *Express*, por favor, querido? – pediu uma voz suave como uma colherada de melado.

O jornaleiro ergueu o olhar devagar, fitando diretamente os olhos da cor da meia-noite no verão, uma tonalidade intensa que lhe pareceu mais escura que o azul. Ela lhe entregou o dinheiro.

– É claro, senhorita, aqui está. Um pouco fria esta manhã, não?

Ela sorriu e, enquanto pegava o jornal antes de se virar para ir embora,

respondeu:

– Com certeza. Um frio de congelar os ossos. Você deveria ir logo tomar uma boa xícara de chá.

Jack não sabia ao certo por que observou a mulher percorrer todo o caminho que ia da Warren Street até a Fitzroy Square. Mas de uma coisa ele sabia: ela até podia ter postura, porém, pelo jeito informal como se dirigiu a ele, com certeza não vinha de uma família rica tradicional.

No fim da Warren Street, Maisie Dobbs parou diante da porta preta de uma casa geminada georgiana um tanto dilapidada, enfiou o *Daily Express* sob o braço esquerdo, abriu a pasta de documentos com cuidado e retirou um envelope contendo uma carta de seu senhorio e duas chaves. A carta a instruía a dar um bom empurrão na porta externa depois de girar a chave na fechadura, acender com cuidado a lâmpada a gás ao pé da escada, prestar atenção no último degrau do primeiro lance – alguém precisava dar uma olhada nele – e se lembrar de trancar sua porta antes de sair ao anoitecer. A carta também dizia que Billy Beale, o zelador, colocaria uma placa com seu nome na porta caso ela quisesse – ou talvez ela preferisse permanecer anônima, sugeria.

Maisie abriu um largo sorriso. *Eu preciso de clientes*, pensou. *Não estou aqui para ficar no anonimato.*

Maisie suspeitava que o Sr. Sharp, o senhorio, não tinha a mente lá muito aguçada, e cada vez que eles se encontrassem ele faria perguntas cujas respostas eram óbvias. No entanto, suas orientações eram oportunas: a porta de fato necessitava de um empurrão, mas a lâmpada a gás, uma vez acesa, dificilmente atenuaria a escuridão almiscarada da escadaria. Estava evidente que algumas coisas ali precisariam ser modificadas, mas tudo a seu tempo. No momento, Maisie tinha trabalho a fazer, ainda que não tivesse casos concretos para resolver.

Prestando atenção no último degrau, Maisie virou à direita no patamar e se dirigiu para a porta pintada de marrom à esquerda, com uma janela de vidro fosco e uma placa de ALUGA-SE pendendo da maçaneta. Ela removeu a placa, introduziu a chave na fechadura, abriu a porta e respirou fundo antes de entrar em seu novo escritório. Era uma sala única com lareira a gás,

lâmpadas a gás em todas as paredes e uma janela de guilhotina com vista para o prédio do outro lado da rua e os telhados mais adiante. Havia uma mesa de carvalho que combinava com uma cadeira de estabilidade duvidosa, além de um velho arquivo do lado direito da janela.

Lady Rowan Compton, sua benfeitora e antiga empregadora, estava certa: Warren Street não era uma área particularmente salubre. Mas, se aproveitasse bem a oportunidade, Maisie poderia arcar com o aluguel e lhe sobraria algum dinheiro da quantia que ela se permitira sacar de suas economias. Não desejava um escritório sofisticado, mas também não queria uma verdadeira pocilga. Não, ela queria algo intermediário, acessível, central, mas não bem no meio do burburinho. De certa forma, Maisie se sentia reconfortada nesse pequeno recanto de Bloomsbury. Diziam que ali se podia sentar para tomar chá com quase qualquer um em torno da Fitzroy Square e jantar à mesma mesa com uma condessa e um carpinteiro, os dois à vontade na companhia um do outro. Sim, Warren Street serviria por enquanto. O complicado seria a placa com o nome. Ela ainda não havia resolvido esse problema.

Lady Rowan perguntara:

– Então, minha querida, como você vai se chamar? Quer dizer, todo mundo sabe o que você faz, mas qual será seu nome comercial? Você não pode anunciar o óbvio: “Encontro pessoas desaparecidas, mortas ou vivas, mesmo que estejam procurando a si mesmas” não dá conta do recado. Temos que pensar em alguma coisa sucinta, algo que faça jus a seus talentos únicos.

– Eu estava pensando em “Investigações discretas”, lady Rowan. O que a senhora acha?

– Mas isso não diz a ninguém como você usa sua mente, minha querida, o que realmente faz.

– Não é bem a minha mente que uso, é a das outras pessoas. Eu só faço as perguntas.

– Tolice! Que tal “Investigações cerebrais discretas”?

Maisie sorria para lady Rowan, erguendo uma das sobrancelhas com desânimo fingido diante da sugestão. Ela estava à vontade, sentada diante da

lareira na biblioteca de sua antiga patroa, uma lareira que ela havia limado com as mãos esfoladas e ásperas pela tarefa doméstica, mãos de uma empregada em serviço.

– Não, eu não sou uma cirurgiã do cérebro. Vou pensar mais um pouco, lady Rowan. Quero escolher o nome certo.

A aristocrata grisalha se inclinara e dera um tapinha no joelho de Maisie.

– Tenho certeza de que, independentemente do que decidir, você vai se sair muito bem, minha querida. Muito bem mesmo.

Foi assim que, quando Billy Beale, o zelador, bateu à porta uma semana depois de Maisie se mudar para o escritório da Warren Street, perguntando se havia uma placa de identificação para colocar na porta da frente, ela lhe entregou uma de latão com as palavras “M. Dobbs. Investigações pessoais e comerciais”.

– Onde quer a placa, senhorita? Lado esquerdo ou direito da porta?

Ele inclinou a cabeça muito ligeiramente para um lado ao se dirigir a ela. Billy tinha cerca de 30 anos, quase 1,80 metro de altura, era musculoso e forte, com os cabelos da cor do trigo reluzindo ao sol. Ele parecia ágil, mas se esforçava para disfarçar um coxear que Maisie logo havia notado.

– Onde os outros nomes foram colocados?

– À esquerda, senhorita, mas eu não colocaria ali.

– Ah, e por que não, Sr. Beale?

– Billy. Pode me chamar de Billy. Bem, as pessoas não olham para a esquerda, não é? Não quando estão usando a maçaneta, que fica à direita. É para onde os olhos vão de imediato quando elas sobem os degraus, primeiro para aquela cabeça de leão no batedor da porta, depois para a maçaneta, que fica à direita. Melhor botar a placa na direita. Isso se a senhorita quiser clientes.

– Bem, Sr. Beale, vamos colocar a placa à direita, então. Muito obrigada.

– Billy, senhorita. Pode me chamar de Billy.

Billy Beale foi afixar a placa de latão. Maisie suspirou profundamente e esfregou o pescoço no lugar em que a preocupação sempre se instalava.

– Senhorita...

Billy enfiou a cabeça na sala, dando uma batidinha no vidro com

hesitação enquanto tirava a boina.

– O que é, Sr. Beale?

– Billy, senhorita. Posso dar uma palavrinha?

– Sim, entre. O que é?

– Será que eu poderia fazer uma pergunta? Do tipo pessoal. – Sem esperar pela resposta, Billy continuou: – A senhorita foi enfermeira? Em um posto de tratamento de feridos de guerra? Fora de Bailleul?

Maisie sentiu uma pontada de emoção e, por instinto, pôs a mão direita sobre o peito, mas sua atitude e suas palavras aparentavam tranquilidade.

– Sim. Sim, eu fui.

– Eu sabia! – exclamou Billy, batendo com a boina nos joelhos. – Soube no instante em que vi seus olhos. É a única coisa que lembro depois de me levarem para lá. Esses seus olhos, senhorita. O doutor disse para eu me concentrar em alguma coisa enquanto vocês cuidavam da minha perna. Então olhei para os seus olhos. A senhorita e ele salvaram minha perna. Cheia de estilhaços, mas conseguiram, não é? Qual era o nome dele mesmo?

Por um momento, Maisie sentiu um nó na garganta. Então ela engoliu com dificuldade.

– Simon Lynch. Capitão Simon Lynch. Deve ser dele que você está falando.

– Eu nunca a esqueci, senhorita. Nunca. Salvou a minha vida, salvou mesmo.

Maisie assentiu, esforçando-se para manter as lembranças no lugar que havia designado para elas em seu coração, para serem tiradas dali apenas quando permitisse.

– Bem, senhorita, qualquer coisa que quiser, a qualquer hora, é só gritar. Estou às ordens! Golpe de sorte encontrá-la de novo, não é? Espere até eu contar para a patroa. Se precisar de qualquer coisa, me chame. Qualquer coisa.

– Obrigada. Muito obrigada. Eu aviso se precisar de algo. Ah, e senhor... Billy, obrigada por instalar a placa.

Billy Beale corou e assentiu, cobriu o cabelo lustroso com a boina e deixou o escritório.

Sortuda, pensou Maisie. *Com exceção da guerra, tive uma vida afortunada até aqui.* Ela se sentou na cadeira de carvalho de aparência duvidosa, tirou os sapatos e massageou os pés. Pés que ainda sentiam o frio, a umidade, a sujeira e o sangue da França. Pés que não ficavam aquecidos havia doze anos, desde 1917.

Ela se lembrou de Simon no que agora parecia outra vida, sentado sob uma árvore no Parque Nacional South Downs, em Sussex. Eles estavam de folga ao mesmo tempo. Não um milagre, claro, mas algo difícil de arranjar, a menos que você tivesse contatos e que esses contatos fizessem diferença. Era um dia quente, mas não os levava inteiramente para longe do combate, porque ainda podiam ouvir a reverberação intensa do bombardeio no campo de batalha do outro lado do Canal da Mancha, um som ameaçador que não se atenuava pela vastidão de terra e mar. Maisie reclamara que a umidade da França nunca sairia dela, e Simon, sorrindo, havia tirado seus sapatos de passeio para massagear e aquecer os pés dela.

– Por Deus, mulher, como alguém pode estar gelado desse jeito e não estar morto?

Os dois riram e depois ficaram em silêncio. A morte, em tempos como aqueles, não era motivo de riso.

CAPÍTULO 2



○pequeno escritório mudara nos trinta dias desde que Maisie o ocupara. A mesa fora deslocada e agora ficava posicionada num ângulo que dava para a ampla janela de guilhotina, de modo que, de sua cadeira, Maisie podia avistar os telhados enquanto trabalhava. Um telefone preto muito sofisticado repousava sobre a mesa, por insistência de lady Rowan, que afirmava: “Ninguém, simplesmente ninguém, pode esperar fazer negócios sem um telefone. Ele é fundamental, definitivamente fundamental.” Na opinião de Maisie, fundamental mesmo era que o toque assertivo do aparelho fosse ouvido com um pouco mais de frequência. Billy Beale também havia sugerido melhorias nos últimos dias.

– Não dá para as pessoas virem fazer negócio se a senhorita não puder oferecer uma xícara do bom e velho chá. Deixa eu colocar um armário aqui, instalar um bico de gás, e a senhorita vai longe. É moleza: todas as instalações para o chá. O que acha? Posso dar um pulo na loja de carpintaria do meu parceiro para pegar um pouco mais de madeira e fazer o gás passar por aqui. Sem problema.

– Excelente, Billy. Isso seria excelente.

Maisie suspirou. Parecia que todo mundo sabia o que era bom para ela. É claro que tinham as melhores intenções, mas agora ela precisava mesmo era de alguns clientes.

– Devo adiantar o dinheiro para os suprimentos, Billy?

– Não precisa de dinheiro nenhum – disse ele, piscando e cutucando um dos lados do nariz com o dedo indicador. – O que os olhos não veem, o coração não sente, se a senhorita me entende.

Maisie ergueu uma sobrancelha e se permitiu abrir um largo sorriso.

– Sei exatamente o que esse ditado quer dizer, Billy: aquilo que não vejo não deveria me preocupar.

– A senhorita captou bem a mensagem. Deixe comigo. Em um piscar de olhos a senhorita poderá receber suas visitas com estilo.

Billy recolocou a boina, levantou o indicador para anunciar sua partida e fechou a porta. Reclinando-se em sua cadeira, Maisie esfregou os olhos cansados e olhou por sobre os telhados no fim da tarde. Ela contemplava o sol que aos poucos se distanciava para aquecer a costa de outro continente, deixando para trás um matiz rosado que envolvia Londres ao fim de um longo dia.

Ao olhar de novo para suas anotações, Maisie continuou a reler um rascunho do relatório que estava preparando naquele momento. O caso em questão era de pouca monta, mas Maisie havia aprendido com Maurice Blanche a importância de fazer anotações detalhadas. Durante seu período de treinamento com ele, Blanche insistira que nada deveria ser relegado à memória, que não se deixasse pedra sobre pedra nem qualquer observação trivial sem catalogação. Tudo, absolutamente *tudo*, até mesmo a cor dos sapatos que o sujeito usava no dia em questão, deveria ser anotado. Era preciso descrever o clima, a direção do vento, as flores desabrochando, a comida ingerida. Tudo deveria ser descrito e preservado. “Você deve anotar, incondicionalmente e na íntegra; anote”, instruiu seu mentor. Maisie pensou que, se ganhasse 1 xelim toda vez que ouvisse as palavras “incondicionalmente e na íntegra”, nunca mais precisaria trabalhar de novo.

Maisie massageou o pescoço mais uma vez, fechou o dossiê sobre a mesa e esticou os braços acima da cabeça. O retinir intenso da campainha da porta quebrou o silêncio. Primeiro Maisie pensou que alguém havia puxado a alça da sineta por engano. Ela fora pouco acionada desde que Billy instalara o novo aparelho, que reverberava em seu escritório. Embora ela tivesse trabalhado com Maurice Blanche e assumido seu negócio quando ele

se aposentou, aos 76 anos, estabelecer um nome independentemente dele estava se provando um verdadeiro desafio. A campanha tocou de novo.

Maisie alisou a saia com as mãos, ajeitou os cachos desgrenhados e se apressou até a porta no andar de baixo.

– Bem... – O homem hesitou, depois consultou o relógio que tirou do bolso do colete, como que para se certificar da saudação apropriada àquela hora do dia. – Boa tarde. Meu nome é Davenham, Christopher Davenham. Estou aqui para ver o Sr. Dobbs. Não tenho hora marcada, mas me garantiram que ele me receberia.

Ele era alto, cerca de 1,85 metro pelos cálculos de Maisie. Terno de tweed de boa qualidade, o chapéu levantado no instante exato para cumprimentá-la, mas logo enfiado na cabeça. Bons sapatos de couro, provavelmente lustrados por um criado. O *Times* estava enrolado sob um dos braços, mas uma ou duas folhas de papel de carta tinham sido colocadas dentro dele e estavam perfeitamente visíveis. *Suas próprias anotações*, pensou Maisie. O cabelo preto como azeviche fora escovado para trás e untado, e o bigode, aparado com precisão. Christopher Davenham aparentava ter 42 ou 43 anos. Apenas alguns segundos tinham transcorrido desde sua apresentação, mas Maisie já o avaliara. *Esse aí não foi soldado. Uma profissão sem risco*, suspeitou.

– Acompanhe-me, Sr. Davenham. Não tenho compromissos agendados esta tarde, o senhor está com sorte.

Maisie mostrou o caminho até o escritório no andar de cima e o convidou a se sentar na nova cadeira de visitas diante da sua – o móvel havia sido entregue havia apenas uma semana pelo motorista de lady Rowan. Outro presente para ajudar seu negócio a prosperar.

Davenham olhou ao redor por um momento, esperando ver mais alguém, mas, em vez disso, a jovem se apresentou.

– Maisie Dobbs. A seu serviço, Sr. Davenham. – Ela acenou outra vez com a mão em direção à cadeira. – Por favor, queira se sentar. Pois então, primeiro me diga como chegou até mim.

Christopher Davenham disfarçou bem a surpresa, retirando um lenço de linho do bolso interno e tossindo nele baixinho. O lenço havia sido lavado e

passado tão recentemente que as dobras ainda estavam marcadas com nitidez. Davenham dobrou de novo o lenço, seguindo as mesmas linhas vincadas pelo ferro de passar, e o guardou no bolso.

– Senhorita, ahn, Dobbs. Bem, hum, bem... a senhorita foi muito bem recomendada por meu advogado.

– E quem é ele?

Maisie inclinou a cabeça para o lado a fim de enfatizar a pergunta e conduzir a conversa para um terreno mais fértil.

– Ah, hum, Blackstone & Robinson. Joseph Robinson.

Maisie aquiesceu. Lady Rowan, mais uma vez. Joseph Robinson havia sido seu consultor jurídico pessoal por mais de quarenta anos. E ele não tinha paciência com gente tonta, a menos que estivesse pagando – e pagando bem.

– Há anos ele é o consultor da família. Vou ser franco, Srta. Dobbs. Fiquei surpreso ao vê-la. Achei que seria um camarada. Mas Robinson sabe o que faz, então vamos em frente.

– Vamos, sim, Sr. Davenham. Talvez possa começar me dizendo por que está aqui.

– Minha mulher.

O estômago de Maisie se revirou. Ah, Deus, depois de todo o seu treinamento, sua formação, seus casos bem-sucedidos com Maurice Blanche, tinha que dar nisso? Um triângulo amoroso? Mas ela prestou atenção para ouvir com cuidado, lembrando-se do conselho de seu mentor: “O extraordinário se oculta sob o disfarce do ordinário. Não presuma nada, Maisie.”

– E o que se passa com sua mulher, Sr. Davenham?

– Eu acredito... acredito que seus afetos estão voltados para outra direção. Venho suspeitando disso há algum tempo e agora, Srta. Dobbs, preciso saber se minha suspeita tem fundamento.

Maisie reclinou-se na cadeira e encarou o homem.

– Sr. Davenham, antes de mais nada, preciso dizer que terei que fazer algumas perguntas. Podem não ser das mais fáceis ou confortáveis de responder. Terei perguntas sobre as respostas que o senhor der e até mesmo

perguntas sobre suas perguntas. É o meu trabalho. Sou única no que faço. Também sou única no valor que cobro pelos meus serviços.

- Dinheiro não é problema, Srta. Dobbs.

- Que bom. Talvez as perguntas sejam, no entanto.

- Pode prosseguir.

- Por favor, me conte que provas pessoais tem para suspeitar que sua mulher de alguma forma está traindo o senhor.

- Às terças e quintas, toda semana, sem exceção, ela sai de casa logo depois que parto para o escritório e volta um pouco antes de me receber.

- Sr. Davenham, passar tempo fora de casa não é motivo suficiente para alguém suspeitar que está sendo enganado.

- As mentiras são, entretanto.

- Continue. – Maisie anotava em seu caderno sem tirar os olhos de Davenham, uma habilidade que o enervou.

- Ela me dizia que estava fazendo compras, visitando amigos ou a mãe, só que, ao investigar, descobri que, se essas visitas de fato ocorreram, duraram apenas uma hora, mais ou menos. Claramente se trata de uma cortina de fumaça.

- Há outras possibilidades, Sr. Davenham. Sua mulher poderia estar se consultando com um médico? Ela está fazendo algum curso? Que outros motivos para essas ausências o senhor explorou em suas investigações? As ausências podem ter uma explicação totalmente inocente.

- Não é o caso de a senhorita descobrir? Siga-a e verá que tenho razão.

- Sr. Davenham, seguir alguém é uma invasão do direito desse indivíduo à privacidade. Se eu aceitar o caso, e de fato tenho escolha nessa situação, enfrentarei mais do que a questão de quem fez o que e quando. Estarei assumindo uma responsabilidade tanto com relação ao senhor quanto à sua mulher, de uma forma que talvez não tenha considerado. Diga-me, o que fará com as informações que eu fornecer?

- Bem, eu... eu as usarei. Será um assunto para meu advogado.

Maisie juntou as mãos na frente do rosto, apenas tocando o nariz, como se estivesse rezando.

- Deixe-me fazer outra pergunta: o senhor valoriza o seu casamento?

- Que tipo de pergunta é essa?
- Uma pergunta que deverá ser respondida, se deseja que eu assuma a investigação.
- Sim, dou grande valor. Os votos devem ser honrados.
- E que valor o senhor deposita na compreensão, na compaixão e no perdão?

Davenham permaneceu em silêncio. Ele cruzou as pernas, alisou a calça de tweed e se abaixou para remover uma poeira inexistente de seus sapatos de couro lustrados antes de responder:

- Raios me partam!
- Sr. Davenham...
- Srta. Dobbs, não é que eu não tenha compaixão, mas tenho meu orgulho. Minha mulher não vai revelar a natureza de suas circunstâncias nos dias em que se ausenta. Eu vim aqui para conhecer a verdade.
- Ah, sim. A verdade. Eu vou descobrir a verdade, mas antes concorde que, quando receber meu relatório e o senhor souber a verdade, discutiremos juntos o que será feito.
- O que quer dizer?
- As informações que eu reunir serão apresentadas num contexto. Será à luz desse contexto que deveremos continuar nossa discussão, para que o senhor e sua mulher construam um futuro.
- Não estou entendendo o que quer dizer.

Maisie se levantou, andou até a janela, depois virou o rosto na direção do cliente em potencial. *A rígida elevação do lábio superior*, pensou Maisie, que sentia com perspicácia o desconforto do homem e logo captou suas emoções. A intuição conversava com ela. Ele fala de orgulho quando é o coração que está doendo.

- Meu trabalho é ainda mais complexo do que pode imaginar, Sr. Davenham. Sou responsável pela segurança de todas as partes envolvidas. E isso se dá mesmo quando lido com os maiores criminosos da sociedade.

Davenham não respondeu de imediato. Maisie também estava em silêncio, dando tempo para que ele tomasse uma decisão. Depois de alguns minutos, a imobilidade da sala foi interrompida.

– Confio em Robinson, portanto vou em frente – declarou Davenham.

Maisie voltou para sua mesa e olhou para as anotações, então para os telhados onde pombos retornavam apressados aos ninhos recém-construídos, antes que ela voltasse a atenção mais uma vez para o homem na cadeira de couro diante dela.

– Sim, Sr. Davenham. Eu também vou. – Ao aceitar o caso, Maisie fez uma pausa silenciosa. – E agora, que tal começarmos com o seu endereço?

CAPÍTULO 3



Maisie se levantou cedo no dia 9 de abril, uma terça-feira. Vestiu metodicamente o tailleur azul, jogou o sobretudo azul-marinho de lã por cima dos ombros, colocou um chapéu cloche na cabeça e deixou o quarto alugado em uma ampla casa vitoriana geminada de três andares em Lambeth, bem ao sul do Tâmis. Fazia frio novamente. Céus, a primavera não chegaria nunca?, perguntou-se, vestindo as luvas nos dedos gelados.

Como de costume, Maisie começou a manhã com um rápido passeio, durante o qual podia refletir sobre o dia que teria pela frente e usufruir daquilo que seu pai chamava de “o melhor da manhã”. Entrou na Palace Road pela Royal Street e virou à direita para se dirigir à ponte de Westminster. Ela adorava observar o Tâmis logo pela manhã. Os londrinos que moravam bem ao sul do rio sempre diziam que estavam “passando por sobre as águas” quando cruzavam o Tâmis, nunca se referindo ao rio pelo nome, a menos que estivessem falando com um estrangeiro. Desde a Idade Média, o rio era a força vital da cidade, e nenhum outro povo sentia esse legado com mais fascínio do que aquele que convivia com ele e por meio dele. Seu avô materno havia sido um faroleiro sobre as águas e, como todos de sua classe, conhecia suas correntes e cada uma de suas curvas.

Os londrinos sabiam que o rio era uma criatura temperamental. Os seres humanos não exerciam nenhum domínio sobre o Tâmis, porém cuidado, atenção e respeito conduziriam qualquer barco com segurança por suas

águas serpenteantes. O avô de Maisie chegou ao ponto de quase renegar a mãe dela quando esta se envolveu com o pai de Maisie, pois ele era “da terra”. Frankie era um ambulante, um homem que vendia hortaliças numa carroça puxada a cavalo que conduzia de Lambeth ao mercado de Covent Garden toda manhã nos dias de semana. Para ele, a água era um meio que servia a um fim: levar frutas e verduras à feira. Ele as comprava nas primeiras horas da manhã, depois as vendia em suas rondas e voltava para casa na hora do chá, se desse sorte.

Maisie parou no meio da ponte, acenou para a tripulação de um barco de pilotos e retomou seu caminho. Ela saíra para ver Celia Davenham, mas Celia Davenham não a veria.

Tendo atravessado a ponte, Maisie desceu as profundezas da estação de metrô Westminster e tomou a District Line em direção a Charing Cross. A estação mudara de nome tantas vezes que ela se perguntava como seria chamada no futuro. Primeiro fora Embankment, depois Charing Cross Embankment e, agora, apenas Charing Cross, dependendo da linha em que se estivesse deslocando. Em Charing Cross, ela fez baldeação e tomou a Northern Line em direção à estação Goodge Street, onde saiu do metrô, subindo à superfície outra vez na Tottenham Court Road, no frio cortante daquela manhã. Ela atravessou a rua e, em seguida, saiu pela Chenies Street em direção à Russell Square. Depois de atravessar a praça, entrou na Guilford Street, onde parou para olhar a bagunça em que as autoridades haviam transformado o Coram's Fields. O antigo orfanato construído por sir Thomas Coram quase duzentos anos antes fora demolido em 1926, e agora havia no lugar apenas um espaço vazio no qual não se podia dizer que alguma coisa acontecia.

– Uma pena – murmurou Maisie enquanto andava mais alguns metros e entrava na Mecklenburg Square.

As elegantes casas georgianas da praça nomeada em homenagem a Charlotte de Mecklenburg-Strelitz – que se tornou rainha consorte ao se casar com George III da Inglaterra – dispunham-se em volta de um jardim protegido por uma grade de ferro forjado com um portão trancado à chave. Sem dúvida, a chave daquela fechadura ficava guardada num gancho

específico no térreo da residência dos Davenhams, sob a vigilância do mordomo. Assim como ocorria com tantas outras praças londrinas, apenas os residentes tinham acesso ao jardim.

Maisie rabiscou mais algumas linhas em seu caderno, tomando o cuidado de indicar que já estivera naquela praça uma vez, acompanhando Maurice Blanche durante uma visita a seu colega Richard Tawney, o escritor político que falava sobre igualdade social de um jeito que a estimulava e a desconcertava ao mesmo tempo. Ainda bem que, naquele dia, ele e Maurice pareciam tão absorvidos em uma animada conversa que o desconforto de Maisie pôde passar despercebido.

Enquanto esperava na esquina e vigiava a praça, Maisie se perguntou se Davenham herdara sua propriedade. O homem parecia muito deslocado na Mecklenburg Square, onde reformadores sociais conviviam com professores universitários, poetas e acadêmicos estrangeiros. Ela refletiu sobre o possível desconforto dele, não apenas no casamento, mas também no ambiente doméstico. Quando Maisie fixou o olhar em uma casa em particular, um homem saiu de uma residência vizinha e caminhou em sua direção. Ela logo tratou de fingir interesse em uma jardineira cheia de flores de croco que despontavam na terra úmida. Seus brotos roxos pareciam testar o ar para verificar se era propício a uma floração madura. O homem passou. Maisie ainda estava com a cabeça inclinada na direção das flores quando escutou outra porta se fechar com um estampido, e olhou para cima.

Uma mulher saía da casa que Maisie estivera observando e agora guardava um molho de chaves na bolsa. Ela ajustou o chapéu e se dirigiu até a calçada, descendo as escadas. Christopher Davenham havia fornecido a Maisie uma excelente descrição de sua esposa, uma mulher pequena, de tez clara e traços delicados, que não chegava a 1,60 metro. Celia tinha cabelos louros acetinados que tendiam a desestabilizar o chapéu, que precisava de mais de um alfinete para se manter preso, e suas mãos pareciam a todo momento tocar na bolsa, nas luvas, no chapéu e nos cabelos enquanto ela se encaminhava para a rua principal.

Mesmo a vários passos de distância, Maisie notou a qualidade do tailleur de gabardine bordô-escuro da mulher, as luvas de couro macio e o chapéu

de feltro escolhido para complementar o dispendioso conjunto de forma impecável. Os sapatos obviamente também haviam sido selecionados com cuidado, pois eram de couro bordô de excelente qualidade, com meias tiras de cada lado que se encontravam no centro e eram amarradas por um pequeno laço com fita de gorgorão. Maisie estava intrigada com o laço, pois ele sugeria certo jeito de menina, como se a mulher não conseguisse se ajustar muito bem à maturidade que sua idade sugeria.

Celia Davenham tomou o caminho na direção da Heathcote Street, virou na Grays Inn Road e fez sinal para um táxi na área externa do Royal Free Hospital. De forma providencial, Maisie logo conseguiu achar um táxi e assim pôde continuar seguindo a Sra. Davenham. Sentada no banco de trás do pesado automóvel preto, ela esperava que a viagem fosse curta. Para Maisie, deslocar-se por qualquer outro meio que não fossem seus dois pés era simplesmente uma extravagância. A viagem de metrô para a Warren Street era um agrado a que ela se permitia pela manhã apenas se considerasse que havia trabalhado o suficiente para justificar a despesa adicional.

Na Charing Cross, Celia desceu do táxi, pagou ao motorista e se dirigiu ao guichê de passagens. Maisie a seguiu de perto. Manteve-se atrás da Sra. Davenham na fila e fingiu vasculhar a bolsa em busca do porta-níqueis enquanto escutava com atenção a infantil mulher de cabelo louro macio comunicar seu destino.

– Nether Green, por favor. Primeira classe, ida e volta, obrigada.

Que raios essa mulher queria fazer em Nether Green? Era uma pequena cidade na periferia de Londres, que fazia divisa com o condado de Kent. Pomares com macieiras cedendo espaço para casas geminadas, uma velha estação, algumas poucas casas bem construídas. Se ela tivesse dito Chislehurst, com sua opulência *nouveau riche*, Maisie até poderia entender. Mas Nether Green? Maisie pediu uma passagem de segunda classe para o mesmo destino, depois se dirigiu à plataforma correta para esperar o trem. Ela só parou para comprar o jornal, que carregou sob o braço.

O trem parou na plataforma com um apito alto, bombeando nuvens de fumaça cinzenta à medida que a locomotiva acionava os amortecedores e os

freios estridentes eram pressionados. A cor verde-oliva da Southern Railways, pintada em cada vagão, estava manchada pela poeira do carvão e por marcas de uso. Celia logo se dirigiu para os compartimentos da primeira classe, onde um guarda se apressou a abrir a pesada porta de ferro e a estender uma mão firme para ajudá-la a entrar. Maisie passou pelo caminho que levava à segunda classe e, antes que as portas se fechassem, notou que o colarinho e os punhos da manga do tailleur bordô da Sra. Davenham eram arrematados com a mesma fita usada para amarrar seus sapatos. Em um instante, recalculou o preço das roupas que a mulher estava usando naquele dia.

Assegurando-se de que o objeto de sua investigação estava a bordo, Maisie escolheu seu assento no vagão da segunda classe e, ainda de pé, abaixou a janela para observar o movimento, esperando o apito soar e o trem se arrastar para fora de uma das estações mais agitadas de Londres. Depois de instantes, o guarda desceu à plataforma e, ao passar, informou Maisie de que seria melhor “para sua cabeça” se ela se sentasse. Ele se certificou de que não havia nenhum observador na plataforma obstruindo o trem, soprou seu apito e tremulou a bandeira verde, sinalizando para que o condutor da locomotiva partisse.

À medida que o trem se arrastava fumegante, iniciando o trajeto pelo sul de Londres em direção à divisa com Kent, Maisie refletia sobre as transformações a que assistira na cidade durante seus anos de vida. Londres aos poucos se expandia além de seus limites. Onde houvera campos, agora se erguiam casas. Lojas uma ao lado da outra comercializavam com dinamismo, e uma nova classe de pessoas que se deslocavam dos subúrbios para a cidade trabalhava para melhorar seu padrão de vida. Quando o trem alcançou o Groove Park, Maisie havia atualizado suas anotações mais uma vez, tomando o cuidado de registrar cada pequeno detalhe de sua jornada, desde o momento em que deixou o apartamento alugado no sul de Londres naquela manhã até aquele instante – além de cada centavo gasto pelo caminho.

A parada seguinte era Nether Green. Maisie ficou de pé, examinou seu reflexo num espelho posicionado estrategicamente entre duas lâmpadas

fracas na divisória do vagão, ajustou o chapéu e tomou seu assento outra vez para aguardar a desaceleração da locomotiva, o silvo dos freios. Enquanto os vagões deslizavam para dentro da estação, Maisie ergueu-se mais uma vez, abaixou a janela e colocou a cabeça para fora, prestando atenção nos compartimentos da primeira classe. Quando a composição parou, Maisie pôs o braço para fora da janela a fim de abrir a pesada porta do vagão e, ainda de olho nos compartimentos da primeira classe, saltou com energia e andou num ritmo vigoroso em direção ao fiscal de passagens. Celia Davenham estava apenas alguns metros à frente, ligeiramente encoberta por outros passageiros, incluindo uma senhora idosa muito vagarosa que não se deixaria apressar.

– Agora espere um pouco, juvenzinho – disse a mulher para o fiscal de passagens. – É uma situação lastimável não darem aos mais velhos e maduros uns minutinhos para que encontrem a passagem.

O fiscal deu um passo para trás, como se pressentisse ser acertado na cabeça pelo atrevido guarda-chuva preto da mulher. Maisie esperava com impaciência, pois a Sra. Davenham já passara pela catraca e estava saindo da estação. Finalmente, ela alcançou o fiscal, entregou sua passagem e andou o mais rápido que pôde até o portão. Olhando de relance para os dois lados, viu que Celia havia parado em uma banca de flores. Tremenda sorte. Ela se dirigiu à banca, rearrumando o jornal embaixo do braço e consultando o relógio, apesar de saber a hora exata. Aproximou-se quando a mulher já estava indo embora.

Maisie olhou para os buquês perfumados enquanto se dirigia ao comerciante.

– Belas flores, as que você embrulhou para aquela senhora.

– Sim, senhora, de fato muito bonitas. Ela sempre leva buquês de íris.

– Sempre?

– Sim, duas vezes por semana. Sem falta.

– Ah, bem, ela deve gostar das flores – disse Maisie, pegando um pequeno buquê de narcisos de Jersey. – Mas acho que vou levar algo um pouco diferente.

– Têm a cor do luto, aquelas íris – observou o homem. – Esses narcisos

são muito mais alegres.

Maisie consultou o relógio e certificou-se de que Celia Davenham ainda estava à vista. Ela andava devagar, mas não se distraía olhando as vitrines. Com os olhos no chão, parecia evitar qualquer contato visual com os passantes.

– Bem, eu também acho. Vou levar os narcisos, muito obrigada.

– Nós vendemos muitas íris por causa do cemitério no fim da rua. E também crisântemos, sempre populares.

Maisie pegou o buquê de narcisos e entregou o valor exato em centavos.

– Obrigada. São muito bonitos mesmo.

Ela partiu numa cadência contínua e logo estava apenas alguns passos atrás da Sra. Davenham. Tinham passado pelas lojas e, apesar de ainda haver transeuntes, a quantidade de pedestres na mesma direção diminuía. Celia virou à direita, depois à esquerda na rua principal. Esperou que alguns carros e uma carroça puxada a cavalo passassem, olhando para a frente, para onde se erguiam os portões de ferro pintados de verde do cemitério de Nether Green. Maisie a seguiu, tomando o cuidado de manter distância e, ainda assim, não perder a mulher de vista.

Celia andava com determinação, a cabeça baixa e o passo firme. Maisie a observava, registrando mentalmente cada detalhe do comportamento da outra mulher. Ela estava totalmente empertigada dando a impressão de que o casaco estava pendurado em um cabide. Maisie imitou a postura dela enquanto andava e logo sentiu seu estômago se revirar e um tremor percorrer seu corpo. Então uma tristeza a invadiu, como um véu escuro diante dos olhos. Maisie sabia que Celia estava chorando enquanto andava e que buscava forças dentro de si própria. Com uma sensação de alívio, desfez aquela postura e continuou a caminhar.

Ela seguiu Celia através dos portões abertos e ao longo de uma trilha por cerca de 50 metros. Então, sempre mantendo o ritmo, o objeto da investigação de Maisie desviou-se e caminhou pela grama, parando perto de um túmulo relativamente novo. Um grande anjo de mármore encimando o túmulo vizinho chamou a atenção de Maisie, e ela fez uma anotação mental

sobre esse ponto de referência. Ela sabia que precisaria ser cuidadosa. Em um cemitério, uma sepultura pode se parecer muito com a vizinha.

O frio parecia fechar o cerco ao redor de Maisie à medida que ela andava na direção de Celia. Perto dali, um trem se arrastava pelos trilhos, a fumaça fuliginosa pairando por um instante sobre as lápides antes de ser levada pelo vento gelado.

Maisie parou diante de um túmulo que claramente não recebia nenhum cuidado havia anos. Baixou a cabeça e, com prudência, olhou de soslaio por entre as lápides de mármore na direção de Celia. Agora a mulher estava de joelhos trocando as flores mortas pelas íris vicejantes – e falando. Falando com os mortos.

Maisie, por sua vez, olhou para a lápide que involuntariamente havia escolhido para servir como seu disfarce e na qual foram gravadas as palavras DONALD HOLDEN. NASCIDO EM 1900. MORTO EM 1919. AMADO FILHO ÚNICO DE ERNEST E HILDA HOLDEN. “A MEMÓRIA É UMA CORRENTE DE OURO QUE NOS UNE ATÉ NOS ENCONTRARMOS NOVAMENTE.” Maisie olhou para as ervas daninhas sob seus pés. Eles já deviam ter se encontrado, pensou, enquanto, determinada mas imperceptivelmente, monitorava Celia Davenham, que permanecia junto ao imaculado túmulo vizinho, a cabeça baixa, ainda sussurrando. Maisie começou a limpar as ervas daninhas no túmulo de Donald Holden.

– Posso muito bem cuidar de você já que estou aqui – disse baixinho, depositando os narcisos no vaso, que felizmente estava cheio de água da chuva. Ela não podia se dar ao luxo de se arrastar por todo o caminho do cemitério até a torneira: Celia teria partido enquanto estivesse fazendo isso.

Quando Maisie pisou fora da trilha para jogar um punhado de ervas no solo, viu a Sra. Davenham se mover em direção à lápide em que fizera sua vigília. Celia beijou o mármore frio e cinzento, enxugou uma lágrima, então virou-se rapidamente e foi embora. Maisie não tinha pressa de segui-la. Em vez disso, acenou para a lápide de Donald Holden, depois andou até o túmulo que a mulher acabara de deixar. Nele estava escrito VINCENT. Apenas “Vincent”, nenhum outro nome, nenhuma data de nascimento. E as palavras LEVADO PARA LONGE DE TODOS QUE O AMAM COM DEVOÇÃO.



O dia esquentara quando Maisie chegou à estação para a viagem de volta a Londres. Já na plataforma, Celia Davenham olhava repetidamente para o relógio. Maisie foi até o banheiro feminino, andou pelos ladrilhos frios do chão, nos quais o ar úmido se condensava ainda mais, e fez correr a água gelada na pia de porcelana para remover a sujeira das mãos. Ela se olhou no espelho e analisou o rosto que a encarava. Sim, os olhos azul-escuros ainda possuíam brilho, mas as pequenas rugas em volta dos lábios e na extensão da testa a traíam, contavam algo sobre seu passado.

Ela sabia que seguiria Celia pela tarde, até que a mulher voltasse para a casa na Mecklenburg Square, e acreditava que, naquele dia, não ocorreria mais nada que fosse digno de nota. Maisie sabia que havia encontrado o amante, o homem que levava Christopher Davenham a pagar uma soma exorbitante pelos seus serviços. O problema era que o homem com quem seu cliente pensava que Celia o traía estava morto.

CAPÍTULO 4



De manhã bem cedo, à luz suave e tênue do seu escritório, Maisie se sentou para refletir sobre o caso. A sala era iluminada apenas por uma pequena lâmpada, voltada diretamente para as anotações de Maisie e um punhado de fichinhas de arquivo. Maurice costumava afirmar que os pensamentos ficam mais nítidos antes do amanhecer.

No início de seu treinamento com Maurice, ele havia lhe contado sobre seus professores, homens sábios que falavam sobre o véu que se erguia nas primeiras horas da manhã, sobre o olho onisciente que se abria antes de o dia nascer. As horas que antecediavam a aurora, antes que o intelecto houvesse despertado do sono, eram sagradas. Nesses momentos, era possível ouvir uma voz interior. Por vários dias, Maisie se esforçara para ouvi-la, desde que o nome “Vincent” aguçara sua curiosidade – e desde que o sentimento de luto aparentemente normal de Celia Davenham havia suscitado mais perguntas que respostas.

Tirando os sapatos e envolvendo os ombros com seu cardigã de lã, Maisie pegou uma almofada da cadeira e a colocou no chão. Levantou a saia acima dos joelhos para ter mais liberdade de movimento, sentou-se sobre a almofada, cruzou as pernas e juntou as mãos sobre o colo. Maurice lhe ensinara que silenciar a mente era mais difícil do que acalmar o corpo, mas era nesse estado de placidez que a verdade poderia se refletir. Agora, na

penumbra da sala, Maisie esperava que sua intuição a guiasse e formulou perguntas que, no devido tempo, trariam respostas.

Por que um nome apenas? Por que não havia datas gravadas na lápide? O que mantinha viva a ligação entre Celia e Vincent? Tratava-se simplesmente de um luto, perpetuado pelo choque da perda de um ente querido? Ou de outra emoção? Maisie visualizou o túmulo em sua mente, deixou seus olhos contemplarem todos os aspectos do lugar em que Vincent estava enterrado.

Donald Holden morrera apenas um ano depois do fim da guerra. Seu túmulo trazia as marcas do desgaste do tempo. O de Vincent parecia mais novo, como se a terra tivesse sido revolvida nos últimos meses.

Maisie permaneceu sentada por mais alguns instantes para que o estado de serenidade acalmasse sua agitação natural, até que a luz mais intensa e concentrada da manhã a fez se mexer. Ela se levantou e ficou na ponta dos pés, alongando os braços para cima. Seguiria mais uma vez a Sra. Davenham até o cemitério.

Celia era sistemática. Naquele dia, ela saiu de casa pontualmente às nove da manhã, vestida de modo impecável com um tailleur de lã verde-trevo e uma blusa de seda creme cujo colarinho largo alinhava-se com perfeição ao blazer e era adornado por um broche de jade, que fazia conjunto com os brincos da mesma pedra. Sapatos que combinavam com a bolsa, além de um chapéu e um guarda-chuva, completavam com capricho e harmonia aquela composição. O estilo dos sapatos era simples, mas cada um tinha um detalhe em forma de folha voltado para a frente. Maisie vestia a saia e o casaco azul-marinho – suas roupas sóbrias de trabalho. O trajeto para Nether Green ocorreu sem nenhuma novidade. Mais uma vez, a Sra. Davenham viajou na primeira classe, enquanto Maisie se acomodou num vagão desconfortável da segunda. Naquela manhã, Celia comprou seu habitual buquê de íris, mas Maisie escolheu algo diferente para Donald – e para o seu bolso.

– Vou levar este belo buquê de margaridas, por gentileza – disse Maisie para o vendedor de flores.

– Aqui está, senhorita. As margaridas sempre alegram, não é mesmo? Duram um bocadinho também. Posso envolver no jornal ou é presente?

– Sim, elas são mesmo alegres. No jornal mesmo, obrigada – disse ela,

entregando ao homem a quantia exata em moedas.

Em seguida, Maisie partiu apressada atrás de Celia em direção ao cemitério. Ela atravessou os portões verdes e, ao passar em frente ao túmulo de Vincent, encaminhando-se para a sepultura de Donald Holden, viu Celia parada diante da lápide de mármore, acarinhando o nome de Vincent com os dedos da mão direita cobertos pela luva verde-trevo. Maisie passou por ela com a cabeça baixa e se deteve diante do túmulo de Donald. Depois de uma prece silenciosa em reverência ao morto, ela se ocupou esvaziando a água do vaso e arrancando algumas ervas daninhas. Pegou os narcisos da outra visita, agora murchos, e caminhou até a torneira, onde jogou as flores mortas num monte de adubo e encheu o vaso com água fresca. Maisie voltou ao túmulo de Donald, trocou o vaso e ajeitou as margaridas. Enquanto fazia isso, olhou para o lado na direção de Celia, que tirara as luvas e estava ajeitando seu buquê de íris ao pé do túmulo de Vincent. Satisfeita com o arranjo floral, ela continuou ajoelhada perto da lápide, fitando o nome gravado. Enquanto observava Celia, mais uma vez endireitou o corpo a fim de imitar a postura da outra mulher. A cabeça parecia afundar no pescoço comprido, os ombros curvados, as mãos crispadas pelo sofrimento. Quanta melancolia. Um anseio que não tem fim. Instintivamente, Maisie sabia que Celia estava morrendo por dentro, que cada dia do passado era revivido e que, dentro dela, não haveria espaço para o marido até que Vincent pudesse partir em paz.

De repente, a mulher estremeceu e olhou diretamente para Maisie. Ela não sorria, era como se estivesse olhando para outro lugar através de Maisie. Reassumindo sua própria postura, Maisie retribuiu o olhar com um aceno ligeiro que trouxe Celia de volta ao presente. Ela gesticulou de volta, limpou a saia, se levantou, calçou as luvas e rapidamente deixou o túmulo de Vincent.

Maisie não estava com pressa. Sabia que agora Celia iria para casa, onde representaria o papel de esposa amorosa assim que passasse pela porta. Tratava-se de uma encenação que seu marido havia percebido com facilidade, embora suas conclusões estivessem erradas. Maisie também sabia que aquele olhar de relance que durara um segundo e aquela saudação

deliberada fariam a outra mulher reconhecê-la quando se encontrassem de novo. Maisie se demorou alguns instantes no túmulo de Donald. Havia qualquer coisa de consolador no ritual de acolher os mortos num espaço confortável. Seus pensamentos a levaram de volta à França, aos mortos e agonizantes, às feridas devastadoras que tantas vezes estiveram acima de sua capacidade ou de quem quer que fosse. Mas eram as feridas da alma que a comoviam, daqueles que ainda travavam suas batalhas dia após dia, apesar de o país estar em paz. Se ao menos ela pudesse tornar a vida igualmente confortável, refletiu Maisie, enquanto retirava mais algumas ervas daninhas que teimavam em permanecer à sombra da lápide de Don.

– Está fazendo um bom trabalho neste aí.

Maisie se virou e viu um dos coveiros de pé atrás dela, um homem mais velho que, com as mãos avermelhadas e ossudas, segurava firme as alças de um carrinho de madeira. Sua pele bronzeada revelava anos de trabalho a céu aberto, mas os olhos gentis transpareciam compaixão e respeito.

– Ah, sim. É triste vê-los tão maltratados, não é mesmo? – respondeu Maisie.

– É, sim, depois do que esses meninos fizeram por nós. Pobres almas. Ah, senhorita, peço desculpas...

– Não se preocupe. É bom poder expressar os sentimentos – retrucou Maisie.

– Isso é verdade. Há ainda muito a dizer.

O homem apontou para o túmulo de Donald.

– Faz alguns anos que não vejo alguém cuidar deste aqui. Sua velha mãe e seu velho pai costumavam aparecer. Filho único. Isso acabou com eles, foi o que aconteceu, acho.

– O senhor os conhecia? Eu pensava que era difícil conhecer todos os parentes, com tantos túmulos – disse Maisie.

– É que estou sempre aqui, a não ser aos domingos. Logo depois do fim da guerra, comecei a trabalhar neste cemitério. Eu conheço as pessoas. Claro, não dá para conversar muito, não temos tempo para isso, e nem sempre o pessoal quer bater papo, mas, pensando bem, tem sempre aqueles que querem prostrar um pouquinho.

- Sim, sim, estou certa disso.
- Nunca vi a senhorita por aqui. – Ele observava Maisie.
- É verdade. Sou uma prima. Acabo de me mudar para a cidade – explicou ela, fitando o homem.
- É bom ver alguém cuidando deste aqui. – Ele agarrou as alças do carrinho de mão se preparando para ir embora.
- Espere um minuto. Será que o senhor saberia me informar se todos os túmulos desta parte são de vítimas da guerra? – perguntou Maisie.
- Sim e não. A maioria é dos nossos garotos, mas alguns deles viveram por muito tempo depois de terem sido feridos. Seu Don, bem, a senhorita sabe disso, ele morreu de septicemia. Um jeito horrível de partir, principalmente porque chegou a ser levado para casa. Muita gente prefere enterrá-los aqui por conta da linha do trem.

O homem colocou o carrinho no chão e apontou para a ferrovia que ladeava o cemitério.

- Daqui vemos os trens. Não que esses garotos possam vê-los, mas os familiares gostam disso. Eles estão numa jornada, entende? É uma... A senhorita sabe como eles chamam... quando significa algo para eles...

– Metáfora?

- Isso. Bem, como eu ia dizendo, é mesmo uma jornada, não é? E os familiares, quando vêm de trem, como muitos deles, conseguem ver os túmulos ao partir da estação. Dessa maneira, podem dar mais um adeus.

– E quanto àquele ali? Não é estranho? Uma única palavra gravada, apenas o nome de batismo? – perguntou Maisie.

– É, sim. A coisa toda foi estranha. Este veio para cá há dois anos. Enterro pequeno, apenas a família. Era um capitão. Foi ferido em Passchendaele. Algo terrível de se ver, terrível. Fico me perguntando se chegou a ser levado para casa. Tinha vivido longe da família, é o que parece, depois de ter ficado em casa por um tempinho. Queria que o chamassem apenas pelo primeiro nome. Disse que o sobrenome já não era importante, porque todos eram uns indigentes que podiam ser descartados como sobras. Uma desgraça para a família, como diziam alguns dos seus camaradas que vieram visitá-lo logo depois que aconteceu. Agora só aquela mulher aparece. Acho que é a irmã

de um camarada, há anos ele a conhecia. Cuida bem do túmulo, parece até que ele foi para debaixo da terra ontem mesmo.

– Hum. É mesmo muito triste. Qual era o sobrenome dele, o senhor sabe?

O homem estava empolgado em contar suas histórias e pareceu satisfeito com a oportunidade, e a importância, que a pergunta lhe ofereceu.

– Weathershaw. Vincent Weathershaw. Vieram de Chislehurst. Família boa, ao que parecia. Veja só, ele morreu no local onde morava. Acho que era uma fazenda. Sim, ele vivia numa fazenda, não muito longe daqui, só que mais para o interior. Pelo que sei, vários deles moravam ali.

Maisie sentiu um calafrio à medida que o ar do cemitério penetrava em suas roupas e tocava a sua pele. No entanto, aquele tremor era familiar para ela, que já tinha experimentado a sensação até mesmo em dias quentes e abafados. Ela passou a identificar como um aviso esta centelha de energia que atravessava a sua pele.

– Vários deles?

– Bem, a senhorita sabe. – O homem esfregou a mandíbula com a palma da mão áspera e suja de terra. – Aqueles que se feriram no rosto. Lembre-se de que aqui não estamos longe de Sidcup. Queen Mary, o hospital em que fizeram todas aquelas cirurgias, tentando ajudar os pobres coitados. É inacreditável quando paramos para pensar nisso, no que eles tentaram fazer aqui, e conseguiram. Foram mesmo milagrosos. Entretanto, posso apostar que alguns desses garotos não ficaram com uma boa aparência para suas amadas e acabaram naquela fazenda.

O velho jardineiro segurou de novo as alças do carrinho de mão. Maisie percebeu que ele estava prestes a partir para bem longe das recordações da guerra.

– Bem, é melhor eu começar a ir, senhor...

– Smith. Tom Smith.

– Sim, preciso pegar o trem das duas horas, Tom. E obrigada.

Tom ficou olhando Maisie passar diante dos túmulos e tomar seu caminho de volta pela trilha, mas, ao se virar para ir embora, ele gritou para ela:

– Acho que não a verei aqui novamente... mas, sabe, senhorita, o curioso

sobre Vincent é que ele não foi o único.

– O único, como assim?

– O único a ser enterrado apenas com o nome de batismo.

Maisie inclinou a cabeça para o lado, encorajando Tom a prosseguir.

– Houve alguns deles... E a senhorita sabe o que mais?

– O quê?

– Todos perderam contato com a família. Isso foi trágico, simplesmente trágico. Vendo seus pais... Que a senhorita nunca tenha que passar por isso, nunca. Já é ruim demais vê-los partir para a guerra, quanto mais perdê-los quando retornam.

– Sim, isso é mesmo trágico.

Maisie olhou para Tom e em seguida fez a pergunta que estava segurando desde que o homem se dirigiu a ela pela primeira vez:

– Tom... onde seu garoto está enterrado?

Tom Smith olhou para Maisie e lágrimas surgiram em seus olhos. As rugas cavadas no rosto se aprofundaram, os ombros caíram.

– Por ali.

Ele apontou para a fileira de lápides mais próxima à linha do trem.

– Quando menino, ele adorava os trens. Adorava. Quando voltou da França, não estava muito bem. – O homem cutucou um dos lados da cabeça.

– Gritava no meio da noite, mas esse era todo o som que saía do garoto. Certa manhã, a patroa subiu para levar uma xícara de chá e lá estava ele... se entregou. Ela nunca mais foi a mesma. Nunca mais. Isso partiu seu coração. Em dezembro vai fazer três anos que morreu.

Maisie aquiesceu, estendeu a mão e a pousou sobre o braço dele. Permaneceram em silêncio.

– Bem, nada vai compensar a falta que ele faz, é difícil encontrar consolo – disse Tom Smith. – Tenho que ir, preciso cuidar deles, não é mesmo? Um bom dia para a senhorita.

Maisie Dobbs despediu-se do homem, mas não foi logo embora do cemitério. Mais tarde, enquanto esperava na plataforma pelo trem que a levaria de volta a Londres, retirou um pequeno caderno da bolsa de mão e

registrou os acontecimentos do dia. Cada detalhe foi anotado, até mesmo as luvas verde-trevo de Celia Davenham.

Ela havia encontrado dois outros túmulos cujas lápides traziam nomes de batismo apenas, não muito distantes de onde Vincent Weathershaw jazia. Eram de três jovens “antigos soldados” que haviam se afastado de suas famílias. Maisie se sentou no banco e começou a formular perguntas, aquelas que fazia para si mesma e que resultavam de suas observações. Ela não se esforçaria para responder, mas deixaria que cumprissem sua tarefa.

“A verdade vem em nossa direção pelo caminho das nossas perguntas.” A voz de Maurice mais uma vez ecoou em seus pensamentos. “Quando você pensa que tem a resposta, imediatamente interrompe o caminho, e com isso pode perder novas informações cruciais. Fique em silêncio por um tempo e não tire conclusões, não importa quão desconfortável seja a indeterminação.”

E, ao soltar as rédeas de sua curiosidade, Maisie soube qual seria seu próximo passo.

CAPÍTULO 5



O dossiê de Celia Davenham já contava com várias páginas e incluía pormenores que iam além das incursões ao cemitério de Nether Green. Registrava a data de nascimento dela (16 de setembro de 1897), a filiação (Algernon e Anne Whipton), o local de nascimento (Sevenoaks, Kent), a instituição de ensino (St. Mary) e vários outros detalhes. O marido de Celia era dez anos mais velho, uma diferença não muito grande aos 32, mas deve ter sido quase um abismo aos 19 ou 20 anos, principalmente porque o passado oferecia muito mais emoções do que a vida rotineira num casamento entre pessoas maduras.

Maisie sabia em que lojas Celia comprava suas roupas, onde tomava o chá da tarde e até mesmo de seu interesse pelo bordado. Também percebeu que ela convivia bem com a solidão e se perguntou como uma pessoa de alma tão solitária conseguia criar laços com outra. A comunicação mundana com que se aborda um conhecido no meio da rua, mas também a formalidade que poderia acabar rompendo o vínculo de afeição entre um homem e uma mulher... O casamento dos Davenhams resistira por trás de um véu de cortesia? Era evidente que apenas uma pessoa poderia responder a certas questões: a própria Celia Davenham. Maisie recolocou com cuidado as páginas no dossiê, guardou-o na gaveta de sua mesa, empurrou a cadeira para trás e se aprontou para sair do escritório.

Ouviu uma batida forte à porta e, em seguida, viu o rosto sardento de

Billy Beale, com seu tufo de cabelo trigueiro coberto pela boina, bisbilhotando no umbral da porta de madeira escura.

– Uma boa tarde para a senhorita. Como estão os negócios? Não a tenho visto muito por aqui nos últimos tempos, mas ouvi falar que a senhorita ajudou a velha Sra. Scott a fazer aquele ladrãozinho do filho dela abrir a boca. Pensei em dar um pulo aqui para ver se está precisando de algum conserto no escritório.

– Billy, sim, a Sra. Scott é uma cliente. Não espera que eu comente algum detalhe do caso dela, não é?

– A senhorita está certíssima. É que não dá para evitar que o povo fique tagarelando sobre seus clientes, principalmente porque a senhorita tem ajudado. O pessoal aqui não perde uma, e ainda por cima temos uma memória de elefante!

– Você também tem, Billy? Nesse caso, talvez possa me dizer se sabe alguma coisa sobre uma pessoa.

– Pode mandar!

– Isso é confidencial, Billy.

– Para bom entendedor, meia palavra basta... – Billy bateu com o dedo na lateral do nariz para deixar claro que trataria com seriedade qualquer informação que recebesse; ele era capaz de guardar segredo.

– Vincent Weathershaw. Capitão. Conhece? – indagou Maisie.

– Weathershaw... Weathershaw... Esse nome me diz alguma coisa. Deixa eu pensar um pouco.

Billy tirou a boina e coçou a cabeça coberta de fios dourados.

– Sabe, é o seguinte: já ouvi falar dele. Nunca cheguei a fazer nenhum serviço para o sujeito, mas escutei falar. Da reputação, por exemplo.

– Que tipo de reputação? – interrogou Maisie.

– Se lembro bem, é um tipo largado ao deus-dará. Mas se viam muitos desses por aí. Alguns ficaram assim, como se já não ligassem mais para nada nesta vida. Como se depois de tanto tempo o bombardeio já não os assustasse. Pobres coitados. Alguns deles, quer dizer, os oficiais, saíram de suas escolas sofisticadas e foram direto para as trincheiras.

– Ele era imprudente?

– Se é o camarada que eu acho que é, não era imprudente com seus soldados, isso não. Mas era consigo mesmo. Costumava sair do bunker sem capacete, subia para procurar pelos soldados do Kaiser. Aposto que ficavam mais surpresos do que nós quando se deparavam com ele perambulando por ali sem o menor cuidado.

– Ouviu falar dele recentemente, Billy?

– Srta. Dobbs, não costumo tocar muito nesse assunto. Melhor deixar para trás. Mas a senhorita sabe, não é? Já viu o suficiente, deve saber.

– Sim, já vi muitas coisas nesta vida, Billy.

Maisie abotoou o casaco, firmou o chapéu na cabeça e ajeitou as luvas.

– Mas vou fazer sabe o quê, senhorita? Vou dar uma perguntada lá no Prince of Wales, alguns dos rapazes no pub podem saber de alguma coisa. Esse Weathershaw é um cliente ou algo assim?

– Não, Billy. Não é. Ele morreu há dois anos. Veja o que consegue descobrir, por favor.

– Combinado, senhorita – respondeu Billy.

Maisie o conduziu para fora do escritório e trancou a porta ao sair de lá junto com ele.

– É confidencial, Billy. Aborde esse assunto como quem não quer nada – orientou Maisie.

– Sim, senhorita. Não se preocupe. Como eu disse quando a senhorita se mudou para cá, qualquer coisa que quiser, é só pedir para Billy Beale.

Maisie concluiu que um rápido passeio por Picadilly Circus era exatamente do que precisava para desanuviar a mente antes da próxima etapa da sua tarefa: a coleta de informações, como diria Maurice.

Felizmente apareceram vários novos clientes desde que ela se mudara para o escritório na Warren Street. A visita de Christopher Davenham representou o início de um fluxo considerável de novos casos. Alguns foram por recomendação dos advogados de lady Rowan, além de três antigos clientes de Maurice, que por fim superaram qualquer reticência quanto a se expor inteiramente para a antiga assistente dele, que por acaso era mulher.

O trabalho abrangia desde simples análises de correspondências para descobrir irregularidades em pagamentos feitos a uma empresa até o relato

sobre uma filha “desaparecida”. Conforme Maisie imaginara, ainda não tinham aparecido pedidos de assistência do governo ou dos serviços legais e judiciais dos quais Maurice tanto gostava, mas ela sabia que esses casos surgiriam em seu devido tempo. Ela era qualificada o bastante para ser consultada sobre assuntos que iam além daqueles que haviam surgido até o momento. Maurice havia cuidado bem disso.

Agora Maisie tinha bastante trabalho e, o mais importante, dinheiro para fazer investigações sem solicitação de um cliente. A menos que pudesse chamar Vincent Weathershaw de cliente.

O restaurante na loja de departamentos Fortnum & Mason’s estava cheio, mas, ao entrar, enquanto dissimulava interesse no cardápio, Maisie rapidamente escrutinou a sala e viu Celia Davenham sentada perto de uma janela. Ela olhava para os telhados lá fora como se estivesse num devaneio, as mãos entrelaçadas ao redor de uma xícara de chá.

– Uma mesa perto da janela, por gentileza? – pediu Maisie para o garçom alto com cabelo lustroso penteado para trás que fora atendê-la.

Ocupando a mesa ao lado da de Celia, Maisie intencionalmente se sentou de frente para a mulher, mas não olhou para ela enquanto tirava as luvas e as apoiava sobre a bolsa, que colocou numa cadeira próxima. Maisie abriu o cardápio e começou a ler os pratos até sentir os olhos da mulher em sua direção, então ergueu a vista e as duas cruzaram olhares. Maisie sorriu. Seu sorriso “planetário”, como Simon certa vez o chamou. Ela de imediato afastou qualquer pensamento sobre ele, pois precisava se concentrar no que estava em jogo.

– Olá – cumprimentou Maisie. – Faz um belo dia, não?

– Sim. Faz mesmo – respondeu Celia, sorrindo para Maisie. – Desculpe-me... já nos encontramos antes?

– Sabe, devo dizer que a senhora me parece familiar, mas eu... não consigo afirmar de onde a conheço. – Maisie sorriu outra vez.

– Nether Green. Eu a vi em Nether Green. – Suas bochechas coraram quando reconheceu Maisie.

– É isso mesmo, sim, sim. A senhora gostaria de se juntar a mim? – Maisie tirou sua bolsa e as luvas da cadeira, convidando Celia a se sentar.

Um garçom logo apareceu para ajudar Celia e colocou sua xícara, o pires e o descanso de prato sobre a mesa em que Maisie estava sentada. A mulher impecavelmente vestida sentou-se diante de Maisie, que lhe estendeu a mão.

– Blanche. Maisie Blanche. Como vai?

– Celia Davenham. Eu vou bem, obrigada.

Por um tempo, as duas mulheres conversaram sobre amenidades: o preço das flores na barraca da estação, o atraso dos trens no último inverno. Antes mesmo que Celia perguntasse, Maisie puxou o assunto de suas visitas ao cemitério.

– Donald era um primo. Não muito próximo, mas ainda assim fazia parte da família. Pensei que, já que agora estou na cidade, seria mais fácil ir a Nether Green. Afinal, não queremos esquecê-los, não é mesmo?

– Não, nem pensar. Não que isso fosse possível – respondeu Celia.

– Você perdeu seu irmão? – perguntou Maisie.

– Sim, um deles. Nos Dardanelos. O outro foi ferido. Gravemente ferido.

– Sinto muito. A senhora tem sorte de ter um irmão que voltou para casa depois dos Dardanelos – disse Maisie, sabendo que muitas vezes um irmão lutava ao lado do outro, o que levou muitas mães a chorarem a perda não de um, mas de dois ou três filhos.

– Ah, não. Não. O corpo do meu irmão nunca foi encontrado. Ele foi registrado como desaparecido. Costumo visitar o túmulo de um amigo de meu outro irmão. Vincent. – Celia agitou o lenço.

– Entendo. E o seu irmão, seu outro irmão, se recuperou?

– Hum. Sim, sim, de certa maneira.

Maisie inclinou a cabeça em uma interrogativa, mas acrescentou:

– Ah, esse é um assunto tão difícil...

– Não, quer dizer, sim. Sim, mas... bem, ele ficou com cicatrizes. Vincent também tinha.

– Ah, compreendo.

– Sim. George, meu irmão que sobreviveu, é como Vincent. Seu rosto...

Celia mexeu devagar as mãos primorosamente bem cuidadas e tocou a bochecha com os dedos delicados. Ela titubeou e os olhos se encheram de lágrimas. Foi nesse momento que Maisie percebeu a oportunidade para elas

se conectarem – de forma ainda mais profunda do que ela jamais teria admitido. Ela se esgueirou e tocou de leve o braço de Celia, até que o olhar da outra mulher encontrou o seu. Com um gesto, Maisie expressou sua solidariedade.

– Eu fui enfermeira – contou Maisie em voz baixa, não para evitar que os outros a escutassem, mas para atrair Celia. – Na França. Quando voltei de lá, trabalhei novamente como enfermeira em um hospital psiquiátrico. Entendo de feridas, Sra. Davenham... do corpo e da alma.

Celia segurou a mão de Maisie. Nesse momento, ela soube que tinha conquistado a confiança da mulher. Previra que isso não levaria mais do que os vinte minutos em que estivessem juntas à mesa, tamanha era a necessidade de Celia de se conectar com alguém que a compreendesse. E Maisie Dobbs entendia a situação profundamente, mais do que Celia Davenham poderia sequer imaginar.

A mulher ficou imóvel por um momento antes de recomeçar a falar. Ondas de tristeza pareciam rebentar em seu coração com tamanha força que ela cerrou o punho e, com a outra mão, segurou a palma que Maisie lhe estendera, solidária. Um garçom que ia em direção à mesa para perguntar se gostariam de continuar tomando chá parou de repente e foi embora, como se tivesse sido repellido pela força da emoção de Celia.

Maisie fechou os olhos, concentrando sua energia tranquilizadora na mulher sentada à sua frente. Depois de um instante, abriu-os e observou Celia relaxar os ombros, os braços e a mão. Mas não a soltou.

– Queira me desculpar.

– Não se preocupe, Sra. Davenham. Não se preocupe. Tome um pouco de chá.

Ainda segurando a mão de Maisie, a mulher usou a outra mão para pegar a xícara e, tremendo, ergueu-a até os lábios para dar um gole no chá ainda quente. As duas ficaram sentadas em silêncio por vários minutos até que Maisie continuou:

– Me conte sobre Vincent, Sra. Davenham.

Celia apoiou a delicada xícara de porcelana branca no pires, inspirou profundamente e começou a contar sua história:

– Eu me apaixonei por Vincent, ah, pobre de mim, quando devia ter uns 12 anos. Era só uma menina. Ele veio a nossa casa com meu irmão George. Foi meu irmão Malcolm que morreu. George era o mais velho. Vincent era uma dessas pessoas que conseguem fazer qualquer um rir, até meus pais, que eram muito reservados. Era como se o sol brilhasse bem acima dele e todos sentissem que precisavam olhar em sua direção para que se aquecessem.

– Sim, conheci gente assim. Imagino que ele fosse encantador – disse Maisie.

– Ah, sim, encantador. Mas ele não se dava conta disso. Apenas levava a vida despertando o melhor das pessoas. Pois então, ele definitivamente tinha o calibre de um comandante. Seus homens o seguiriam até as portas da morte.

– Sem dúvida, e até mais longe.

– Sim, mais longe. Dizem que, quando se correspondia com os pais ou as viúvas dos soldados que haviam caído em batalha, ele sempre mencionava algum detalhe: uma piada que haviam contado, um ato de coragem, alguma bravura. Não escrevia apenas: “Sinto lhe informar, mas...” Ele se importava.

Celia pegou sua xícara novamente, mantendo a outra mão na de Maisie. Por sua vez, Maisie não fez nenhum movimento para se afastar, percebendo quanto seu toque encorajava a outra mulher. Ela se mexeu apenas o suficiente para se servir do chá e levar a xícara aos lábios.

Maisie olhava pela janela fortuitamente e, à medida que crepúsculo se aproximava, via na vidraça o reflexo de Celia Davenham, que narrava sua história. Dessa forma, Maisie a observava como uma espectadora, não como uma confidente. À medida que falava, aliviando o peso das lembranças guardadas, Celia parecia se fortalecer. Ela se endireitou na cadeira. Era uma mulher atraente e, no reflexo, Maisie viu o rosto das outras pessoas no salão de chá olhando ocasionalmente na direção delas, atraídas por uma conversa que não poderiam entre ouvir, mas que também não conseguiam deixar de observar.

Maisie sabia bem, mais do que os espectadores, que o que os atraía era a força da revelação. Eram testemunhas do desenrolar da história de Celia, da

forma como ela abria o coração e liberava seus sentimentos, apesar de talvez não terem consciência disso. E ela sabia que, logo que estivessem do lado de fora do salão, envolvendo o pescoço com o cachecol para se protegerem do frio cortante ou segurando o chapéu, uma mulher diria para seu companheiro “Você viu aquela mulher bem-vestida perto da janela?”, e então seu companheiro assentiria e eles conversariam por alguns instantes sobre o que a mulher sentada à janela teria dito à outra, que deixara sua mão ser segurada com tamanha força. E a imagem de Celia Davenham endireitando os ombros e contando sua história por vezes voltaria à memória deles, principalmente quando estivessem tristes, buscando a resposta para uma pergunta que envolvesse sentimentos.

Celia fez uma pausa, como se reunisse forças para seguir em frente. Maisie esperou e, por fim, pediu:

– Me diga o que aconteceu com Vincent.

– Foi em Passchendaele.

– Ah, sim. Eu sei...

– Acho que todos nós sabemos agora. Tantos deles...

– ... e Vincent?

– Sim, embora alguns talvez achem que ele teve sorte. Ele voltou para casa. – Celia se interrompeu de novo, fechou os olhos, então continuou: – Às vezes tento me lembrar de seu rosto de antes. Quando estava inteiro. Mas não consigo. Me sinto péssima por só conseguir me lembrar das cicatrizes. À noite, tento fechar os olhos e vê-lo, mas não chego a fazer isso. Posso ver George, claro, seus ferimentos não foram tão graves. Mas também não consigo visualizar *exatamente* como ele era antes da guerra.

– Sim, deve ser muito difícil.

– Havia algo em Vincent, seu entusiasmo pela vida, que se transformou em outra coisa, como se ele tivesse outro lado. Sua tropa ficou sob intenso fogo inimigo. Vincent foi atingido no rosto por estilhaços. É um milagre que tenha sobrevivido. George perdeu uma orelha e tem cicatrizes num dos lados do rosto, o que você pode achar que era insuportável, mas parece pouco comparado com os ferimentos de Vincent.

Maisie olhou para a mulher, cuja mão contraída relaxava à medida que

contava a história de Vincent. Celia estava exausta. Maurice havia aconselhado Maisie, nos primeiros anos de seu treinamento, quando ela era a observadora silenciosa enquanto ele escutava uma história, a intervir sutilmente com uma pergunta, um comentário, um suspiro ou um sorriso: “Uma história ocupa espaço como um nó num pedaço de madeira. Se o nó é retirado, uma brecha se abre. Precisamos nos perguntar como essa brecha será preenchida. A brecha, Maisie, é responsabilidade nossa.”

– Sra. Davenham, deve estar cansada. Que tal nos encontrarmos novamente outro dia? – perguntou Maisie.

– Sim, Srta. Blanche, vamos nos encontrar.

– Talvez possamos caminhar no Hyde Park ou no St. James. O lago fica tão lindo nesta época do ano.

As mulheres combinaram de se encontrar na semana seguinte para um chá no Ritz e depois um passeio no Green Park e no St. James. Mas, antes de se separarem, Maisie sugeriu:

– A senhora provavelmente tem que ir para casa, mas fiquei aqui pensando... A Liberty recebeu uns tecidos novos que acabaram de chegar da Índia. A senhora não quer ir até lá comigo para dar uma espiada?

– Claro, eu adoraria.



Mais tarde, enquanto refletia sobre o seu dia, Celia Davenham se surpreendeu. Apesar de ainda sentir tristeza, a memória que sobressaía era a dos enormes rolos com tecidos sendo transportados segundo suas ordens por vendedores solícitos. Num animado vicejar, metros e mais metros de vibrantes sedas indianas amarelas, cor-de-rosa e vermelhas foram trazidas para serem friccionadas entre o polegar e o indicador e estendidas diante de seu rosto em frente ao espelho. E ela pensou em Maisie Blanche, que partira de repente mas com discrição, deixando Celia ali, entregue à sua paixão pelas texturas e cores por muito mais tempo do que era sua intenção. Foi assim que um dia que havia presenciado tantas lágrimas terminou em meio a um arco-íris.

CAPÍTULO 6



Maisie tomou o caminho de volta ao escritório. Àquela hora já estava escuro e, apesar de estar sonhando com uma xícara de chá muito mais forte do que o suave Darjeeling da Fortnum & Mason's, ela precisava trabalhar. Refletiu sobre a história de Celia, certa de que dali podia sair muito mais. Mas, ao permitir que grande parte da história ficasse ainda por ser contada, Maisie tinha deixado uma porta aberta. Em vez de se exaurir com suas próprias revelações e memórias, Celia recebia ajuda para ir se livrando aos poucos daquele peso, e Maisie era sua guia.

Na Warren Street, Jack Barker cumprimentou Maisie do lado de fora da estação e tirou a boina.

– Srta. Dobbs, tenha uma boa noite. Por Deus, a senhorita é um colírio para meus olhos cansados no fim do dia.

– Sr. Barker, muito obrigada, embora eu saiba que estarei muito melhor depois de uma xícara de chá.

– A senhorita tem que pedir para aquele Billy fazer. Aquele lá tagarela enquanto a gente trabalha. Sabe, às vezes tenho que explicar a ele que estou ocupado e não posso ficar conversando o dia todo sobre a vida.

Maisie abriu um largo sorriso, pois sabia muito bem que Jack Barker era capaz de falar pelos cotovelos e que a mesma reclamação poderia muito bem ter partido de Billy Beale.

– Bem, Billy é um bom sujeito, não é, Sr. Barker?

– É, sim. Inacreditável como consegue andar rápido com aquela perna. A senhorita precisa ver como ele às vezes corre pra lá e pra cá, apoiando aquela perna no chão e avançando com a outra. Pobre homem. Mas pelo menos o temos de volta aqui, não é mesmo?

Maisie concordou.

– Sem dúvida, Sr. Barker, pelo menos ele voltou para casa. É melhor eu ir andando... Boa noite para o senhor. Algum motivo para comprar a última edição do jornal antes de sair correndo para casa?

– Se quer saber, está tudo uma droga. A Threadneedle Street e a City estão fora do normal. Falam em crise.

– Então vou deixar pra lá, Sr. Barker. Boa noite.

Maisie virou na Warren Street e caminhou atrás de duas estudantes da Slade School of Art que voltavam para seus alojamentos nas redondezas. Cada uma carregava seu portfólio sob o braço e dava risadinhas quando a outra contava sua parte da história sobre uma terceira mulher. Pararam para falar com um grupo de jovens que estavam prestes a entrar no Prince of Wales e decidiram acompanhá-los. Passaram empurrando uma mulher de vestido preto parada do lado de fora do pub fumando um cigarro. Ela ralhou, pedindo que prestassem atenção, mas sua repreensão foi recebida pelos estudantes com mais risadinhas. Logo depois, um homem veio encontrá-la, e Maisie suspeitou que ele tinha uma esposa esperando em casa, pois ele se traiu ao olhar para cima e para baixo na rua antes de dar o braço para a mulher e entrar apressado com ela no pub.

– Tem gosto para tudo – disse Maisie baixinho ao passar, e continuou descendo a Warren Street na direção do seu escritório.

Maisie abriu a porta que levava à escadaria e, ainda no escuro, quando estava prestes a acender a luz fraca para conseguir ver os degraus, o lance superior da escada se iluminou e Billy Beale chamou:

– Sou eu, senhorita. Consegue ver os degraus para subir?

– Billy, você com certeza não deveria mais estar trabalhando a esta hora.

– É, mas tenho algumas novidades para a senhorita. Daquele camarada sobre o qual estava me perguntando. Weathershaw. Pensei em dar uma passadinha aqui caso eu não a visse amanhã.

– É muita gentileza da sua parte, Billy. Vamos pôr a chaleira no fogo.

Maisie foi andando na frente até o escritório, acendeu a luz e colocou a chaleira sobre o pequeno fogão.

– Aquele telefone não parou de tocar hoje. A senhorita precisa de alguém para ajudá-la, para anotar as mensagens, esse tipo de coisa.

– Meu telefone estava tocando?

– Bem, é para isso que ele serve, não é?

– Sim, claro. É que ele não toca com muita frequência. Costumo receber mais correspondência. Me pergunto quem poderia ser.

– Alguém muito insistente, pelo tempo que tocou. Eu estava consertando o aquecedor, fazendo um pouco de barulho também e, de tempos em tempos, lá estava ele tocando de novo. Subi aqui algumas vezes para ver se eu podia atender para a senhorita, mas o barulho persistente parava justo quando eu chegava à porta. Posso usar minha chave mestra numa emergência, caso seja necessário. Vou lhe dizer, quase peguei minhas ferramentas e fiz uma extensão para poder atender lá embaixo.

– O quê?

– Lembre, senhorita, eu fui soldado sapador. Se eu conseguia fazer uma linha funcionar debaixo de um temporal, com mãos e joelhos enfiados na lama, para que os chefes pudessem conversar um com o outro enquanto as armas tentavam me acertar ali mesmo, então posso muito bem fazer uma coisinha ou outra com a sua linha de telefone.

– É mesmo, Billy? Preciso me lembrar disso. Nesse meio-tempo, quem quer que deseje falar comigo terá que dar um jeito. Bem, agora, o que você tem para me contar?

– Bom, eu estava perguntando para alguns dos meus velhos camaradas sobre aquele rapaz, Vincent Weathershaw. Acontece que um deles conhece alguém que conhece outro, a senhorita sabe, que lhes contou que o sujeito não ficou lá muito bom da cabeça depois de uma das grandes ofensivas.

Billy Beale deu uma batidinha na têmpora, e Maisie inclinou a cabeça, incentivando-o a continuar.

– Perdeu uma porção de homens. Parece que nunca se perdoou. Carregou tudo nos ombros, como se tivesse sido ele que os matou. Mas o que também

ouvi foi uma coisa curiosa que aconteceu entre ele e o chefão. Bem, isso é tudo muito duvidoso, mas...

– Conte logo, Billy – encorajou Maisie.

– Bem, senhorita, verdade seja dita, estávamos todos muito assustados quase o tempo todo.

– Sim, eu sei, Billy.

– Claro que sabe, senhorita. Não é? Minha nossa, quando penso no que a senhorita e as outras enfermeiras devem ter visto... Deixa pra lá, verdade seja dita, estávamos todos assustados. Ninguém sabia quando ia levar bala. Mas alguns deles...

Billy parou de falar, se afastou de Maisie, tirou o lenço vermelho do pescoço e enxugou os olhos.

– Deus, desculpe, senhorita. Não sei o que deu em mim.

– Billy, isso pode esperar. O que quer que você tenha para me dizer pode esperar. Deixe-me servir o chá.

Maisie foi até o fogão, derramou a água fervente da chaleira nas folhas de chá dentro do bule de cerâmica e as deixou em infusão. Pegou duas xícaras grandes de latão na estante acima do fogão, mexeu o chá no bule e depois serviu a bebida para os dois, com muito açúcar e um pouco de leite. Desde a época que passara na França, Maisie preferia usar essa xícara de latão do Exército para tomar seu chá sozinha, por causa do calor que se propagava da xícara para suas mãos e para o resto do corpo.

– Aqui está, Billy. Agora...

– Bem, como a senhorita sabe, havia um monte de rapazes que se alistaram ainda muito jovens. Garotos tentando virar homens e, minha nossa, a maioria de nós não passava de simples garotos. E dava para ver que eles ficavam pálidos como um fantasma quando nos chamavam com aquele apito para irmos lá para cima. Pois então, ficávamos pálidos como um fantasma. Eu mal tinha acabado de completar 18 anos. – Billy deu um gole no chá e enxugou a boca com as costas da mão. – Tínhamos que pegar a arma sob os braços, abrir espaço e torcer para o tiro acertar neles. E às vezes um de nós não conseguia.

Os olhos de Billy ficaram embaçados outra vez, e ele os enxugou com o

lenço vermelho.

– E quando isso acontecia, quando um garoto ficava paralisado de medo, ele poderia ser denunciado por covardia. Se depois fosse mal recebido pelo resto dos seus camaradas, o chefe não fazia muitas perguntas, fazia? Não, o pobre coitado era acusado, e isso era tudo! Então tínhamos que cuidar bem uns dos outros, sabe?

Aproximando o lenço vermelho de sua testa, o jovem continuou a contar sua história para Maisie:

– Eram julgados na corte marcial. E a senhorita sabe o que acontecia com uma porção deles, não sabe? Atiravam neles. Mesmo que alguns não fossem lá tão inocentes, prender infratores sem motivo, quando deveriam ter ficado na linha de combate, não é o jeito correto de agir, ou é? Não quando eram assassinados pelos seus. Mas que beleza, hein? Você reza para os garotos do Kaiser não te pegarem, e aí são os seus que acabam fazendo isso!

Maisie deixou o silêncio os envolver e levou a xícara fumegante aos lábios. Aquela história não era nova para ela. Apenas o narrador. O descontraído e alegre Billy Beale.

– Bem, este Vincent Weathershaw, como chefe, era bom com seus homens. Dizia que já bastavam as trincheiras e bombas para matá-los sem que o comando tivesse que passar por isso. Parece que queriam endurecer um pouco esse Weathershaw. Não conheço a história toda, longe disso, mas o que me contaram é que o mandaram fazer umas coisas que ele não quis. Ele se recusou. Comentavam que o tirariam do comando. A verdade é que ninguém sabe bem o que aconteceu, mas, aparentemente, depois que esses boatos correram é que ele, bem, perdeu a cabeça e começou a fazer todas aquelas coisas insensatas, andar sem capacete na frente da outra tropa. Então, é claro, o pegaram, em Wipers, Passchendaele. Não muito longe do lugar para onde fugi, realmente, mas parecia estar a centenas de quilômetros de distância naquela época.

Maisie sorriu, mas era um sorriso triste, reflexivo, ao se lembrar de como os homens naturalmente pronunciavam “Wipers” quando se referiam a Ypres.

– Mas, veja bem, não dava nem para sair da trincheira e subir. Não, o

negócio em Messines foi assim, não dava para saber se a outra tropa estava ao lado da trincheira ou abaixo de nós nem onde os malditos... perdoe a expressão, senhorita... nem onde eles tinham colocado as minas. Nós, sapadores, tínhamos que trabalhar duro ali.

Billy abaixou a cabeça, mexeu o resto de chá para aproveitar o açúcar que ficara no fundo da xícara e fechou os olhos à medida que o passado invadia o presente.

Maisie e Billy permaneceram sentados em silêncio. Como costumava fazer nessa época, ela pensou em Maurice e em seus ensinamentos: “Nunca faça perguntas depois de ouvir uma história, Maisie, não de imediato. E lembre-se de agradecer ao narrador, pois, em certa medida, até mesmo o mensageiro é afetado pela história que conta.”

Ela esperou mais alguns minutos, observando Billy bebericar seu chá, absorto em memórias enquanto olhava para os telhados do lado de fora.

– Billy, obrigada por ter descoberto isso para mim. Você deve ter tido bastante trabalho para levantar todos os detalhes.

Billy levou a xícara de chá aos lábios.

– Como eu disse, senhorita, precisando de qualquer coisa, estou às ordens.

Maisie esperou alguns instantes e, diante de Billy, chegou a fazer algumas anotações em seu arquivo para ressaltar a importância do seu relato.

– Bem, Billy... – disse Maisie, fechando o dossiê e colocando-o sobre a mesa. – Espero que não se importe em mudarmos de assunto, mas há uma coisa que eu gostaria de pedir. Sem pressa, quando puder.

– A senhorita manda.

– Eu gostaria muito de pintar esta sala ou colocar um papel de parede. Ela é sem graça como um prato requentado e precisa de algo que a torne mais alegre. Notei que você fez um ótimo trabalho na sala da Srta. Finch, no térreo. A porta estava aberta quando passei por lá um dia e dei uma espiada. Ficou tão iluminada e alegre. O que acha?

– Vou fazer isso já, senhorita. No caminho para casa vou pensar nas cores e amanhã passo na loja do meu parceiro, que é pintor e decorador, para ver o que ele tem em matéria de tintas.

– Isso seria maravilhoso. E, Billy, muito obrigada.

Assim, outro contador de histórias adormeceu naquela noite pensando não na própria história, mas em cores e texturas. Entretanto, aquele dia terminou de um jeito diferente para Maisie. Ela fez anotações em seu dossiê, que classificou simplesmente como “Vincent”, e começou a esboçar um diagrama com nomes e lugares relacionados entre si.

Maisie Dobbs estava ainda mais convencida de que seus instintos não a haviam traído, que a morte de Vincent era apenas um fio numa trama complexa que levaria a algo que não podia ser bom. Ela sabia que não demoraria muito para descobrir o que ligava o fio promissor que era Vincent aos outros garotos enterrados no cemitério de Nether Green, cujas lápides tinham apenas o primeiro nome. Sua intenção era que o próximo encontro com Celia Davenham revelasse como Vincent vivera depois da guerra e onde se encontrava exatamente quando morrera.

E mais importante ainda: Maisie queria entender por que ele era chamado apenas de “Vincent”.

CAPÍTULO 7



Maisie se sentou na cadeira de madeira do escritório e levou os joelhos até o peito, de forma que os calcanhares se apoiaram na borda do assento. Ela retirara os sapatos havia mais ou menos uma hora para vestir as grossas meias de dormir que ficavam guardadas na gaveta da mesa. Maisie folheou o relatório que havia preparado para Christopher Davenham e se perguntou qual seria a melhor maneira de lhe passar as informações. Em momentos como esse, ela sentia falta dos conselhos de Maurice Blanche. A relação entre o professor e a aluna sempre fora tranquila. Ela mantinha a mente aberta para aprender seu ofício, e ele estava disposto a lhe transmitir o conhecimento acumulado durante uma vida inteira dedicada àquilo a que se referia como “a ciência forense da pessoa como um todo”. Embora ela ainda pudesse consultá-lo, Maisie sabia que agora ele estava aposentado e que a intenção dele era que ela encontrasse seu caminho por si só.

Ela até podia escutar a voz de seu mestre: “Lembre-se dos fundamentos, querida Maisie. Sempre que se sentir empacada, volte para as nossas primeiras conversas. E se lembre das conexões, pois sempre há conexões.”

Agora Maisie precisava decidir o que revelaria para Christopher Davenham. O homem queria saber apenas aonde sua mulher estava indo e se havia outro homem envolvido. Qualquer informação além do que ele solicitara seria desnecessária. Maisie pensou por mais um instante, colocou

os pés de volta no chão, posicionou o dossiê na mesa à sua frente e se levantou.

– Não, isso bastará – disse para o quarto vazio.



– Por favor, sente-se, Sr. Davenham. – Os pés gelados de Maisie agora estavam protegidos por elegantes sapatos de couro.

– A senhorita tem um relatório para me apresentar, Srta. Dobbs?

– Sim, é claro. Mas antes, Sr. Davenham, preciso lhe fazer algumas perguntas.

– Já não fez perguntas suficientes? Achei que meu propósito em vir aqui havia ficado claro. Busco informações, Srta. Dobbs, e se a sua competência equivaler a pelo menos metade da sua reputação, terá essas informações para me dar.

– Sim, tenho, mas gostaria de discutir abertamente como o senhor usará essas informações quando as receber.

– Não tenho certeza se entendi, Srta. Dobbs.

Maisie abriu o dossiê, tirou a folha em branco que antes estava cobrindo suas copiosas anotações, fechou o dossiê e colocou o papel em cima dele. Era uma técnica que aprendera com Maurice e se provara muito útil: a folha de papel em branco representava o futuro, uma página vazia que poderia ser preenchida como o observador escolhesse. Páginas com anotações apresentadas durante a conversa eram uma distração, portanto só ao final da reunião ela entregaria um relatório escrito.

– Sr. Davenham, o que faria se não houvesse outro homem nem razão para suspeitar que sua esposa tenha sentimentos por outra pessoa?

– Bem, nada. Se não há motivo para minhas suspeitas, então ela é inocente. E, nesse caso, não haveria problema algum em não fazer nada.

– Entendo. Sr. Davenham, esta é uma situação delicada. Antes de prosseguir, devo pedir que assuma um compromisso comigo...

– O que quer dizer?

– Um compromisso com seu casamento, na verdade. Um compromisso,

talvez, com o bem-estar de sua esposa e com o futuro de vocês.

Ansioso, Christopher Davenham se remexeu na cadeira e cruzou os braços.

– Sr. Davenham – disse Maisie, olhando pela janela –, está fazendo um dia muito agradável, não acha? Vamos dar uma volta pela Fitzroy Square. Poderemos conversar mais à vontade e aproveitar um pouco o dia.

Sem esperar pela resposta, Maisie se levantou da cadeira, tirou seu sobretudo do cabideiro e o entregou a Christopher Davenham, que, como um cavalheiro, conteve seu incômodo, pegou o casaco e o estendeu a Maisie. Colocando o chapéu na cabeça e firmando-o com um alfinete de pérola, Maisie sorriu para ele.

– Um passeio será ótimo.

Ela caminhou tranquilamente com Davenham pela Warren Street, depois viraram à esquerda na Conway Street até chegarem à Fitzroy Square. Os raios de sol tinham atravessado as nuvens cinzentas da manhã, e pairava no ar a promessa de um dia mais quente. Ela não havia sugerido o passeio à toa, de forma alguma. Maisie aprendera com Maurice Blanche a importância de manter o cliente receptivo ao que quer que estivesse sendo relatado ou sugerido. “Uma pessoa sentada numa cadeira tem grandes chances de se entocar dentro de si mesma”, dissera Blanche. “Mantenha o cliente em movimento, do mesmo jeito que um artista, ao pintar, não para de movimentar os pincéis com tinta. Não lhes dê a chance de secar, e não permita que o cliente se cale”

– Sr. Davenham, decidi lhe dar meu relatório e minhas recomendações. Digo “recomendações” porque acredito que o senhor seja um homem de compaixão.

Davenham mantinha um passo constante. *Que bom*, pensou Maisie. Ela avançava no mesmo ritmo, observando com interesse a posição de seus braços, a maneira como ele mantinha a cabeça para a frente e inclinava ligeiramente as costas, como se estivesse tentando captar no ar a presença de um predador. *Ele está aterrorizado*, pensou Maisie, sentindo o medo se intensificar quando começou a imitar sua maneira de andar e sua postura. Ela fechou os olhos apenas por alguns segundos para ter certeza dos

sentimentos que agora percorriam seu corpo e pensou: *Ele teme ceder por medo de perder*. Ela precisava agir rápido para afastar o medo.

– O senhor não está sendo enganado. Sua esposa é fiel.

O homem soltou um audível suspiro de alívio.

– Mas ela precisa de sua ajuda.

– Em que sentido, Srta. Dobbs? – A tensão, que havia diminuído com a revelação de Maisie, não o abandonaria por completo até que ela concluísse.

– Como muitas jovens, sua esposa perdeu alguém que amava. Na guerra. O homem foi seu primeiro amor, um namorico. Se ele tivesse sobrevivido, sem dúvida essa afeição não teria resistido à maturidade. No entanto...

– Quem?

– Um amigo do irmão dela. Chamava-se Vincent. Está no meu relatório. Sr. Davenham, será que podemos reduzir o ritmo só um pouco, veja, meus pés...

– É claro, sim, me desculpe.

Christopher Davenham diminuiu o passo para acompanhar Maisie, que havia desacelerado com a intenção de que ele considerasse suas palavras.

– Sr. Davenham, alguma vez já conversou com sua mulher sobre a guerra, o irmão dela, suas perdas?

– Não, nunca. Quer dizer, conheço os fatos. Mas temos que seguir em frente. Afinal de contas, não podemos simplesmente desistir, não é mesmo?

– E quanto ao senhor?

– Eu não servi na guerra. Tenho uma gráfica, Srta. Dobbs. O governo me incumbiu de manter o povo informado.

– O senhor queria servir?

– E isso importa?

– Talvez sim, para sua mulher. Talvez importe para a Sra. Davenham, para que ela possa conversar sobre seu passado com o senhor, para que saiba...

– Seu relatório vai me apresentar os fatos, Srta. Dobbs.

– O senhor pode tomar conhecimento dos fatos, mas a melancolia de sua mulher não tem como causa uma lista de fatos. São lembranças e sentimentos represados. Entende isso?

O homem ficou em silêncio, assim como Maisie. Ela sabia que havia

passado dos limites. Mas isso não era algo novo para ela, que passara dos limites durante boa parte de sua vida, sempre que, como muitos diziam, ela se intrometia onde não era chamada.

– Permita que o passado se manifeste – continuou Maisie. – E depois ele poderá se aquietar. Só assim seu casamento terá futuro. E, Sr. Davenham...

– Sim.

– Caso o senhor esteja considerando tais medidas, sua mulher não precisa de remédio nem de médico. Ela precisa *do senhor*. Quando ela tiver o seu apoio, Vincent poderá descansar em paz.

O homem deu mais alguns passos em silêncio e depois assentiu.

– Vamos voltar para o escritório? – perguntou Maisie, indicando a direção com a cabeça.

Davenham assentiu outra vez. Maisie o deixou com seus pensamentos, deu-lhe o espaço de que precisava para sentir as palavras dela com o coração. Se ela insistisse, ele poderia ficar na defensiva. E essa era uma porta que precisava se manter aberta, pois havia algo sobre o episódio com Celia Davenham que incomodava Maisie. Ela ainda não sabia o que era, mas estava confiante de que, fosse o que fosse, iria se manifestar. Maurice Blanche costumava dizer que, em meio às lendas, às cortinas de fumaça e aos espelhos distorcidos dos mistérios insolúveis da vida, reside a verdade, esperando que alguém entre em seu santuário e saia de lá sem fechar completamente a porta. Era nessas horas que a verdade podia se libertar. E Maisie tinha se assegurado de deixar a porta aberta na última vez em que estivera com Celia.



Maisie pretendia que o passeio de quinta-feira revelasse o que ela precisava saber sobre a morte de Vincent, o mistério do nome no túmulo e o que ocorrera entre o fim da guerra e sua morte. Ela queria que o encontro seguinte com Celia Davenham revelasse o paradeiro dele antes de sua morte e no momento final.

Maisie achava que entendia muitas coisas sobre a relação entre Celia e

Vincent. O amor deles tinha sido na verdade uma paixão adolescente – Celia havia admitido isso – e, ao decidir se casar com Christopher, ela tentara enterrar seus sentimentos por Vincent, numa época em que o país era atravessado por fortes emoções. Mas os simples rituais do casamento com o aparentemente insosso Christopher Davenham não podiam apagar a memória de Vincent, o herói de sua imaginação, o belo e destemido cavaleiro com quem ela teria se casado. Maisie acreditava que, para Vincent, Celia permaneceu apenas como a irmã mais nova de um querido amigo. Ainda assim, era entre os amigos de um irmão que tantas jovens conheciam seus futuros companheiros.

Maisie encontrou Celia no Ritz para tomarem o chá da tarde naquela quinta-feira, como haviam combinado. Ao passar pelas portas principais na entrada da Picadilly Square para se juntar a Celia, Maisie prendeu a respiração quando viu as maciças colunas de mármore nos dois lados do jardim de inverno, à frente. Ela andou em direção aos degraus que levavam ao espaço reservado para o chá e sentiu-se reconfortada pelos raios de luz tépidos que entravam pelas janelas dos dois lados da sala. Por um instante, ela se permitiu não pensar nos custos daquela expedição. A opulência do jardim de inverno, projetado para emular um pavilhão francês, com cornijas decoradas e uma claraboia por onde a luz natural podia passar e banhar a sala, quase deixou Maisie sem fôlego. Com impecáveis toalhas de mesa adamascadas, reluzentes talheres de prata e volumosos festões de tecido pendurados ao redor das janelas, o jardim de inverno poderia não ter encorajado uma conversa intimista entre as duas mulheres, mas os painéis espelhados ao redor e a tranquilizadora presença da água na escultura dourada de sereia conferiam certa serenidade ao ambiente. Com o som delicado da porcelana Royal Doulton tilintando ao fundo à medida que as xícaras eram recolocadas sobre os pires, a conversa entre as duas mulheres transcorreu com leveza, pairando sobre a superfície das confidências como o zumbido de libélulas em um lago tranquilo.

Maisie limpou os cantos dos lábios com um guardanapo e o colocou ao lado do prato.

– Acho que é hora de darmos o nosso passeio, Sra. Davenham. Num dia

tão encantador como este, parece até que o verão já chegou... – Ela pegou a bolsa e as luvas.

– Ah, sim, é mesmo. Vamos caminhar... E, por favor, me chame de Celia. Sinto como se agora já nos conhecêssemos tão bem... – Celia inclinou a cabeça, convidativa.

– Obrigada, Celia. De fato parece que o tempo para tais formalidades já passou, então, por minha vez, também espero que você me chame pelo primeiro nome.

Depois de pagarem a conta, os garçons apareceram, solícitos, para afastar as cadeiras das duas mulheres com exagerada reverência, que sinalizava a saída de um cliente satisfeito e que a mesa já deveria ser limpa e preparada para a próxima dupla de senhoras afluentes. Maisie e Celia deixaram o Ritz e entraram no Green Park.

– É tão encantador aqui. Os narcisos são bonitos, mas estão atrasados este ano, não?

– Sim, é mesmo.

– Maisie, os tecidos da Liberty eram simplesmente deslumbrantes, quase irresistíveis, como sempre. Devo confessar: comprei 3 metros da mais pura e sofisticada seda lilás.

– Muito bem! Saber costurar requer talento.

– Apreendi com uma das minhas criadas, que fazia maravilhas com as agulhas. Mamãe insistia em cores e estilos tão sem graça, esse foi o único jeito de eu não ficar parecendo uma professora escolar desleixada. Claro, durante a guerra não era fácil conseguir tecidos, mas *havia* um fascínio por tudo o que chegava da Índia, lembra?

Maisie assentiu, recordando-se da procura por mercadorias que vinham do subcontinente indiano depois que os regimentos *gurkhas* se juntaram às forças britânicas na França. Ela se lembrou de Khan rindo enquanto lhe contava sobre os convites que de repente passou a receber para as melhores casas, que simplesmente queriam contar com a presença de alguém que parecia ser – aos olhos das anfitriãs daqueles tempos, que nem sempre conheciam bem a geografia do subcontinente indiano – um embaixador da

legião dos pequenos, exuberantes e destemidos nepaleses que lutavam ao lado dos soldados britânicos do exército regular.

Maisie e Celia caminharam no Queen's Walk em direção ao St. James Park num silêncio reconfortante. Ladeando o lago do St. James Park, elas comentaram que teria sido uma boa ideia guardar alguns nacos de pão para darem aos cisnes, e riram juntas quando viram uma babá correndo afoita atrás de duas crianças travessas que cambaleavam com suas pernas gorduchas atrás de um casal de patos. No entanto, quando Maisie se emparelhou com sua companheira e posicionou ombros, braços e mãos como se fosse uma sombra da outra mulher, sentiu novamente a melancolia que tomava conta de Celia. Mas Maisie também soube que Celia logo se abriria com ela como na última vez, pois seus sentimentos por Vincent tinham ficado represados dentro dela e, uma vez liberados, agora pediam que fossem ouvidos.

– Foi em 1917 que Vincent voltou para a Inglaterra. Ele foi hospitalizado imediatamente, pois seus ferimentos eram tão, tão...

Celia passou a mão outra vez no rosto, procurando demonstrar, pela forma com que descrevia os ferimentos de Vincent, que finalmente havia criado coragem para narrar a história.

– Devastadores, Maisie, em todos os aspectos. Eu mal pude reconhecê-lo quando o visitei. Tive que implorar ao meu irmão que me levasse junto. George tinha voltado para casa um pouco antes de Vincent, pois suas lesões não foram tão graves. Vincent estava coberto por uma máscara de linho e a removeu apenas depois que prometi não recuar diante da visão.

– Continue – encorajou Maisie.

– Mas eu não consegui me conter. Desatei a chorar e saí correndo do quarto. Meu irmão ficou furioso. Ainda assim, Vincent não sentiu raiva de mim. Só que ele estava com raiva de todo o resto.

– Muitos homens estavam com raiva quando voltaram, Celia. Vincent tinha motivos para se sentir assim.

Celia parou de caminhar e protegeu os olhos do sol de fim de tarde, que estava se pondo, e então olhou de novo para Maisie.

– Foi quando ele falou que queria ser apenas “Vincent”. Ele disse que,

afinal, para a Grã-Bretanha, ele era apenas um pedaço de carne e poderia muito bem desafiar todo o sistema. Disse que estava desfigurado, então poderia ser quem quisesse. Só que ele não falou isso com educação.

– É natural. Você sabe o que aconteceu na França? Com Vincent?

– Soube pelo meu irmão que alguma coisa aconteceu além de ele ter sido ferido. Acredito que houve algum... desentendimento. Com seus oficiais de patente.

– E o que aconteceu quando Vincent recebeu alta do hospital?

– Recuperação. Perto do mar, em Whitstable. O exército ocupou um dos grandes hotéis. Vincent queria escrever sobre suas experiências na França. Estava muito perturbado. Mas, a cada vez que mandávamos papel, tiravam de perto dele. Os médicos diziam que escrever o deixava angustiado. Meu irmão estava furioso. Deu para Vincent uma máquina de escrever que foi confiscada e depois devolvida. Vincent afirmava que o estavam silenciando, mas estava determinado a falar antes que passasse muito tempo desde a guerra e ninguém quisesse saber mais de nada.

– Pobre homem.

– Então conheci Christopher. Um homem muito estável. É claro, ele não tinha ido para a França. Tenho que admitir que nunca descobri por quê. Acho que seu trabalho o livrou do alistamento. Parecia que eu estava entrando num casamento com os sentidos entorpecidos. Mas eu havia perdido um irmão e, é lógico, Vincent estava gravemente ferido. Christopher era um porto seguro naquela tormenta. E ele é, sem dúvida, muito bom para mim.

– O que aconteceu ao seu amigo Vincent depois da guerra, Celia? Creio que ele tenha morrido algum tempo depois...

– Sim, morreu há apenas alguns anos. Ele voltou para a casa dos pais, mas, como estava terrivelmente desfigurado, tornou-se um recluso. Ah, as pessoas tentavam tirá-lo de casa para socializar, mas ele costumava ficar na sala de estar olhando pela janela, lendo ou escrevendo em seu diário. Ele trabalhou em casa depois de um tempo, para uma pequena editora, em algum lugar não muito longe daqui, acho.

Celia esfregou a testa como se, com a pressão, pudesse extrair as

memórias e trazê-las para o presente.

– Ele lia originais, escrevia pareceres. Conseguiu esse trabalho através do tio. Muito ocasionalmente, alguém vinha buscá-lo e o levava ao escritório para discutir algum assunto. Tinha uma espécie de máscara que haviam feito para ele, de latão muito fino. Era pintada com uma cobertura que se igualava à cor de sua pele. E ele usava um lenço enrolado no pescoço e na parte de baixo do queixo... bem, no lugar onde costumava ficar a parte de baixo do queixo dele. Ah, pobre Vincent!

Celia começou a chorar. Maisie parou de andar e simplesmente se pôs ao lado dela, mas não fez nenhum movimento na tentativa de consolá-la, como colocar a mão no seu ombro ou envolvê-la com o braço.

“Deixe espaço para a dor se manifestar”, instruíra Maurice. “Seja prudente ao usar o corpo para confortar alguém, pois você pode acabar com a liberdade que a pessoa sente e que lhe permite compartilhar sua tristeza.”

Ela havia aprendido com Maurice Blanche, seu professor, a respeitar uma pessoa que conta sua história.

Maisie esperou por algum tempo, então tomou Celia pelos ombros e a conduziu com delicadeza até o banco do parque, que havia sido instalado em meio a um arranjo de narcisos dourados, cujas flores ensolaradas balançavam na brisa do fim da tarde.

– Obrigada. Obrigada por me escutar.

– Eu entendo, Celia – respondeu Maisie.

Ao imaginar a desfiguração brutal de Vincent, Maisie estremeceu, recordando-se do tempo que passara na França e das imagens que ela guardaria para sempre, de homens que haviam lutado com tanta coragem. Ela também pensou naqueles homens que tinham escapado da morte apenas para depois terem que suportar o legado de seus ferimentos. E, nesse momento, lembrou-se que Simon, o talentoso médico que também servira como soldado na batalha de resgatar vidas das impiedosas garras da guerra.

Maisie foi trazida das profundezas de suas próprias memórias por Celia, que estava pronta para continuar sua história.

– Foi um pouco de sorte, realmente, um dos pacientes com quem ele tinha estado no hospital se recordar dele. Eu queria poder me lembrar do

nome. Depois da guerra, ele voltara para a França por um tempo e vira que os homens com rosto desfigurado estavam recebendo cuidados de um modo diferente. Eles eram trazidos nas férias, levados para acampamentos no interior onde podiam viver juntos por um tempo sem ter que se preocupar se os outros se afastariam deles. Afinal, todos tinham ferimentos. E, suponho, ainda mais importante era que as pessoas em geral não teriam que olhar para eles. Terrível, não é? De todo modo, esse homem voltou para a Inglaterra e queria que algo parecido fosse feito aqui.

Celia Davenham olhou ao redor e fechou seus olhos por um breve instante, sentindo o calor dos raios solares da primavera, que já se dissipavam.

– Ele comprou uma fazenda à venda, depois entrou em contato com os homens que havia conhecido enquanto se recuperava de seus ferimentos. De acordo com Vincent, ele... por Deus, como se chamava? Enfim, esse homem foi profundamente afetado pela guerra, de tal maneira que quis fazer algo por aqueles que tinham sido desfigurados pelos ferimentos. Vincent era muito favorável à ideia. Isso lhe deu uma energia que, com certeza, eu nunca tinha visto antes da guerra. Na verdade, o homem se surpreendeu com a recusa obstinada de Vincent em ser chamado por qualquer outro nome além do de batismo. Foi assim que Vincent foi morar na fazenda O Retiro.

– Era assim que se chamava? O Retiro?

– Sim. Acho que foi ideia dele. O nome. Tinha uma associação com “bater em retirada”, acredito, no sentido de que estavam se retirando da sociedade, que, para muitos deles, havia se tornado o inimigo. Vincent disse que o lugar prestava uma homenagem a cada homem que havia morrido na França e a cada homem trazido de volta ao país e que precisaria conviver com suas cicatrizes. Disse que era dedicado a todos aqueles que sofreram e precisavam de um lugar aonde pudessem voltar, quando nunca houve um.

– Ele permaneceu lá no Retiro?

– Sim. Ele se tornou muito recluso. De tempos em tempos, meu irmão o visitava. Claro, nessa época eu estava casada com Christopher, então não ia lá. Mas eu queria. Na verdade, tenho pensado em viajar para lá desde que Vincent morreu. Só para ver onde...

– Ele morreu no Retiro?

– Sim. Não tenho muita certeza do que aconteceu. As pessoas que conheciam Vincent disseram para o meu irmão que ele escorregou e caiu perto do riacho. De toda forma, ele sentia dificuldade de respirar por causa dos ferimentos, mas talvez tenha batido a cabeça. Agora seus pais já faleceram. Acho que nunca fizeram muitas perguntas. Todos concordaram que foi um acidente terrível, mas que talvez tenha sido um alívio para ele.

– O Retiro fechou as portas?

– Ah, não. Elas estão bem abertas. A sede foi transformada para que cada residente tenha um quarto, e artesãos especializados foram contratados para trabalhar nos anexos, para que esses também pudessem ser usados como acomodação. Pelo que sei, novos residentes são bem-vindos. São todos homens que sofreram ferimentos de algum tipo durante a guerra e precisam de um lugar para ir.

– Como esse homem que fundou O Retiro arca com todos os custos?

– Ah, *eles* pagam. Todos compartilharam seus recursos. Christopher achava que, nesse aspecto, isso era muito esquisito. Mas, você entende, Christopher só podia pensar assim. Ele é muito cuidadoso com dinheiro. Vincent deu para Adam... aí está, Adam Jenkins, era esse o nome dele... Vincent deu para Adam Jenkins o controle de suas finanças quando decidiu se tornar residente em vez de visitante temporário. Os residentes trabalham na fazenda também, então ainda é uma empresa ativa.

– Bem. Vincent devia ter um respeito enorme por esse homem, Adam Jenkins.

As duas mulheres tinham começado a fazer o caminho de volta, na direção da entrada norte do St. James Park. Celia consultou o relógio.

– Ah, Deus! Preciso correr. Christopher vai me levar ao teatro esta noite. É inacreditável, sabe? Ele sempre foi tão antiquado, mas agora está organizando todo tipo de programa. Adoro teatro. Pensei que, depois de me casar com Christopher, nunca mais iria, mas do nada ele começou a gostar de sair à noite.

– Que maravilha! Preciso me apressar também, Celia. Mas antes de ir,

você poderia me dizer onde fica O Retiro? Tenho um amigo que talvez se interesse por esse lugar.

– Fica em Kent. Perto de Sevenoaks, naquela área. Na verdade, não é muito longe de Nether Green. Boa noite, Maisie, e aqui está meu cartão. Me telefone de novo para tomarmos chá. Foi tão agradável. Me sinto tão leve depois de passar esse tempo em sua companhia, sabe. Talvez por termos aproveitado o dia no ar fresco do parque.

– Sim, talvez tenha sido isso. Divirta-se no teatro, Celia.

As duas mulheres partiram, mas, antes de seguir em direção à estação de metrô St. James Park, Maisie voltou ao parque para pensar mais um pouco sobre aquela conversa. Ela provavelmente não veria Celia de novo.

Vincent morrera enquanto vivia numa comunidade de ex-soldados, todos eles, a princípio, de alguma forma desfigurados, embora parecesse que agora as portas estavam abertas àqueles que tiveram outro tipo de ferimento.

Não havia nada de inapropriado quanto à motivação de Adam Jenkins, que aparentemente queria ajudar esses homens. Devia ter custado uma nota proporcionar tratamento para os residentes, mas, novamente, os recursos foram divididos e eles eram autossuficientes e trabalhavam na fazenda. Uma fazenda que se chamava, de forma ambígua, O Retiro. Maisie considerou os significados de “retirar-se” e se perguntou se os soldados estavam, de fato, abandonando seu posto e buscando um lugar para se proteger do inimigo. Para esses homens, talvez a própria vida fosse agora o inimigo.



Maisie tirou o pesado telefone preto do gancho e começou a discar BEL 4746, o número da residência de lorde Julian Compton e sua mulher, lady Rowan, em Belgravia. Houve um pequeno atraso, e depois ela ouviu o telefone tocar três vezes antes de ser atendido por Carter, o mordomo de longa data dos Comptons. Ela consultou o relógio quando a ligação foi atendida.

– Residência dos Comptons.

– Olá, Sr. Carter. Como vai?

– Maisie, é um prazer falar com você. Aqui estamos todos bem, obrigado, mas não estamos aguardando ansiosamente pela aposentadoria da cozinheira, apesar de já ter passado do prazo.

– E o senhor?

– Bem, Maisie, enquanto eu conseguir subir estas escadas, ficarei nesta casa. Sua senhoria está ansiosa para falar com você.

– Sim, eu sei. Por isso telefonei.

– Ah, bem, eu deveria ter imaginado, nem devo perguntar como você já sabia disso, Maisie.

– Sr. Carter, não é muito difícil, é? Lady Rowan é uma caçadora disfarçada.

Carter riu e passou a ligação para lady Rowan, que estava na biblioteca lendo as edições vespertinas dos jornais.

– Maisie querida. Por onde andou? Achei que você tinha viajado.

– Não, lady Rowan. Andei ocupada.

– Excelente notícia. Mas você precisa mesmo vir nos visitar. Tem certeza de que não gostaria de se mudar para os apartamentos de cima? Eu sei que sempre pergunto, mas agora esta casa ficou tão grande. Nunca pareceu tão grande quanto agora. Talvez eu esteja diminuindo de tamanho. Costumam dizer isso sobre a idade.

– Não, lady Rowan. Não a senhora. Que tal eu a visitar esta semana?

– Sim. Definitivamente. Venha amanhã. E insisto em que você jante comigo e passe a noite aqui. Simplesmente não aceito que volte sozinha depois do escurecer, e sei que você vai recusar qualquer oferta para a levarmos em casa.

– Sim, lady Rowan. Vou ficar, mas apenas por uma noite. Está tudo bem?

Houve um silêncio do outro lado da linha.

– Lady Rowan, está tudo bem?

– Quero conversar com você sobre James. Pensei que talvez você tenha algum conselho para uma pobre mãe incompreendida.

– Lady Rowan...

– Sim, posso estar exagerando um pouco. Mas estou preocupada com ele. Tem falado em ir embora para viver numa fazenda em Kent. Isso me soa

estranho. Na verdade, mais do que estranho. Maisie, admito, temo por James. Ele tem estado profundamente melancólico desde a guerra, ao que parece, e agora isso!

- Com certeza. Farei tudo o que puder para ajudar – respondeu Maisie.
- Muito obrigada, minha querida. Que horas você virá?
- Às seis é uma boa hora?
- Perfeito. Vou avisar Carter. A Sra. Crawford ficará encantada em vê-la.
- Até logo, lady Rowan.
- Cuide-se, Maisie. E lembre-se: quero saber de tudo o que tem feito.
- Não deixarei nenhum detalhe de fora, lady Rowan.

As duas mulheres riram, despediram-se e recolocaram seus respectivos telefones no gancho. Sem esperar um segundo, Maisie verificou as horas no relógio. Esgueirou-se até a gaveta de sua mesa e tirou um pequeno livro-razão com a palavra “Telefone” marcada na capa. No interior, anotou que a ligação para lady Rowan Compton havia durado quatro minutos. Maisie guardou o livro-razão e fechou a gaveta antes de ir até a janela.

É claro que ela ofereceria a lady Rowan qualquer ajuda de que fosse capaz, porque lhe devia muito. E Maisie sabia também quanto as consequências da guerra haviam sido difíceis para James – mas talvez não tão duras para ele quanto para pessoas como Vincent. Ainda assim, Maisie se solidarizava com sua melancolia, que se devia mais a uma perda que ele ainda lamentava do que aos seus ferimentos de guerra. Maisie se perguntava se lorde Julian inquietava-se em relação à capacidade de seu único filho para salvaguardar os negócios da família, e ela tinha consciência de que lady Rowan não raro fora uma mediadora entre os dois. Alto, louro, de olhos azuis, James sempre tinha sido o orgulho da mãe. Anos antes, quando seu filho já não era uma criança, podia-se ouvir lorde Julian repreendê-la em mais de uma ocasião: “Você está mimando esse garoto, Rowan.” Agora, o enérgico e brincalhão James parecia deprimido e exausto. Lady Rowan ficou discretamente aliviada quando James, um ás da aviação, feriu-se – não no ar, mas durante uma explosão no solo. Ela sabia que ele se curaria de seus ferimentos e que o teria são e salvo em casa numa época em que tantos de seus contemporâneos recebiam notícias da perda dos filhos na guerra.

Maisie se afastou da janela e andou em direção à porta. Pegando seu sobretudo e seu chapéu do cabideiro, correu os olhos pelo quarto, apagou a luz e saiu do escritório. Ao fechar a porta, refletiu sobre como era curioso que um homem com recursos financeiros significativos, tempo e uma bela casa no campo fosse buscar sossego e assim dissipar seu humor sombrio indo viver na fazenda de um estranho. À meia-luz tremeluzente da lâmpada a gás, Maisie sentiu um calafrio percorrer o corpo. E ela soube que a sensação não foi causada pelo frio ou pela umidade, mas por uma ameaça – uma ameaça à família da mulher que ela mais estimava, a mulher que a ajudara a ser bem-sucedida em suas aspirações, as quais, não tivesse sido por ela, poderiam ter permanecido como um sonho não realizado.



PRIMAVERA DE 1910 - PRIMAVERA DE 1917

CAPÍTULO 8



Lady Rowan nascera em 1863 e crescera em pleno reinado da rainha Vitória. Ela era um deleite para seu pai, o quarto conde de Westavon, mas uma frustração para sua mãe, lady Westavon, que tinha o hábito de comentar que a filha era “uma dama apenas no nome”. Ficou evidente que, longe de se contentar com as atividades adequadas à sua posição social e à sua educação, ela preferia passar o tempo com seus cavalos e o irmão, Edwin, quando ele retornava da escola nos fins de semana. Desde a mais tenra idade ela questionava o pai, discordava da mãe e, quando começou a se desenvolver, levou seus pais a duvidarem se algum dia encontraria um marido.

Dez anos mais velho do que lady Rowan, Maurice Blanche era um amigo de escola do irmão dela. No início, ela ficara fascinada com Maurice durante os fins de semana em que Edwin o convidava para ir à sua casa depois da Marlborough School.

– Sua família mora na França, por isso pensei que talvez ele fosse gostar de dar uma escapada, para variar um pouco – disse Edwin, ao apresentar o menino baixinho e robusto que parecia não ter muito que dizer.

Mas, quando Maurice falava, a jovem Rowan se aferrava a cada palavra. O sotaque, resultado da mistura de um pai francês e uma mãe escocesa, a intrigava. À medida que crescia, lady Rowan percebia que Maurice circulava bem entre pessoas de todas as origens, muitas vezes modificando

ligeiramente o sotaque para ecoar as nuances e o ritmo da fala do seu interlocutor. O ouvinte notava uma vaga diferença e se aproximava mais dele, sorria com mais facilidade e provavelmente compartilhava uma confiança da qual ninguém mais tinha estado a par. Aos poucos, sua influência na vida de lady Rowan a estimulou e a inspirou, e, por sua vez, a confiança dele na opinião sincera dela tornou-se inabalável.

No decorrer de sua vida profissional, Maurice Blanche era bem considerado entre seus amigos e colegas filósofos, cientistas, médicos, psicólogos e membros do Judiciário. Sua carreira autodidata o tornou inestimável para uma extraordinária gama de pessoas, fossem ministros do governo, peritos criminais ou simplesmente aqueles que precisavam de informação.

Em 1898, quando lady Rowan e lorde Julian Compton comemoraram o décimo aniversário de casamento, ficou evidente para Maurice que Rowan precisava se envolver em outras coisas a não ser a agenda da alta sociedade de Londres. Seu filho único, James, acabara de ser enviado para uma escola preparatória, um momento inevitável, que lady Rowan temera. Durante uma discussão política acalorada, Maurice desafiou a enfática e obstinada lady Rowan a trocar suas próprias palavras por ações.

– Não basta dizer que você quer igualdade de direitos, Ro. O que pretende fazer quanto a isso?

Lady Rowan engoliu em seco. Logo depois, tornou-se uma aguerrida e ativa defensora do sufrágio feminino.

Onze anos mais tarde, lady Rowan Compton chocou Belgravia ao protestar em Westminster a favor do voto feminino e dos direitos iguais para as mulheres, fossem ricas ou pobres. Lorde Julian sofria com isso havia tempos, mas a verdade é que ele adorava Rowan e preferia pisar em ovos a deixá-la zangada. Quando questionado sobre o engajamento da mulher, lorde Julian apenas respondia: “Ah, você sabe como é, uma vez que Ro põe uma coisa na cabeça...”, e os outros assentiam em apoio e deixavam o assunto para lá, o que era exatamente o que lorde Julian desejava. No entanto, foi Maurice Blanche quem desafiou Rowan mais uma vez em relação ao seu comprometimento.

– Você protesta em Westminster e tem esses encontros com suas amigas sufragistas, mas o que está fazendo de concreto?

– Maurice, como assim, o que *estou fazendo*? Esta casa está sempre cheia de mulheres que se encontram três vezes por semana, e estamos avançando, não se engane!

Lady Rowan acabara de dar um gole em sua taça de xerez quando Maurice deu uma ordem:

– Vamos sair. Tenho algo para lhe mostrar. Mude de roupa. Uma saia simples e um blazer servem. E sapatos resistentes e confortáveis, Rowan.

Blanche se levantou e andou em direção à janela, sugerindo que ela se apressasse.

– Maurice, é melhor você ter razão...

– Vamos, Rowan, ou vou sem você!

Lady Rowan foi imediatamente até o quarto e, quando Nora, sua criada pessoal, apareceu perguntando se precisaria dela, foi dispensada.

– Não, está tudo bem, Nora. Eu consigo me resolver sozinha.

Lady Rowan se vestiu depressa, olhando para o espelho apenas de relance. Tinha uma bela aparência e sabia disso. Não que fosse convencionalmente bonita, mas, com sua altura e seu perfil aquilino, era marcante. Uma mulher atlética, jogadora de tênis exímia e determinada, equitadora talentosa, que havia sido uma esquiadora notoriamente destemida nas pistas de Wengen até completar 40 anos. Seu cabelo castanho, que já fora volumoso, havia se tornado ligeiramente mais opaco e matizado por fios cinzentos, mas por sorte seu peso pouco havia se alterado desde o casamento. No dia em que Maurice Blanche pediu que o acompanhasse, lady Rowan tinha 47 anos.

Ela estava animada. Maurice a incentivava numa época em que a vida perdera um pouco da emoção de sua juventude. Sim, ela estava engajada no movimento do sufrágio, tinha seus cavalos na propriedade rural, e, claro, havia a agenda da alta sociedade londrina, compromissos e diversões que ocupavam grande parte de sua vida na cidade durante a temporada de bailes e espetáculos. James já havia concluído a escola. Ela aguardara ansiosa para ter sua companhia em casa quando os anos escolares houvessem terminado, mas isso quase nunca acontecia, pois bastava ele voltar da cidade para logo

desaparecer outra vez. James agora era um homem, embora fosse ainda muito jovem.

Lady Rowan vibrava de expectativa à medida que se vestia, pois Maurice talvez lhe proporcionasse uma distração para preencher o vazio que só parecia aumentar com o passar dos anos. Ela voltou para a sala de estar e eles saíram de casa apressados. Os dois velhos amigos caminharam pela rua cercada de árvores sem precisar necessariamente conversar, apesar de lady Rowan estar arfando de curiosidade para saber aonde estavam indo.



– Não estou dizendo que você não é ocupada, Rowan. – Foi Maurice quem rompeu o silêncio. – De forma alguma. E a causa é válida para que as mulheres tenham um lugar relevante nesta sociedade. Elas precisam ter voz na política. E, na era moderna, ter uma rainha no trono não contribui em nada. Mas, Rowan, com você a voz sempre vem de um lugar seguro, não é?

– Você deveria ter visto o protesto, Maurice. Não foi de forma alguma seguro.

– Tenho certeza disso. Mas nós dois sabemos que não estou falando de protestos. Estou falando do lugar seguro em que permanecemos, circunscritos ao mundo em que nascemos. Sempre nadando nos confins de nosso oceano. Socialmente, intelectualmente...

– Maurice...

– Rowan, vamos falar sobre igualdade de direitos mais tarde, pois é isso que você diz que quer. Agora precisamos esperar o ônibus.

– Esperar o *quê*? Ah, eu lhe disse, Maurice, devíamos ter chamado um carro.

– Não, Rowan. Hoje estamos saindo de sua zona de conforto. Tenho aqui o dinheiro para nossas passagens.



Já havia escurecido quando eles voltaram para Belgravia em silêncio. Rowan

estava absorta em seus pensamentos. Muitas coisas a haviam perturbado, mas nada mais do que suas próprias emoções.

– Você vai entrar...

– Não, Rowan. Hoje você se cansou nadando em outro oceano. Um oceano que, apesar de ter sido discutido em suas reuniões e debates, você não poderia ter imaginado propriamente. A pobreza é algo que achamos que podemos entender por meio de uma descrição, mas só quando estamos próximos é que conseguimos ter noção do que significa a desigualdade.

– Mas o que podemos fazer?

– Não precisamos sofrer junto, Rowan. Talvez oportunidades se apresentem. Apenas temos que nos perguntar: “Como eu posso ajudar?” Boa noite, minha querida.

Maurice fez uma discreta reverência e então deixou Rowan no hall de entrada de sua casa imponente.

Ele a levava ao East End londrino. Primeiro, às feiras barulhentas, que a deixaram fascinada embora ela não conseguisse olhar para alguns dos meninos maltrapilhos que viviam nas ruas. Depois, para as profundezas das áreas mais pobres de Londres. E parecia sempre haver alguém ali que o conhecia.

– Boa tarde, doutor, tudo bem?

– Sim, tudo bem. E como está o mais novo?

– Melhorando, doutor. Graças ao senhor.

Rowan não perguntou nada sobre suas relações com aquelas pessoas que o vinham cumprimentar tão prontamente. Maurice de fato era médico depois de ter estudado na Escola de Medicina da King's College em Londres e, em seguida, no Departamento de Medicina Legal da Universidade de Edimburgo. Mas Rowan tinha a impressão de que ele não praticava mais. Pelo menos não com pessoas que ainda estivessem vivas.

– Para responder à pergunta que está estampada em seu rosto, Rowan, uma ou duas vezes por semana eu atendo mulheres e crianças em uma pequena clínica. Os pobres vivem numa grande escassez, constantemente necessitam de ajuda... para qualquer coisa. E, claro, trazer crianças ao

mundo de forma segura e prestar-lhes assistência quando estão doentes é uma experiência revigorante para mim.

Rowan tocou a sineta na sala de estar. Assim que chegara, ela havia dispensado Carter, o mordomo, mas agora ansiava por algo que a aquecesse por dentro.

Como posso ajudar? O que posso fazer? O que seria apropriado? O que Julian diria? Bem, isso era algo em que ela não precisava pensar naquele momento. Se Maurice era quem a desafiava, Julian era sua fortaleza.

– Pois não, vossa senhoria.

– Carter, eu gostaria de um pouco de sopa, por favor. Algo quente, simples, nada muito complicado. E um xerez, por favor.

– Muito bem, senhora. A cozinheira preparou uma saborosa sopa de legumes esta tarde, logo que as compras chegaram.

– Perfeito. Perfeito, Carter.

Carter serviu o xerez em uma taça de cristal e o ofereceu em uma bandeja de prata.

– Ah, Carter. Antes que eu esqueça. Gostaria de discutir sobre o jantar da semana que vem e sobre nossos convidados, os sócios nos negócios de lorde Julian. Amanhã, depois do café da manhã, peça à cozinheira que vá ao meu gabinete também. Às dez horas.

– Muito bem, vossa senhoria. Isso é tudo?

Mais tarde, quando lady Rowan terminou a sopa que foi trazida à sala de estar numa bandeja, ela se inclinou para trás na cadeira e refletiu sobre o que vira naquele dia, sobre a conversa com Maurice. *É tão fácil*, pensou. *Só preciso estalar os dedos e as pessoas vêm correndo. Igualdade. Maurice tem razão, posso fazer mais do que isso.*



Naquela noite da primavera de 1910, enquanto lady Rowan se preparava para o sono em sua casa imponente em Belgravia, uma garota de 13 anos chorava até conseguir dormir num quartinho de fundos de uma casa geminada escurecida pela fuligem no sudoeste de Londres. Seus cabelos

pretos como azeviche, soltos da trança esmerada e do laço roxo, espalhavam-se sobre o travesseiro, e os olhos de um azul intenso que tão facilmente refletiam alegria agora tinham olheiras e estavam vermelhos e cheios de lágrimas. Ela chorava por sua perda e também pelo pai, cujos soluços abafados ecoavam da cozinha no andar de baixo.

Maisie havia contido as lágrimas por dias, acreditando que, se o pai não a visse chorar, não se inquietaria por ela e seu sofrimento seria menor. E, a cada dia, com o coração em pedaços, ele se levantava nas primeiras horas da manhã, arreava o cavalo à carroça e enveredava para o mercado de Covent Garden.

Logo depois da morte de sua mãe, Maisie passara a dar três beliscões em seu braço direito antes de dormir, para garantir que despertaria às três da manhã, a tempo de preparar o chá do pai e passar sebo numa fatia de pão para ele comer diante do forno a carvão antes de sair em disparada para o mercado.

– Você não tem que fazer isso, minha querida. Posso cuidar de mim, Maisie. Volte a dormir. E lembre-se de trancar a porta depois que eu sair.

– Estou bem, pai. Você vai ver. Vamos ficar bem.

Mas Frankie Dobbs estava desconsolado. Um viúvo com uma filha de 13 anos. Ela precisava de mais do que aquilo, e Deus sabia como a menina e a mãe eram próximas, pensou Frankie. Não, ele tinha que encontrar para a menina algo melhor do que cuidar da casa.

Ah, eles tinham imaginado tantas coisas para Maisie, a criança que chegara tarde na vida deles e era, como diziam, a bênção em resposta a suas preces. Ela era brilhante, souberam desde o início. Na verdade, as pessoas comentavam que, ainda recém-nascida, parecia que Maisie conseguia olhar para uma pessoa e segui-la com os olhos. “Essa menina consegue ver através de você”, costumavam dizer quando ela ainda era um bebê de colo.

Os Dobbs tinham economizado para a educação de Maisie, para que ela pudesse continuar na escola e, quem sabe, até mesmo se tornar professora. Sentiam muito orgulho da menina. Mas o dinheiro, havia muito, fora gasto para pagar médicos, remédios e um fim de semana na praia, na esperança de que o ar fresco e salgado operasse um milagre. Nada havia funcionado.

Frankie agora estava sozinho com sua menina e tinha medo. Medo de não conseguir ir bem no trabalho e não ter o que dar a ela. Não, estava decidido. Ele tinha que encontrar um lugar para Maisie.

Para Frankie, parecia que até mesmo Perséfone, sua velha égua, havia perdido o controle dos próprios passos. Ele sempre se assegurara de que seu cavalo e sua carroça estivessem em bom estado – isso fazia diferença nos negócios. Frankie podia ser um verdureiro, mas isso não era desculpa para andar esfarrapado. Com sua calça passada toda noite sob o colchão, uma camisa branca limpa sem gola, um aseado lenço de pescoço de cores fortes, seu melhor colete de lã e uma boina de tecido casualmente virada para o lado, Frankie também estava sempre bem-apessoado. “Só porque uso minhas mãos para ganhar a vida, não quer dizer que não possa fazer isso no capricho”, costumava afirmar.

Quando subia no assento do condutor da carroça, ele ficava mais do que orgulhoso de seu cavalo lustroso com os tirantes de couro e latão reluzentes. Perséfone, uma Welsh Cob, trotava altiva pelas ruas, erguendo seus cascos bem alto, como se soubesse quanto era bonita. Mas, desde a morte da mãe de Maisie, o mal-estar de Frankie fora fortemente sentido por Perséfone, que agora trotava com inconstância, como se o luto da família tivesse adicionado dezenas de quilos à sua carga.

Na cozinha da casa em Belgravia, pela manhã, Carter e a cozinheira de lady Rowan, a Sra. Crawford, estavam em plena discussão sobre os planos do jantar daquela semana.

– A que horas o Sr. Dobbs estará aqui, Sra. Crawford? A senhora precisará de uma lista completa de hortaliças frescas para mostrar a lady Rowan, e o cardápio deve estar planejado para a semana.

A cozinheira revirou os olhos. Ora, aquilo era justamente do que ela precisava: que lhe dissessem como fazer seu trabalho!

– Sr. Carter, as sugestões para o cardápio já foram entregues. Pedi que o Sr. Dobbs desse uma passada aqui hoje e me trouxesse uma lista do que está fresco no mercado esta semana. Ele vai sair do caminho dele para se colocar à nossa disposição, pobre homem.

– Sim, Sra. Crawford. O Sr. Dobbs com certeza não tem tempo para mais

nada. Concorde totalmente.

Fora da entrada dos fundos da casa, um cavalo e uma carroça pararam de repente. Eles puderam ouvir Frankie Dobbs conversar com Perséfone, ajeitar seu bernal de aveia, dizer-lhe que não demoraria e, finalmente, desceu as escadas que levavam à porta dos fundos na cozinha.

– Agora é ele. – A cozinheira esfregou as mãos num pano e foi atender a porta.

– Sr. Dobbs – disse, colocando-se de lado para que Frankie pudesse entrar na sala grande e aquecida.

Quando ele tirou a boina de tecido, a Sra. Crawford lançou um olhar de relance para Carter, franziu o cenho e balançou a cabeça. Frankie Dobbs parecia pálido e cansado.

– Bom dia, Sr. Dobbs. Como vai? – perguntou o mordomo.

– Levando tudo em conta, até que vou bem. E o senhor?

Era uma resposta vaga, e tanto a cozinheira quando Carter trocaram olhares outra vez. Aquele não era o Frankie Dobbs jovial e robusto com quem costumavam lidar.

– Trouxe uma lista com as melhores hortaliças e frutas da semana. Se eu levar o pedido hoje, consigo entregá-las amanhã de manhã. Os brócolis e as couves-de-bruxelas estão mesmo com um ótimo aspecto, e, claro, há alguns repolhos caprichados no mercado. Sei que sua senhoria gosta de um belo repolho.

– Ela certamente gosta, Sr. Dobbs. – A cozinheira tomou de Frankie o pedaço de papel amarfanhado e correu os dedos pela lista de hortaliças. – Acho que vamos precisar de um pouco de tudo esta semana. Casa cheia, sabe?

– Certo. – De pé na cozinha, com embaraço, Frankie manuseava sua boina. – Eu estava pensando, Sr. Carter, se eu poderia falar uma coisa com o senhor. Com o senhor e com a Sra. Crawford.

– Claro, sente-se à mesa. Sra. Crawford, uma xícara de chá para o Sr. Dobbs. O que podemos fazer?

Carter fitou Frankie do outro lado da pesada mesa de pinho.

– Bem, é sobre a minha menina. Ela é uma mocinha inteligente, muito

inteligente... – Frankie titubeou, olhou para suas botas lustrosas e torceu a boina. – Desde que a mãe morreu, bem, a gente ia mandar a menina para a escola grande... e ela conseguiu uma bolsa de estudos e tudo... mas tem o dinheiro para as roupas especiais e os livros, e com as contas do médico...

A cozinheira pousou uma xícara diante de Frankie, acercou-se e cobriu a mão dele com a sua.

– O senhor é um bom homem. Fará o que é correto para a jovem Maisie.

Frankie se encolheu ao ouvir o nome da filha, temeroso com o que estava prestes a indagar.

– Eu estava me perguntando se haveria aqui uma vaga para a minha Maisie, por exemplo. Um serviço. Ela é uma boa garota. Trabalhadora. Muito inteligente. Os senhores não precisarão falar duas vezes. Ela tem boas maneiras e fala bem. A mãe, que sua alma descanse em paz, se ocupou disso. Acho que, depois de um tempo, ela poderá voltar para a escola noturna, veja. Recomeçar de onde parou. Ela adora estudar, a minha Maisie.

Carter e a cozinheira se entreolharam de novo, e o mordomo foi logo dizendo:

– Sr. Dobbs, parece que chegou na hora certa e que ouviu as nossas preces, não foi, Sra. Crawford?

A cozinheira olhou para Carter e assentiu. Ela não fazia a menor ideia do que ele estava falando.

– Uma de nossas empregadas mais jovens recentemente deixou o serviço. Precisamos de alguém. Peça à sua menina para vir aqui hoje às cinco horas. Ela pode vir pegar o pedido para a entrega de amanhã. Acho que a senhora ainda tem que verificar as quantidades, não é mesmo?

A cozinheira assentiu e examinou a lista de hortaliças outra vez. Ambos sabiam que nunca precisavam dizer as quantidades para Frankie Dobbs, e ele lhes traria exatamente o que era necessário. Carter prosseguiu:

– Vou entrevistá-la, apenas para ter certeza de que ela se encaixa na vaga.

Frankie suspirou aliviado.

– Obrigado, Sr. Carter, Sra. Crawford. Agora vou embora. Maisie estará aqui pontualmente às cinco.

O homem enlutado saiu apressado e, antes de conduzir seu cavalo para

longe, pôs a cabeça contra o focinho úmido de Perséfone e disse em lágrimas:

– É para o bem dela – sussurrou. – É para o bem dela.

Aquela foi a primeira vez que ele chegou a ter uma “conversa” com a filha. Quando Frankie deu a notícia a Maisie – eram tempos difíceis, ele só estava pensando nela, queria que ela ficasse protegida e a casa dos Comptons era um ótimo lugar para trabalhar –, observou as lágrimas surgirem em seus olhos, seu maxilar se retrair pelo esforço de não ceder à pressão do choro, e ambas as mãos delicadas, de dedos longos, se contraírem na lateral do corpo.

– Mas, pai, você sabe que precisa de mim aqui. Posso ajudar. Eu ajudei quando a mamãe estava doente. Posso conseguir outro trabalho, posso até fazer esse trabalho e voltar para casa à noite.

– Maisie querida, vamos continuar nos vendo, você sabe disso. Aos domingos à tarde podemos ir ao parque, dar uma volta, tomar chá. Podemos visitar a vó e o vô. Mas, pelo menos, você terá um lugar, um bom emprego. E logo mais poderemos colocá-la na escola noturna, para recuperar o que perdeu das aulas. Estou fazendo tudo que posso, querida. Não sobrou dinheiro, há contas a pagar. Nem sei se vou conseguir mais pagar o aluguel desta casa. Sua mãe se foi...

Maisie se virou quando ele se aproximou, deu as costas e olhou pela janela. Eles nunca tinham sido ricos, de forma alguma, mas costumavam ter o suficiente mesmo para alguns gastos adicionais. Agora não restara nada e precisavam correr atrás do prejuízo. Depois ficariam bem. Resignada, ela deu um suspiro profundo.

– Pai, se eu trabalhar na casa de lady Rowan e mandar o dinheiro para você e pagarmos as contas, vou poder voltar depois?

– Ah, querida. E o que você faria? Eu estava aqui pensando que você poderia seguir adiante a partir daí. Talvez sair de Londres, dessa fumaça toda. Ela tem uma casa no campo, sabe. Lá pelos lados de Kent. Uma mulher assim tem contatos. Você vai estudar à noite, poderá arrumar um trabalho como professora particular em uma dessas casas-grandes. Não vai querer voltar para cá. Sua mãe e eu tínhamos tantos planos para você, querida.

Seu pai estava mais do que cansado. Os dois estavam mais do que cansados. Cansados demais para essa conversa. Mas ela iria até a casa de lady Rowan conversar com esse Sr. Carter. *E acreditem, vou trabalhar dia após dia nesse lugar*, pensou Maisie. *E por minha própria conta. Vou trabalhar com tanto afinco que poderei cuidar do pai. Ele não vai mais precisar acordar às três horas da manhã quando eu tiver feito meu trabalho.* Maisie fingiu que não estava pensando nessas coisas e ficou olhando para o nada com os olhos virados para a parede. *Vou mostrar quem pode cuidar dele.* Maisie suspirou, então abriu os braços e o abraçou na altura da cintura.

– Pai, eu vou. Você está certo. Annie Clark, desta rua, agora está empregada. E também Doreen Watts. Muitas meninas estão. Vai dar tudo certo. Vou falar com o Sr. Carter. Não o desapontarei, pai.

– Ah, minha querida. Você nunca poderia me desapontar.

Frankie Dobbs abraçou a filha com mais força por alguns instantes e depois a afastou.

– Preste atenção, vou dizer para onde você vai.

Maisie Dobbs observou seu pai tirar um cotoco de lápis do bolso do colete, umedecer o grafite com a língua e começar a rabiscar as coordenadas no verso de um pedaço de papel.

CAPÍTULO 9



Alguns dias depois de ser admitida como criada, Maisie retornou para a mansão branca de quatro andares no bairro londrino de Belgravia, no extremo sul da Ebury Place. Antes de se apresentar para o trabalho, ficou de pé em frente ao prédio e olhou para cima, perguntando-se como seria entrar numa casa daquelas pela porta da frente. Passando da mão esquerda para a direita a bolsa de lona contendo roupas, escovas de cabelo e muitos livros, Maisie pegou um lenço do bolso de seu casaco e enxugou os olhos, esperando que já não houvesse sinal das lágrimas que escorreram no ônibus vindo de Lambeth. Ela suspirou e, dirigindo-se até a lateral esquerda da casa, ergueu os ombros e se apoiou no corrimão de ferro forjado enquanto descia os degraus de pedra que conduziam à cozinha.

Depois de ser recepcionada por Carter e pela Sra. Crawford, Maisie levou seus pertences para o último andar da casa. O último andar da casa, o ático a que se tinha acesso pelas “escadas dos fundos”, com entrada pela cozinha. Ela dividiria o quarto com Enid.

Enid era uma jovem muito vivaz de 16 anos, com ruge nas bochechas e um pouco de batom nos lábios, e que havia conquistado tal posição de autoridade na casa que seria chamada para servir na sala do café da manhã a partir do dia seguinte. Magra e desengonçada, Enid foi bastante simpática com Maisie, que sentia que, naquelas circunstâncias, nunca mais teria motivos para rir outra vez.

– Aquela cama ali é a sua – foi a frase de boas-vindas ao quarto que iriam compartilhar. – Fique à vontade. Acordamos cedo toda manhã. Às quatro e meia, cinco no máximo, então espero que você não ronque e me deixe dormir.

Com aquela provocação, abriu um largo sorriso para Maisie, franzindo o nariz sardento. Enid estava tentando melhorar seu jeito de falar, convencida de que, para chegar a algum lugar na vida, precisava tratar de falar com elegância. Assim, ela introduzia nas frases algumas palavras pomposas de um jeito forçado.

– Já trabalhou antes em algum lugar ou este é o seu primeiro *ofício*? – perguntou Enid.

– Não, este é o meu primeiro. Minha mãe morreu e meu pai achou melhor...

Enid assentiu. Ela nunca sabia o que dizer quando se confrontava com uma perda.

– Bem, estou certa de que você vai ser *bem-sucedida*. Você é alta, não tanto quanto eu, veja bem, só que mais alta do que algumas das meninas baixinhas. Eles acham que as altas sempre trabalham bem, são logo promovidas para servir à mesa, isso porque ficamos melhor nos uniformes, mais... você sabe... *apropriadas para as ocasiões*. E você não os verá lá em cima testando se somos mesmo honestas, como, por exemplo, colocando uma moeda embaixo do carpete e *espreitando* para ver se vamos pegar ou deixar ali. Bem, venha, Dobbsie, vou lhe mostrar a casa. Venha comigo.

Com a mão sobre o ombro de Maisie, Enid a conduziu por um corredor pouco iluminado que levava à cozinha.

Carter havia decidido apresentá-la aos outros no café da manhã. Maisie sabia que, em algumas casas, os membros da criadagem só eram apresentados depois que haviam alcançado certa posição na hierarquia – às vezes nem isso. Essa prática foi modificada na residência dos Comptons quando lorde Julian pediu a uma criada que informasse a lady Rowan que ele tomaria o chá com a esposa na sala de estar, ao que a criada respondeu: “Sim, senhor. E quem devo anunciar?” Lady Rowan ficou chocada e, desde

então, insistiu em conhecer todos que estivessem morando sob seu teto, mesmo que a apresentação fosse breve.

– Vossas senhorias, permitam-me apresentar nossa nova criada, a Srta. Maisie Dobbs.

Carter estendeu a mão em direção a Maisie, que deu um passo à frente fazendo uma mesura e, depois, com um passo para trás, voltou ao seu lugar ao lado de Carter.

Lorde e lady Rowan foram cordiais ao receber Maisie no ambiente doméstico, dizendo que tinham absoluta certeza de que ela seria feliz ali. Depois desse rápido encontro, ela saiu da sala de jantar com Carter, desceu com ele até a área das cozinhas e recebeu suas instruções para o dia.

– Por Deus, Julian, que garota notável.

Lorde Compton encarou a esposa por sobre uma página dobrada do *Times*.

– Notável. Sim, sim, suponho que sim. Muito jovem.

– Sim, muito jovem. Muito... Havia algo nela, não acha?

– Hum? Nela quem? – Lorde Julian continuava a ler seu jornal.

– Na Srta. Dobbs. Algo diferente, não acha? Julian, você está me ouvindo?

– Hum? Ah, Rowan. Sim. Srta. Dobb, Dobbins... qual era mesmo o nome? Dobbs? – Lorde Julian olhou pela janela, tentando se lembrar da conversa. – Sabe, Rowan, acho que você tem razão. Podem ser aqueles olhos. De um azul muito profundo. Não se veem olhos como aqueles com frequência.

– Julian. Não creio que seja a cor dos olhos. Não é nada de concreto.

Lady Rowan passava manteiga e geleia em uma fina fatia de pão enquanto lorde Julian seguia para a página seguinte do jornal matutino.

– Sim, querida, provavelmente não é nada concreto.

Em poucos dias, a maior parte das pessoas concordava que Maisie Dobbs de fato havia se adaptado bem à vida na residência dos Comptons. Seu dia começava às quatro e meia, quando ela se levantava e despejava água fria da jarra do lavatório em uma grande bacia de porcelana. Ela molhava o rosto e umedecia um pano para lavar o corpo antes de se vestir apressada, e então descia na ponta dos pés para o nível mais baixo da casa, onde enchia baldes de carvão.

Sua primeira tarefa do dia era levar os pesados baldes de carvão para a sala do café da manhã, para a sala de estar, para o gabinete de lorde Compton, para a sala matinal e para o hall. Ajoelhando-se perto de cada lareira, afastava a tela protetora de ferro preta, varria as cinzas da véspera e as colocava num balde para carvão velho e vazio. Depois, enrolava folhas de jornal do dia anterior, que posicionava na grelha da lareira e, com cuidado, por cima delas, depositava gravetos ressecados. Com um fósforo, fazia uma chama com as folhas.

À medida que o fogo lambia a madeira, Maisie se inclinava para a frente e equilibrava os pedaços de carvão, um a um, sobre a madeira que começava a queimar. Depois, sentava-se a certa distância e, por alguns instantes, ficava observando o fogo crepitar e arder num clarão. Quando enfim a madeira e o carvão estavam em brasa, ela varria os pedacinhos e a poeira do carvão, junto com as cinzas, para baixo da grelha, substituía a parte de cima, colocando mais pedaços de carvão no monte, antes de dar uma rápida espanada na lareira. Então passava para o próximo cômodo.

Quando terminava de acender as lareiras de cada um dos cômodos, era hora de encher os baldes de carvão outra vez e alimentar o fogo para que o ambiente estivesse preparado para aquecer aqueles que tinham tempo de se sentar diante de uma lareira – os que tinham tempo de se manter quentes por meio de alguma coisa que não fosse o trabalho pesado.

Ao longo do dia, Maisie fazia a faxina, cuidava de pequenas incumbências para a cozinheira e, normalmente, ficava à disposição de qualquer um que estivesse acima dela na hierarquia, ou seja, quase todos na casa. Mas as tarefas do dia traziam para Maisie uma calma que ela não sentia desde antes de sua mãe adoecer. Ela apenas precisava seguir as instruções que os outros lhe davam e, no decorrer dos dias, fosse engraxando as lareiras, varrendo as escadas ou limpando os móveis, sobrava tempo para pensar – pensar no que ainda aconteceria.

O “dia de folga” de Maisie era a tarde de domingo. Assim que o pesado relógio na prateleira de cornija sobre o fogão da cozinha repicou uma única vez ao cravar as onze e meia, Maisie esperou a cozinheira olhar para ela e menear a cabeça em direção à porta.

– Muito bem, menina, pode ir. E volte num horário decente!

Não havia motivo para preocupação, pois Maisie não teria onde estar a uma hora indecente.

Desamarrando o avental ao disparar da cozinha até o quarto das criadas e subindo pelas escadas dos fundos, Maisie pensava que suas pernas nunca a deslocariam tão rápido quanto sua mente gostaria. Ela se trocou depressa, vestindo uma saia longa preta que pertencera à mãe e uma blusa limpa de algodão. Conferiu seu reflexo no espelho apenas uma vez, pressionou o chapéu na cabeça e alcançou o casaco e o porta-níqueis antes de sair apressada novamente pela porta do quarto. Estava indo ver o pai, sabendo que ao meio-dia ele sacaria o relógio de bolso do seu colete e daria um sorriso para si mesmo. Frankie Dobbs não via a hora de sua menina chegar em casa para que pudessem passar algumas horas juntos, uma pausa preciosa numa exaustiva semana de trabalho.

Aos domingos, Frankie sempre podia ser visto no estábulo onde guardava sua égua, sob os arcos que faziam parte da construção da ponte de Waterloo, no trecho sul do Tâmsa. Domingo era dia de lavar o animal da cabeça ao casco, lubrificar as correias de couro, polir o latão e garantir que a carroça estivesse preparada para mais uma semana de trabalho. Era uma manhã tranquila, e ainda mais agradável porque ele sabia que logo os passos de Maisie ressoariam nas ruas de paralelepípedo que levavam ao estábulo.

– Meu bem, você é um colírio para os meus olhos cansados. Como está, minha menina?

– Bastante bem, pai. Estou bastante bem.

– Deixe eu acabar logo com isso e então iremos para casa tomar chá.

Trabalharam juntos no estábulo e finalmente deixaram a égua descansar pelo resto do dia. Depois do chá, Frankie se vestia com sua melhor roupa de domingo, e pai e filha pegavam um ônibus até o Brockwell Park, onde andavam juntos antes de parar para comer o lanche que tinham levado.

– Você precisa ver a biblioteca, pai! Nunca vi tantos livros no mesmo lugar. Paredes inteiras cheias deles. Sobre todos os assuntos.

– Você e seus livros, garota. Continua lendo?

– Sim, pai. Toda quarta-feira à tarde vou à biblioteca pública. A Sra.

Crawford me manda até lá com uma lista para ela e para o Sr. Carter, e eu também pego livros para mim. Mas, veja bem, Enid diz que não consegue dormir com as luzes acesas, então não posso ler por muito tempo.

– Tome cuidado com seus olhos, minha menina, você só tem dois, lembra?

– Pai!

– Tudo bem, estou implicando com você. E quanto ao resto do pessoal lá de baixo, como eles são, hein?

Pai e filha estavam sentados num banco de madeira, contemplando um canteiro de flores.

– Bem, você conhece o Sr. Carter e a Sra. Crawford.

– Esses, sim. Boa gente, os dois.

– Bem, enfim. A Sra. Crawford é chamada de “Cozinheira” e de “Sra. Crawford” sem nenhuma... bem, sem nenhuma regra para isso.

– O que quer dizer, querida?

– Quero dizer que às vezes ela é chamada de “Cozinheira” e às vezes de “Sra. Crawford”, sem que haja um padrão... às vezes falam os dois nomes numa única frase.

Frankie mastigava um sanduíche e acenava para que Maisie continuasse a contar.

– Há dois lacaios, Arthur e Cedric, e a criada de sua senhoria, Nora. Ela é um pouco quieta. Parece que na casa-grande, em Kent, há mais funcionários e um zelador, o Sr. Johnson. E há algumas copeiras, Dossie, Emily e Sadie, que ajudam a Sra. Crawford na cozinha, além, claro, de Enid.

– E que tal ela?

– Ela tem um cabelo da cor do fogo em chamas, pai. Vermelho de verdade. E quando ela escova o cabelo à noite, ele vem até aqui.

Maisie estendeu as mãos para indicar o comprimento dos cabelos, o que fez Frankie rir. Havia algo que ele custava a compreender: como ela podia parecer uma criança num minuto e uma mulher madura no minuto seguinte?

– Ela é boa para você, minha querida?

– Ela é legal. Muda da água para o vinho. Num minuto ela parece muito

alegre e animada e, logo depois, bem, eu até trato de sair de perto dela.

– Eu bem podia ter imaginado. Essas ruivas são sempre assim. Lembre-se, amor, quanto mais autêntica você for, mais vai parecer que está calçando ferraduras. E elas vão manter você firme no chão quando Enid mudar da água para o vinho. Com esse tipo de gente, é a saída.

Maisie assentiu, assimilando esse importante conselho, e continuou a sua história:

– A outra coisa sobre Enid é que eu acho que ela tem uma queda pelo menino James.

Frankie riu novamente.

– Ah, estou vendo que não demorou muito para você ficar sabendo dessas fofocas! Como ele é, esse James? Um pouco velho para ser chamado de “menino”, não?

– Bem, aparentemente, como ouvi a cozinheira dizer, lorde Compton deu instruções para que o menino James seja chamado de “menino” até que ele prove seu valor. Ou alguma coisa assim. Ele vai até a cozinha às vezes, sabe, à noite, depois do jantar. Eu o observei. Vai até lá para ver a cozinheira e, quando passa perto de Enid, sempre dá uma piscadela. Ela fica com o rosto todo vermelho e olha para o outro lado, mas sei que gosta dele. E a cozinheira faz de conta que está ralhando por ele ficar lá na cozinha dela, como se ainda fosse um garotinho, mas depois ela aparece com um prato de biscoitos de gengibre e ele come tudo, de pé ali na cozinha! O Sr. Carter fica possesso, fica mesmo!

– Imagino! O Sr. Carter gosta de tudo organizado. Bem, agora me conte sobre a casa.

Maisie sorriu, satisfeita por estar na agradável companhia do pai, um homem que era conhecido por ser exatamente quem aparentava e não se dar ares de arrogância. E Frankie Dobbs estava mais tranquilo. Tudo era mais fácil agora que sabia que sua filha estava em boas mãos e que as contas estavam sendo pagas. Sim, pensou Frankie Dobbs, enquanto caminhava com sua filha pelo parque, tudo era mais fácil.



Maisie estava fascinada pela biblioteca. Era bastante frequentada, pois tanto lorde Compton quanto lady Compton gostavam de literatura, de política e de se manter atualizados em relação ao sofisticado meio intelectual londrino. Mas quando Maisie abria a porta e chegava com o balde de carvão às cinco da manhã, o lugar estava muito silencioso. As suntuosas cortinas de veludo protegiam a sala das correntes de ar e permitiam que o calor se infiltrasse em cada ângulo depois que ela havia acendido o fogo para quem fosse usar a biblioteca pela manhã.

A cada dia ela se demorava ali um pouco mais antes de se ajoelhar diante da lareira, antes de suas mãos se sujarem ao acender o fogo. A cada dia, ela aprendia um pouco mais sobre a profundidade e a amplitude do conhecimento preservado na biblioteca dos Comptons, e a cada dia sua curiosidade aumentava. Aos poucos ela foi ficando mais corajosa, primeiro tocando com hesitação a encadernação de couro enquanto lia o título na lombada de um livro, depois tirando a obra do lugar na estante e abrindo as delicadas páginas de papel fino e translúcido no início do volume.

A biblioteca se apoderava da imaginação de Maisie, fazendo a pequena biblioteca pública com a qual estava familiarizada parecer uma concorrente muito fraca, em sua opinião. De todos os ambientes da casa, aquele era o que ela mais amava. Certa manhã, ao guardar um livro para enfim se ocupar da lareira, um pensamento lhe ocorreu.

Depois da morte de sua mãe, ela se acostumara a acordar às três da manhã para preparar o chá do pai. Isso não lhe causara nenhum mal. Na verdade, ela considerava que acordar às quatro e meia era como dormir até tarde. Assim, por que não poderia se levantar à três horas e descer até a biblioteca? Ninguém ficaria sabendo. Enid não acordaria nem se o telhado caísse sobre sua cabeça, e, afinal de contas, desde a semana anterior Enid começara a subir tarde para dormir. Sabe-se lá onde tinha estado, mas certamente não era fora da casa, pois à noite Carter trancava a propriedade como se fosse o Banco da Inglaterra. Maisie temia que Enid pudesse estar com o menino James. Havia apenas duas semanas, ao sair da sala de estar de lady Rowan, aonde a tinham mandado recolher uma bandeja à noite, Maisie viu Enid e James juntos no patamar do primeiro andar. Sem que a notassem,

ela observou James passar os dedos pelo cabelo fino e continuar conversando com Enid, os olhos cinzentos atentos à resposta dela para a pergunta que fizera. Ele perguntara mesmo alguma coisa? Certamente, pois ela viu Enid balançar a cabeça e fitar o tapete, enquanto arrastava o pé direito para a frente e para trás pelas fibras do tapete.

Agora, Enid não voltava mais para o quarto antes da meia-noite – o que significava que, felizmente, ela estaria dormindo profundamente por volta das três horas. Maisie resolveu ir à biblioteca quando a casa estivesse adormecida. Naquela noite, antes de puxar as cobertas e apagar a pequena luminária ao lado da cama, Maisie beliscou com força a pele de seu braço direito três vezes para garantir que acordaria a tempo de pôr seu plano em ação.

Na manhã seguinte, acordou com facilidade às três horas. O frio que tomava conta do quarto do sótão quase a fez desistir do plano, mas ela se levantou, determinada a ir até o fim. Lavou-se e se vestiu quase sem fazer barulho, rastejou para fora do quarto segurando os sapatos e um cardigã e, no escuro, foi tateando o caminho até embaixo. A uma silenciosa distância, o relógio da cozinha repicou uma vez, indicando que quinze minutos haviam se passado desde as três. Ela teria quase duas horas antes que os baldes de carvão precisassem ser enchidos.

A biblioteca estava silenciosa e imersa na escuridão quando Maisie entrou. Fechando a porta depressa, acendeu as lâmpadas e foi caminhando até a seção de filosofia. Era por ali que começaria. Não estava muito certa quanto ao livro que daria início ao plano, mas sentiu que bastava começar por algum lugar e as coisas evoluiriam à medida que ela seguisse em frente. A sensação que experimentou ao ver os livros foi como a fome que sentia quando a comida era servida à mesa ao fim de um dia de trabalho. E teve certeza de que precisava desse sustento como o corpo precisa de energia.

Os dedos de Maisie tamborilaram as lombadas dos livros, até que ela não conseguiu mais conter seu impulso. Em poucos minutos, estava sentada à mesa, abrindo as *Obras filosóficas* de David Hume e aproximando o abajur para iluminar as páginas. Maisie pegou um caderninho e um lápis do bolso de seu avental, apoiou-os sobre a mesa e escreveu o título do livro e o nome

do autor. E leu. Por uma hora e meia, Maisie leu. Leu e compreendeu sobre um assunto do qual mal ouvira falar.

Quando o relógio da biblioteca badalou quinze minutos para as cinco, Maisie se dobrou sobre o caderno e escreveu um resumo do que havia lido, do que compreendera e de suas dúvidas. Bateram cinco horas no relógio. Maisie pôs o caderno e o lápis no bolso do avental, fechou o livro, devolveu o exemplar à estante com muito cuidado, apagou a luz da mesa e deixou a sala. Fechou a porta silenciosamente e desceu com rapidez para encher os baldes de carvão. Um pouco mais tarde, ela reabriu a porta da biblioteca. Sem olhar para as estantes – como se fazer contato visual com as lombadas dos amados livros fosse um movimento suspeito –, depositou no chão o balde de carvão e se ajoelhou diante da grelha para montar e acender a lareira.

Em todos os dias úteis, pela manhã, Maisie se levantava às três horas para frequentar a biblioteca. Às vezes uma festa na casa podia manter os Comptons acordados até a madrugada, e a mudança na rotina tornava as expedições à biblioteca um risco que não poderia correr. Gostavam dela na casa, apesar de ela só ter falado com lorde e lady Compton uma única vez, logo que chegara.



Duas e meia. Maisie saiu da cama de fininho. Era mais cedo do que o habitual, mas não estava conseguindo dormir. Tinha ido para a cama cedo, então não havia problema em se levantar naquela hora. Enid dormia profundamente, o que pouco surpreendeu Maisie, pois não fazia muito tempo que a garota fora para a cama. Ela estava se tornando uma notívaga, essa Enid, enquanto Maisie agora madrugava. Qualquer dia, as duas acabariam se encontrando no corredor, pensou Maisie. *E então vamos precisar ter uma conversa.*

A casa estava silenciosa, apenas o tique-taque do relógio a acompanhava até a biblioteca. Nessa época, quando ela entrava na sala, era como se estivesse caindo nos braços de um velho amigo. Até mesmo os tentáculos do

frio recuavam quando acendia a luz, colocava o caderno e o lápis sobre a mesa e caminhava em direção às estantes. Ela retirou o livro que estivera lendo nos últimos três dias, sentou-se à mesa, localizou a passagem onde tinha parado e recomeçou a leitura.

Frankie Dobbs sempre dizia que, quando estava lendo, Maisie tinha “ouvidos moucos”. Ela sempre parecia saber instintivamente que horas eram e o momento em que devia parar de ler para resolver alguma incumbência ou dar conta de algum afazer, mas, como Frankie afirmava: “Esses ouvidos não funcionam quando você está com a cara enfiada num livro.” E ele a amava ainda mais por isso.



Lorde e lady Compton se encontravam em plena temporada londrina, que lady Rowan adorava em virtude de sua agitação, mesmo que ela precisasse tolerar algumas pessoas que considerava “insignificantes”.

Felizmente, os eventos que seguiam noite adentro costumavam cair no sábado ou no domingo, mas aquele convite, no meio da semana, era imperdível: um jantar intimista, e ainda assim suntuoso, com uma das anfitriãs mais falastronas.

– Graças a Deus existe alguém com a boca maior do que a minha – confidenciou lady Rowan ao marido.

Entre os convidados incluíam-se alguns dos maiores expoentes literários da Europa. Era uma oportunidade para conversas profundas, definitivamente imperdível. Maurice Blanche os acompanharia, um fato raro, pois ele era conhecido por se esquivar dos encontros da sociedade.

Após o jantar, a conversa se estendeu até depois da meia-noite. Maisie já tinha descido de fininho até a biblioteca quando lorde e lady Compton, acompanhados por Maurice Blanche, despediram-se de sua anfitriã, agradecendo profusamente pela noite maravilhosa. Chegaram a casa às três da manhã. Carter havia recebido instruções para não se levantar, mas deixou uma bandeja preparada com um jantar leve na sala de estar. Lady Rowan

continuava polemizando os assuntos da noite enquanto lorde Julian abria o caminho.

– Veja, Maurice, dessa vez você está enganado. Semana passada mesmo eu estava lendo... onde é que eu estava lendo?... ah, sim, naquele livro novo. Você sabe, Julian, qual era o título? Não importa, eu estava lendo sobre uma nova hipótese que contesta inteiramente a sua opinião.

– Rowan, será que poderíamos, por favor... – interrompeu lorde Julian.

– Julian, não, não podemos. Sirva uma bebida para Maurice. Vou encontrar o livro, aí você vai ver!

– Como queira, Rowan. Estou muito curioso para ver o que você anda lendo. Uma oportunidade para aprender sempre é bem-vinda – disse Maurice Blanche.

Enquanto os homens se acomodavam perto das brasas da lareira na sala de estar, lady Rowan subiu até a biblioteca tempestuosamente. Maisie Dobbs estava absorta em seu livro. Ela não ouviu nem os passos na escada nem lady Rowan se aproximar. Não ouviu nada, até que lady Rowan começou a falar. E ela não disse nada antes de observar Maisie por alguns minutos, vendo como a menina colocava na boca a ponta de sua trança de cabelo preto e grosso, profundamente concentrada. Aqui e ali, ela voltava uma página, relia a frase, assentia, e continuava a ler.

– Com licença, Srta. Dobbs.

Maisie ficou sentada e fechou os olhos com força, quase sem acreditar que uma voz havia se dirigido a ela.

– Srta. Dobbs!

Maisie pulou da cadeira, virou o rosto para lady Rowan e fez uma medida rápida.

– Desculpe-me, vossa senhoria. Peço perdão. Não danifiquei nada.

– O que está fazendo, menina? – perguntou lady Rowan.

– Lendo, senhora.

– Bem, isso eu posso notar. Deixe-me ver esse livro.

Maisie se virou, pegou o livro que estava lendo e o entregou a lady Rowan. Raios, agora ela estava enrascada.

– Latim? Latim! Por que diabos você está lendo latim?

– Hum... bem. Hum... Eu precisava aprender – respondeu Maisie.
– Você precisava aprender? Por que você precisa aprender latim?
– Os outros livros têm frases em latim, então eu precisava aprender. Quer dizer, para entender os outros livros.

Maisie balançava o corpo de um lado para outro. Ela queria ir ao banheiro. Por sua vez, lady Rowan ficou olhando para Maisie de um jeito severo e, no entanto, sentia uma estranha curiosidade, queria saber mais sobre a garota que antes de qualquer coisa ela já achava incomum.

– Que outros livros? Mostre-me – pediu lady Rowan.

Maisie foi descendo os livros um por um, com as mãos trêmulas e as pernas bambas à medida que se deslocava de uma estante a outra na biblioteca. O que aconteceria a seguir só poderia ser ruim. Muito ruim. E ela desapontaria seu pai. Como poderia contar a ele que fora demitida? O que ele diria?

Maisie estava tão assustada que não percebeu que, em sua curiosidade, lady Rowan havia esquecido a formalidade com a qual habitualmente se dirigiria a uma criada. Ela perguntou a Maisie sobre os livros que havia escolhido, e Maisie, sacando seu caderno, narrou o que tinha aprendido em sua leitura, e que perguntas, por sua vez, haviam levado a cada texto.

– Minha... minha jovem. Você *tem* estado ocupada. Tudo o que consigo lembrar em latim é o fim deste verso: “Primeiro matou os romanos, e agora está me matando!”

Maisie olhou para lady Rowan e sorriu. Ela não tinha certeza se aquilo era uma piada, mas não pôde evitar abrir um sorriso. Foi a primeira vez que ela sorriu de verdade desde que chegara à casa. A expressão não passou despercebida por lady Rowan, que ficou dividida entre sentir estima pela garota e encontrar a resposta apropriada à situação.

– Maisie... Srta. Dobbs. Ainda resta algum tempo para você descansar um pouco antes de suas tarefas começarem. Volte para seu quarto agora. Precisarei considerar esse incidente. Enquanto isso, não use a biblioteca até que Carter a oriente sobre como lidaremos com essa... situação.

Lady Rowan sentia que as exigências de sua posição pesavam sobre ela, assim como ocorrera quando Maurice a levara ao East End de Londres.

Como ela poderia fazer o que era correto sem comprometer... Como Maurice descrevera? Sim, sem comprometer a “segurança de sua zona de conforto”.

– Sim, vossa senhoria.

Maisie guardou o caderno em seu bolso e, com lágrimas de medo visíveis no canto dos olhos, fez outra reverência.

Lady Rowan esperou até que Maisie tivesse saído do cômodo para apagar as luzes. Só quando começou a descer vagarosamente as escadas é que se lembrou de que tinha ido à biblioteca pegar um livro.

– Que tonta! – exclamou a si mesma, e seguiu em direção à sala de estar para conversar com seu marido e com Maurice Blanche sobre um novo tema.

CAPÍTULO 10



Desde que fora flagrada na biblioteca, Maisie mal conseguira se concentrar em alguma tarefa. Tinha certeza de que logo seria dispensada de seus serviços na casa de lorde e lady Compton, e estava surpresa porque uma semana já se passara sem que alguém mencionasse o assunto. Então Carter convocou Maisie ao seu “escritório”, um termo que ele às vezes empregava – especialmente em situações sérias, quando uma reprimenda seria infligida – para descrever a copa do mordomo, um pequeno quarto ao lado da cozinha, onde ele mantinha registros meticulosos da administração da casa.

Maisie estava num estado desolador. A vergonha por ter sido pega no ato, além da dor que sentia ao prever a tristeza do pai pelo seu comportamento, era quase insuportável. E, claro, ela não tinha mais acesso à biblioteca dos Comptons. Retorcendo as mãos já avermelhadas pelo trabalho, Maisie bateu à porta do escritório do Sr. Carter. Suas unhas estavam roídas pela metade, e ela puxara a cutícula até os dedos ficarem em carne viva. Tinha sido uma semana angustiante.

– Entre – mandou Carter, com um tom que não era nem agradável e acolhedor nem abertamente mal-humorado. Era um tom que não revelava nada.

– Bom dia, Sr. Carter. – Maisie fez uma reverência ao entrar no pequeno cômodo. – O senhor queria me ver?

– Sim, Maisie. Você sabe por que a chamei aqui. Lady Compton deseja encontrá-la hoje ao meio-dia. Em ponto. Na biblioteca. Eu mesmo estarei presente, assim como um amigo de lorde e lady Compton.

– Sim, Sr. Carter.

Maisie não podia mais aguentar a espera e, embora estivesse morrendo de medo e a angústia lhe apertasse o peito, precisava saber qual seria o seu destino.

– Sr. Carter?

– Sim, Maisie? – Carter a observou por cima dos óculos meia-lua.

– Sr. Carter. O senhor não pode acabar logo com isso? Me demita logo, para eu não ter que...

– Maisie, ninguém falou nada sobre demissão. Apenas fui instruído a acompanhá-la em uma reunião com lady Rowan e o Dr. Blanche. Também fui solicitado a levar seus cadernos até a biblioteca esta manhã, às dez e meia. Por favor, traga-os para mim imediatamente, para que eu possa entregá-los para lady Rowan.

– Mas... – Maisie não entendeu e, embora pensasse que Carter tampouco havia entendido, suspeitou que ele pudesse estar insinuando alguma coisa. – Sr. Carter. Do que isso se trata?

Carter endireitou a gravata e afastou um fio de cabelo imaginário do punho da manga de sua elegante camisa branca.

– Maisie, é algo bastante incomum. No entanto, não acredito que seu emprego aqui esteja em risco. De fato, é o contrário. Bem, agora os cadernos. E depois creio que o aparador da sala de jantar precise ser encerado e polido ainda esta manhã, então é melhor você se apressar.

Maisie fez outra reverência e se virou para deixar o escritório.

– E, Maisie... – disse Carter, ajeitando para trás o cabelo bem penteado, grisalho nas têmporas. – Apesar de sempre devermos demonstrar respeito para com nossos patrões e seus convidados, você não precisa ficar se abaixando e levantando como uma agulha numa máquina de costura quando estiver aqui embaixo.

Distraída, Maisie fez mais uma medida e no mesmo instante deixou o escritório.

Ela retornou quinze minutos depois com sua coleção de caderninhos e os entregou a Carter. Estava apavorada com a reunião que se realizaria ao meio-dia, e tinha certeza de que, até lá, passaria a metade do tempo no banheiro.

Carter estava esperando ao pé da escada do primeiro andar às cinco para o meio-dia. Ele sacou seu relógio do bolso do colete, com a determinação de não chegar nem muito cedo nem um segundo atrasado.

– Ah, Maisie – disse enquanto ela se aproximava, as mãos juntas na frente do avental branco.

Carter olhou a garota de cima a baixo para verificar se havia marcas no avental e riscas em seus sapatos ou mechas de cabelo escapando de sua touca branca.

– Está bem-arrumada. Ótimo. Vamos.

Carter consultou o relógio mais uma vez, se virou e abriu caminho até a biblioteca. Maisie sentia um gosto horrível na boca. O que seu pai diria quando ela chegasse em casa com sua pequena bolsa de lona e nenhum trabalho? Bom, talvez fosse melhor assim. Ela sentia tanta falta dele que talvez isso até fosse bom. Carter bateu à porta com um movimento rápido. Ouviu-se uma voz lá dentro.

– Entre.

Maisie fechou os olhos por um segundo, pôs as mãos atrás das costas e cruzou os dedos.

– Ah, Carter. Srta. Dobbs... Maisie. Entrem.

– Obrigada, senhora – disse Carter.

Maisie fez sua mesura e olhou de lado para Carter. Lady Rowan chamou Maisie para perto de si.

– Maurice, esta é a garota sobre a qual estivemos conversando. – Então, inclinando a cabeça ligeiramente em direção a Maisie, ela disse: – Eu gostaria de lhe apresentar o Dr. Maurice Blanche. Ele sabe sobre nosso encontro na biblioteca, e eu o consultei a respeito da situação.

Maisie estava bastante confusa. Que situação? E quem era aquele homem? O que estava havendo? Ela acenou e fez uma reverência para o homem de pé ao lado de lady Rowan.

– Senhor – cumprimentou.

Não sabia o que pensar daquele homem baixinho. Ele não chegava à altura de lady Rowan, e apesar de parecer bem alimentado, havia algo de atlético nele. Sólido, como seu pai diria. Sólido. Maisie não conseguia nem mesmo imaginar sua idade, mas pensou que devia ser mais velho do que seu pai, mas não tão velho quanto seu avô. Mais do que 50, talvez 60. Tinha olhos azul-acinzentados que pareciam flutuar na água de tão claros. E suas mãos tinham longos dedos com unhas largas. Mãos que poderiam tocar piano, muito firmes e que fariam movimentos precisos. Ela percebeu isso quando ele pegou seus cadernos da mesa lateral de nogueira e folheou uma ou outra página.

Ele se vestia com simplicidade, não todo arrumado como alguns visitantes que ela vira na casa. Não, este era um homem sem adornos. Ele a examinava. E, porque ela achava que não tinha nada a perder, e também porque seu pai lhe dissera para sempre andar com a cabeça erguida, Maisie retesou a coluna, girou os ombros para trás e olhou diretamente nos olhos dele enquanto ele a fitava. Então ele sorriu.

– Srta. Dobbs, Maisie. Lady Rowan me contou sobre o encontro de vocês na biblioteca, semana passada.

Chegou a hora, pensou Maisie. E trincou os dentes.

– Bem, agora venha comigo.

Maurice Blanche foi até a mesa da biblioteca e se sentou, depois convidou Maisie a se sentar a seu lado, com os cadernos dela à frente.

Lady Rowan acenou para Carter, que permaneceu à porta, enquanto ela ia até a janela e ali ficava. Eles assistiram à conversa de Maurice Blanche e Maisie.

Aos poucos, Blanche conseguiu deixar Maisie mais à vontade e atenuou as formalidades que separam empregados e convidados. Em quinze minutos, os dois estavam conversando animados. Maurice Blanche fazia perguntas, Maisie as respondia – muitas vezes com outra pergunta. *Inteligente*, pensou Carter, *muito inteligente*. Dessa maneira, o Dr. Blanche estimulava Maisie, com sua voz, seus olhos, um dedo numa página, uma pergunta pontuada com a mão apoiada no queixo para ouvir a resposta. Lady Rowan estava

igualmente fascinada com o diálogo, mas seu interesse era de natureza mais pessoal. O futuro de Maisie fazia parte de sua busca por desafiar a si mesma e àquilo que era considerado apropriado a uma casa como a dela e a uma mulher com um título de nobreza.

Uma hora se passou, durante a qual mandaram Carter trazer chá para o Dr. Blanche. Não pediram que trouxesse nada para Maisie. Um homem na posição de Carter nunca estaria a serviço de uma criada. No entanto, Carter percebeu que algo importante estava acontecendo, que a sólida estrutura daquela casa se modificava naquele momento. E ele previu que as mudanças resultantes do que quer que estivesse acontecendo naquele cômodo, naquela manhã, impactariam a todos. E aqueles já eram tempos estranhos demais, nos quais mal se havia testemunhado a morte do velho rei Edward, e em pouco tempo se assistiria à coroação do rei George V.

Por fim, Maurice Blanche pediu que Maisie fechasse e recolhesse seus cadernos. Ela fez o que ele havia solicitado e se afastou da mesa para se pôr ao lado de Carter enquanto lady Rowan se acercava de Maurice Blanche à mesa.

– Rowan, estou mais do que satisfeito – disse o Dr. Blanche. – Você agora pode revelar nosso plano para a Srta. Dobbs e o Sr. Carter. Depois veremos se o Sr. Carter está de acordo e como poderemos começar.

Lady Rowan falou, primeiro olhando para Carter e, depois, para Maisie:

– Semana passada, quando me deparei com a Srta. Dobbs na biblioteca, fiquei impressionada com a amplitude de sua leitura. Sabemos que qualquer um pode pegar um livro e ler, mas, quando passei rapidamente os olhos em seus cadernos, me dei conta de que havia também profundidade de compreensão. A senhorita é uma garota brilhante.

Lady Rowan olhou de relance para Maurice Blanche, que acenou para que ela prosseguisse.

– Sei que isso é muito incomum. Já expressei meus pensamentos para Carter, e ele está de acordo com minha decisão. Agora posso ser mais específica. Lorde Compton e eu acreditamos na educação e nas oportunidades que ela oferece. No entanto, é raro conseguirmos contribuir

diretamente para criar tais ocasiões. Srta. Dobbs, temos uma proposta que deve considerar.

Maisie corou e ficou olhando para os sapatos enquanto lady Rowan prosseguia:

– Sob a orientação do Dr. Blanche, a senhorita continuará seus estudos aqui. O Dr. Blanche é um homem ocupado, mas ele se encontrará com você na biblioteca uma vez a cada quinze dias. Seus estudos e suas aulas com ele deverão, no entanto, se realizar durante seu tempo de folga e não devem absolutamente interferir em seu trabalho nesta casa. O que tem a dizer sobre isso, Maisie?

Maisie estava em choque, mas, depois de considerar por um momento, ela abriu um sorriso que parecia levá-la de volta a sua vida.

– Obrigada, senhora. Senhor... Dr. Blanche, obrigada.

– Srta. Dobbs – disse Maurice Blanche –, não agradeça ainda. É possível que se arrependa quando souber dos meus planos para sua educação.



Naquela noite, deitada na cama, Maisie mal conseguiu adormecer de tanto pensar nos acontecimentos do dia. Carter havia sido cordial, mas depois foi gentil. E os outros empregados, quando souberam sobre aquilo, mais tarde – pois a Sra. Crawford era uma velha matraca –, pareceram ficar tranquilos, desde que ela continuasse a fazer suas tarefas na casa. Não houve nenhum comentário malicioso ou invejoso. Mas, quando Enid enfim foi para a cama altas horas da noite, ela não perdeu tempo para expressar um pensamento que estava na mente de Maisie.

– E pensar que eles podiam mandar você para uma daquelas escolas *sofisticadas*, às escondidas. Ou mesmo pagar pelo seu uniforme e tudo mais, na escola onde você ganhou a bolsa. Não falta dinheiro para eles, falta?

Maisie assentiu.

– Mas sabe o que eu acho, Maisie? Para ser muito honesta com você. Acho que eles sabem que você cortaria um dobrado lá. O quê? Com todos aqueles figurões? Você se sentiria inferior, isso, sim. Acho que é isso. – Sem esperar a

resposta, e enfatizando suas falas com a escova de cabelo, Enid continuou: – E o que você tem que lembrar, Dobbsie, é que lá em cima estão eles, e nós, aqui embaixo. Não tem meio-termo, nunca teve. Então gente como você e eu não pode subir os degraus aos pouquinhos, se é o que pensa. Nós temos que saltar, Dobbsie, e, vou dizer mais, saltar bem alto.

Maisie sabia que havia mais do que um pingo de verdade em suas palavras. Mas, se sua senhoria queria uma causa, alguém para quem pudesse fazer o papel de benevolente e dadivosa, Maisie não se importaria em ser a favorecida, se isso significasse progredir em sua educação.

Maisie mudou de assunto:

– E você, onde esteve esta noite, Enid? – perguntou.

– Deixe quieto. Guarde essa sua cabecinha inteligente para tratar dos seus assuntos agora, em vez de ficar pensando nos meus.

Maisie fechou os olhos e então, no mesmo instante, adormeceu. Sonhou com longos corredores repletos de livros, com o Dr. Blanche à mesa da biblioteca e com Enid. E mesmo com toda a animação por suas aulas com o Dr. Blanche, foi o sonho com Enid que ficou na cabeça dela durante o dia seguinte, e por outros dias depois. Ela tentou não pensar sobre o sonho e sobre Enid porque, toda vez que pensava, sentia um calafrio subir pela espinha.

CAPÍTULO 11



Lord Julian Compton sabia do “projeto” de sua mulher e apoiou a educação de Maisie Dobbs, embora secretamente acreditasse que o ímpeto para aquela atividade logo se arrefeceria, e que a ambição demonstrada pela jovem seria extinta pelo desgaste de tentar ser duas pessoas tão diferentes. Isso sem mencionar que ela era uma garota em vias de se tornar uma mulher. Ele estava intrigado pelo interesse de Maurice Blanche na educação de Maisie, e era esse envolvimento, mais do que os gestos filantrópicos de sua esposa, que o levava a admitir que o projeto poderia, de fato, ter algum mérito. Sentia grande estima por Maurice Blanche, chegava mesmo a venerar aquele homem.

Maisie, por sua vez, não se sentia cansada ao fim de um longo dia. Ela começava as tarefas domésticas bem cedo, como de costume, primeiro acendendo as lareiras e depois limpando os quartos e lustrando a pesada mobília de mogno. A limpeza dos faqueiros era tarefa dos criados mais novos, mas, quando segurava as facas e os garfos de prata maciça – por exemplo, ao limpar a sala de jantar depois que os convidados passavam à sala de estar –, olhava com cuidado para o que estava gravado neles. Cada peça do sofisticado faqueiro trazia o brasão dos Comptons, exibindo um grande cão de caça e um cervo junto com as palavras “QUE NÃO HAJA ANIMOSIDADE”. Maisie ponderou sobre o brasão enquanto recolhia a prataria suja. O caçador e a presa, a ideia de perdão entre o vencedor e a vítima, e o

fato de que ambos permaneciam altivos e orgulhosos. Na verdade, Maisie começara a refletir sobre simplesmente tudo o que acontecia ao longo do dia, percebendo coincidências e padrões ao redor.

A Sra. Crawford atribuiu esse comportamento aos estudos com Maurice Blanche, uma suposição que sem dúvida estava correta.

– Não sei, não, quando eu era menina, estudar era ler, escrever e fazer contas. Nada dessa filosofia sem sentido.

A cozinheira apontou um dedo enfarinhado para Maisie, que acabara de voltar de sua visita semanal à biblioteca. Ela estava guardando com cuidado os livros que pegara para a Sra. Crawford, para o Sr. Carter e também para si mesma em um armário da cozinha, para que não se sujassem com o movimento daquela parte da casa. Mais tarde, levaria sua seleção de livros para o quarto, para uma sessão extra de leitura noturna. A cozinheira logo notou o volume dos livros de Maisie e não resistiu ao comentário – o que fez Carter se sentir na obrigação de responder:

– Tenho certeza de que o Dr. Blanche sabe mais sobre a educação de uma pessoa jovem no mundo de hoje do que a senhora ou eu, cozinheira. Mas, devo dizer, Maisie, este tomo é bem grande, não é?

Decantando um vinho do Porto de excelente qualidade, Carter não parou sua tarefa para esperar pela resposta, mas lançou um olhar sobre os óculos em direção a Maisie.

– Maisie, você está ouvindo o Sr. Carter?

Carter e a Sra. Crawford se entreolharam em um acordo silencioso que escondia seus verdadeiros sentimentos. Eles estavam muito orgulhosos de Maisie Dobbs, e lá no fundo do coração reivindicavam para si a descoberta de seus dotes intelectuais.

– Desculpe, Sr. Carter. Estava falando comigo? – Ela precisou tirar o dedo mindinho da boca para conseguir falar. Maisie tinha voltado correndo da biblioteca para que lhe sobrasse algum tempo e pudesse mergulhar em algum de seus livros.

– Sim, o Sr. Carter estava falando com você, Maisie, e se eu vir outra vez esse dedo na sua boca, juro que vou pintar suas unhas com carbólico. É um milagre você ainda ter mãos, do jeito que rói esses dedos.

– Desculpe, Sra. Crawford. Perdão, Sr. Carter. Vou voltar agora. Só pensei em vir aqui para dar uma olhadinha rápida no livro.

Carter examinou o relógio da cozinha.

– Você ainda tem cinco minutos. Estávamos comentando sobre o tamanho desse livro. O Dr. Blanche está exigindo muito de você, Maisie?

– É Kierkegaard. O Dr. Blanche diz que eu devo lê-lo porque Kierkegaard influenciou muito o pensamento moderno. E, não, não se preocupe, eu consigo dar conta de todo o trabalho.

A Sra. Crawford e Carter trocaram olhares mais uma vez, nenhum dos dois desejando transparecer sua ignorância em relação àquele nome esquisito.

Enquanto isso, Maisie pegou um caderno do bolso do avental e começou a anotar suas perguntas e observações para Maurice Blanche. Como Carter havia suspeitado, ela já começara a ler o livro no caminho de volta da biblioteca e já estava dentro dele a ponto de se sentir completamente absorvida. Quando acabou, ela colocou mais uma vez o caderno no bolso, olhou de relance para o pesado relógio de carvalho com a face branca perolada e os grossos números pretos que se via de todos os cantos da cozinha e se levantou da mesa.

– Só preciso guardar meu livro e então vou limpar o fogão antes de dar o polimento.

Maisie saiu depressa dali, lembrando-se da regra da casa segundo a qual aqueles que eram dos “andares de baixo” não poderiam jamais correr, mas, quando fosse essencial, era permitido andar mais rápido.

– Não sei como ela ainda consegue visitar o pobre pai, com tanto trabalho aqui embaixo e estudando todos esses livros. Vou dizer uma coisa, essa garota tem caráter.

Com um movimento amplo, a Sra. Crawford passou o antebraço na testa e continuou a bater a massa. Carter terminara de decantar o Porto e agora estava tirando a rolha do brandy que seria cuidadosamente vertido num requintado decantador de cristal cortado. Ele não respondeu aos comentários da Sra. Crawford, o que a irritou consideravelmente, pois era dada a opiniões fortes e sentia a necessidade de defendê-las e debatê-las.

– Eu me pergunto, Sr. Carter, o que vai acontecer quando Maisie se casar. Eu me pergunto, sabe, o que acontecerá com ela. Os peixes não conseguem viver por muito tempo fora d'água, o senhor sabe.

A Sra. Crawford parou de bater a massa e olhou para Carter, que permaneceu em silêncio.

– Eu disse, Sr. Carter...

– Cozinheira... Sra. Crawford, entendo o que você está dizendo. Eu diria que a educação da Srta. Dobbs está em boas mãos. E também que ela é uma jovem muito determinada e que será mais bem-sucedida do que a maioria das pessoas quando precisar sobreviver fora dos limites estabelecidos para ela. Agora, não cabe a nós questionar as decisões de nossos patrões. Só podemos fazer o que é exigido de nós nas devidas circunstâncias, não acha?

A Sra. Crawford, que estava recheando a massa esticada com fatias de maçã, adicionou canela e cravo com um gesto mais extravagante do que de costume e respondeu com certa aspereza:

– O senhor está certo.

Em seguida, deu-lhe as costas para verificar as panelas no fogão.



A educação de Maisie estava de fato progredindo. Maurice Blanche havia incentivado uma descontraída camaradagem entre eles e, ao mesmo tempo, mantinha o distanciamento exigido por sua posição e pela de Maisie. Nos dezoito meses desde que se lançara no exigente programa estabelecido por Blanche, Maisie havia alcançado em seus estudos um nível que faria o mestre de uma das prestigiosas escolas privadas da época se sentir orgulhoso.

Maisie, por sua vez, sabia apenas que o estudo a estimulava e empolgava. Quando o Dr. Blanche lhe entregava um novo texto, ela sentia uma forte animação pela expectativa da leitura. Será que o livro era novinho, nunca fora lido, e as páginas não haviam sido tocadas por mais ninguém? Se assim fosse, ele pediria um resumo do conteúdo e sua avaliação sobre o texto.

– Quatro páginas de papel almaço, por favor. E suas opiniões. Este

homem tem opiniões. Opiniões, como já discutimos, não são fatos. Mas, evidentemente, como já sabemos, Maisie, podem ser fonte de verdades. Vamos falar sobre a verdade demonstrada nesta tese, então se prepare!

Claro, podia ser que o texto já tivesse sido lido e, nesse caso, cada página talvez contivesse anotações a lápis na escrita miúda e delicada de Maurice Blanche, com sua caligrafia levemente inclinada para a direita. Uma única folha com perguntas estaria dobrada e inserida no livro, entre a última página e a capa. Maisie sabia que cada pergunta deveria ser respondida.

– Eu nunca quero ouvir você dizer que “não sabe”, Maisie, quero saber qual é a resposta que você *acha* que cabe à pergunta. E, mais uma vez, um conselho: reflita sobre a pergunta. Quanto mais intrigante, mais lhe ensinará alguma coisa. Com o passar do tempo, você descobrirá que as maiores perguntas da vida têm em comum essa característica.



Quase dois anos haviam se passado desde que a mãe de Maisie morrera, e Frankie Dobbs continuava enlutado. Ele jurava que era Maisie quem o fazia seguir em frente, pois aguardava ansiosamente os domingos, e o ritual sempre se repetia.

Embora não fosse dia de feira, Frankie estaria no estábulo com Perséfone já de manhã bem cedo, não tanto quanto durante a semana, mas, de toda forma, pela manhã. Ele conversava baixinho com a égua, escovando seu pelo até reluzir, prestando atenção na crina e no rabo e verificando seus cascos, que a cada dia tinham que suportar uma carga pesada por uma distância considerável. O estábulo exalava um aroma doce de aveia, e Frankie, de hábito tão desengonçado ao andar pela rua ou na companhia das pessoas, ali se sentia completamente à vontade. Nas manhãs de domingo, Frankie em geral estava no meio de suas tarefas quando escutava os passos de Maisie nos paralelepípedos que levavam ao estábulo.

– Pai, cheguei – chamava Maisie antes de olhar pela porta holandesa e acenar para ele.

Ela sempre levava para Frankie alguma lembrança da Sra. Crawford,

como uma torta de carne de porco embrulhada em pano fino e papel pardo, um pão recém-assado e ainda quente ou um purê de maçã cozida que precisaria apenas ser “aquecido no forno”, de acordo com a cozinheira.

Maisie logo tirava o casaco e arregaçava as mangas. Nesse momento, pai e filha trabalhavam juntos para terminar as tarefas matinais, e a conversa se desenrolava com facilidade enquanto se movimentavam. Com as mãos ocupadas, estavam descontraídos e trocavam confidências.

– Então, seus estudos estão progredindo, não é, menina?

– Sim, pai. O Dr. Blanche tem o olho no futuro. Ele acha que no ano que vem estarei pronta para tentar a bolsa e fazer as provas de admissão.

– Admissão para quê? – perguntou Frankie enquanto se movia em direção à bomba d’água para completar seu balde e lavar as rédeas de couro e os tirantes de Perséfone, que ele acabara de espumar com sabão de sela.

– Bem, hum, para a universidade. O Dr. Blanche diz que eu sou capaz. Ele está muito animado com a ideia de eu tentar entrar em Cambridge, na Girton College. Ele diz que é o lugar certo para uma pessoa independente.

– Ah, é? Cambridge! Bem, é bastante chique para você, minha garota!

Frankie riu, mas depois olhou com seriedade para Maisie.

– Contanto que você não exija muito de si mesma, meu amor. Afinal, para Cambridge é um caminho e tanto, não é? Onde você iria morar? E como seria se relacionar com o tipo de pessoa que frequenta um lugar como esse?

– Não sei, pai. Eu teria que morar na faculdade, acho. Há todo tipo de regras sobre isso. Eu vou conhecer pessoas. Vou ficar bem, pai. Afinal, Girton é uma faculdade para meninas e fica fora da cidade.

– Sim, mas as outras jovens têm mais dinheiro que você, elas têm mais... você sabe, contatos, por exemplo.

Maisie estava escovando Perséfone e ergueu os olhos. Mesmo que Frankie já tivesse feito o trabalho completo, da cabeça ao rabo, Maisie adorava sentir de perto o calor do animal e sabia que o cavalo retribuía seus esforços.

– Pai, já não sou mais uma criança. Agora tenho 15 anos e já vi mais do que muitas garotas da minha idade. O Dr. Blanche sabe o que está fazendo.

– Sim, meu amor. Tenho certeza de que sabe. Homem inteligente, aquele lá. Eu só me preocupo por você.

Frankie engraxou e limpou o couro com um pano seco e pendurou as rédeas e os tirantes num gancho que ficava preso no teto baixo. Mais tarde, quando Maisie tivesse voltado para Belgravia, Frankie retornaria ao estábulo para alimentar Perséfone, depois pegaria as rédeas, a focinheira e os tirantes e esfregaria óleo de tutano quente no couro.

– Não se preocupe comigo, pai. Estou progredindo bastante. E agora, por onde vamos caminhar? Tenho uns sanduíches gostosos e algumas garrafas de refrigerante de gengibre para a gente tomar.



Três dias depois da visita a Frankie, Maisie andou apressada em direção à biblioteca para sua aula do fim de tarde. Ela se encontrava com Maurice Blanche em tardes alternadas de quarta-feira, pontualmente às cinco e meia, e durante três horas, até que o Dr. Blanche saía para se reunir com os Comptons na sala de jantar para uma ceia informal. Estudava sozinha até que ele tivesse terminado sua refeição, quando então ele e lady Rowan se juntavam a Maisie na biblioteca para avaliar sua lição. Lady Rowan estava muito satisfeita com o progresso da menina, fazendo perguntas e sugerindo novas áreas de estudo. Mas, naquela noite, uma nova possibilidade foi discutida.

– Maisie, acho que já é hora de embarcarmos num estudo de campo.

Maisie olhou primeiro para o mentor e depois para lady Rowan. Botânica. Tinha que ser botânica.

– Lady Rowan conversou com o Sr. Carter e, semana que vem, na quarta, faremos uma excursão. Na verdade, tenho muitas saídas como essa planejadas e, nessas tardes, deveremos nos encontrar um pouco mais cedo que o habitual.

– Que tipos de saída? Aonde vamos?

– Para vários lugares de interesse histórico, social e econômico – respondeu Blanche.

Quase nada mais foi dito, mas, nas semanas seguintes, Blanche levou Maisie para conhecer pessoas com quem ela conversaria sem ele. A princípio, Blanche ficava com ela, mas, à medida que o tempo foi passando, ele começou a deixar a sala discretamente para que Maisie pudesse conversar com seu amigo – pois cada pessoa que se encontrava com Maisie era considerada por Maurice Blanche uma “amiga”. No que dizia respeito a Maisie, algumas eram uns tipos completamente estranhos, e ela não tinha certeza sobre o que Frankie Dobbs teria dito sobre isso.

– Hoje vamos nos encontrar com meu querido amigo Dr. Basil Khan – informou Maurice Blanche a Maisie enquanto se deslocavam para Hampstead de táxi. – Um extraordinário erudito, nascido no Ceilão, numa família de casta muito alta. Foi batizado em sinal de respeito a um dos antigos colegas do pai, um inglês. Khan, como ele prefere ser conhecido, é completamente cego. Perdeu a visão em um acidente lamentável, mas, como costuma acontecer nesses casos, isso se transformou na base do trabalho de uma vida.

– Qual é o trabalho de sua vida?

– Como você verá, Khan é um homem de profunda erudição e intuição. Ele concede audiências para políticos, comerciantes, homens do clero. Veio para a Inglaterra ainda jovem, seus pais o mandaram para especialistas em oftalmologia, o que de nada adiantou. Ele concluiu um doutorado em filosofia em Oxford. Depois, voltou ao Ceilão e, mais tarde, viajou pelo subcontinente indiano, em busca de conselhos de homens sábios. Para isso, teve que abandonar a vida que uma vez levava em Londres e Oxford, de que já não desfrutava mais. Agora ele mora em Hampstead.

– E por que irei vê-lo?

– Maisie, na verdade vamos visitá-lo para que ele veja *você*. E para que você aprenda que ver não é algo que fazemos necessariamente com os olhos.

A visita a Khan foi esclarecedora para Maisie. Ele morava numa casa enorme, mas seus aposentos eram mobiliados com simplicidade: móveis de madeira, cortinas sem estampas ou texturas, luz de vela e um aroma estranho que no início a fez tossir.

– Você vai ser acostumar, Maisie. Khan acende incensos para ter uma

atmosfera perfumada na casa.

A princípio, Maisie ficou tímida quando foi levada a uma ampla sala que tinha apenas almofadas no chão e um homem velho sentado com as pernas cruzadas. Ele estava ao lado da grande janela francesa como se apreciasse a vista; assim, quando Maisie e Blanche se aproximaram, Khan estava envolvido por raios de luz e parecia ter chegado à sala por algum meio de transporte místico. Sem se virar, gesticulou em direção a Maisie.

– Venha, criança, venha se sentar aqui comigo. Temos muito sobre o que conversar.

Para sua surpresa, Maurice Blanche fez sinal para que Maisie avançasse, e ele mesmo se deslocou em direção a Khan. Ele se inclinou, tomou as mãos ossudas e morenas do velho homem nas suas e beijou sua fronte sulcada. Khan sorriu e assentiu, e então se virou para Maisie.

– Diga-me o que você sabe, criança.

– Hum...

Khan e Maurice riram, e o velho homem de longos cabelos grisalhos e olhos quase sem cor sorriu com gentileza para Maisie.

– Sim, um bom começo. Um ótimo começo. Vamos conversar sobre o conhecimento.

Assim, Maisie Dobbs – filha de um verdureiro de Lambeth, localizada precisamente ao sul das águas que separam os ricos e pobres de Londres – começou a aprender exatamente da forma que Maurice havia intencionado: a partir dos séculos de sabedoria acumulados por Khan.

Com Khan, ela aprendeu a se sentar em silêncio consciente e que a mente serena traria mais compreensão do que o estudo por meio de livros e horas de aulas e que esse conselho fundamentaria todos os outros aprendizados. Quando ela se sentou com Khan pela primeira vez, perguntou o que deveria fazer enquanto estava ali diante dele, de pernas cruzadas sobre uma almofada. O velho homem ergueu o rosto em direção à janela, depois virou os olhos esmaecidos em sua direção e disse simplesmente:

– Prestar atenção.

Maisie adotou a prática de se sentar com Khan com profunda seriedade e com uma compreensão instintiva de que esse trabalho seria de grande valia

para ela. Dentro de alguns anos apenas, as lições aprendidas com Khan trariam calma em meio ao fogo cruzado da artilharia e ao lamento dos homens feridos. Mas, por ora, Maurice Blanche explicou a Maisie que não era mera coincidência o fato de ela normalmente saber o que uma pessoa diria antes mesmo de começar a falar ou de parecer intuir um acontecimento antes que houvesse ocorrido.

CAPÍTULO 12



– Maisie, você vai estragar sua vista se ficar lendo na luz mixuruca deste quartinho. E veja que horas são, você precisa estar de pé em três horas!

– Você também, Enid, e ainda não está nem perto de adormecer.

– Não perca seu tempo se preocupando comigo. Já te disse isso.

Maisie colocou sua folha de anotações dentro do livro para marcar a página em que tinha parado, fechou o volume e o pôs em sua mesinha. Ela encarou Enid.

– E também não fique me olhando desse jeito, Srta. Maisie Dobbs. Isso me dá arrepios, se dá.

– Você está tomando cuidado, não está, Enid?

– Claro que estou. Já disse para não se preocupar.

Khan podia estar lhe ensinando muitas coisas sobre a mente humana, mas Maisie não precisava ser uma vidente para perceber que Enid logo se meteria em alguma confusão. Na verdade, era surpreendente que a garota mais velha não apenas ainda estivesse magra como um palito, mas também empregada na casa em Belgravia. Enid, que àquela altura já tinha quase 18 anos, era adorada por todos no andar de baixo. Suas tentativas de falar com elegância ainda não tinham alcançado o resultado esperado, e às vezes Maisie achava que ela soava mais como uma atriz num musical do que como uma empregada em serviço. Mas Maisie também acabara se afeiçoando a Enid, por seu riso, pelos conselhos não solicitados que ela dava de forma tão

espontânea e, mais do que tudo, pelo apoio generoso que ela dedicava a Maisie.

Enid enfiou a camisola de algodão grosso pela cabeça, vestiu meias de lã e foi andando com cuidado para guardar suas roupas dobradas na cômoda do corredor. As sombras formadas pela luz a gás tremeluziram no teto baixo do quarto do último andar quando Enid escovou seus cabelos densos com uma escova de cerdas resistentes.

– Cem escovadas para uma cabeça com bons cabelos grossos, eu te contei isso, Maisie?

– Sim, mais de uma vez.

Maisie certificou-se de que seus livros e papéis tinham sido guardados com cuidado e subiu na cama.

– *Brrr*. Está frio aqui.

Enid pegou um antigo lenço de seda pendurado sobre o balaústre de ferro fundido, envolveu a escova nele e começou a passar a seda sobre o cabelo para lhe dar um brilho lustroso.

– E não vai ficar nem um pouco mais quente. Vou te dizer, Maisie, um vento gelado entra por aqui às vezes, um vento gelado.

Maisie virou o rosto para Enid.

– Enid, por que você não gosta daqui?

Enid parou no meio do movimento, segurou a escova no colo e manuseou o lenço. Seus ombros penderam e, quando ergueu os olhos para Maisie, estavam marejados.

– Enid, o que é? É James? Ou aquele Arthur?

Maisie havia conjecturado que o motivo das ausências de Enid no último ano residia nos quartos do terceiro andar. Mas também podia ser Arthur, o jovem laçao que começara a trabalhar na casa um mês antes de Maisie. Desde então, ele havia sido promovido. Recebera a tarefa de zelar pelo bom funcionamento do carro dos Comptons, um Lanchester, mantendo-o polido, lubrificado e imaculadamente limpo. Ela achava que ele tinha se interessado por Enid também.

– Não, não é ele. Esse aí, Arthur, fica se vangloriando, contando bravatas.

Não, não é ele. – Enid pegou a escova, retirou os longos fios de cabelo e os enrolou entre os dedos.

– Vamos, Enid. Algo está deixando você triste.

A garota mais velha suspirou e, com sua rebeldia usual, hesitou enquanto o olhar de Maisie buscava sua confiança.

– Você sabe, Maisie, aqui são todos muito bacanas até você cruzar o limite. Mas você vai chegar lá com suas próprias pernas; afinal, ter cérebro é como ter dinheiro, até eu sei disso. Quanto a mim, só me resta ser quem sou, e isso não é bom o suficiente.

– O que está querendo dizer?

– Ah, Maisie, você deve ter ouvido os comentários. Adoram ficar falando na cozinha, especialmente aquela velha da Sra. Crawford. – Enid largou a escova, puxou os cobertores e subiu na cama, então se virou para encarar Maisie. – Não sei o que seus olhos têm, mas vou te contar; do jeito como você olha para mim, dá vontade de me abrir com você.

Maisie inclinou a cabeça, num sinal para que Enid continuasse.

– Trata-se de James. Do menino James. É por isso que lorde Compton vem falando em mandá-lo para longe. Para o Canadá. Para longe de pessoas como eu, já que não conseguem controlá-lo. Fico me perguntando por que não me mandam embora também, para eu procurar outro emprego, mas sua senhoria não é uma jararaca, de fato. E pelo menos comigo aqui ela pode me vigiar, senão, quem sabe? Eu poderia simplesmente ir para o Canadá!

– Você ama James, Enid?

Enid virou o rosto para o teto e, à meia-luz, Maisie viu uma lágrima solitária escorrer do canto do olho até o travesseiro.

– Amá-lo? Por Deus, Maisie, que chance eu tenho, nessa situação absurda?

Enid parou de falar, enxugando os olhos com a ponta do lençol.

– Amar não põe comida na mesa, ou põe? – Ela olhou para o lenço amarfanhado, tocou de leve nos olhos e assentiu. – Acho que eu o amo, sim. Eu amo James, mas...

– Mas o quê? Se o ama, Enid, você pode...

– Posso o quê, Maisie? Posso o quê? Não, não há solução nesse caso. Ele

está indo embora e, quando tiver partido, precisarei tocar a vida. E, de um jeito ou de outro, tenho que largar este emprego, seguir em frente, como você. Mas eu não tenho a sua inteligência.

– O Dr. Blanche costuma dizer que criar uma imagem mental pode funcionar bem. É bom ter uma visão do que o futuro pode trazer. Ele fala que é importante ter isso em mente.

– Ah, ele fala, não é? Bem, então vou começar a me ver toda embonecada como uma dama, com um belo marido e uma bela casa. Que tal essa imagem?

– Vou imaginar isso para você também, Enid!

Enid riu e se virou de bruços.

– Maisie Dobbs, você é única! Mas agora desligue essa imaginação e vamos dormir um pouco.

Maisie fez o que ela mandou, mas, na quietude da noite, lamentou que a conversa tivesse terminado. Era o que sempre acontecia com Enid: assim que você se aproximava, ela se afastava. Mas Maisie sabia que naquele exato momento Enid estava pensando em James Compton, esperando que, se ela fizesse uma imagem deles juntos, isso aconteceria. Maisie também pensou nos dois juntos, imaginou-os de volta ao patamar da escada, não muito tempo depois de ela ter começado a trabalhar no número 15 da Ebury Place. Ela os vira juntos desde então, uma vez no Brockwell Park, enquanto passeava com o pai. Eles deviam ter pensado que ninguém reconheceria James na margem sul do rio – pessoas como ele raramente se aventuravam do outro lado das águas. Enid estava com sua melhor roupa de domingo: seu longo casaco cor de lavanda, que ela mantinha no guarda-roupa, pendurado, coberto com uma folha de papel e protegido da naftalina. Sua saia preta de lã sobressaía por baixo do casaco, e logo abaixo dela se viam suas botas de amarrar, reluzindo de tão polidas. Ela vestia uma blusa branca de gola alta e tinha espetado um pequeno broto de lavanda na frente da gola, bem no lugar onde estaria o broche, se Enid tivesse um. Usava luvas pretas e um velho chapéu preto, que Maisie a vira segurar sobre uma panela de água fervente na cozinha, enquanto usava as mãos para moldá-lo, antes de lhe dar a aparência de novo, atando a ele uma faixa de veludo roxo. Ah, ela estava

mesmo adorável, com seu cabelo vermelho amarrado em um nó frouxo de modo a poder ser visto sob o chapéu. Quanto a James, ela se lembrava dele rindo na companhia de Enid, e um instante antes de ela conseguir guiar o pai em outra direção, para que Enid e James não a vissem, ela observou como o rapaz tirou a luva da mão direita de Enid e se inclinou para pressionar os lábios em seus dedos delicados, virando as mãos para beijar-lhe as palmas. Quando ele se ergueu, Enid levantou os braços e ajeitou uma mecha de cabelo que havia caído nos olhos dele.

Apesar de naquele momento ela estar aconchegada sob as roupas de cama e as cobertas, com uma garrafa de água quente nos pés, Maisie estremeceu e sentiu medo. Talvez ela devesse falar com o Dr. Blanche sobre isso, sobre esse sentimento estranho que experimentava às vezes, como se o futuro houvesse iluminado uma imagem em sua mente, como se ela estivesse no cinema e visse apenas alguns segundos que teriam valido por todo o filme.



Uma semana depois de Enid ter confiado seu segredo a Maisie, James Compton partiu em um navio com destino ao Canadá. Por causa disso, Enid se tornou menos afável.

– Eu queria que você apagasse essa maldita luz para eu conseguir pregar os olhos. Já estou cansada disso. Estamos em plena madrugada, e só consigo escutar você virando essas malditas páginas sem parar.

Maisie tirou os olhos do livro e encarou Enid, toda emaranhada na cama ao seu lado. Não podia ver seu rosto, pois ela estava deitada de costas para Maisie, com as cobertas sobre a cabeça.

– Me desculpe, Enid. Não percebi...

De repente, um braço surgiu sobre as cobertas e Enid se sentou, o rosto vermelho de raiva.

– Diabos. Você, Srta. Cabeçuda, *não perceberia*, não é mesmo? Sempre por aqui com a cara enfiada num livro quando todo mundo está trabalhando.

– Mas, Enid, eu faço meu trabalho. Ninguém tem que trabalhar por mim.

Consigo dar um jeito com as minhas tarefas.

– Ah, é mesmo? Você consegue dar um jeito com suas tarefas, não consegue? Bem, da próxima vez que você for até aquele espelho para ajeitar o cabelo, dê uma olhadinha nos sacos de carvão debaixo dos seus olhos. Sua ideia de fazer todo o trabalho é um pouco diferente da minha. E com todas as outras coisas em que você precisa pensar, é de admirar que consiga estar de pé pela manhã. Bem, agora eu vou dormir, e seria uma boa ideia se você fizesse o mesmo.

Maisie na mesma hora marcou a página em que tinha parado no livro que Maurice lhe dera no começo daquela semana e apagou a lâmpada da mesinha de cabeceira. Ao puxar as cobertas até os ombros e pressionar as mãos em seus olhos marejados, procurou se proteger das palavras de Enid. Parecia que, desde que se confidenciara com ela, sua companheira de quarto se tornara arisca e desagradável, como se suas aspirações frustradas de se tornar uma dama tivessem provocado nela um ressentimento que só crescia. Maisie começou a evitá-la toda vez que Enid perdia a cabeça ao lhe pedirem que repusesse o carvão em um dos quartos superiores, e foi repreendida por Carter. Mas algo devia ter despertado a atenção do mordomo, pois ele chamou Maisie à copa próxima à cozinha.

– Maisie, estou preocupado com sua capacidade de administrar a sua rotina na casa e o programa estabelecido pelo Dr. Blanche.

– Ah, Sr. Carter, estou conseguindo fazer tudo.

– Quero que saiba que estarei supervisionando, Maisie. Obviamente devo apoiar os desejos de sua senhoria, mas também devo alertá-la caso ajustes se façam necessários.

– Não, o senhor não precisará fazer isso. Vou dar conta, prometo.

– Certo, Maisie. Pode continuar com suas obrigações. Mas assegure-se duplamente de que ao fim do dia seu trabalho esteja concluído.

– Sim, Sr. Carter.



Maisie visitou Frankie Dobbs no domingo seguinte com o coração aflito.

Mais do que em todas as outras vezes desde que começara suas aulas com o Dr. Blanche, Maisie não via a hora de deixar a casa e se abrigar no conforto do estábulo e da afeição do pai.

– Aqui está ela. Um pouco atrasada hoje, jovem Maisie?

– Sim, pai. Acordei tarde e precisei ficar lá para terminar algumas tarefas, e acabei perdendo o ônibus. Tive que esperar pelo seguinte.

– Ah, então você não consegue se levantar na hora bem no dia em que vem visitar seu pobre e velho pai?

– Não é isso, pai, francamente – respondeu Maisie, na defensiva.

Ela tirou o chapéu e o casaco, dobrou-os e colocou em cima de sua cesta, que deixou fora do estábulo, perto da porta. Aproximou-se de Perséfone e esfregou a parte macia atrás das orelhas do animal.

– Só acordei um pouco atrasada, pai, nada de mais.

– Anda lendo muito?

– Não, pai.

– Então como foi sua semana, querida? O que tem feito?

– Ah, foi uma confusão na cozinha esta semana. A Sra. Crawford estava experimentando flambar a carne assada com brandy. Uma inovação francesa que lady Compton tinha sugerido a Carter. Quase pegou fogo na cozinha toda. Você devia ter visto, pai. Foi hilário!

Frankie Dobbs parou de trabalhar e olhou para Maisie.

– O que foi? – O sorriso pareceu se desvanecer em seu rosto.

– “Hilário”, foi? Gostei disso. “Hilário”. Você não consegue mais usar palavras simples, se acostumou a falar difícil, não é?

– Mas, pai... eu pensei...

– É esse o seu problema. Você pensa demais. Eu não sei...

Frankie deu as costas para Maisie, os ombros revelando um desconforto nada usual.

– Não sei. Achei que estava tudo muito bem, você receber uma educação adequada. Agora já não sei. Logo mais, você não vai mais querer conversar com gente como eu.

– Isso é uma idiotice, pai.

– Agora eu sou idiota? – Frankie ergueu a cabeça outra vez, seus olhos

tinham um brilho estranho.

– Eu não quis dizer isso. O que quis dizer foi...

Maisie estava exausta. Ela deixou o braço pender. Perséfone fuçou para que ela continuasse a esfregar suas orelhas, mas não houve reação. Pai e filha permaneceram em silêncio, impassíveis.

Como isso tinha acontecido? Como, num instante, parecia que todos estavam do seu lado e logo em seguida contra ela? O que ela havia feito de errado? Maisie andou em direção a um caixote num canto e se curvou. Com o cenho franzido, o que não combinava com sua juventude, tentou se resignar após a discórdia com seu amado pai.

– Lamento, pai.

– Eu também lamento. Para início de conversa, lamento por um dia ter ido falar com aquele Sr. Carter.

– Você fez bem, pai. Eu nunca teria tido essa oportunidade...

Frankie também estava cansado. Cansado de se preocupar com Maisie, de recear que ela frequentasse círculos de pessoas de classes muito superiores à sua e que nunca mais voltasse para ele. Cansado de sentir que ele não era bom o bastante para a filha.

– Eu sei, meu bem. Eu sei. Vamos parar com esse falatório. Apenas prometa que sempre voltará aos domingos para visitar seu velho pai.

Maisie se inclinou em direção a Frankie, que havia derrubado outro caixote de madeira para se sentar perto dela. Colocou os braços em torno do pescoço do pai e soluçou.

– Tudo bem, querida. Vamos esquecer o que foi dito.

– Sinto sua falta, pai.

– E eu, a sua, minha menina.

Pai e filha ficaram abraçados por mais alguns instantes, antes de Frankie dizer que eles deviam ir ao parque se quisessem aproveitar a melhor parte do dia. Trabalharam juntos para terminar as tarefas no estábulo e, deixando Perséfone ali em seu dia de folga, foram até o parque passear e comer os sanduíches que a Sra. Crawford havia preparado para Maisie.

Quando voltou para Belgravia naquela noite, Maisie não pôde deixar de pensar no surto de Frankie e se perguntou como ela conseguiria dar conta

de todas as suas responsabilidades. Como se não bastasse, a língua de Enid estava novamente afiada como uma faca quando Maisie entrou no quarto que compartilhavam no último andar da casa.

– Me admira que você consiga se forçar a ver aquele verdureiro do seu pai. Agora ele não é muito inferior a você, Maisie?

Ela ficou atordoada e magoada com as palavras de Enid. Podia suportar afrontas contra ela, mas contra o pai ela não toleraria.

– Meu pai, Enid, é uma das melhores pessoas que existem.

– Humpf. Pensei que ele não seria bom o bastante, agora que você é o bichinho de estimação da sua senhoria.

– Enid, não sou o bichinho de estimação nem a preferida de ninguém. Ainda estou trabalhando aqui com afinco.

Enid estava deitada de barriga para cima na cama, a cabeça apoiada nos travesseiros. Ela lia uma edição antiga da revista *The Lady* e falava com Maisie ao mesmo tempo.

– Humpf. Maisie Dobbs, para a sua senhoria você é apenas uma causa social. Eles gostam de uma causa, esses figurões. Ela pensa que está fazendo alguma coisa para as classes baixas. Uma boa samaritana, a velha. Quanto àquele velhote esquisito, o Blanche, se eu fosse você, me preocuparia com ele. Acha mesmo que pode se tornar uma dama com toda esta bobajada de livros?

– Eu já disse, Enid, que não quero ser uma dama.

Maisie dobrou as roupas do dia e as guardou na cômoda pesada, então pegou sua escova e começou a desembaraçar o lustroso cabelo preto.

– Então você é tão tonta quanto aparenta.

Maisie se virou para encarar Enid.

– Qual é o seu *problema*? Você reclama de tudo que eu faço!

– Vou dizer qual é o meu problema, jovem Maisie. Meu problema é que posso não ter a mesma capacidade *intelectual* que você, mas anote minhas palavras: vou embora daqui antes de você, sendo uma dama ou não.

– Mas eu não a estou impedindo...

Frustrada, Enid esperneou, puxou as cobertas e se jogou na cama. Sem dizer boa-noite, deu as costas para Maisie, como agora costumava fazer.

Maisie não disse mais nenhuma palavra, apenas subiu em sua pesada cama de latão para se deitar sobre o colchão duro de crina de cavalo entre os lençóis frios de musselina. Sem tentar ler seu livro ou fazer a lição que Maurice Blanche havia passado, apagou a luz.

Inveja. Agora ela estava começando a entender a inveja. Além das mudanças dos últimos meses e da conversa acalorada com o pai, Maisie também estava começando a perceber de modo consciente o desafio que envolvia a busca do seu sonho. E ela sentia-se inquieta, não pela primeira vez, com o que Enid dissera sobre lady Rowan. Seria ela apenas uma diversão passageira para lady Rowan, alguém que só servia para tranquilizar sua consciência, pois assim estaria fazendo um bem para a sociedade? Maisie custava a acreditar nisso, pois diversas vezes vira no rosto de sua patroa interesse e consideração genuínos.



– Então, Maisie, deixe-me ver seu trabalho. Está progredindo com relação a Jung?

Maisie entrou na biblioteca para se encontrar com Maurice Blanche e ficou de pé diante dele.

– Sente-se, sente-se. Vamos começar. Temos muito trabalho pela frente.

Em silêncio, Maisie colocou os livros na frente dele.

– O que houve, Maisie?

– Dr. Blanche, acho que não posso continuar tendo aulas com o senhor.

Maurice Blanche não disse nada, apenas meneou a cabeça e observou a fisionomia de Maisie. O silêncio se instalou entre os dois, e Blanche logo percebeu a lágrima solitária que surgiu no olho direito de Maisie e escorreu por sua face.

– Ah, sim, creio que se trata do desafio da circunstância e do lugar.

Maisie fungou e encontrou o olhar dele. Ela assentiu com um gesto.

– Sim. Até demorou a acontecer. Tivemos sorte até aqui, não é mesmo, Maisie?

Uma vez mais, Maisie aquiesceu. Ela supôs que a mandariam embora, e,

por sua vez, teria que abandonar suas aspirações e o sonho que havia nutrido desde que planejava frequentar a biblioteca dos Comptons às três da manhã, tanto tempo antes.

Em vez disso, o Dr. Blanche pegou o livro que havia pedido que ela lesse no último encontro, junto com as anotações e as lições que ela fizera para as disciplinas de inglês, matemática e geografia.

Examinando seu trabalho, ele inclinava a cabeça, franzia o cenho. Maisie ficou calada, olhando para as próprias mãos e arrancando uma linha solta em seu avental branco.

– Maisie. Complete, por favor, estes dois capítulos finais enquanto converso com lady Rowan.

Uma vez mais, Maisie ficou sozinha, ainda que por pouco tempo, para refletir sobre o seu destino e se tudo ficaria bem. Quando Maurice Blanche saiu da sala, ela pegou o livro e o abriu no capítulo que ele havia indicado. Entretanto, por mais que se esforçasse, não conseguiu passar do primeiro parágrafo nem reter nada do que havia lido. Em vez disso, pôs a mão direita na boca e roeu a cutícula do seu dedo mindinho. Assim que Maurice Blanche voltou para a biblioteca com lady Rowan e Carter, Maisie precisou enfiar a mão no bolso do avental para que não vissem o sangue que agora gotejava.

Obviamente, haviam discutido bastante nesse intervalo. Coube a Carter, como chefe dos empregados, permanecer ao lado de lady Rowan enquanto ela contava para Maisie sobre um plano que estava considerando havia algum tempo e que agora estava pronto e se baseava em uma necessidade real. Era um plano que, por sua vez, ajudaria Maisie. E sem mais tardar.

– Maisie, a viúva lady Compton vive na casa menor da Chelstone Manor, em Kent. Minha sogra está no comando de suas faculdades, mas apresenta algumas dificuldades de locomoção e dorme por longas horas agora que está em idade avançada. Sua criada pessoal pediu demissão há algumas semanas, pois irá se casar em breve.

Lady Rowan olhou de relance para Maurice Blanche e para Carter antes de prosseguir:

– Maisie, eu gostaria de lhe oferecer o trabalho.

Maisie ficou em silêncio, mas olhou com atenção para lady Rowan e depois para Carter, que simplesmente aquiesceu, franziu o cenho e, com o olhar, chamou a atenção para a mão dela no bolso do avental.

Maisie enrolou o lenço em volta do dedo inchado e se aprumou.

– A viúva lady Compton tem uma pequena criadagem – disse lady Rowan –, como convém às suas necessidades. Além de uma criada pessoal e uma enfermeira, os empregados não vivem na casa da viúva, mas na casa senhorial. Quando estamos na residência, como você sabe, Carter e a Sra. Crawford viajam para Chelstone para complementar a equipe. No entanto, o Sr. Johnson, o zelador, se encarrega sozinho das funções domésticas em Chelstone quando estamos em Londres.

Lady Rowan fez uma pausa, andou em direção à janela e cruzou os braços. Ela parou por um momento para admirar o jardim antes de se virar para a sala e prosseguir:

– O emprego na casa da minha sogra propiciará, digamos, “flexibilidade” para que você possa continuar seus estudos com o Dr. Blanche. Além disso, você não estará sujeita ao escrutínio que tem experimentado nos últimos meses, mas *terá* que se reportar ao Sr. Johnson.

Maisie olhou para os pés, depois para Carter, lady Rowan e Dr. Blanche, e todos pareceram ficar alguns centímetros mais altos enquanto lady Rowan falava.

Maisie se sentiu muito pequena. E ela estava preocupada com o pai.

Enquanto permanecia em silêncio, Carter indicou com uma leve expressão de reprimenda que ela deveria responder alguma coisa.

– Por ali passa algum ônibus para Londres, de modo que eu possa visitar meu pai aos domingos?

– Há um serviço de trem no povoado, a linha secundária que passa por Tonbridge. Mas talvez seja melhor visitar o Sr. Dobbs com menos frequência, já que pela distância o deslocamento exigirá algumas horas – respondeu Maurice Blanche.

Em seguida, sugeriu que dessem um dia para Maisie considerar a oferta.

– Pode ver o Sr. Carter amanhã às cinco horas da tarde para comunicar sua decisão, Maisie?

– Sim, senhor. Obrigada, senhor. E obrigada, Sr. Carter.

– Muito bem. Desejo uma boa noite.

Carter fez uma mesura para lady Rowan, assim como o Dr. Blanche, enquanto Maisie fez uma mesura e colocou a mão de volta no bolso para que os outros não notassem no lenço o sangue da cutícula roída.

– Sugiro, Sr. Carter, que Maisie continue com suas tarefas domésticas esta tarde, e não as lições que passei. Tal empenho será útil para que ela chegue a uma decisão.

– Muito bem, senhor. Maisie?

Maisie fez outra reverência e depois deixou a sala para voltar a seus afazeres.

Blanche foi até a janela e olhou para os jardins do lado de fora. Ele havia previsto os desafios que a jovem Maisie enfrentaria, e que tinham surgido até mais tarde do que ele imaginara. Como ele abominava um talento desperdiçado! Ele sabia que a mudança para Kent seria favorável para ela, mas a decisão de aproveitar essa oportunidade caberia a Maisie apenas. Deixou a casa e se foi, perambulando pelas ruas familiares ao sul do Tâmsa.



Foi uma surpresa para os empregados quando, no dia seguinte, Frankie Dobbs apareceu pela porta dos fundos da cozinha sem ter sido chamado, apenas para anunciar que tomates e alfaces muito bonitos tinham sido trazidos de Jersey – e será que a Sra. Crawford não gostaria de alguns deles para o jantar de sexta-feira à noite?

Em geral, Frankie não via Maisie quando ele ia até a casa entregar as frutas e hortaliças da semana, mas nessa ocasião a Sra. Crawford não demorou a chamar a garota, pois sabia que o motivo da aparição de Frankie Dobbs não era só alardear o que estava mais fresco no mercado de Covent Garden.

– Pai... Pai! – exclamou Maisie, indo ao encontro dele, abraçando-o pela cintura.

– Ora, ora. Para que tudo isso? O que o Sr. Carter vai dizer?

– Ah, pai, estou *tão* feliz por ter vindo aqui. Que coincidência!

Maisie olhou para o pai inquisitivamente e o seguiu pelas escadas que levavam à rua, onde Perséfone esperava, comendo alegremente a aveia do embornal preso à rédea. Então, contou para Frankie sobre a nova posição que lhe haviam oferecido na casa da viúva lady Compton.

– E justo agora passei por aqui, não foi, querida? Parece que é exatamente disso que você precisa. Sua mãe e eu sempre quisemos morar no campo, achávamos que seria melhor para você do que a poluição de Londres. Vá em frente, meu amor. Não deixe de ir. Você ainda poderá me visitar.

– Então não tem problema para você, pai?

– Não, nenhum. Acho que morar no campo vai mesmo lhe fazer muito bem. Uma trabalhadeira, sabe, mas vai fazer bem.

Naquela mesma noite, Maisie deu sua resposta a Carter. Ficou acertado com lady Rowan que ela partiria no fim do mês. Embora quisesse que ela visse e aprendesse tudo aquilo que havia para ver e aprender, Frankie com frequência tinha a sensação de areia fina escorrendo-lhe pelos dedos todas as vezes que pensava em sua menina Maisie.

CAPÍTULO 13



Maisie chegou a Chelstone Manor no outono de 1913. Ela viajou de trem para Tonbridge, onde fez baldeação para Chelstone, numa linha secundária que se bifurcava até lá. Ela levou uma sacola contendo roupas e objetos pessoais e uma malinha carregada de livros, papéis e um amontoado de lições escritas na caligrafia compacta e quase indecifrável de Maurice Blanche. E, em sua mente, Maisie levava uma visão do futuro. Durante sua última aula antes de partir para Chelstone, Blanche havia perguntado para Maisie o que ela faria com seus estudos, com essa oportunidade.

– Hum, não sei exatamente, Dr. Blanche. Sempre pensei que poderia dar aulas. Minha mãe queria que eu fosse professora. Acho que dar aulas seria um bom emprego para mim...

– Mas...?

Maisie olhou para Maurice Blanche, encarou os olhos claros e radiantes que perscrutavam a alma de uma pessoa até que ela lhe revelasse naturalmente aquilo que ele podia observar em silêncio.

– Mas acho que gostaria de fazer algo parecido com o que o senhor faz.

Blanche juntou as mãos em sinal de prece e apoiou o lábio superior em seus indicadores. Dois minutos se passaram até que ele ergueu a vista para Maisie.

– E o que eu faço, Maisie?

– O senhor cura as pessoas. Quer dizer, *acho* que o senhor cura as

pessoas. De diversas maneiras. É o que me parece.

Blanche assentiu, se reclinou em sua cadeira e olhou pela janela da biblioteca em direção aos jardins murados da Ebury Place.

– Sim, creio que se pode dizer isso, Maisie.

– E acho que o senhor descobre a verdade, que percebe o que é certo e errado. E que tem um monte de diferentes... formações.

– Sim, Maisie, tudo isso está certo. Mas e aquela visão?

– Eu quero ir para Cambridge. Para a Girton College. Como o senhor disse, é possível para uma pessoa comum como eu, contanto que eu possa estudar e fazer as provas.

– Acho que nunca usei a palavra “comum” para descrevê-la, Maisie.

Ela corou, e Blanche continuou com suas perguntas:

– E o que você vai estudar, Maisie?

– Não tenho certeza. Tenho interesse nas ciências morais, senhor. Quando me contou sobre as diferentes disciplinas, psicologia, ética, filosofia, lógica, pensei que eram as que eu mais gostaria de estudar. Já fiz muitas tarefas sobre essas matérias e gostei delas. Não é tão... bem... definitivo, ou é? Às vezes é como um labirinto, sem respostas, apenas mais perguntas. Gosto disso, o senhor sabe. Gosto da busca. E é o que o senhor quer, não é?

Maisie olhou para ele e esperou uma resposta.

– O que é pertinente aqui não é o que quero, Maisie, mas aquilo que a motiva. Entretanto, vou concordar que você tem certo talento para compreender e discernir os temas que constituem o programa dos cursos de ciências morais. Bem, você ainda é jovem. Temos bastante tempo para discutir sobre esse assunto. Talvez devamos passar às suas tarefas, mas lembre-se, acima de tudo, de manter esses sagrados salões da Girton College em seus pensamentos.



A velha dama não era muito exigente, e havia uma enfermeira que se responsabilizava por boa parte dos cuidados. Maisie cuidava para que os quartos da viúva estivessem sempre aquecidos e para que suas roupas

estivessem limpas e arrumadas todos os dias. Escovava o delicado cabelo grisalho da velha senhora e o trançava em um coque, que ela portava sob uma touca amarrada. Ela lia para a viúva e lhe levava as refeições preparadas na casa principal. Na maior parte do tempo, a velha dama dormia em um de seus aposentos ou se sentava próxima à janela com os olhos cerrados. Vez por outra, num dia agradável, Maisie a levaria para fora da casa numa cadeira de rodas ou a ajudaria a ficar de pé no jardim, pois insistia em que estava bem o suficiente para cuidar de uma rosa fenecida ou para se esgueirar e inalar o fresco perfume de uma flor de macieira. Logo ela se cansava e se apoiava em Maisie, que a ajudava a se sentar de novo na cadeira. Mas, durante quase todo o tempo, Maisie se sentia só.

Na casa senhorial a criadagem não conversava muito e, apesar de tudo, Maisie sentia saudades de Enid e de seu senso de humor peculiar. Os outros empregados em Chelstone não tinham boa vontade nem faziam gracejos ou a tratavam como uma igual. Ainda assim, apesar de sentir falta das pessoas que aprendera a amar, ela desfrutava da solidão para se dedicar aos estudos. Todos os sábados, Maisie ia até o povoado para enviar ao Dr. Blanche, pelo correio, um pacote embrulhado em papel pardo, e todos os sábados ela recebia e retirava um novo envelope com suas tarefas mais recentes e os comentários dele sobre as da semana anterior. Em janeiro de 1914, Maurice decidiu que Maisie estava pronta para se submeter às provas de admissão da Girton College.



Em março, Maurice acompanhou Maisie em sua viagem a Cambridge para as provas. Encontraram-se bem cedo na estação Liverpool Street, de onde partiriam de trem para Cambridge e, de lá, para o vilarejo de Girton, que abrigava a famosa faculdade feminina da Universidade de Cambridge. Ela se lembrava de ter visto pela janela do trem as ruas de Londres aos poucos serem sucedidas por terras cultiváveis, macias como as de Kent, mas, em vez da ondulação das colinas do Weald of Kent, com as cercas vivas dividindo a manta de retalhos de fazendas, bosques e pequenos vilarejos, os charcos de

Cambridgeshire – como era chamado o condado de Cambridge – eram tão planos que podiam ser avistados a quilômetros e quilômetros de distância.

As imponentes construções de Cambridge, os maravilhosos jardins da Girton College a cerca de 3 quilômetros ao norte da cidade, o grande salão de conferências, a mesa para a qual foi conduzida, as folhas de papel à sua frente, as longas horas de perguntas e respostas, a ponta de sua caneta roçando a articulação do seu segundo dedo da mão direita à medida que ela ia completando página atrás de página com sua caligrafia bela e nítida – tudo isso foi inesquecível. Ela de repente sentiu a garganta seca e ficou fraca e com falta de ar ao deixar o salão, cujo teto agora parecia oprimi-la. Sua cabeça girava quando se apoiou no Dr. Blanche, que estava esperando por ela. Caminhando devagar até a casa de chá do vilarejo, ele a segurou e a orientou a respirar profundamente.

Enquanto o chá quente e os bolinhos frescos eram servidos, Blanche esperou Maisie descansar um pouco antes de pedir que contasse sobre cada pergunta da prova e as respostas que tinha dado. Ele assentia à medida que ela descrevia as respostas e às vezes parava para dar goles no chá ou tirar uma migalha do canto da boca.

- Maisie, creio que você foi muito bem.
- Não sei, Dr. Blanche. Mas fiz o melhor que pude.
- É claro. É claro.
- O senhor foi para Oxford, não foi?
- Sim, Maisie. E na época eu era apenas um pouco mais jovem que você. É claro, como sou homem, pude obter um diploma. Mas virá o tempo, e espero que não demore muito, em que as mulheres também se diplomarão por seus estudos acadêmicos superiores.

Maisie tirou do ombro a longa trança de cabelo preto como azeviche e sentiu seu peso ao longo das costas quando se sentou novamente na cadeira para ouvir Maurice.

- E também tive a sorte de estudar na Sorbonne, em Paris, e em Edimburgo.
- Na Escócia.
- Fico satisfeito em ver que você tem noções de geografia, Maisie. – Ele

olhou para ela por cima dos óculos e sorriu. – Isso mesmo, no Departamento de Medicina Legal.

– O que estudou lá, Dr. Blanche?

– Aprendi a ler a história contada pelo corpo de um morto. Especialmente quando a pessoa não morreu de causas naturais.

– Ah... – disse Maisie, que ficou momentaneamente sem palavras.

Ela afastou o bolinho farelento e tomou um longo e reconfortante gole de chá. Aos poucos, recuperava a energia depois do suplício das últimas horas, que ela havia enfrentado junto com uma dúzia de outros estudantes esperançosos.

– Dr. Blanche, posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Por que queria aprender sobre os mortos?

– Ah, é uma boa questão, Maisie. Basta dizer que às vezes a vocação é que nos encontra. Quando fui para Oxford pela primeira vez foi para estudar economia e política; depois, fui para Sorbonne estudar filosofia... veja bem, nesse ponto temos interesses semelhantes... mas, em minhas viagens, vi muito sofrimento, e a medicina me encontrou.

– E medicina legal? O corpo dos mortos?

Maurice olhou para o relógio.

– Essa história fica para outra hora. Agora vamos andar pela faculdade novamente, onde sem dúvida você estará estudando ainda este ano. Os jardins são de fato encantadores.



Os Comptons haviam reunido um círculo social de hóspedes importantes e influentes, não apenas para aproveitar as delícias de um fim de semana de julho no campo, mas também para entabular animados debates, repletos de conjecturas sobre as discórdias que vinham fermentando na Europa desde junho, quando o arquiduque austríaco fora assassinado na Sérvia. Prevvia-se que o conflito, que tivera início dois anos antes, em 1912, nos Bálcãs, se transformaria numa guerra generalizada, e à medida que os exércitos do

Kaiser supostamente se posicionavam ao longo das fronteiras da Bélgica, crescia o temor de uma escalada da violência. O medo pairou sobre a Europa, abrindo caminho nos corredores do governo e chegando às casas das pessoas comuns.

Carter estava em plena operação de guerra diante da ofensiva dos convidados, enquanto a Sra. Crawford defendia seu território na cozinha, lançando ordens para qualquer empregada ou laçao que estivesse ao alcance de suas explosões verbais. Lady Rowan podia jurar que conseguia ouvir a voz da cozinheira reverberando por cada viga de madeira da casa senhorial medieval, embora ela mesma se negasse a intervir numa hora dessas.

– Rowan, nós temos a melhor cozinheira de Londres e Kent, mas receio que seja a que mais grita.

– Não se preocupe, Julian. Ela vai baixar a voz quando tudo estiver em ordem e os convidados começarem a chegar.

– Certamente, certamente. Até lá, fico me perguntando se devo avisar ao Gabinete de Guerra sobre ela, por precaução. Ela é capaz de fazer um general de alta patente passar vergonha. Viu como posiciona suas tropas? Eu deveria mandar cada novo subalterno vir servir no batalhão da Cozinheira Crawford por um mês. Poderíamos vencer os bárbaros atirando tortas de carne pela França, até atingirem o palácio do Kaiser!

– Julian, não seja absurdo e não esteja tão certo de que a Grã-Bretanha entrará em guerra – disse lady Rowan. – A propósito, creio que a nossa Srta. Dobbs recebeu uma carta da Girton esta manhã.

– É mesmo, por Deus! Bem, já estava na hora, minha querida. Acho que eu não suportaria olhar por muito mais tempo para aqueles dedos com unhas roídas segurando a bandeja de chá.

– Ela tem uma vida difícil, Julian. – Lady Rowan olhou pelas janelas e através das terras ao redor da Chelstone Manor. – Não podemos sequer imaginar como a vida dela tem sido dura. É uma menina tão brilhante.

– E para cada Maisie Dobbs, há provavelmente dez outras que você não tem como salvar. Lembre-se de que talvez não tenhamos feito nenhum favor a ela, Rowan. A vida em Cambridge pode ser muito difícil para alguém de sua classe.

– Sim, eu sei, Julian. Mas os tempos estão mudando. Fico contente por termos sido capazes de contribuir de alguma forma. – Ela se virou para encarar o marido. – Bem, que tal irmos lá embaixo para ver que notícias nos traz a carta da Girton? Não sei se você percebeu, mas a casa ficou terrivelmente quieta.

Lorde e lady Compton foram juntos à grande sala de estar, onde Julian tocou a sineta chamando Carter. Impecavelmente arrumado e sempre pontual, o mordomo atendeu ao chamado em instantes.

– Vossas senhorias.

– Carter, que notícias a Srta. Dobbs recebeu de Cambridge?

– Excelentes notícias, excelentes, milorde. A Srta. Dobbs foi aceita. Estamos todos extremamente orgulhosos dela.

– Ah, isso é maravilhoso, maravilhoso! – Lady Rowan bateu palmas. – Precisamos avisar a Maurice, Julian. Carter, peça à Srta. Dobbs que venha nos ver agora mesmo.

CAPÍTULO 14



Maisie não via a hora de contar a novidade para Frankie Dobbs pessoalmente. Assim que pôde, viajou de trem até a estação Charing Cross e, de lá, seguiu até a pequena casa geminada enegrecida pela fuligem que um dia fora seu lar.

– Bem, quem diria? Nossa pequena Maisie está crescida e vai para a universidade. Isso me deixa sem palavras, sua mãe estaria feliz da vida.

Frankie Dobbs segurou a filha pelos ombros e olhou dentro dos olhos dela, enquanto os seus marejavam com lágrimas de orgulho e preocupação.

– Você acha que está pronta para isso, querida?

Frankie puxou uma cadeira e fez um gesto para Maisie se sentar com ele perto do fogão a carvão na pequena cozinha.

– É um grande passo, não é?

– Vai dar tudo certo, pai. Consegui uma vaga e, no ano que vem, se minhas notas forem boas, posso ganhar uma bolsa. É o meu objetivo. Além disso, lorde e lady Compton serão meus fiadores no primeiro ano, e eu também tenho economizado um pouco. Lady Rowan vai me dar algumas das roupas que ela não quer mais, e a Sra. Crawford disse que vai me ajudar a ajustá-las para que caibam em mim, apesar de haver regras rígidas sobre o que posso vestir. Não é muito diferente de um uniforme de empregada, mas sem o avental, pelo que posso imaginar.

Maisie esfregou as mãos do pai, que pareciam estranhamente frias.

– Eu já disse que vou ficar bem, pai. E no Natal, na Páscoa e no verão posso voltar para casa e ganhar algum dinheiro.

Frankie Dobbs mal podia olhar nos olhos da filha, sabendo muito bem que seria quase impossível Maisie retomar o emprego na casa dos Comptons uma vez que o tivesse deixado. Ele conhecia a realidade dessas casas, e assim que ela tivesse alcançado certa mobilidade social, não poderia mais voltar à sua posição anterior. Até então ela tivera sorte, mas, depois que partisse, não seria aceita de volta tão facilmente. A distância entre Maisie e os outros empregados se tornaria um abismo. E o que preocupava Frankie, acima de tudo, era que Maisie talvez nunca se encaixasse em *nenhuma* classe social, que talvez ficasse para sempre numa posição intermediária.

– Então, quando vai partir?

– Começo no outono. Eles chamam o primeiro período letivo, que vai de setembro a dezembro, de Michaelmas, sabe, como aquelas margaridas de cor malva que florescem em setembro, aquelas que mamãe adorava. Precisei de uma permissão especial porque ainda não completei 18 anos.

Frankie se levantou de sua cadeira e massageou os ombros. Ele queria levar a conversa de volta a um ponto em que pudesse revelar sua oferta.

– Bem, tenho uma coisa para você, querida. – Frankie estendeu os braços e pegou na prateleira acima do fogão um grande pote de cerâmica que costumava ser usado para guardar farinha.

– Aqui está. Depois que paguei as dívidas, sabe, depois que sua mãe... Comecei a economizar um pouco toda semana. É para você. Guardei sabendo que um dia faria alguma coisa importante, quando um dinheirinho a mais viria bem a calhar.

Maisie pegou o pote com as mãos trêmulas. Levantou a tampa e olhou lá dentro. Havia notas de libras, algumas novinhas de 10 xelins, moedas de florim e de meia-coroa, além de xelins. O recipiente estava repleto das economias que Frankie Dobbs havia feito para Maisie.

– Ah, pai... – Maisie ficou de pé e, segurando o pote de dinheiro com uma das mãos e o pai com a outra, o abraçou.



Em agosto de 1914, as pessoas ainda seguiam normalmente suas vidas e a guerra parecia algo completamente distante do cotidiano. Então um rapaz que ela conheceu no vilarejo apareceu de uniforme e começou a ficar um pouco mais difícil encontrar certos alimentos. Um laçao da casa de Belgravia se alistou, assim como os cavaleiros e os jovens jardineiros de Chelstone. E, num fim de semana, Maisie foi chamada à sala de estar de lady Rowan.

– Maisie, estou fora de mim. Todos os cavaleiros se alistaram e estou extremamente preocupada com meus cavalos. Tenho falado com todo tipo de pessoa, mas os jovens todos estão entrando nas Forças Armadas. Olhe, sei que não é algo habitual, mas fico me perguntando: você acha que seu pai consideraria esse emprego?

– Bem, milady, não sei ao certo. Ele tem Perséfone e seus fregueses...

– No terreno há uma casa de campo, se ele quiser. Você poderá vê-lo quando não estiver na Girton, é claro, e a égua poderá ficar no estábulo. Os dois serão bem-tratados.

No dia seguinte, Maisie viajou de trem para Londres para ver o pai. Para a completa surpresa dela, Frankie Dobbs disse que iria “pensar no assunto” ao ouvir a oferta de lady Rowan.

– Afinal de contas, eu não sou mais um jovem, nem Perséfone. Ela pode aproveitar o ar fresco do campo. E sua senhoria tem sido muito boa para você, então pense nisto: ajudar seria a coisa certa. Kent não é de todo desconhecido para mim. Quando era garoto, todos os anos, eu ia para lá colher lúpulo dos bons.

Frankie Dobbs e Perséfone deixaram Lambeth numa manhã nebulosa e incomumente fria no fim de agosto de 1914 para morar numa casa de campo e num estábulo, respectivamente, na Chelstone Manor. Em vez de se levantar às três horas da manhã para levar Perséfone ao mercado de Covent Garden e dar início às suas entregas, Frankie então desfrutava de um sono prolongado antes de se levantar às cinco horas para alimentar os caçadores de lady Rowan e Perséfone, que parecia estar aproveitando sua aposentadoria. Em pouco tempo, Frankie Dobbs já era festejado por lady Rowan como o homem que sabia tudo o que havia para saber sobre limpeza,

alimentação e bem-estar de cavalos. Mas foi um conhecimento mais genuíno que a levaria a estimá-lo pelo resto da vida.



Faltavam apenas alguns dias para a partida de Maisie para Cambridge. Assim, o tempo que passaram juntos foi de extrema importância para Maisie e seu pai. Eles retomaram o ritual de trabalhar juntos para paparicar Perséfone sempre que possível. Numa dessas ocasiões, enquanto estavam trabalhando e conversando sobre as últimas notícias da guerra, lady Rowan fez uma visita-surpresa.

– Tem alguém aí?

Maisie ficou paralisada, mas Frankie Dobbs, ainda que de maneira respeitosa, simplesmente respondeu:

– Aqui dentro com Perséfone, vossa senhoria.

– Sr. Dobbs. Graças a Deus. Estou fora de mim.

Maisie de imediato se aproximou de lady Rowan, que sempre dizia estar “fora de si” numa crise, apesar de o seu comportamento sugerir o contrário.

– Sr. Dobbs, eles estão vindo pegar meus caçadores e, possivelmente, até mesmo a sua égua. Lorde Compton recebeu a notícia do Gabinete de Guerra: nossos cavalos serão inspecionados esta semana para que possam ser usados no serviço militar. Vão chegar na terça para levá-los. *Não posso deixá-los partir.* Não quero ser antipatriota, mas eles são meus caçadores.

– Tampouco vão levar minha Perséfone, vossa senhoria.

Frankie Dobbs caminhou na direção de sua velha e fiel égua, que fuçou em seu casaco, prevendo um agrado. Ele pegou de seu bolso pedaços de maçã e os ofereceu a Perséfone, sentindo em sua mão o calor reconfortante do focinho aveludado do animal, antes de se virar para lady Rowan.

– Terça-feira, não é? Deixe comigo.

– Ah, Sr. Dobbs, tudo depende do senhor. O que fará? Vai levá-los para outro lugar e escondê-los?

Frankie riu.

– Ah, não. Acho que eu seria visto escapando com este pequeno bando,

vossa senhoria. Não, não precisarei fugir para lugar algum. Mas tem uma coisa – Frankie Dobbs olhou para Maisie e para lady Rowan. – Saiam agora. Não quero ver ninguém nestes estábulos até eu os chamar para vir até aqui. E, vossa senhoria, irei à casa na manhã de terça-feira e lhe direi o que falar quando os oficiais vierem. Mas o principal é: não se importe com o que quer que veja ou ouça, e não diga nada além do que eu disser. Vossa senhoria terá que confiar em mim.

Lady Rowan recobrou sua coragem, se recompôs e encarou Frankie Dobbs.

– Confio totalmente no senhor.

O pai de Maisie aquiesceu, inclinou seu chapéu em direção a lady Rowan e em seguida sorriu para Maisie. A imponente mulher andou até a porta do estábulo e então deu meia-volta.

– Sr. Dobbs. Há uma coisa sobre a qual falamos muito brevemente quando o senhor chegou a Chelstone. Lembro-me de que o senhor esteve em um pátio de corrida quando menino.

– Newmarket, vossa senhoria. Estive lá dos 12 aos 19 anos, quando enfim voltei para ajudar meu pai no trabalho. Eu era um pouco grande para um jóquei.

– Imagino que aprendeu muita coisa sobre cavalos, não?

– Ah, sim, vossa senhoria. Mais do que isso. Vi muita coisa, umas boas e outras ruins.

Os oficiais do Gabinete de Guerra chegaram a Chelstone na terça-feira à hora do almoço. Lady Rowan os conduziu aos estábulos desculpando-se profusamente e explicando, como havia sido orientada por Frankie Dobbs, que ela receava que os cavalos pudessem não estar apropriados ao serviço militar, pois haviam contraído uma doença que nem seu cavalariaço pôde curar. Eles foram recebidos por Frankie Dobbs, que estava de pé ao lado de Sultão, um caçador da cor de azeviche.

O cavalo, que já fora nobre, estava com a cabeça dependurada, e de sua boca aberta escorria uma espuma. Seus olhos giravam nas órbitas e ele se esforçava para respirar. Lady Rowan arfava e olhava para Frankie, que desviava de seu olhar alarmado.

– Por Deus, o que há de errado com o animal? – perguntou o homem alto de uniforme, que trazia um bastão debaixo do braço.

Ele andou com cuidado até Sultão, evitando pisar em qualquer sujeira na palha que pudesse comprometer o brilho de suas botas extremamente lustradas.

– Há anos não vejo nada assim. Foi causado por minhocas. Bactérias – respondeu Frankie Dobbs, e se dirigiu diretamente a lady Rowan. – Sinto muito, vossa senhoria. Provavelmente vamos perder todos eles até amanhã. A velha égua que puxa a carroça será a primeira. Por conta da idade.

Os homens pararam um instante para olhar dentro da baia de Perséfone, onde a fiel égua de Frankie Dobbs jazia prostrada no chão.

– Lady Compton. Receba nossa solidariedade. O país precisa de 165 mil cavalos, mas eles devem estar em boas condições, fortes e em plena capacidade de servir no campo de batalha.

As lágrimas de lady Rowan eram verdadeiras. Ela havia sido preparada por Frankie em relação ao que diria, mas não ao que veria.

– Sim... sim... claro. Desejo-lhes sorte, cavalheiros.

Os dois homens logo partiram. Depois de enfim se despedir deles, lady Rowan correu imediatamente para os estábulos mais uma vez, onde Frankie Dobbs se esforçava para despejar um líquido esbranquiçado pela goela de Sultão. Maisie estava em outra baia, dando o líquido para Ralph. Perséfone e Hamlet estavam de pé.

Lady Rowan não disse nada, mas andou em direção a Hamlet e tocou a pele pálida e esmorecida ao redor dos olhos do animal. Quando tirou a mão, percebeu o pó branco em suas luvas e sorriu.

– Sr. Dobbs, certamente nunca perguntarei o que fez hoje. Mas me lembrarei disso para sempre. Sei que o que lhe pedi foi errado, mas eu simplesmente não suportaria essa perda.

– E eu não suportaria perder Perséfone, vossa senhoria. Devo avisar que esta guerra está longe de chegar ao fim. Mantenha os cavalos em sua propriedade. Não deixe ninguém de fora vê-los, só quem trabalha aqui. Tempos como esses mudam a gente. Mantenha os animais perto de casa.

Lady Rowan aquiesceu e deu uma cenoura para cada cavalo.

– Ah, e a propósito, vossa senhoria, será que a Sra. Crawford poderia usar duas dúzias e meia de gemas de ovo? Será um tremendo desperdício se ela não puder.



Dez empregados sentaram-se para jantar na grande mesa da cozinha em Chelstone Manor na última noite em que Maisie passaria na casa, antes de seguir para Cambridge. Ela estava prestes a começar sua nova vida. Como os Comptons se encontravam na residência, os empregados da casa de Belgravia de que Maisie gostava estavam lá para se despedir.

Carter se sentou à cabeceira da mesa, na cadeira destinada ao chefe da criadagem, e a Sra. Crawford, na extremidade oposta, ao alcance do grande fogão a carvão de ferro fundido. Maisie estava ao lado do pai e diante de Enid. Mesmo esta, que também havia sido convocada na casa de Londres para ajudar nas atividades de lazer do fim do verão em Chelstone, se juntara à comemoração e parecia feliz. Enid estava consideravelmente mais animada desde que o Sr. James voltara do Canadá.

– Meu Deus, acho que o mundo está girando ainda mais rápido estes dias. Com a guerra, o menino James voltando para casa, Maisie indo para Cambridge... Cambridge, a nossa Maisie Dobbs! E ainda todas essas pessoas importantes chegando amanhã para se encontrar com lorde Compton – disse a cozinheira, ao tomar seu assento após dar uma última olhada na torta de maçã.

– Todos os preparativos estão em ordem, Sra. Crawford. Vamos fazer uma inspeção final depois de nossa pequena celebração aqui. E agora...

Erguendo-se, Carter pigarreou e sorriu.

– Peça que brindem comigo.

As cadeiras foram empurradas para trás, alguns tossiram ao se pôr de pé e se acotovelaram uns aos outros. Toda a equipe complementar de empregados se virou para encarar Maisie, que corou.

– À nossa Maisie Dobbs! Parabéns, Maisie. Vimos como você estudou com afinco, e sabemos que será motivo de admiração para lorde e lady

Compton, para seu pai... e para todos nós. Temos uma lembrancinha, algo para você usar na universidade.

A Sra. Crawford se esgueirou sob a mesa e pegou uma grande caixa horizontal, que, com uma das mãos, entregou para Carter por baixo da mesa. Enquanto isso, com a outra, ela esfregava com um grande lenço branco seus olhos marejados.

– É um presente de toda a equipe da Chelstone Manor e da residência dos Comptons em Londres, Maisie. Estamos orgulhosos de você.

Maisie corou e se virou para a caixa de papelão marrom.

– Ah, meu Deus. Ah!

– Abra logo, Maisie, pelo amor de Deus! – exclamou Enid, recebendo um olhar duro da Sra. Crawford.

Maisie puxou o barbante, ergueu a tampa e afastou o delicado papel de seda, revelando uma macia, porém robusta, pasta de documentos de couro preto com fecho prateado.

– Ah... ah... é... é... linda! Obrigada, obrigada. A todos vocês.

Carter foi logo tirando os óculos e brindando:

– À nossa Maisie Dobbs...

As vozes entoaram ao redor da mesa.

– A Maisie Dobbs.

– Bom trabalho, Maisie.

– Você mostrou para eles como se faz.

– Maisie Dobbs!

Maisie acenou, murmurando:

– Obrigada... obrigada... obrigada.

– E antes de nos sentarmos... – disse Carter, quando o grupo todo estava se abaixando para retomar os assentos. – Ao nosso país, aos nossos meninos que estão indo para a França. Boa sorte e viva o rei!

– Viva o rei!



No dia seguinte, Maisie esperou de pé na plataforma da estação, dessa vez

com uma mala de livros muito mais pesada do que a de pertences pessoais. Ela segurava bem firme sua pasta de documentos preta, com receio de que pudesse perder aquele presente tão maravilhoso. Carter e a Sra. Crawford o haviam escolhido, convencidos de que Maisie Dobbs não deveria ir para a universidade sem uma pasta elegante para guardar seus trabalhos.

Durante a viagem para Cambridge, ao fazer escala em Tonbridge para trocar de trem e pegar a linha principal com destino a Londres, Maisie foi surpreendida pela multidão de homens uniformizados e enfileirados na plataforma. Cartazes que tinham acabado de ser afixados davam uma pista sobre o que vinha pela frente:

LINHAS DE TREM PARA LONDRES, BRIGHTON & SOUTH COAST
MOBILIZAÇÃO DE TROPAS
NOTIFICAMOS AOS PASSAGEIROS QUE PODE SER NECESSÁRIA
A SUSPENSÃO OU ALTERAÇÃO DOS TRENS SEM AVISO PRÉVIO

Era evidente que a viagem para Cambridge seria longa. Casais de namorados e de recém-casados abraçavam-se com força em meio à multidão apinhada na plataforma. Mães choravam em lenços encharcados, os filhos faziam promessas – “Antes que você perceba, estarei de volta” – e pais mantinham silêncio, resignados.

Maisie passou por um pai e um filho que aguardavam em desconforto mútuo, dominados por uma emoção muda. Viu o homem mais velho dar um tapinha no ombro do filho. Ele contraía os lábios, reprimindo firmemente a tristeza, enquanto o rapaz olhava para os pés. Uma border collie estava sentada entre os dois, presa a uma coleira que o filho segurava. A cachorrinha resfolegante olhou para o homem e depois para o garoto quando começaram a conversar calmamente.

- Seja prudente e faça o melhor que puder, filho. Sua mãe estaria orgulhosa de você.
- Eu sei, pai – disse o rapaz, baixando o olhar para as lapelas do pai.
- E tome o cuidado de manter a cabeça bem longe dos soldados do

Kaiser. Não queremos que você estrague esse uniforme, não é?

O menino riu, porque ainda era um menino, não um homem.

– Tudo bem, pai, vou manter minhas botas lustradas, e você tome conta da Patch.

– Estaremos seguros, Patch e eu, esperando por você em casa, filho.

Maisie observou quando o homem apertou com mais força o ombro do jovem.

– Escute. Seu trem está chegando. Aí está, hora de se despedir. Seja cuidadoso e faça o melhor que puder.

O filho assentiu, abaixou-se para acariciar a cadela, que abanou o rabo alegremente e pulou para lambe o rosto do garoto. Seus olhos se encontraram com os do pai apenas por um breve instante. Depois que passou a coleira para o homem mais velho, de repente ele foi engolido por uma onda de uniformes cáqui. Um guarda com um megafone ordenou: “Civis, mantenham-se afastados do trem”, enquanto o homem mais velho se ergueu na ponta dos pés, tentando capturar uma última visão de seu filho, que partia.

Maisie se afastou para deixar os soldados embarcarem no trem e observou quando o homem se curvou, pegou a cadela no colo e afundou o rosto no pelo espesso do animal. Quando seus ombros estremeceram com a dor que ele não se atreveu a revelar, a cadela girou sua cabecinha para confortá-lo com uma lambida no pescoço.

CAPÍTULO 15



Ao chegar à Girton College, Maisie se registrou na portaria do alojamento e foi direcionada ao quarto que ocuparia durante o ano acadêmico. Certificou-se de que a mala com os livros logo lhe seria entregue no quarto e agarrou sua bolsa, começando a deixar a portaria conforme as orientações dadas pelo porteiro, que de repente a chamou de volta.

– Ah, senhorita! Chegou hoje uma encomenda urgente, preciso lhe entregar agora mesmo.

Maisie pegou o pacote embrulhado em papel pardo e logo reconheceu a caligrafia inclinada. Era de Maurice Blanche.

Poucas mulheres já se encontravam no alojamento quando Maisie chegou, e os corredores estavam silenciosos enquanto ela se dirigia até o quarto. Estava ansiosa para ver a encomenda e quase não prestou atenção no que acontecia à sua volta depois que abriu a porta. Em vez disso, foi logo deixando seus pertences no chão, perto do guarda-roupa e, sentando-se na pequena poltrona, começou a desembulhar o pacote. Sob o papel pardo, papel de seda cobria a carta de Blanche e uma encadernação de couro com páginas em branco. No verso da capa, ele havia copiado um fragmento de Søren Kierkegaard, palavras que ele havia citado para ela de memória em seu último encontro antes da viagem para Cambridge. Era como se Maurice estivesse ali com ela, tão potente era a sua voz em seu pensamento, lendo as palavras: “Não há nada que os homens mais temam do que vir a conhecer a

enormidade daquilo de que são capazes de fazer e de se tornar.” Ela fechou o caderno e continuou a segurá-lo enquanto lia a carta na qual Blanche explicava seu presente:

Ao buscar instruir sua mente, fui omissa em orientá-la quanto ao exercício oposto. Este pequeno caderno é para a escrita diária, nas horas em que o dia começa a nascer e você ainda não mergulhou nas riquezas do estudo e do encontro intelectual. Minha orientação, Maisie, é que escreva uma página a cada dia. Sem um tema estabelecido, exceto aquele que a mente recém-desperta reteve durante o sono.

De repente, o estrondo de uma porta girando em suas dobradiças, sucedido pelo baque duplo de grandes malas aterrissando uma depois da outra no chão do quarto ao lado, anunciou a chegada de sua vizinha. Amplificado pelo corredor vazio, ela ouviu um suspiro profundo seguido pelo barulho de um pé chutando uma das malas.

– O que eu não daria agora por um gim-tônica!

Um segundo depois, com o papel do embrulho ainda entre os dedos e a cabeça erguida para acompanhar o sonoro impacto da vizinha, Maisie escutou passos em direção ao seu quarto. Em sua pressa para abrir o pacote, ela havia deixado a porta entreaberta, permitindo à outra jovem acesso direto.

Uma garota elegantemente vestida, de cabelos castanhos, postou-se diante dela e lhe estendeu a mão com unhas muito bem cuidadas.

– Priscilla Evernden. Encantada em conhecê-la... Maisie Dobbs, certo? Por acaso você não teria um cigarro, teria?



Maisie tinha a sensação de levar duas vidas em Cambridge. Havia os dias de estudo e aprendizado, que começavam em seu quarto antes de o sol nascer e terminavam depois das preleções e das aulas tutoriais, com ainda mais horas

de estudo à noite. Ela passava as tardes de sábado e as manhãs de domingo na capela da faculdade, enrolando gaze e tricotando meias, luvas e mantas para os homens no front. O inverno nas trincheiras era severo, e mal corra o rumor de que os soldados estavam precisando de roupas quentes, cada mulher de repente se pôs a tricotar.

Assim, pelo menos, Maisie sentia estar fazendo algo de útil pela guerra, apesar de os estudos estarem em primeiro lugar. Na verdade, a conversa sem fim sobre a guerra lhe parecia uma distração – era algo que ela apenas queria que terminasse, para poder embarcar em sua vida em Cambridge e no que quer que acontecesse depois.

Havia dias em que Maisie se sentia grata por uma colega tão cheia de vida residir no quarto ao lado. Priscilla parecia gravitar ao redor de Maisie e – de maneira surpreendente para a própria Maisie – parecia gostar de sua companhia.

– Minha querida, quantos pares dessas meias infernais precisamos tricotar? Tenho certeza de que já tricotei para um batalhão inteiro.

Outra observação perspicaz de Priscilla Evernden. Na verdade, Maisie adorava o tom teatral de Priscilla da mesma forma que adorava a astúcia e o pragmatismo de Enid, e tinha consciência de que, apesar dos quilômetros que separavam as duas garotas na forma como tinham sido educadas, ambas compartilhavam uma vivacidade e uma disposição de causar inveja. Embora se atrapalhasse com a linguagem da aristocracia, Enid tinha certeza de quem era e do que queria ser. Priscilla também era segura de si, e Maisie adorava seu jeito de falar expansivo e floreado, pontuado por gestos exagerados de mãos e braços.

– Você parece mesmo estar indo muito bem – disse Maisie.

– Ah, pare com isso! – exclamou Priscilla, atrapalhando-se com as agulhas de tricô. – Sinto lhe dizer, querida Maisie, mas você certamente foi feita para usar essas agulhas, basta olhar para essa trança descendo pelas suas costas. Senhor, essa trança bem poderia ser um pão da Festa da Colheita! É óbvio que você nasceu para tricotar.

Maisie corou. Ao longo dos anos, ela foi perdendo o sotaque do sul de

Londres. Poderia não se passar por aristocrata, mas poderia muito bem ser considerada a filha de um clérigo – e não alguém criado para tricotar.

– Eu não acho, Pris.

– Bem, suponho que não. Basta ver seus trabalhos acadêmicos e esses livros que você lê. Para qualquer um que encare esses tomos volumosos, tricotar uma meia é moleza. Meu Deus, eu trocaria isso por uma bebida forte e boas histórias de amor e luxúria a qualquer hora.

Maisie largou a agulha e encarou Priscilla.

– Bem, não me diga, Pris. Por que você veio para Cambridge?

Priscilla era alta e dava a impressão de ser forte, apesar de não estar acima do peso. Ela deixava os cabelos castanhos soltos na altura dos ombros e vestia uma camisa masculina e uma calça masculina que pegara “emprestadas” com o irmão antes de ele partir para a França. Ela argumentara que não estariam mais na moda quando ele voltasse e jurara que as usaria apenas em lugares fechados.

– Minha querida, vim para Cambridge porque pude, e porque minha querida mãe e meu querido pai estavam loucos para se livrar de mim e não ter mais que olhar pela janela e me ver chegar às duas da madrugada. O que os olhos não veem, o coração não sente, querida. Ah, meu Senhor, veja esta meia! Não sei o que estou fazendo de errado, mas é como tricotar num funil.

Maisie ergueu os olhos.

– Deixe eu ver.

– Oba! M. Dobbs vai me salvar.

Priscilla se levantou da velha poltrona, onde estava sentada de lado com as pernas balançando sobre o braço do assento, enquanto Maisie permanecia sentada no chão sobre uma almofada.

– Vou sair agora, e que se dane o toque de recolher da Srta. Fulana lá de baixo.

– Priscilla, e se você for pega? Não deveria estar fora até tarde da noite. Você pode ser expulsa por isso.

– Querida Maisie, não serei pega porque não vou voltar tarde. Se alguém perguntar, sei que vai dizer que estou de cama. E, claro, quando eu retornar

amanhã ao raiar do dia, bem, a explicação é que precisei do ar fresco da manhã para me revigorar depois da minha indisposição.

Minutos depois, Priscilla reapareceu vestida com uma roupa de noite com uma bolsa pequena a tiracolo.

– Se há uma coisa que precisamos admitir sobre a guerra, querida, é que não há nada como um homem de uniforme. Vejo você no café da manhã. E, pelo amor de Deus, pare com essa angústia!



– Nossa Senhora, Maisie Dobbs, aonde você acha que vai com esses livros?

Priscilla Evernden estava debruçada na janela do quarto de Maisie e se virou para fumar um cigarro que tragava com força por uma longa piteira de marfim. Era o fim de seu segundo período na Girton, e Maisie estava fazendo as malas para retornar a Chelstone, onde passaria a Páscoa.

– Bem, Pris, não quero me atrasar nos estudos, então pensei que não faria mal...

– Me diga, Maisie, quando é que você se diverte, garota?

Maisie corou e começou a dobrar uma blusa de algodão. A intensidade de seus movimentos ao passar a lateral da mão pelas dobras e alisar a gola revelava desconforto.

– Gosto de ler, Priscilla. Gosto das minhas aulas aqui.

– Hum. Provavelmente gostaria muito mais se saísse um pouco. Você só esteve fora daqui por alguns dias, no Natal.

Maisie se condeceu, lembrando o seu retorno a uma casa entristecida no fim do primeiro período. A guerra não tinha terminado no Natal como haviam previsto e, apesar de ninguém ter falado nada, Maisie sentiu que os outros consideravam seus estudos frívolos numa época em que tantas mulheres estavam trabalhando no lugar dos homens que haviam se alistado para servir ao país.

Carregando um cardigã de lã pelas mangas, Maisie o dobrou e o colocou na mala antes de erguer o olhar para Priscilla.

– Priscilla, a vida é diferente para algumas pessoas. Eu não estou voltando

para meus cavalos, carros e festas. Você sabe disso.

Priscilla andou até a poltrona e se sentou sobre as pernas dobradas de lado. Uma vez mais, tragou o cigarro com força, inclinou a cabeça para trás e soltou círculos de fumaça em direção ao teto. Depois, segurando seu cigarro de lado, fitou Maisie.

– Apesar do meu jeito excêntrico e tipicamente privilegiado, Maisie, sou bastante perceptiva. Às vezes você parece sentir orgulho dessa sua penitência. Nós duas sabemos que você será muito bem-sucedida aqui. Academicamente. Mas vou dizer uma coisa, Maisie, já estarão todos mortos quando formos embora, se é que você me entende. Esta é a nossa única volta no carrossel.

Ela tragou de novo o cigarro e continuou:

– Três dos meus irmãos estão na França. Você acha que vou ficar sentada aqui sofrendo? Não mesmo! Vou me divertir o suficiente por todos nós. O suficiente nestes tempos sobre a terra. E só porque lhe custou muito para estar aqui, não significa que você não possa aproveitar a vida junto com todo esse... esse... estudo.

Ela acenou em direção aos livros.

Maisie parou de fazer a mala e olhou para ela.

– Você não entende.

– Bem, talvez não. Mas eu sei o seguinte: você não tem que correr de volta para onde quer que esteja voltando. Não esta noite, afinal. Por que não vai amanhã? Saia comigo esta noite. Podemos não ter outra oportunidade.

– O que quer dizer?

– Ah, olhe para mim, Maisie. Eu não fui feita para isso. Recebi uma repreensão severa quando voltei para cá depois da última noite que passei fora. Fizeram questão de me lembrar que, ao aceitar minha vaga, impedi que outra jovem, que a merecia mais do que eu, tivesse a oportunidade de estudar... o que é verdade, não estou negando. Portanto, estou indo embora, e, muito francamente, estou cansada de ficar sentada sem fazer nada de importante, escutando professores velhos e ríspidos ou tricotando meias, quando posso fazer algo mais útil. E, quem sabe, até me aventurar!

– O que você vai fazer? – Maisie foi até a poltrona e se sentou no braço, ao

lado de Priscilla.

– Você vai precisar encontrar outra pessoa com quem compartilhar o quarto, Maisie. Estou indo para a França.

Maisie respirou fundo. Priscilla era a última pessoa que ela poderia imaginar alistando-se no serviço militar.

– Você vai ser enfermeira?

– Meu bom pai, não! Você está vendo minhas bandagens de tecido? Se há uma coisa que não vou fazer é sair por aí dando uma de Florence Nightingale num vestido longo, se bem que vou precisar de um Certificado de Primeiros Socorros. Não, tenho outros trunfos na manga.

Maisie riu. A imagem da diletante Priscilla com habilidades que pudessem ser úteis na França era hilária.

– Pode rir, Maisie. Mas você nunca me viu dirigindo. Estou partindo para ser uma Fany!

– Uma o quê?

– Fany. F-a-n-y. É o nome do Corpo de Enfermeiras de Primeiros Socorros, o First Aid Nursing Yeomanry. Um corpo de ambulâncias formado apenas por mulheres. Na verdade, elas ainda não estão na França, mas, pelo que entendi, não estão longe, pois a Sra. McDougal, que é a líder da FANY, está planejando pedir ao Gabinete de Guerra que considere colocar mulheres como motoristas nas ambulâncias motorizadas. Parece que você tem que ter no mínimo 23 anos para ir à França, então estou aumentando um pouquinho minha idade... e não me pergunte como, Maisie, por favor.

– Quando você aprendeu a dirigir?

– Tenho três irmãos, Maisie. – Priscilla se inclinou para a frente para tirar a guimba do cigarro da piteira e introduzir outro cigarro, que ela pegou num estojo de prata gravada guardado em seu bolso. – Quando você cresce com três irmãos, você se esquece dos cortes, dos arranhões, dos machucados, e se concentra no seu braço do boliche, em voltar inteira do campo de caça e em não ser atropelada por aqueles vermezinhas quando eles vão comer. E, se não demonstrar que é boa em tudo como seus irmãos, passará praticamente o tempo todo correndo atrás deles, pedindo para participar das coisas.

Por cima dos ombros, Priscilla olhou para os jardins que se descortinavam pela janela e mordeu o lábio inferior. Ela se virou e continuou a contar sua história:

– O motorista nos ensinou a dirigir. A princípio seriam apenas os meninos, mas eu ameacei contar tudo se não me incluíssem. E agora, minha querida, o fato é que não quero que eles fiquem na França sem mim. “Eu também, eu também!”

Priscilla enxugou o olho esquerdo, que começava a marejar, e sorriu.

– Então, o que acha de ir a uma festa esta noite? Apesar do meu péssimo histórico, tenho permissão para sair, provavelmente porque logo me verão partir. Além disso, a anfitriã esta noite é uma benfeitora. Que tal, Maisie? Amanhã você poderá voltar para a sua penitência, onde quer que seja.

Maisie sorriu e olhou para Priscilla, que encorajava desobediência àquilo que era considerado um bom comportamento para as jovens da Girton. Havia algo na amiga que lhe lembrava lady Rowan.

– Que festa?

Priscilla soprou outro círculo de fumaça.

– Uma festa que está sendo oferecida por amigos da minha família, os Lynches, para o filho deles, Simon. Corpo Médico do Exército Real. Um médico brilhante. Quando éramos crianças, ele era sempre o que ficava embaixo da árvore no caso de um de nós cairmos dos galhos. Ele vai para a França daqui a um ou dois dias.

– Eles não vão se importar se eu for?

– Maisie, eu poderia aparecer com uma tribo inteira, e ninguém daria a mínima. A família Lynch é assim. Ah, vamos. Simon vai adorar. Quanto mais gente para a despedida dele, melhor.

Maisie sorriu para Priscilla. Talvez isso lhe fizesse bem. E Priscilla estava partindo.

– E quanto à permissão?

– Não se preocupe, vou cuidar disso. E prometo: tudo às claras. Vou telefonar para Margaret Lynch e organizar tudo.

Maisie hesitou por mais um segundo.

– Tudo bem. Eu vou. Apesar de não ter o que vestir, Pris.

– Isso não é desculpa, Maisie querida, definitivamente não é. Venha comigo!

Priscilla a tomou pelo braço e a conduziu até seu quarto, logo ao lado. Apontando para a poltrona e dizendo para Maisie se sentar, ela tirou do guarda-roupa pelo menos uma dúzia de vestidos de noite de várias cores, tecidos e estilos e os jogou na cama, determinada a encontrar o traje perfeito para Maisie.

– Acho que este azul-marinho ficará perfeito em você, Maisie. Aqui está, vamos só ajustar o cinto. Ah, nossa, você é mesmo muito magrinha, não é? Agora me deixe colocar um alfinete aqui...

– Pris, estou parecendo um pedaço de carne de segunda pendurado na vitrine do açougueiro.

– Aí está. Simplesmente perfeito – respondeu Priscilla. – Dê um passo para trás. Encantadora. Muito bonita. Você deveria ficar com este vestido. Peça para a Sra. Fulana em Chelstone fazer a bainha para você.

– Mas, Priscilla...

– Não diga nada. É seu. E use o máximo que puder. Ontem vi um cartaz que memorizei apenas para me lembrar de me divertir enquanto posso.

Priscilla se aprumou, bateu continência e disse de um jeito artificialmente autoritário:

– “Vestir-se com extravagância em tempos de guerra é pior do que falta de educação. É falta de patriotismo!”

Ela começou a rir enquanto continuava a ajustar o vestido azul de seda no corpo delgado de Maisie.

– Não precisarei de vestidos de festa na França. Além disso, haverá novas opções de estilo quando eu retornar.

Maisie aquiesceu e olhou para o vestido.

– Há mais uma coisa, Pris.

Priscilla tragou o cigarro, pôs a mão no quadril e indagou, desconfiada:

– Qual é a desculpa agora, Maisie?

– Eu não sei dançar.

– Meu bom Senhor, garota!

Priscilla apagou o cigarro no cinzeiro transbordando de guimbas, andou na direção do gramofone, perto da janela, escolheu um disco do armário embaixo dele, colocou-o no prato giratório, rodou a pequena manivela ao lado do aparelho e pôs o braço do gramofone sobre o disco. Quando a agulha alcançou o primeiro sulco em espiral no vinil espesso e escuro, Priscilla foi dançando na direção de Maisie.

– Não tire o vestido ainda. Você precisa praticar vestida da maneira como estará hoje à noite. Certo. Bem, para começar, me observe.

Priscilla posicionou as mãos em ombros imaginários à sua frente, como se estivesse sendo conduzida pelos braços de um jovem, e, quando a música começou a tocar, ela continuou:

– Pés posicionados desta maneira, e para a frente, para o lado, juntos; para trás, para o lado, juntos. Me observe, Maisie. Para a frente, para o lado, juntos...



Um carro foi enviado para buscar Priscilla e Maisie, e quando elas entraram no veículo para seguir o trajeto até a mansão dos Lynches em Grantchester, Maisie sentiu um frio na barriga. Era a primeira vez que ia a uma festa e não ficaria ocupada na cozinha. Havia os jantares especiais de Natal e Páscoa no andar de baixo da casa de Belgravia e em Chelstone, e, claro, a equipe tinha oferecido aquela festa de despedida maravilhosa. Mas essa seria uma festa de verdade.

Margaret Lynch foi cumprimentar Priscilla assim que sua chegada foi anunciada.

– Priscilla querida. Que bom que você veio. Simon está louco para ter notícias dos meninos. Ele não vê a hora de ir para lá, como sabe.

– Tenho muito que contar, Margaret. Mas, primeiro, deixe-me apresentar minha amiga, Maisie Dobbs.

– Encantada em conhecê-la, minha querida. Os amigos de Priscilla são todos bem-vindos aqui.

– Obrigada, Sra. Lynch. – Maisie começou uma reverência, mas logo

sentiu o pontapé preciso que Priscilla desferiu.

– Agora, meninas, vamos ver se conseguimos arregimentar alguns dos jovens cavalheiros para acompanhá-las à sala de jantar. Ah, e aqui está Simon. Simon!

Simon. Capitão Simon Lynch, Corpo Médico do Exército Real. Ele cumprimentou Priscilla como se cumprimenta uma irmã, pedindo notícias dos irmãos dela, seus amigos de infância. Quando se virou para Maisie, ela sentiu um calafrio que começou nos tornozelos e parecia terminar no fundo do estômago.

– Prazer em conhecê-la, Srta. Dobbs. Então o Exército Britânico estará em suas mãos enquanto a senhorita estiver dirigindo um caminhão de padaria convertido em ambulância?

Priscilla deu um tapinha de brincadeira no braço de Simon enquanto o olhar de Maisie encontrava seus olhos verdes. Ela corou e rapidamente olhou para o chão.

– Não, acho que eu seria uma péssima motorista, capitão Lynch.

– Simon. Ah, me chame de Simon. Bem, eu gostaria de ter uma garota da Girton em cada braço. Afinal, esta é minha última noite aqui.

Quando um quarteto de cordas começou a tocar, Simon Lynch deu o braço a cada uma e as conduziu para a sala de jantar.

Simon conseguiu desmanchar por completo a timidez e o embaraço de Maisie e a fez rir até não se aguentar. E ela dançou. Ah, como Maisie Dobbs dançou aquela noite! Dançou tanto que, quando chegou a hora de irem embora para retornar à Girton, o capitão Simon Lynch fez uma graciosa e ampla mesura diante dela e beijou sua mão.

– Srta. Dobbs, você fez meus pés passarem vergonha esta noite. Não me admira que Priscilla a deixe trancada na Girton.

– Não use meu nome em vão, pequeno Lynch! Você é um bruto! E é o regimento que nos mantém todas trancadas, lembre-se disso.

– Até a próxima, linda donzela.

Simon deu um passo atrás e se virou na direção de Priscilla.

– E aposto minhas botas que qualquer ferido em sua ambulância voltará correndo para as trincheiras para não ter que se submeter à sua direção!

Simon, Priscilla e Maisie riram juntos. A noite havia sido brilhante.

CAPÍTULO 16



As jovens voltaram para a faculdade um segundo antes do toque de recolher, que havia sido estendido a pedido da Honorária Sra. Margaret Lynch. Apenas seis horas depois, de pé na plataforma da estação em que esperava o trem matinal que a levaria para Londres, antes da conexão em Chelstone, Maisie rememorou os episódios daquela noite. Em sua agitação, ela não havia dormido nada, e agora aquela mesma agitação fazia com que nem notasse o ar gelado à sua volta. Maisie mantinha o casaco bem próximo ao corpo, com a gola levantada até o pescoço, mas só conseguia pensar na sensação da seda pura deslizando em sua pele.

Ao refletir sobre as risadas dos três quando estavam indo embora da festa, ela percebeu que aquele riso trazia consigo a tristeza da partida. A alegria da festa de Simon fora perpassada pelo medo. Ela havia olhado duas vezes para Margaret Lynch e vira que a mulher observava seu filho com aflição, como se a qualquer minuto fosse se acercar dele e abraçá-lo forte de forma protetora.

Seu medo não era injustificado, pois nessa época os britânicos estavam recebendo notícias sobre as dezenas de milhares de mortes resultantes da ofensiva da primavera de 1915. Antes uma região tranquila de fazendas no interior da França, o vale do Somme se tornara um lugar que não saía das manchetes dos jornais, suscitando comentários indignados e inflexíveis. O Somme estava indelevelmente gravado nos corações daqueles que haviam

perdido um filho, um pai, um irmão ou um amigo. E àqueles que davam adeus restava apenas um anseio temeroso até que o filho, o pai, o irmão ou o amigo estivessem em casa mais uma vez.

Da Liverpool Street, Maisie fez baldeação em Charing Cross para de lá seguir para Kent. A estação era um tumulto de uniformes cáqui, ambulâncias, cruces vermelhas e dor. Os trens traziam feridos que seriam transportados para hospitais londrinos, enfermeiras corriam para lá e para cá, oficiais ajudavam os feridos que ainda conseguiam andar a chegar até ambulâncias estacionadas na estação, e soldados jovens e vestidos impecavelmente pareciam empalidecer ao ver esses desembarques.

Maisie conferiu seu bilhete e começava a andar em direção à sua plataforma quando se distraiu com a repentina visão de um vibrante cabelo ruivo despontando a certa distância. Ela só conhecia uma pessoa com um cabelo tão deslumbrante: Maisie parou e olhou novamente.

Enid. Definitivamente era Enid. Enid com a mão no braço de um oficial do Real Corpo Aéreo. E o oficial em questão era o jovem que adorava biscoitos de gengibre: James Compton. Maisie observou quando eles pararam na multidão e permaneceram juntos, um ao lado do outro, sussurrando. James devia estar indo para Kent, provavelmente no mesmo trem que Maisie, só que ela não viajara de primeira classe. Maisie sabia que, de lá, ele se juntaria ao seu esquadrão. James estava se despedindo de Enid, que já não trabalhava para os Comptons. A Sra. Crawford havia informado numa carta que Enid deixara o emprego. Agora, ela trabalhava numa fábrica de munições, ganhando mais no serviço militar do que um dia poderia ter sonhado.

Apesar de saber que seria invasivo, Maisie sentiu o ímpeto de prestar atenção nos dois enquanto se despediam. Observando-os ali, ela soube em seu íntimo que Enid e James se amavam verdadeiramente, que não se tratava de uma paixão passageira ou de uma estratégia de ascensão social por parte da jovem. Ela baixou a cabeça e se afastou para não ser vista por eles. Mesmo enquanto caminhava, no entanto, Maisie não pôde evitar se virar para observar o casal mais uma vez, atraída pelos jovens que sussurravam palavras de amor em meio à emoção que fervilhava ao redor deles.

Enquanto ela observava, Enid, como se atraída pela intensidade do seu olhar, virou o rosto e encontrou os olhos de Maisie.

Enid ergueu a cabeça desafiadoramente, o vibrante cabelo vermelho ainda mais radiante contrastando com seu tom de pele ligeiramente amarelado por causa da exposição à pólvora na fábrica de munições. Maisie inclinou a cabeça e foi reconhecida, então Enid se virou outra vez para James e o beijou.

Maisie estava sentada a uma mesinha apertada na casa de chá da estação quando Enid a encontrou.

– Você perdeu o trem para Chelstone, Maisie.

– Olá, Enid. Sim, eu sei, vou esperar o próximo.

Enid se acomodou diante de Maisie.

– Então você sabe.

– Sim, mas não faz a menor diferença.

– Espero mesmo que não! Estou longe de todos eles agora, e o que James faz é problema dele.

– Sim, de fato é.

– E agora estou ganhando dinheiro de verdade. – Enid jogou o cabelo para trás. – Como vai você, minha amiguinha tão inteligente? A Universidade de Cambridge está te tratando bem?

– Enid, por favor. Me deixe em paz.

Maisie levou a xícara aos lábios. O chá era forte e amargo, mas o calor a reconfortava. A doce felicidade de ter conhecido Simon Lynch parecia muito distante enquanto ela encarava Enid outra vez.

De repente, os olhos de Enid ficaram vermelhos como se estivessem irritados e ela começou a chorar.

– Me desculpe. Me desculpe, Maisie. Tenho sido tão má com você. Com todo mundo. Só estou preocupada. Eu já o perdi uma vez. Quando foi para o Canadá. Quando o mandaram embora por minha causa. E agora ele está indo para a França. Para os ares, numa daquelas coisas... Ouvi dizer que duram apenas três semanas antes de os acertarem, esses meninos aviadores... se Deus não quisesse que ficássemos presos ao chão, acho que a essa altura já teríamos asas nas costas, não acha?

– Venha cá, venha cá. – Maisie se sentou ao lado de Enid e a envolveu com os braços.

Enid pegou um lenço, enxugou os olhos e assoou o nariz.

– Pelo menos sinto que estou fazendo alguma coisa. Projéteis, por exemplo. Pelo menos não estou sentada à toa enquanto aqueles meninos serão estilhaçados lá. Ah, James...

– Vamos lá, Enid. Vai dar tudo certo com ele. Lembre-se do que a Sra. Crawford diz sobre James: ele tem nove vidas.

Enid fungou mais uma vez.

– Me desculpe, Maisie. Mesmo. Mas às vezes me dói o estômago. – Enid bateu na barriga. – Eles me diminuem, pensam que não sou boa o suficiente. E aqui estou eu, trabalhando como um cavalo.

Maisie ficou ali sentada com Enid até ela se acalmar, até que a dor da despedida desse lugar à raiva, às lágrimas e, finalmente, à calma e ao cansaço.

– Maisie, eu nunca tive intenção. Não tive mesmo. James vai voltar, eu sei que vai. E esta guerra está transformando tudo. Você percebeu? Quando pessoas como eu conseguem ganhar bem mesmo em tempos de guerra, quer dizer que os ricos vão ter que mudar também, não acha?

– Pode ser que você esteja certa nesse ponto, Enid.

– Deus... como o tempo voou. Tenho que voltar para o arsenal. Eu nem devia ter deixado o estabelecimento sem permissão. Agora estou trabalhando numa seção especial, manejando os explosivos mais *voláteis*... é como eles chamam... e ganhamos mais com isso, principalmente porque precisamos trabalhar em dois turnos. Todas as meninas ficam cansadas, então é um pouco complicado tocar as pontas dos projéteis para conferi-los e coisas assim. Mas, como sou cuidadosa, me promoveram. Depois de ter trabalhado com aquele Carter todos esses anos, aprendi a ser cuidadosa.

– Muito bem, Enid.

As duas mulheres deixaram a casa de chá e andaram juntas em direção à parada de ônibus que ficava fora da estação, onde Enid pegaria o ônibus para o trabalho. Enquanto se despediam, um homem gritou atrás delas:

– Abram espaço, mexam-se, abram espaço, por favor!

Um trem que trazia soldados feridos havia chegado, e os oficiais se apressavam ao levar as padiolas para as ambulâncias ali estacionadas. Maisie e Enid ficaram paradas, de pé uma ao lado da outra, olhando os feridos passarem ainda em seus uniformes manchados de lama e sangue, muitos deles gritando quando um carregador de padiola apressado acidentalmente sacudia seus braços e pernas atingidos por projéteis. Maisie suspirou e se apoiou em Enid ao olhar nos olhos de um homem que havia perdido a maior parte das bandagens do rosto.

Depois que os feridos passaram, Enid se virou para Maisie para se despedir. Quando as jovens se abraçaram, Maisie sentiu um calafrio de medo que a fez apertar Enid com mais força.

– Ora, vamos lá, não vamos ficar sentimentais. – Enid se afastou.

– Cuide-se bem, Enid – disse Maisie.

– Como sempre fiz, Maisie Dobbs, não se preocupe comigo.

– Mas eu me preocupo.

– Quer se preocupar com alguma coisa, Maisie? Deixa eu te dar um conselho. Preocupe-se com o que pode fazer por esses meninos. – Ela apontou para as ambulâncias esperando do lado de fora da entrada da estação. – Preocupe-se com o que quer que você possa *fazer*. Agora preciso ir. Dê lembranças à lady Boa Samaritana!

Enid sumiu num piscar de olhos. Maisie andou em direção à plataforma para embarcar na penúltima parte de sua viagem rumo à casinha de seu pai, próxima aos estábulos de Chelstone. Com os trens atrasados e cancelados devido ao movimento das tropas, mais uma vez levaria muitas horas para chegar ao seu destino.

A viagem para Kent foi longa e árdua. Persianas escuras foram mantidas abaixadas em obediência às ordens do governo, que previa ataques de zepelim, e o trem se deslocou vagarosamente na escuridão. Houve muitas paradas para que alguma tropa embarcasse, e a cada vez Maisie fechou os olhos e se lembrou dos homens feridos sendo levados às pressas para as ambulâncias estacionadas em Charing Cross.

De tempos em tempos, ela caía num sono profundo, porém breve, e em sua semivigília viu Enid na fábrica de munições, no trabalho que tornou sua

pele amarelada e fez seu cabelo cintilar ao ser jogado para trás. Maisie se lembrou do rosto de Enid a distância, o amor por James Compton estampado nos olhos.

Ela refletiu sobre o amor, sobre como devia ser, e voltou os pensamentos para a última noite, que parecia ter acontecido muito tempo antes, tocando com a mão direita o lugar em que Simon havia encostado os lábios num beijo de despedida.

Quando o trem se aproximou da estação de Chelstone tarde da noite, Maisie viu Frankie parado ao lado de seu cavalo e de sua carroça. Perséfone tinha postura altiva, o brilho de seu manto igualando-se apenas ao lustro dos tirantes de couro que Maisie conseguiu enxergar mesmo à meia-luz. Ela correu até Frankie e foi recebida em seus braços.

– Minha Maisie, de volta da universidade. Meu Deus, você é uma visão e tanto para seu pai.

– É maravilhoso estar de volta aqui com você, pai.

– Venha, me dê esta mala e vamos logo para casa.

Enquanto voltavam na escuridão, com os faróis baixos na frente da carroça balançando de um lado para outro a cada pisada firme de Perséfone, Maisie contou as novidades para Frankie e respondeu às suas muitas perguntas. É claro que ela mencionou o encontro com Enid, apesar de ter omitido qualquer menção a James Compton.

– O arsenal? Nossa, vamos torcer para ela não ter ido trabalhar esta tarde.

– O que quer dizer, pai?

– Bem, você sabe que lorde Compton está no Gabinete de Guerra e tudo o mais. Bem, ele costuma receber as notícias antes mesmo de serem publicadas nos jornais, sabe, mensageiro especial, algo do tipo. Ele...

– Pai, o que aconteceu?

– Sua senhoria recebeu um telegrama no fim desta tarde. A parte especial da fábrica explodiu hoje, o lugar onde manejam os explosivos pesados. Justo no momento da troca de turno. Vinte e duas meninas que trabalhavam com as munições morreram na hora.

Maisie sabia que Enid estava morta. Não precisou da confirmação que acabou chegando na manhã seguinte. Lorde Compton contou a Carter que

Enid estava entre as jovens que morreram e que o mordomo deveria dar a notícia à equipe da maneira que considerasse apropriada. Não pela primeira vez, Maisie refletiu sobre como tantas coisas haviam mudado em tão pouco tempo. Priscilla alistando-se no serviço militar, aquela noite maravilhosa, o encontro com Simon Lynch – e com Enid. Mas, dos acontecimentos ocorridos naqueles três dias, a imagem que ficou com Maisie Dobbs foi a de Enid jogando para trás seu longo cabelo vermelho e olhando diretamente para Maisie em tom de desafio. Um desafio perturbador: “Preocupe-se com o que você pode fazer por esses meninos, Maisie. Preocupe-se com o que quer que você possa *fazer*.”

CAPÍTULO 17



Maisie avistou o Hospital de Londres a distância e não tirou os olhos da construção austera do século XIX até que o ônibus estremeceu e parou, e ela pôde descer as escadas do andar superior até a rua. Maisie olhou para os prédios, depois para a área em que os visitantes se registravam, para as pessoas que saíam – muitas aos prantos – e para as ambulâncias que se aproximavam pelas entradas laterais, permitindo que os feridos e ensanguentados fossem levados em segurança para as alas hospitalares.

Maisie fechou os olhos e soltou um profundo suspiro, como se estivesse prestes a se jogar de um precipício rumo ao desconhecido.

– Com licença, senhorita, passando. Você será atropelada se ficar parada aí, jovem.

Maisie abriu os olhos e se deslocou depressa para abrir caminho a um porteiro do hospital que carregava duas caixas grandes.

– Posso ajudá-la, senhorita? Parece um pouco perdida.

– Sim. Onde posso me alistar no serviço de enfermagem?

– A senhorita é um anjo. Com certeza será o remédio de que esses pobres rapazes precisam!

Apoiando sem jeito o pé esquerdo na panturrilha direita, o porteiro equilibrou as caixas no joelho com uma das mãos, empurrou para trás sua boina, e com a mão livre mostrou o caminho para Maisie.

– Passe por aquela porta lá, vire à esquerda e siga pelo longo corredor de

azulejos verdes, ao final vire à direita e pegue as escadas. Depois das escadas, à direita, a senhorita verá o escritório de alistamento. E não ligue para eles ali, minha querida: eles recebem uma quantia extra para fazer cara amarrada durante a semana, como se um sorriso fosse parti-los ao meio!

Maisie agradeceu ao homem, que tirou sua boina por um instante antes de agarrar as caixas, prestes a cair no chão, e então seguiu seu caminho.

O longo corredor estava repleto de pessoas desorientadas no enorme prédio e outras que apontavam os dedos e acenavam com os braços para mostrar às primeiras o caminho até as alas. Pegando em sua bolsa os documentos de identidade e as cartas de recomendação, Maisie subiu depressa a escada de azulejos com cheiro de desinfetante e atravessou o patamar até chegar ao escritório de alistamento de enfermeiras. A mulher que pegou os documentos de Maisie a olhou através dos óculos com aros de arame.

– Idade?

– Vinte e dois.

Ela examinou Maisie outra vez e espiou por cima dos óculos.

– Vinte e dois parecendo mais jovem, não?

– Sim, foi o que disseram quando entrei na universidade.

– Bem, se você tem idade suficiente para frequentar uma universidade, tem idade suficiente para isto aqui. E certamente estará contribuindo mais dedicando-se ao serviço militar.

A mulher folheou a documentação novamente, olhando de relance para a carta com o brasão da família Compton, que atestava a competência e a idade de Maisie. Não haveria perguntas quanto à autenticidade de documentos que traziam não apenas uma impressionante marca distintiva, como também o nome de um personagem muito conhecido no Gabinete de Guerra, cujos comentários sobre os relatórios que chegavam da França eram citados pelos jornais, do *Daily Sketch* ao *Times*.

Maisie havia pegado as folhas de fino papel de linho no escritório da biblioteca de Chelstone e escrito o que era necessário. Incentivada pelo desafio de Enid, ela sentiu apenas uma leve culpa. Faria sua parte pelos meninos, por aqueles que haviam se doado nos campos da França.



– Você fez *o quê*? Está doida, Maisie? E seus estudos? Depois de todo aquele esforço, todo aquele...

Frankie deu as costas para Maisie e balançou a cabeça. Ele ficou em silêncio, olhando pela janela da área de serviço da casa do cavaleiro em direção às pastagens, onde três cavalos muito saudáveis comiam. Maisie sabia que não deveria interrompê-lo até que tivesse terminado de falar.

– Depois de todo aquele transtorno...

– É apenas um adiamento, pai. Vou poder voltar. Vou voltar. Assim que a guerra tiver terminado.

Frankie se virou, lágrimas de medo e frustração escorrendo de seus olhos.

– Está bem, mas e se mandarem você para lá? Para a França? Minha nossa, se você queria fazer algo de útil, minha menina, tenho certeza de que lorde Compton poderia arrumar um trabalho para uma pessoa brilhante como você. Fico pensando em ir até aquele hospital e denunciá-la por suas mentirinhas... Não devia ter dito que é mais velha. Olhe só, nunca pensei que eu veria o dia em que minha filha contaria uma mentira.

– Pai, por favor, compreenda...

– Ah, eu compreendo muito bem. Exatamente como sua mãe, e eu a perdi. Não posso perder você, Maisie.

Maisie aproximou-se do pai e colocou a mão sobre seu ombro.

– Você não vai me perder, pai. Você vai ver. Vai se orgulhar de mim.

Frankie Dobbs deixou a cabeça pender e cedeu ao abraço da filha.

– Sempre tive orgulho de você, Maisie. O problema não é esse.



Como integrante do Destacamento de Ajuda Voluntária, as responsabilidades de Maisie pareciam consistir em uma série diária que incluía esfregar o chão, alinhar as camas para que nenhuma delas ficasse fora do lugar e colocar-se à disposição das enfermeiras seniores para o que precisassem. Ela tinha conseguido a extensão de sua matrícula na Girton e, tão logo a carta havia sido postada, juntamente com outra para Priscilla,

Maisie pôs seu sonho em segundo plano e, com a mesma determinação que a levara à universidade, se comprometeu a trazer conforto aos homens que retornavam ao lar depois de lutar na França.

Maisie se tornou enfermeira do DAV no Hospital de Londres em maio, em meio ao fluxo interminável de vítimas da ofensiva da primavera de 1915. Era um verão quente, no qual Maisie pouco descansou e passou apenas poucas horas em seu alojamento em Whitechapel.

Ajeitando sob a touca branca uma mecha de cabelo que tinha se desprendido, Maisie mergulhou as mãos na pia com água quente e, com uma escova de cerdas, esfregou uma variedade de garrafas de vidro, bacias e jarras com medidor. Não era a primeira vez na vida que suas mãos estavam ásperas e suas pernas e costas doíam. Mas podia ser pior, pensou, enquanto a espuma descia pelo ralo, e ela começava a enxaguar os vidros. Quando a temperatura da água começou a esfriar, por um momento deixou as mãos ficarem ali na pia e olhou pela janela os telhados mais à frente, àquela hora do crepúsculo.

– Dobbs, você não tem o dia todo para lavar algumas poucas garrafas quando há uma dúzia de outras tarefas para fazer antes de terminar o expediente.

Maisie deu um pulo ao escutar seu nome, tratando logo de se desculpar por sua lentidão.

– Não perca tempo, Dobbs. Termine logo o trabalho. A irmã quer vê-la agora.

A enfermeira que falou com ela era uma das funcionárias regulares, não uma voluntária, e Maisie imediatamente fez a reverência a que se acostumara nos dias de serviço. A senioridade das enfermeiras regulares exigia respeito, atenção imediata e total deferência.

Maisie terminou a tarefa, certificou-se de que nenhuma garrafa ou pano estivesse fora do lugar, e então foi logo ver a irmã, verificando seu cabelo, sua touca e seu avental enquanto saía em disparada pelo corredor de azulejos verdes e cor de creme.

– As enfermeiras nunca correm, Dobbs. Elas andam depressa.

Maisie parou, mordeu o lábio superior, deu meia-volta e contraiu as mãos

na lateral do corpo. A irmã era a enfermeira mais antiga da ala. E a mais temida, até mesmo pelos homens, que gracejavam dizendo que ela deveria ser enviada para a França, pois faria os bárbaros saírem correndo de lá.

– Me desculpe, irmã.

– Acompanhe-me até o meu escritório, Dobbs.

– Sim, irmã.

A irmã a conduziu pelo caminho até o escritório, com suas paredes de azulejo verde, chão de madeira escura e móveis igualmente escuros, e contornou a mesa até chegar ao lado oposto, afastando seu longo vestido azul e seu avental branquíssimo para evitar que prendessem na quina do móvel. Uma fivela de prata sobressaía na parte da frente do avental, e sua touca havia sido engomada. Nenhum fio de cabelo fora do lugar.

– Irei direto ao ponto. Como você sabe, estamos perdendo muitos de nossa equipe, que estão se juntando aos destacamentos na França. Portanto, precisamos promover enfermeiras e voluntárias para esses cargos hierarquicamente superiores. E, claro, teremos que manter muitas de nossas enfermeiras regulares aqui para garantir os padrões e o atendimento direto aos feridos. Sua promoção hoje para o Aprendizado Militar Especial significa mais responsabilidade na ala, Dobbs. Junto com Rigson, Dornhill e White, você deverá estar preparada para servir em hospitais militares no continente, se necessário. Isso acontecerá em um ano, ao fim de seu treinamento. Deixe-me ver...

A austera mulher remexeu os papéis em um dossiê sobre a mesa diante dela.

– Sim, até o fim deste ano você terá 23 anos, de acordo com seu registro. Qualificada para o serviço no estrangeiro. Muito bem.

A irmã olhou para Maisie de novo e depois consultou as horas no pequeno relógio preso ao seu avental.

– Hoje mais cedo conversei com as outras enfermeiras do nosso destacamento que estão na mesma situação. Bem, a partir de amanhã, você vai acompanhar a ronda dos médicos todos os dias para observar e assisti-los, além de cuidar de suas outras responsabilidades. Entendido?

– Sim, irmã.

– Então está dispensada, Dobbs.

Maisie saiu do escritório e foi andando lentamente em direção à cozinha.

Sim, mais cedo do que esperava, ela estaria na França. Possivelmente nessa mesma época, no ano seguinte. Como ela ansiava ver Blanche, como sentia saudade de conversar com ele. Eis que surgia mais uma vez o tempo, esse brincalhão, mudando de um instante para outro as circunstâncias de sua vida. Ela sabia, entretanto, que Maurice lhe perguntaria se a brincalhona não seria ela mesma. Ela havia mentido despudoradamente sobre sua idade, e agora a dúvida lhe pesava. Será que ela poderia fazer o que exigiam dela? Poderia fazer jus à memória de Enid?

CAPÍTULO 18



Maisie afastou-se da amurada do navio. Nem em sonho ela imaginava que o enjoo pudesse ser tão ruim. O vento salgado soprou em seu rosto e fustigou suas orelhas enquanto ela lutava para manter o pesado xale de lã sobre o corpo dolorido. Nada no mundo poderia superar isso. Nada poderia ser mais insuportável.

– Aqui, senhorita, um truque da velha marinha mercante para a indisposição...

Ela olhou para os dois lados do lugar que havia ocupado, segurando-se no corrimão que levava à porta da cabine e então se dirigiu apressada até a lateral do barco outra vez. Sentiu a mão de alguém forte entre suas escápulas e, apoiando-se contra a amurada, conseguiu ficar de pé. Um membro da tripulação, vestido com o uniforme para o mau tempo, com sua boina cuidadosamente enfiada na cabeça, ofereceu-lhe uma xícara de latão contendo chocolate quente e um pedaço de bolo. Maisie levou a mão à boca, horrorizada.

– O que a senhorita tem que fazer é o seguinte: quando achar que vai vomitar, dê uma mordidinha nisso e tome um pequeno gole do chocolate. E faça isso todas as vezes que se sentir enjoada. O enjoo passa, a senhorita vai ver.

Maisie olhou para o homem, balançou a cabeça e se inclinou sobre a

amurada. Completamente exausta, ela se ergueu de novo e estendeu as mãos para aceitar o bolo e o chocolate. Valia a pena tentar.

Iris Rigson, Dottie Dornhill, Bess White e Maisie Dobbs zarparam com um pequeno contingente de enfermeiras no dia 20 de julho de 1916 para prestar o serviço na França. Iris, Dottie e Bess não haviam sofrido injustificadamente no cargueiro requisitado para prestar serviço ao rei e ao país, e que agora transportava suprimentos – e, nesse caso, também enfermeiras – entre a Inglaterra e a França. Mas Maisie Dobbs, neta de um faroleiro sobre o Tâmesa, estava embaraçosamente enjoada. Não importava o que o campo de batalha tivesse a oferecer, não havia possibilidade de que fosse pior do que isso, apesar do que dizia a carta em seu bolso, escrita por Priscilla, que fora para a França em janeiro com o primeiro comboio FANY. Os censores chegaram a suprimir palavras, mas não a emoção vertida do tinteiro ao papel. Priscilla estava exausta, se não fisicamente, então espiritualmente. Suas palavras pareciam produzir um efeito negativo que corroía os pensamentos e as expectativas de Maisie. Por um instante apenas, enquanto tateava a carta no bolso, ela se sentiu como uma presença fantasmagórica vigiando o trabalho da amiga. Priscilla havia escrito:

Minhas costas estão me matando, Maisie. A ambulância não quis trabalhar esta manhã, então fiz um expediente duplo com a manivela de arranque. Ontem dormi só duas horas, depois de um turno de vinte. Mal consigo me lembrar da última vez que dormi mais do que algumas poucas horas. Minhas roupas estão se colando ao corpo, e tenho horror de imaginar quanto devo estar fedendo! Mas, veja bem, não podemos ficar reclamando sem parar sobre costas doloridas e olhos irritados quando nos confrontamos com o bom humor desses meninos, mesmo quando sofrem a dor de ter membros extirpados e o horror de ver seus camaradas morrerem. Apesar da chuva que parece cair a cântaros, há realmente alguns dias em que de repente faz calor e que são úmidos, especialmente se você estiver se arrastando por aí com o peso adicional de um uniforme colado ao corpo. Muitos dos meninos usam uma faca na

calça de lã para aliviar um pouco as assaduras causadas pelo tecido fornecido pelo Exército. Suponho que seja para que os médicos tenham menos que cortar, mas, a bordo da ambulância, eles parecem estudantes dando uma volta em falso no inferno. Um menino que eu atendia morreu ontem. Maisie, seus olhos eram de um azul profundo como aquele vestido que você usou na festa de Simon, e ele não devia ter mais do que 17 anos. O pobrezinho nem havia começado a se barbear, tinha apenas uma penugem no queixo. Eu só quis me sentar ali e chorar. Mas é preciso seguir em frente. Se eu ficar ali lamentando suas mortes, outro pobre menino morrerá por falta de atendimento. Não sei o que os jornais estão dizendo, mas aqui...

Nesse ponto a carta de Priscilla era abruptamente interrompida pela espessa tinta preta da caneta do censor.

– Aqui está ela. Maisie, a rainha do alto-mar! – anunciou Iris, quando Maisie voltou para a cabine.

– Nossa, como você está se sentindo agora? – Dottie se acercou de Maisie e envolveu seu ombro com o braço. – Venha, sente-se aqui. Logo chegaremos lá. Le Havre não pode estar muito longe... ou pode? – Ela olhou para as outras enfermeiras, protegidas por seus pesados xales, e acomodou Maisie em um assento. – Pobrezinha, Dobbs. Não sobrou nada em você. Não se preocupe, logo chegaremos. Vou arrumar uma boa xícara de chá para nós. Quer dizer, se os franceses forem capazes disso.

Iris tocou a testa de Maisie e olhou para seu relógio.

– Você parece um pouco melhor, apesar de tudo.

Maisie olhou para as outras meninas e se apoiou em Iris.

– Chocolate e bolo – murmurou, e logo caiu num sono profundo.



De Le Havre, a viagem de trem para Rouen foi tranquila. As jovens estavam cansadas da jornada, mas conseguiram se manter acordadas tempo

suficiente para testemunhar seus primeiros minutos no solo estrangeiro que corria pela janela. Ao chegar ao porto de Rouen, as enfermeiras foram recebidas por um oficial da área médica e levadas para o Hotel St. Georges, onde esperavam permanecer por duas noites enquanto aguardavam instruções.

– Vamos tomar um bom banho e descer para uma xícara de chá – sugeriu Iris, quando as quatro mulheres se acomodaram no quarto que compartilhariam.

Iris era uma garota alta, de ossos largos, cujo uniforme sempre parecia pequeno demais, o que ela considerava uma bênção. O antiquado vestido de lã do uniforme, longo e nada prático, ficava mais curto nela do que nas outras enfermeiras. Não apenas ela conseguia se movimentar com mais facilidade, mas também evitava, dessa maneira, que a bainha se arrastasse na lama sem fim – a desgraça na vida de uma enfermeira na França.

– Como está se sentindo, Dobbs? – perguntou Bess com sua voz suave, mantendo a disciplina da abordagem hospitalar.

– Muito melhor, obrigada. E uma xícara de chá seria maravilhoso.

Cada uma das mulheres desfez a mala com seus poucos pertences, lavou o rosto e as mãos na grande pia branca de pedra esmaltada, e escovou o cabelo, ajeitando-o novamente. Como de hábito, Maisie lutou para prender as mechas esparsas do cabelo preto-azeviche que teimava em escapar de seu chapéu. Ao sair do quarto, as mulheres pareciam quase tão revigoradas quanto haviam estado nas primeiras horas da manhã, quando embarcaram no trem em Charing Cross para a viagem a Folkestone, o porto de partida para a França.



– Vejam esses bolos. Juro que nunca vi uma massa como essa. É um milagre que consigam prepará-la nestes tempos de guerra – disse Dottie.

– E você também nunca provou uma xícara de chá como esta.

Iris estremeceu diante do chá fraco e esticou os braços para pegar um dos delicados confeitos do prato de porcelana disposto no centro da mesa.

Maisie estava quieta, observando ao redor o esplendor do salão de jantar antiquado do Hotel St. Georges. Em cada parede havia um grande espelho, e arcadas ornadas conduziam, de um lado, ao saguão e, de outro, à entrada com o piso de mármore. Garçons passavam apressados, elegantes em suas calças pretas tão bem passadas que chegavam a brilhar, com camisas brancas, gravatas pretas e longos aventais brancos. Todos eram homens mais velhos, pois os jovens estavam na guerra.

A clientela era composta basicamente de militares, e o hotel estava repleto de oficiais que haviam saído de licença ou estavam de passagem para logo se juntarem aos seus regimentos. Alguns estavam com suas namoradas ou esposas, outros, com os pais – eram os afortunados cuja família pôde fazer uma viagem pelo Canal da Mancha para se despedir deles na França.

Maisie tomou um gole do chá, sentindo o calor, embora sem sabor, penetrar em seu corpo cansado. Ela estava ciente da conversa à mesa, um familiar ir e vir de observações e opiniões, um risinho aqui, uma voz mais elevada ali. Mas, pela maior parte do tempo, à medida que a viagem para a França se desvanecia, Maisie se perdia em seus pensamentos.

– Com licença, é a Srta. Dobbs, não é mesmo?

Maisie foi sacudida de seus devaneios e trazida de volta ao salão de jantar. Deu um pulo e virou o rosto para encarar a pessoa que havia falado com ela.

– Ah, meu Deus! – disse Maisie, derramando chá na toalha branca.

O capitão Simon Lynch rapidamente segurou o ombro de Maisie para tranquilizá-la e a cumprimentou com um largo sorriso, o qual depois ele estendeu às suas companheiras de mesa, que tinham interrompido todas as conversas, e até mesmo todo movimento, para observar o homem que viera à mesa falar com Maisie.

– Capitão Lynch. Bem, que surpresa!

Maisie se recompôs e pegou a mão que Simon lhe havia estendido. Com rapidez e eficiência, um garçom trocou a toalha e ofereceu-se para levar uma cadeira para Simon, que declinou, comentando com suas companheiras que já estava de partida ao ver sua amiga, a Srta. Dobbs.

Simon se virou outra vez para Maisie e, ao fazer isso, ela percebeu que ele parecia mais velho. Não apenas em termos de idade, pois somente um ano

tinha se passado desde que haviam se conhecido. Não, sua alma envelhecera. Seus olhos tinham olheiras cinzentas, rugas haviam se formado em seu rosto jovem, e cabelos grisalhos já estavam surgindo nas têmporas. E, no entanto, ele não poderia ter mais do que 26 anos.

– Estou aqui em uma licença de dois dias. Não é tempo suficiente para voltar à Inglaterra, o que é uma pena. Soube pela Pris que você se alistou.

– Como ela está? Você a viu?

– Nossos caminhos se cruzaram uma vez. Ela levou homens feridos para o meu hospital, mas, bem, não tivemos tempo de parar e conversar. – Simon olhou para as mãos e, depois, novamente para Maisie. – Então, já sabem aonde estão indo?

– Não, receberemos nossas instruções amanhã de manhã, talvez ainda esta noite. Me parece um pouco caótico, na verdade.

Simon riu.

– Caótico? Você não viu nada caótico até agora.

– Me desculpe – Maisie friccionou as mãos. – O que quis dizer foi...

– Não, sou *eu* que peço desculpas. Foi rude de minha parte. E, sim, é caótico. O braço direito do Exército Britânico parece não saber o que o braço esquerdo está fazendo. Bem, preciso sair correndo agora, mas fiquei aqui pensando: alguma chance de você jantar comigo amanhã à noite? Ou você precisa estar acompanhada?

Simon abriu um largo sorriso e olhou nos olhos de Maisie.

– Bem, hum, bem...

Maisie olhou para os lados, para as colegas, que continuavam a tomar seu chá em silêncio para poder escutar a conversa. Ela cruzou o olhar de Iris e viu a outra mulher sorrir, assentir e articular: “Vai.” Maisie se virou novamente para Simon.

– Sim, capitão Lynch. Jantar seria ótimo. E, sim, de fato preciso estar acompanhada, então minhas amigas estarão por perto.

– Certo. Vamos combinar cedo, então. Eu a encontrarei no saguão do hotel às seis horas. Na verdade, encontrarei todas vocês às seis!

Simon fez uma reverência, despediu-se das enfermeiras, sorriu para Maisie e deu um passo para ir embora.

– Ah, e a propósito, este uniforme é quase tão deslumbrante quanto o vestido azul de seda.

E então ele se foi.

Maisie retomou seu lugar à mesa entre as risadinhas de Iris, Dottie e Bess.

– E que vestido de seda é esse, Dobbs?

– Você não disse nada sobre isso, hein?

– Tem certeza de que você quer ser acompanhada?

Maisie corou com a provocação, que ela sabia que continuaria ainda por um bom tempo. Estava prestes a explicar que Simon era apenas um amigo de uma amiga quando um oficial do Corpo Médico do Exército Real aproximou-se da mesa delas.

– Dobbs, White, Dornhill e Rigson? Bem. As instruções estão aqui, e os vouchers de viagem também. Desculpem. Vocês não irão para o mesmo lugar. White e Dornhill ficarão juntas no hospital de base, Dobbs e Rigson, vocês irão para o 14º Posto Avançado de Tratamento de Feridos. Aproveitem por aqui enquanto podem.

Ao dizer isso, ele foi embora, segurando vários envelopes grandes de papel pardo sob o braço, enquanto abria caminho pelo salão de jantar abarrotado em busca de outras enfermeiras relacionadas em sua lista.

As quatro mulheres ficaram sentadas em silêncio por alguns minutos, olhando para os envelopes.

– Bem, ele é um poço de alegria, não é mesmo? – disse Iris, pegando uma faca da mesa e cortando o envelope para abri-lo.

– Dobbsie, minha menina, de fato estamos de partida para o 14º Posto Avançado de Tratamento de Feridos, que fica perto de Bailleul, como disse nosso animado amigo ali. Um posto avançado de tratamento de feridos é o que há de mais próximo a um campo de batalha onde as enfermeiras podem entrar, não é?

– E nós estamos alocadas no hospital de base aqui em Rouen, então não iremos para longe, não é, Bess?

– Bem, é onde estaremos. Vamos aproveitar o máximo que pudermos, é o que tenho a dizer. E vamos dormir um pouco.

Iris passou o guardanapo de leve na boca e um garçom veio correndo

afastar sua cadeira.

– Sim, boa ideia. Pelo menos uma de nós precisa dormir, já que vai ficar andando por aí com um oficial!

– Ah, Dottie, ele é apenas...

Maisie apressou-se em se defender quando as mulheres saíram da mesa, mas suas objeções foram caladas por mais provocações e gracejos.



A lembrança de seu jantar com Simon Lynch levou os pensamentos de Maisie para bem longe da viagem. Seguiram primeiro de trem, depois a bordo de uma ambulância de campo por estradas lamacentas e esburacadas. Maisie e Iris viajavam para o posto avançado de tratamento de feridos, onde ficariam alocadas até que fosse o momento de partir, dentro de quatro meses.

À medida que o trem se deslocava lentamente, apesar de o dia ainda estar claro, Maisie teve a sensação de que a escuridão caía. Nuvens cinza-escuro pairavam no céu, respingos de chuva riscavam as janelas, e quando o trem parou numa estação, o som da artilharia pesada a distância pareceu ecoar e reverberar pelos trilhos. Até mesmo os pássaros foram silenciados pela colossal orquestração da batalha. Com as visões e os sons da guerra ao redor, as pessoas surgiam na paisagem com muita intensidade.

Maisie observava da janela do trem fileiras de pessoas se arrastando com dificuldade, e mais fileiras de homens surrados pareciam se prolongar ao longe. Famílias inteiras estavam abandonando suas comunidades perto dos campos de batalha, buscando um lugar seguro em outras cidades e povoados onde tivessem parentes. E, no entanto, o fluxo da evacuação de civis era como um riacho se comparado à longa coluna de soldados em marcha, exauridos da batalha e trajando uniformes desgastados. Jovens com rostos precocemente envelhecidos, demonstrando cansaço e medo, bem como uma leveza determinada.

De que vale se preocupar?

*Nunca valeu a pena, por isso
Guarde todos os problemas em sua velha mochila
E sorria, sorria, sorria.*

As canções de guerra podiam ser ouvidas em alto e bom som, e quando o trem passou, Iris e Maisie se debruçaram para fora de seus vagões vagarosos, acenaram para os soldados e todos entoaram juntos as suas canções.

*O caminho é longo até Tipperary, é um longo caminho a percorrer
O caminho é longo até Tipperary, até a menina mais doce que há
Adeus, Piccadilly, até logo, Leicester Square
O caminho é longo, longo até Tipperary, e meu coração mora lá.*

Com um último aceno, Iris e Maisie fecharam a janela e tentaram se ajeitar outra vez no assento de lã do trem que pinicava.

– É curioso que seu rapaz não esteja a muitos quilômetros de nós, não é mesmo, Dobbs?

Iris olhou inquisitivamente para Maisie quando elas já estavam acomodadas.

– Ah, pelo amor de Deus, ele não é “meu rapaz”. É apenas um velho amigo de uma grande amiga minha. É mesmo uma coincidência eu o ter encontrado.

– Seja como for, Dobbsie, vi o jeito como vocês dois se olharam, e eu diria que estavam envolvidos. Um perfeito par de pombinhos, se quer saber.

– Que bobagem. E não saia por aí repetindo essa tolice, Iris. Por favor, eu mal o conheço e posso me meter em apuros!

– Vestido azul de seda, hein?

Iris seguia provocando Maisie.

No jantar, Iris, Dottie e Bess haviam ocupado uma mesa ao lado de Maisie e Simon, para que não parecesse que ela estava jantando desacompanhada. Mas, surpreendentemente até para ela mesma, Maisie mal notou que havia outras pessoas no salão. A partir do momento em que ele a cumprimentou

no saguão, às seis horas, como havia sido combinado, e estendeu seu braço para ela, Maisie e Simon Lynch tiveram olhos apenas um para o outro.

Maisie fechou os olhos e fingiu dormir, o que fez Iris se calar. Deixada em paz, ela pôde visualizar novamente o salão de jantar, o movimento dos garçons, e aquele monte de pessoas aproveitando os momentos de despedida ou alguns dias de trégua na guerra. E ali, na mesa com ela, estava Simon.

Simon, que com suas piadas a fizera rir e se sentir à vontade. Simon, que perguntara por que ela havia se tornado enfermeira e, quando ela contara a história de Enid, inclinara-se em sua direção e lhe tomara a mão.

– Ela deve ter sido muito importante para você, essa sua amiga.

– Sim, sim, de fato... Ela me fez pensar sobre todo tipo de coisas. Quando eu estava entretida, com o rosto enfiado num livro, ela me chamava de volta à terra. Sim... ela me levou a reconsiderar minhas opiniões em mais de uma ocasião.

Simon não soltou a mão de Maisie e, por um momento, seus olhares se cruzaram de novo e eles ficaram em silêncio. Envergonhada, Maisie recolheu sua mão e segurou o garfo, levando-o à comida.

– Espero não tê-la deixado sem jeito. Eu não achei que...

– Ah, não. Tudo bem. – Maisie corou.

– A guerra é uma coisa estranha. Maisie, é melhor se preparar para o que vai ver. Ano passado... Somme... Não consigo nem contar sobre os ferimentos que os homens sofreram. Como médico, fui treinado para lidar com um caso cirúrgico de cada vez: eu operava uma perna ou um tórax ou um braço. Mas esses homens são trazidos com múltiplos ferimentos expostos, eu...

Simon parou de falar e pegou sua taça de vinho tinto, que ele segurou mas não ergueu. Fitou o vinho, o líquido vermelho e intenso, e então fechou os olhos. Ao fazer isso, Maisie viu de novo as linhas que começavam na beirada das pálpebras e seguiam pelas têmporas, as rugas em sua testa e as olheiras acima das maçãs do rosto.

– Vim para cá achando que eu poderia salvar cada um deles, mas na metade do tempo... – Simon hesitou, engoliu em seco e olhou diretamente para Maisie. – É tão bom vê-la, Maisie. Me faz lembrar de como tudo era

antes de eu ter deixado a Inglaterra. De como eu me sentia sendo médico. E de quanto desejei vê-la novamente.

Maisie corou mais uma vez e sorriu para Simon.

– Sim, Simon. Eu também estou contente.

Sem pensar, ela lhe estendeu a mão, que ele tomou e segurou com firmeza. De repente, consciente da proximidade das outras pessoas, Maisie soltou a mão e eles pegaram seus talheres.

– Bem, me conte tudo sobre lady Rowan. Ouvi falar sobre ela, claro. Tem uma reputação e tanto como uma aguerrida apoiadora das sufragistas. E ouvi dizer que lorde Julian é um verdadeiro santo, apesar de eu duvidar que lhe sobre muito tempo para se preocupar com o que ela está aprontando, agora que faz parte do Gabinete de Guerra.

A conversa enveredou por histórias, opiniões e observações e, quando o jantar chegava ao fim, Maisie percebeu que eles haviam falado sobre seus sonhos ou sobre o que fariam “quando a guerra acabasse”.

Nesse momento ela se lembrara de Maurice, andando certo dia ao lado dela pelo pomar em Chelstone, quando ela anunciara que havia solicitado uma prorrogação de sua matrícula em Cambridge e se alistara no Hospital de Londres.

Ela se lembrara de que ele havia olhado para longe e murmurado baixinho, quase consigo mesmo: “É esse o legado da guerra... os sonhos das crianças abandonados... tudo desperdiçado. A tragédia.”

Simon consultou seu relógio.

– Bem, infelizmente, Maisie, preciso ir. Tenho algumas reuniões por aqui, sinto muito. Eu não queria ir embora.

– Sim, preciso ir também. Partiremos amanhã de manhã cedo.

Quando Maisie colocou o guardanapo de linho branco ao lado do prato, Simon a observou atentamente.

– Você se incomodaria muito se eu escrevesse para você? Talvez demore um pouco, mas podemos mandar cartas das linhas de combate. Vou pensar num jeito.

– Sim, seria ótimo. Me escreva, sim, por favor.

Simon levantou-se para puxar a cadeira para Maisie e, quando fez isso, ela

notou as três amigas na mesa ao lado, todas levando suas xícaras de café aos lábios e olhando para ela por sobre as bordas. Ela havia esquecido que estavam ali.

No saguão, Simon fez outra reverência discreta.

– Mesmo vestindo seu traje de enfermeira incrivelmente prático, Srta. Dobbs, aos meus olhos você estará sempre usando aquele deslumbrante vestido azul de seda.

Maisie e Simon trocaram um aperto de mão e ela se despediu antes de se juntar às três enfermeiras que estavam de pé atrás dela e que, sem dúvida nenhuma, esperavam para recomençar os gracejos.



Maisie e Iris viram as barracas a distância naquela tarde de ar nebuloso, carregado de pólvora. Ao redor delas, uma pesada névoa subia pelos ares.

– Estou congelando só de olhar para lá, e ainda não estamos nem perto do inverno – comentou Iris.

– Sei o que quer dizer. Parece desolador, não?

Maisie puxou o xale mais para perto do corpo, apesar de o dia não estar tão frio assim.

Em cima das barracas principais, cruzeiros vermelhas enormes tinham sido pintadas e, depois delas, havia barracas em forma de sino que abrigavam o corpo de enfermagem do posto avançado de tratamento de feridos. A ambulância avançava devagar pela estrada esburacada, e à medida que se aproximavam do acampamento, ficou evidente que naquele exato momento estavam recebendo soldados feridos.

A ambulância parou ao lado da barraca dos oficiais, onde os registros eram armazenados e de onde as ordens eram emitidas. Ao redor delas, as pessoas se moviam com rapidez, algumas gritando e outras carregando novos suprimentos. Iris e Maisie saíram da ambulância e, mal haviam pegado suas bolsas, uma irmã as apressou.

– Não há tempo a perder. Precisamos de vocês agora mesmo, a papelada e a recepção de boas-vindas ficarão para depois! Tirem os xales e vistam os

aventais, e reportem-se imediatamente à barraca principal. Para vocês duas, aqui é o fim da linha.

Duas horas depois, quando Maisie se inclinava sobre um jovem, cortando o tecido grosso do uniforme colado a um braço parcialmente dilacerado pelo fogo da artilharia, ela se lembrou das palavras de Simon: “É melhor se preparar para o que vai ver.”

Afastando as palavras que ouvira tão recentemente e limpando o suor da testa com as costas da mão manchada de sangue, Maisie sentiu que estava no olho do furacão. O jovem soldado deitado diante dela estava consciente e, durante todo o tempo, ficou observando seu rosto, buscando um sinal na expressão de Maisie que revelasse sua avaliação sobre os ferimentos. Mas as irmãs do Hospital de Londres haviam ensinado bem às enfermeiras: “Nunca, nunca alterem a fisionomia de vocês diante de um ferimento. Eles estarão olhando dentro de seus olhos para vislumbrar o futuro. Olhem diretamente de volta para eles.”

Enquanto Maisie trabalhava depressa, pegando desinfetantes e cotonetes, um cirurgião acompanhado de enfermeiras e oficiais da área médica ia de soldado em soldado removendo peles, ossos e músculos, retirando estilhaços do corpo de rapazes que haviam assumido a árdua tarefa de homens.

O soldado continuou a olhar dentro dos olhos de Maisie enquanto ela limpava suas feridas para a faca do cirurgião. Guiando-se pelo rastro de sangue e pele, Maisie removeu mais uma parte do uniforme, levando a tesoura para sua calça, puxando a costura em volta da parte de baixo da perna. Quando ela sentiu que a mão afundava nos terríveis ferimentos da coxa, o soldado pigarreou para falar:

– Estas são pernas de um jogador de rúgbi.

– Foi o que pensei – disse Maisie, enquanto limpava a perna –, sempre dá para saber quem são os jogadores de rúgbi.

– Enfermeira, enfermeira. – O soldado estendeu em sua direção a mão que havia sido poupada. – Enfermeira, poderia segurar minha mão?

Quando Maisie tomou a mão na sua, o jovem sorriu.

– Obrigado, enfermeira.

De repente, Maisie percebeu que alguém estava vergando para trás os dedos do soldado e movendo o braço dele para perto do corpo, e ela ergueu o olhar para a enfermeira responsável. Um capelão militar pôs a mão sobre o ombro de Maisie por menos de um segundo, então deu a extrema-unção sobre o corpo ainda morno do soldado. Dois carregadores de padiola aguardavam para removê-lo e abrir espaço para mais feridos.

– Ah, sinto muito...

– Não há tempo para lamentos – disse a irmã. – Ele se foi há menos de um minuto, afinal. Você fez tudo o que pôde. Pois bem, temos mais trabalho por aqui. Não dá tempo de parar e ficar pensando nisso. Apenas se dedique à tarefa. Há muitos outros esperando do lado de fora e precisando de ajuda.

Ajeitando mais uma vez uma mecha de cabelo com as costas da mão, Maisie preparou a mesa da melhor maneira que pôde para atender ao próximo soldado.

– Olá, enfermeira. Vai me consertar, não é? – perguntou o homem, quando os carregadores de padiola o puseram sobre a mesa com rapidez, mas também com cuidado.

Maisie olhou bem nos olhos dele e percebeu uma dor intensa, dissimulada por um esforço bem-humorado. Pegando a tesoura e os cotonetes, bem como o suco de alho pungente utilizado para desinfetar feridas, ela respirou fundo e sorriu.

– Sim, vou consertá-lo, meu jovem. Agora, aguento firme.

CAPÍTULO 19



Maisie acordou na barraca que dividia com Iris. Aconchegando-se sob as cobertas, olhou para a amiga e, mal desperta do sono àquela hora precoce da manhã, pensou por um momento que fosse Enid, mas se deu conta de que aquele traseiro em forma de montinho na cama, pois ela também estava coberta para se proteger do frio matinal, era de Iris.

Maisie respirou fundo. Apesar do ar gelado, ela de repente se sentou, puxando a coberta até os ombros. Deveria fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para manter a mente tranquila, para se preparar para o dia e para as condições climáticas. A chuva recomeçara. Uma chuva que encharcava o solo e formava um ensopado de lama e água suja, molhando o tecido de seu longo vestido de lã e fazendo com que ele pendesse pesadamente contra seus tornozelos enquanto ela trabalhava sem parar, limpando feridas e as cobrindo com gaze. Ao fim de cada dia, a lama já havia subido até os joelhos, e repetidas vezes ela dizia para si mesma que estava aquecida, que seus pés estavam secos. Depois, à noite, ela e Iris penduravam os vestidos para a umidade evaporar, e verificavam, uma no corpo da outra, se havia piolhos do campo de batalha, os quais pareciam não sucumbir a nenhuma derrota.

– Você primeiro, Maisie – disse Iris, ainda aninhada nas cobertas ao redor do corpo.

– Você não quer quebrar o gelo, né?

- Que gelo?
- Eu falei, Iris, ontem havia uma camada de gelo sobre a água.
- Não!

Iris se virou em sua cama de campanha e olhou para Maisie, que se sentou com as pernas cruzadas na cama.

- Não sei como você consegue se sentar dessa maneira, Dobbs. Então você está me dizendo que a água está congelada? Ainda nem entramos propriamente no inverno.

- Sim, mesmo não tendo entrado no inverno.

Maisie deu outro suspiro profundo, que se transformou numa névoa de vapor diante de seu rosto. Ela jogou o cobertor para o lado e correu com agilidade até o jarro de água e a bacia que ficavam sobre uma cômoda de madeira.

- E ficar sentada assim pela manhã é o que me ajuda a não congelar pelo resto do dia, Iris. Clareia meus pensamentos. Você deveria tentar!

- Humpf!

Iris se virou na cama e tentou ignorar os pés gelados.

Maisie tocou de leve com o dedo na jarra de água. Ela rompeu a fina camada de gelo como se testasse, hesitante, a massa de uma torta, depois segurou a alça da jarra com as duas mãos e derramou a água congelante na bacia. Esgueirando-se até o lado da cômoda, Maisie tirou do gancho um pedaço de flanela, que ela imergiu na água. Depois de torcê-lo, desabotoou a parte da frente da camisola e lavou primeiro o rosto, depois abaixo dos braços, subindo até o pescoço. Ah, o que ela não daria por um banho! Sentar numa banheira funda com água quentinha e encanada e bolhas de sabão até a altura das orelhas...

Novamente ela mergulhou o tecido, torceu o excesso de água de volta na bacia e dessa vez levantou a camisola e limpou a área entre as pernas e abaixo, até os joelhos. Um bom banho quente. Por horas. Ela não sairia dali por horas. Continuaría girando aquela torneira de água quente com o dedão do pé, e não sairia dali até que a última molécula de lama, sangue, suor e lágrimas tivesse sido removida.

Baixando seu vestido ainda úmido, que ficara pendurado num arame que

ela e Iris haviam improvisado dentro da tenda, Maisie verificou cada costura e bainha em busca de piolhos. Era o protocolo matinal: verificar em toda parte se havia piolhos e depois examinar mais um pouco, pois os piolhos eram uns bichinhos astutos e abusados. Ela se vestiu com rapidez, deslizando por fim uma braçadeira branca com a cruz vermelha até bem acima do cotovelo de sua manga direita, pegando um avental limpo e prendendo a ele um relógio de prata do lado esquerdo do peitilho. Além da pasta preta de couro, que agora guardava seus documentos e as cartas que vinha recebendo, seu relógio de enfermeira era o talismã que ela havia trazido de casa, um presente de lady Rowan.

Finalmente, Maisie colocou uma toalha em sua cama e se inclinou sobre ela para pentear o cabelo, olhando com atenção para ver se algum piolho caía da cabeça. Ela e Iris examinavam o cabelo uma da outra toda noite e, se estivessem em serviço à noite, sempre que ambas estivessem na barraca e acordadas ao mesmo tempo. Mas Maisie examinava novamente pela manhã, penteando seu cabelo sobre uma toalha até ficar tonta. Então ela prendia o cabelo num coque alto e colocava a touca na cabeça.

– Já terminei, Iris.

– Certo, Dobbsie. – Iris tremeu sob as cobertas. – Sabe Deus como será isso aqui quando estivermos no inverno de verdade.

– Pelo menos não estamos nas trincheiras com lama até a cintura, Iris. Pelo menos não estamos empilhando corpos para fazer um muro de proteção. Não como os rapazes.

– Você está certa, como sempre – disse Iris, pulando da cama e começando o ritual matinal que Maisie acabara de terminar. – *Brrr...* Desconfio que agora você vai até lá para ver se há uma carta do seu jovem.

Maisie revirou os olhos.

– Eu já disse, Iris. Ele não é...

– Sim, eu sei, eu sei. Ele não é o seu jovem. Bem, então, vá lá pegar a carta do amigo especial da sua amiga e me deixe aqui catando piolhos, se não se importa!

As duas estavam rindo quando Maisie levantou a abertura da barraca, deixando Iris em suas abluções matinais. Caminhando sobre pranchas de

madeira que cobriam a lama e as poças, Maisie se dirigiu à barraca da cozinha para pegar chá e pão para o café da manhã.

– Aqui está, irmã, pode pegar. – O oficial em serviço lhe estendeu uma grande xícara esmaltada com uma fatia de pão e banha, dirigindo-se a ela como “irmã”, do jeito como os soldados chamavam as enfermeiras, não importando sua posição na hierarquia. – E tem mais uma coisinha para você, deixaram comigo esta manhã.

Ele pôs as mãos no bolso e tirou dali um envelope marrom simples que, pela espessura, claramente continha uma longa carta. O envelope estava amassado e tinha manchas das quatro mãos sujas pelas quais havia passado antes de chegar ao seu destino.

As cartas de Simon Lynch para Maisie Dobbs nunca passavam pelo gabinete do censor, uma vez que eram passadas do oficial para o motorista da ambulância e, depois, do carregador de padiola para o cozinheiro. Por seu lado, as cartas eram enviadas do mesmo jeito, de mão em mão. E cada vez que uma carta trocava de mãos, havia um comentário, uma observação sobre o amor jovial ou sobre tudo estar indo de vento em popa para ele, o capitão Romântico.

Os missivistas não falaram de amor quando a primeira carta, de Simon para Maisie, foi remetida e recebida. Mas, como acontece quando duas pessoas que pensam da mesma maneira se aproximam – como se suas mentes se unissem por meio de pensamentos –, as cartas de Simon e Maisie se tornaram mais frequentes, e um mal podia esperar a resposta do outro antes de se lançar novamente à caneta e ao papel. Lutando contra a exaustão que pesava em suas costas e pressionava como um punho o espaço entre suas escápulas, Simon e Maisie, cada um em sua barraca a muitos quilômetros de distância, e sob a luz fraca de uma lâmpada a óleo, escreviam com rapidez e urgência sobre seus dias em meio aos escombros da guerra. E apesar de ambos saberem que a guerra e o desespero que ela causava podiam ter tornado mais urgente a necessidade de estarem juntos novamente, começaram a declarar seus sentimentos sem inibição nas cartas que eram passadas de mão em mão. Sentimentos que, a cada experiência

nessa história compartilhada, se aprofundavam cada vez mais. Então Simon escreveu:

Minha querida Maisie do Vestido Azul de Seda,

Estive em serviço por trinta horas sem ao menos me sentar por cinco minutos. Os feridos começaram a chegar novamente às onze horas da manhã de ontem. Fiquei curvado sobre tantos corpos e tantos ferimentos que receio ter perdido a conta. É como se me lembrasse apenas dos olhos, e me lembro dos olhos porque neles vejo o mesmo choque, a mesma descrença e a mesma resignação. Hoje vi, numa rápida sucessão, um homem e seu filho. Alistaram-se juntos, suspeito que um deles ou ambos mentiram a idade. E tinham os mesmos olhos. Iguaizinhos. Talvez o que eu veja em cada homem é que, não importando a sua idade (e, por Deus, alguns deles não deveriam estar fora da escola), eles aparentam ser muito velhos.

Em três semanas terei uma licença breve. Logo receberei as instruções. Estou planejando voltar para Rouen e ficar lá por dois dias. Lembrei que você tinha dito que também teria uma licença estes dias. Seria muito presunçoso de minha parte perguntar se poderíamos nos encontrar em Rouen? Anseio tanto vê-la, Maisie, e ser transportado para longe desta desgraça por seu maravilhoso sorriso e por seu bom senso inspirador. Escreva e me diga.

Iris saiu de licença junto com Maisie, de forma que ela teria uma companhia feminina. A viagem para Rouen pareceu longa e cansativa, até que finalmente chegaram ao Hotel St. Georges.

– Juro que não consigo esperar para entrar naquela banheira, Maisie Dobbs.

– Eu também, Iris. Me pergunto se podemos mandar nossos vestidos para lavar. Tenho outro vestido para usar durante o dia que ainda não vesti. E você?

– Sim, eu também. Não devemos ficar sem o uniforme, mas, pelo amor de Deus, este vestido vai sair andando até a lavanderia se eu não o tirar.

Maisie e Iris foram correndo para o quarto reservado para elas. O pé-direito parecia extraordinariamente alto, e a tinta das paredes e do batente da porta estava lascada. O quarto em si era pequeno e simples, contendo duas camas de solteiro e uma pia, mas, depois de morar por muitos meses sob o teto de uma barraca que gotejava e que não ficava nem 15 centímetros acima de suas cabeças, elas viram apenas esplendor. Dois banheiros se situavam no corredor de carpete vermelho, e a sempre vigilante Iris imediatamente foi ver se algum deles já estava ocupado.

– Um já foi ocupado, sinto lhe dizer, e a pessoa lá dentro está cantando em altos brados.

– Nossa, não vejo a hora de tomar um bom banho quente – disse Maisie.

– Vamos fazer o seguinte. Vou colocar meu vestido e ver se nossas roupas podem ser lavadas, enquanto você arruma um banheiro. Podemos tomar banho da cabeça aos pés e ainda catar os terríveis piolhos. Assim, não precisamos ficar esperando. Você viu os oficiais que chegaram depois da gente? Aposto que vão se apropriar dos banheiros já, já.

– Os oficiais não têm quartos com banheiros?

– Ah, sim. Eu me esqueci disso. Privilégios e tudo mais.

Iris e Maisie logo se livraram de seus vestidos do uniforme, e Iris juntou a roupa para a lavanderia e andou em direção à porta.

– Nunca se sabe, Maisie, talvez seu capitão Lynch deixe você usar o banheiro *dele*.

– Iris!

– Estou só brincando, Dobbsie. Bem, vou arrumar um banheiro para a gente.

A banheira acomodou facilmente as duas mulheres, que se recostaram e, sob a água fumegante, se permitiram descontraí-las da tensão dos últimos meses.

– Um pouco mais de água quente, Maisie. Mais cinco minutos e mudamos de lado.

– Já estava na hora!

Maisie abriu a torneira de água quente e puxou a tampa do ralo da banheira para fazer com que a água que já havia esfriado escoasse ao mesmo

tempo. Depois de ficarem mergulhadas por mais cinco minutos, elas trocaram de lado, dando risadinhas enquanto se mexiam, e continuaram deitadas ali no calor vaporoso e relaxante.

– Maisie – disse Iris ao se reclinar para trás, tentando acomodar confortavelmente a cabeça entre as duas torneiras. – Maisie, você acha que o seu capitão Lynch vai pedi-la em casamento?

– Iris...

– Não, eu não estou pegando no seu pé agora. Estou falando sério. Com a guerra e tudo mais. A gente fica um pouco mais séria, não é? Veja Bess White; recebeu uma carta do amado dizendo que ele estava indo para casa de licença, ela também saiu de licença e *bum!* Lá estão eles casados, e ele de volta ao front.

Maisie se inclinou para a frente, mergulhando a cabeça na água, e se sentou, jogando para trás as longas madeixas pretas.

– O que eu sei, Iris, é que quando isto tiver terminado, quando a guerra tiver chegado ao fim, vou voltar para a universidade. É o que sei. Além disso, quando a guerra acabar, não sei se eu estarei... bem, Simon vem de uma boa família.

Iris olhou para Maisie, então se sentou e segurou sua mão.

– Sei exatamente o que você está querendo dizer, Maisie, e deixe-me contar uma coisa, caso não tenha percebido. Os tempos agora são outros. Esta guerra mudou tudo. Vi as cartas de seu pai e daquele Carter e da Sra. Fulana das tortas. Essas pessoas, Maisie, são sua família, e eles são tão bons quanto Simon, em todos os aspectos. E você é tão boa em tudo quanto qualquer uma que o capitão Lynch possa conhecer.

Maisie segurou a mão de Iris, mordeu o lábio superior e assentiu.

– É só que... Não sei explicar, mas tenho um pressentimento aqui. – Ela levou a mão ao peito. – Um pressentimento de que as coisas vão mudar. Eu sei, eu sei, Iris, o que você vai dizer, “É a guerra...”. Mas conheço esse sentimento, sei que é verdadeiro. E sei que tudo vai mudar.

– Vamos lá. Esta água está entrando na sua cabeça, Maisie Dobbs. Você é uma ótima enfermeira, Dobbsie, mas às vezes fico pensando por que você tem que questionar tudo.

Iris apoiou as mãos nos dois lados da banheira e se levantou. Ela pisou no chão de azulejos, pegou uma das volumosas toalhas brancas e começou a se secar. Maisie continuou sentada na água, que esfriava rapidamente enquanto Iris se vestia.

– Vamos lá, sonhadora. É melhor nos apressarmos. Isto é, se você quiser ver o jovem capitão Lynch no jantar esta noite. Que horas ele disse para nos encontrarmos com ele?

– O bilhete dizia sete horas. Na frente do balcão no corredor principal, à entrada do hotel.



Trajando um vestido cinza simples, o cabelo preso num coque alto, e acompanhada por Iris, Maisie desceu a ampla escada do hotel. Dessa vez, tentou não criar expectativas sobre o encontro com Simon, para não imaginar muitas coisas – uma conversa animada, mãos se tocando, sentimentos sendo manifestados – que pudessem se chocar com a realidade.

Iris estava acompanhando Maisie, mas já havia decidido que se retiraria cedo. Não que ela de fato precisasse fazer isso. A interação entre homens e mulheres de uniforme era malvista. Mas, com um pouco de sorte, o jovem amigo de Maisie teria um bom amigo para lhe fazer companhia. *Acompanhante, uma ova!*, pensou Iris. Nada de segurar vela.

Maisie e Simon Lynch viram um ao outro exatamente no mesmo instante, e moveram-se depressa pela multidão de visitantes. As batidas do coração de Maisie pareciam se propagar por seu corpo e atrapalhar os cumprimentos que ela havia planejado com tanto cuidado. Simon estava ali diante dela, tomou suas mãos nas dele e olhou dentro de seus olhos.

– Achei que nunca a veria novamente, Maisie.

Maisie assentiu e olhou para baixo, na direção de suas mãos juntas.

O som de um intenso e gutural “Aham!” trouxe a atenção de Simon e Maisie de volta ao salão. Iris olhava para os próprios pés, verificando as solas de seus sapatos, quando o homem que acompanhava Simon falou:

– Que tal fazer as apresentações, Lynch? Não sei como vocês fazem essas

coisas aqui, mas de onde eu venho tentamos nos familiarizar.

– Ah, sinto muito. Por favor, me desculpe. Maisie, Iris, eu lhes apresento o capitão Charles Hayden. Atualmente veste um uniforme britânico, mas, como talvez tenham percebido, ele é americano. Esse bom homem veio até aqui com o corpo do Hospital Geral de Massachusetts para fazer a sua parte. Deus abençoe a todos. Estamos trocando memorandos sobre como lidar com o envenenamento por gás. Charles, estas são as senhoritas Maisie Dobbs e Iris Rigson.

– Encantado. Valeu a pena percorrer toda esta distância. Lynch já estava ficando um pouco enfadonho, como se pode dizer. Bem, vamos comer ou ficar aqui em pé a noite toda? Pessoalmente, sou a favor de irmos comer.

– Eu também – concordou Iris.

Durante o jantar, Charles Hayden proporcionou ao grupo uma necessária dose de bom humor, e à medida que o tempo passava, as ondas de conversa foram se sucedendo e as vozes de Hayden e Iris podiam ser mais ouvidas do que as outras, rindo alto, gracejando e, em geral, emanando boas vibrações. Instintivamente, eles assumiram a tarefa de propiciar aos amigos a atmosfera de intimidade que se pode estabelecer entre duas pessoas que querem apenas estar uma com a outra, mesmo em uma sala abarrotada.

– Ansiei tanto por vê-la, Maisie, e no entanto, agora que você está aqui, eu mal sei o que dizer.

– Sim, eu entendo.

Simon se virou para Maisie e pegou sua mão.

– Fale comigo sobre qualquer coisa, Maisie. Quero saber tudo sobre você. Mesmo o que já tiver me contado por carta. Quero ouvir sua voz. Comece de qualquer ponto, mas não com a guerra. Conte-me sobre Londres, Kent, sobre seu pai, sua mãe... E aquele homem baixinho e curioso chamado Maurice Blanche? Conte-me tudo, Maisie.

Maisie sorriu, olhou por um instante para o outro lado da mesa, onde Iris estava rindo com a cabeça para trás.

– Vou contar sobre meu pai. Francis. Conhecido por quase todos como Frankie. Ele tem três amores na vida. Minha mãe, que morreu quando eu era criança, eu e Perséfone, sua égua.



Maisie e Simon, um de cada vez, contaram histórias de suas vidas que os transportaram para longe das lembranças das experiências mais recentes. Depois que o jantar terminara, os dois caminharam juntos por uma rua de paralelepípedos sem rumo e então voltaram. Por dois dias, Simon e Maisie ficaram quase exclusivamente um com o outro, a não ser quando Simon beijava sua mão ao fim de cada dia e a observava subir as escadas que levavam ao quarto compartilhado com Iris.

– Bem, vamos partir amanhã, Maisie. De volta para nossa adorável barraca.

– Você se divertiu, Iris?

– Graças a Chuck Hayden, que é como ele chama a si mesmo. Um homem bacana, boa companhia. Contamos um ao outro histórias de amor enquanto vocês colecionavam estrelas com os olhos.

– Iris, me desculpe. Nem sei como agradecer.

– Ah, Maisie, não me entenda mal. Passei uma ótima noite. Sério, como eu disse, ele foi uma ótima companhia. Deixou a esposa e o filho adolescente para vir aqui com outros médicos americanos e enfermeiras. Sente muita falta da família. Eu lhe contei tudo sobre meu Sid. Nossa, não sei se eu teria vindo para cá se eu não precisasse.

– Você não tinha que vir, Iris.

– Eu sei. Mas mesmo assim vim, pois é o meu país que está nesta guerra. Eles são os nossos rapazes e eu sou enfermeira. Mas eles não... Os americanos, digo, não precisavam vir até aqui. Apesar de Charles pensar que aparentemente não vai demorar muito para os Estados Unidos entrarem na guerra.

Iris começou a arrumar sua malinha, aprontando-se para a viagem de volta ao posto de tratamento de feridos.

– A lavanderia do hotel fez um bom trabalho com esses uniformes. E muito rápido. Aproveite seu vestido limpo, minha garota. Estaremos com lama até os joelhos em pouco tempo. E lutando contra os piolhos outra vez.

– Ah, não, Iris...



Simon acompanhou as duas até a estação e, enquanto Iris caminhava até a plataforma para esperar o trem, ele e Maisie permaneceram juntos. Ela tremia.

– Vou escrever, como de hábito.

– Isso seria ótimo, Simon. Deus, como está frio.

Simon olhou para ela e, sem pensar, envolveu-a nos braços.

– Por favor – protestou Maisie discretamente.

– Não se preocupe. Não há irmãs malvadas aqui para reportá-la por andar por aí com um inescrupuloso capitão do Corpo Médico do Exército Real.

Maisie riu e tremeu ao mesmo tempo, aproximando o corpo do de Simon. Ele a segurou e a beijou primeiro na testa, e então, quando ela ergueu os olhos, Simon se inclinou e beijou Maisie novamente, na bochecha e depois nos lábios.

– Simon, eu...

– Ah, querida, vou meter você numa terrível encrenca?

Ela ergueu o olhar para ele, depois observou o entorno, os outros viajantes – nenhum dos quais parecia notar o casal – e deu uma risadinha nervosa.

– Bem, isso pode acontecer se alguém nos vir, Simon.

O guarda apitou alto para alertar aos passageiros que o trem logo estaria de partida. A fumaça da pesada locomotiva subiu e se dissipou pela plataforma. Tinha chegado a hora de Simon e Maisie se separarem.

– Maisie. Veja bem, em poucos meses terei outra licença. Voltarei para a Inglaterra. Quando será a sua? Talvez seja na mesma época.

– Vou avisar, Simon. Vou avisar. Agora preciso correr. Vou perder o trem.

Simon abraçou Maisie e, quando o trem sinalizou o aviso de “todos ao embarque”, ela se afastou e correu pela plataforma. Iris se debruçava pela janela de seu vagão e acenava para ela, que subiu a bordo e tombou no assento assim que o trem começou a se mover.

– Achei que eu partiria sem você, Dobbs.

– Não se preocupe, Iris. Estou aqui.

– Sim. Você está aqui, Dobbsie. Mas acho que deixou seu coração para trás.

Retomando o fôlego enquanto o trem saía da estação, Maisie fechou os olhos e pensou em Simon. Quando viu o rosto dele com os olhos da imaginação, voltou a sentir aquela opressão no peito. A chuva riscava as janelas enquanto os campos da França pareciam reverberar com o movimento do trem. Maisie olhou para esse país ao qual ela viera de bom grado, tão perto de casa e, no entanto, tão distante de tudo o que amava.

Quase tudo. Simon estava ali.

CAPÍTULO 20



Em uma manhã fria de inverno, em fevereiro de 1917, com um sol que mal se via através da névoa matinal, Maisie envolveu os ombros com o xale de lã e andou de volta para a barraca que dividia com Iris. Em seu bolso, duas cartas esperavam ansiosamente para serem lidas. Uma era de Simon. A outra continha a papelada de sua licença. Seus dedos estavam cruzados.

– Então, conseguiu? – perguntou Iris, enquanto Maisie rasgava o pequeno envelope bege.

– Espere um minuto, espere um minuto. Sim! Sim! Sim!

Maisie pulou sem parar. Ela sairia de licença. Uma licença de verdade. Além dos dois dias da viagem, teria três em casa. Três dias! Um dia inteiro a mais do que em sua última licença, que foi... Ela nem conseguia lembrar. Imediatamente abriu a carta de Simon, percorreu com os olhos as linhas com a escrita delicada e inclinada para a direita, e se pôs a pular novamente.

– Sim, sim! Ele conseguiu, ele sairá de licença!

E as datas, 15 a 20 de abril, eram quase as mesmas que as dela. Eles teriam dois dias juntos. Dois dias inteiros.

Iris sorriu e assentiu. Ah, como a menina havia mudado. Não com relação ao trabalho. Não, a habilidade e a compaixão que ela aplicava no serviço eram inquestionáveis como sempre. Mas essa alegria, esse entusiasmo, era algo novo.

– Dobbsie, creio que você esteja se tornando normal!

– Que bobagem. Sempre fui normal – disse Maisie, continuando a ler a carta de Simon.

– Não, não mesmo. Posso dizer. Você sempre levou a vida muito a sério, isso, sim. – Iris pegou seu xale e estremeceu. – E você não pode ser assim em tempos como estes, Maisie. Levar a sério seu trabalho, sim. Mas todo o resto... vai te deixar louca.

Iris colocou a touca com cuidado, posicionando a cruz vermelha bem no centro do topo da cabeça, de forma que a ponta do quadrado de linho também estava centralizada na parte de trás, tocando a área entre os ombros e as escápulas.

– Pronta?

– Sim, estou pronta.

– Bom. Vamos ao trabalho.

As semanas pareceram se arrastar, mas, quando Maisie se lembrou do tempo que transcorreria entre a chegada dos documentos da licença e o momento em que ela entrou no barco para atravessar o oceano de volta a Folkestone, foi como se o tempo tivesse voado. Quando guardou sua bagagem e procurou por chocolate quente e bolo, Maisie quase recebeu o começo de sua licença, pois àquela hora, na semana seguinte, estaria de volta à França. Tudo já teria chegado ao fim.

A travessia foi mais tranquila do que na primeira vez e, apesar de o mar não estar exatamente calmo como um lago, o barco não pareceu se lançar e se agitar com tanta violência como antes, e as cristas das ondas não surgiram por trás de repente, encharcando o deque. O enjoo da viagem anterior não se repetiu com a mesma intensidade, mas uma pressão em sua testa a fez se inclinar contra a amurada, onde ficou contando o tempo até que a terra despontasse à vista. Ela inspirou, na expectativa de que a salinidade do mar em breve desse lugar ao ar fresco do condado de Kent.

Ah, como ela ansiava ver o pai e ser atraída para a atmosfera quente e fumegante da cozinha da Sra. Crawford. Na França, tinha sonhado com Kent, com os pomares de macieiras em flor, com prímulas e jacintos cobrindo o bosque, e os campos macios se estendendo diante dela.

Ansiava por estar em casa. E mal podia esperar para ver Simon.

Maisie desembarcou, andou pela prancha de embarque e em direção às construções do porto. Quando apareceu na área de espera principal, viu o pai, o chapéu na mão, ansiosamente procurando por ela na multidão de rostos. Abrindo caminho por entre as pessoas que se esbarravam tentando enxergar por cima das cabeças na fila de passageiros exauridos, Maisie puxou o braço do pai.

– Pai, o que está fazendo aqui?

– Minha querida menina. Eu não podia esperar até você chegar a Chelstone, não é? Então tirei folga e vim até aqui para ver você desembarcar. Meu Deus, que lugar lotado! Nunca terei multidões, nem mesmo no mercado.

Maisie riu e, ainda segurando firme o braço do pai, seguiu-o enquanto ele abria caminho pela multidão, que avançava em disparada rumo à estação.

A viagem para Chelstone levou outras duas horas, primeiro de trem até Tonbridge, depois pela linha secundária até Chelstone. Em um campo diante da estação, Perséfone estava pastando, sua carroça apoiada bem na entrada do portão.

– Só um minuto, amor. Não vai demorar nada até eu ajeitar a velha Perséfone para você. O chefe da estação permitiu que eu deixasse a minha menina aqui. Sei que não é um automóvel sofisticado, mas achei que você gostaria de uma carona até em casa na carroça da Perséfone.

– Claro, pai.

Eles viajaram em silêncio por um tempo, Frankie Dobbs passando o braço pelos ombros da filha.

– Nem sei o que dizer, meu amor. Mas aposto que você não quer realmente falar sobre isso, quer?

– Não. Não agora, pai. Não ficarei em casa por muito tempo. Voltarei para lá muito em breve.

– E por quanto tempo verei você?

Frankie olhou de lado para Maisie.

– Bem, verei um amigo enquanto estiver de licença. Mas amanhã teremos o dia inteiro.

– Isso é tudo o que vou ganhar? Nossa, o capitão Lynch deve ser um

sujeito interessante.

Maisie se virou para o pai.

– Como você sabe?

– Ora, ora. Vamos parando já com isso, jovem senhorita. Você ainda é a minha menina, e isso não se discute. – Frankie abriu um largo sorriso. – Há uma carta esperando por você em casa. Destinada à Srta. Dobbs em Chelstone Manor. Tem o nome impresso no verso do envelope. Muito chique. Ele sabe quem é seu velho pai?

– Sim. Ele sabe, pai. Ele sabe quem você é e quem eu sou.

– Bom. Então está bem. Estou ansioso para conhecer o rapaz.

– Bem, eu não sei...

Frankie envolveu mais uma vez Maisie com o braço e, na segurança do abraço e do amor de seu pai, ela dormiu como não tinha sido capaz desde que partira para a França.



– Veja só! Olhe para você! Pele e osso, Maisie, pele e osso.

A Sra. Crawford chamou Maisie para mais perto e então se afastou para examiná-la da cabeça aos pés.

– Um bom jantar, é disso que você precisa, minha garota. Graças a Deus estamos todos reunidos aqui agora, desde que sua senhoria disse que era muito perigoso ficar em Londres, com aqueles ataques de zepelim. Bem, pelo menos posso oferecer um bom jantar. É disso que você está precisando: um bom jantar.

Maisie mal pisara para fora da carroça de Frankie Dobbs e já estava recebendo as boas-vindas, uma atrás da outra. Ela foi convocada imediatamente à sala de estar para encontrar lady Rowan. A breve licença já estava se tornando um turbilhão, mas no dia seguinte Maisie passaria o tempo todo apenas com o pai, sozinhos.

Frankie Dobbs e Maisie escovaram juntos os pelos dos cavalos, passearam pelas terras da fazenda e especularam sobre a colheita das maçãs, que certamente resultaria daquela delicada e fértil floração branca. Sentada

sozinha nos jardins de Chelstone, Maisie refletiu sobre a guerra e sobre como esses brotos podiam alegrar a alma embora bastasse olhar para o canal a partir dos penhascos para escutar o som dos canhões nos campos de batalha da França.

No segundo dia de sua licença, Maisie veria Simon em Londres, um encontro que organizaram por meio das cartas passadas entre seus respectivos postos médicos. Ela veria os pais dele na casa da família durante o primeiro dia que passariam juntos. Os dois eram sensatos o suficiente para saber que Simon não deveria ter sugerido que ela ficasse em sua casa, pois esse convite só deveria ser feito depois de um almoço mais formal, e o convite para esse almoço foi enviado pela Sra. Lynch, junto com a carta de Simon, e recebido por Maisie quando ela retornou a Chelstone. Simon escreveu que não aguentava ter que esperar para vê-la.

Frankie Dobbs levou Maisie à estação e os dois ficaram parados sem jeito na plataforma esperando o trem local, que iria até Tonbridge, onde ela faria a conexão para pegar o trem que a levaria a Londres.

– Bem, tome cuidado para não ficar magra demais. Aquela Crawford tem razão. Você está mesmo pele e osso. Você é como sua mãe, alta e bonita em um vestido.

– Vou comer bem, pai.

– E tome cuidado, Maisie. Não conheci esse jovem rapaz, mas, vendo que você foi convidada pela família, tenho certeza de que é uma boa pessoa. E é um médico. De toda forma, tome cuidado, Maisie.

– Pai, estarei de volta no trem desta noite...

– Maisie, não é disso que estou falando.

Frankie Dobbs pressionou a mão no lugar que ainda sentia a dor causada pela partida de sua mulher.

– Estou falando do seu coração. Tome cuidado com o seu coração.



O sol brilhava quando a locomotiva alcançou o fim da linha na estação Charing Cross. Maisie conferiu o rosto no espelho em forma de concha que

ficava na divisória entre os vagões. Nunca havia se preocupado com a aparência, mas agora era diferente. Era importante.

Ela sentia novamente um frio na barriga e, mais uma vez, estava feliz diante da expectativa de ver Simon Lynch. Abriu a pesada porta de madeira e pisou na plataforma.

– Maisie!

– Simon!

O jovem oficial pegou Maisie nos braços e, sem nenhum embaraço, beijou-a, para o encanto das pessoas que se apressavam em pegar o trem ou que esperavam ansiosamente na plataforma para encontrar seus entes queridos. Em tempos de guerra, havia muito poucos motivos para alegria ou bom humor em uma estação ferroviária, quase sempre repleta de feridos, despedidas angustiadas e cumprimentos confusos entre pessoas que teriam tão pouco tempo para ficarem juntas.

– Senti tanto a sua falta. Nem consigo acreditar que estamos aqui.

Maisie riu, riu até que as lágrimas rolaram em suas bochechas. Como ela detestaria dizer adeus.

O tempo que ela passou na casa dos Lynches em Londres não poderia ter sido mais perfeito. Os pais de Simon receberam Maisie em sua casa de forma muito afetuosa, como se fizesse parte da família. A Sra. Lynch mostrou pessoalmente a Maisie o quarto de hóspedes para “se restaurar depois da longa viagem”. O receio de Maisie de que talvez tivesse que responder sobre o ramo de atividade de seu pai se provou infundado, pois lhe perguntaram apenas sobre seu período em Cambridge e se ela retornaria depois que a guerra tivesse chegado ao fim. Os pais de Simon sabiam que falar sobre “intenções” em tempos como aqueles seria praticamente em vão e que a alegria de ter um filho querido em casa não deveria ser maculada com perguntas que poderiam gerar discórdia. O tempo era curto.

Simon e Maisie teriam mais um dia juntos, então ela partiria para a França no domingo de manhã bem cedo. Depois do almoço, Simon acompanhou Maisie à estação Charing Cross novamente e falou sobre o que fariam no dia seguinte.

– Maisie, consegui o carro. Que sorte, não? Vou sair cedo para ir a

Chelstone, então poderemos passar um lindo dia juntos ao ar livre, talvez ir ao parque The Downs, em Bristol.

– Isso seria maravilhoso.

– O que foi, Maisie?

Maisie olhou para o seu relógio e para os muitos homens e mulheres de uniforme na estação.

– Lembre-se de ir à casa do cavaleiro, Simon. Não à casa principal.

– Ah, sim. Você está preocupada com minha ida a Chelstone, não está?

Maisie olhou para suas mãos e depois para Simon.

– Um pouco.

– Para mim isso não importa, Maisie. Nós dois sabemos que há coisas mais importantes com as quais se preocupar. Além disso, sou eu que tenho de me preocupar com Chelstone, ainda mais com a intimidadora Sra. Crawford me aguardando para dar seu veredicto!

Maisie riu.

– Sim, Simon, você tem razão nesse ponto!

Simon segurou sua mão e a acompanhou à plataforma. A chegada do trem acabara de ser anunciada.

– Amanhã será nosso último dia juntos – comentou Simon. – Eu queria entender melhor o tempo, Maisie. Ele escorre por nossos dedos.

Ele juntou as mãos dela em frente ao seu peito e tocou na ponta de seus dedos.

– Maurice diz que apenas quando soubermos respeitar o tempo teremos aprendido alguma coisa sobre a arte de viver.

– Ah, sim, o sábio Maurice. Talvez um dia eu o conheça.

Maisie olhou nos olhos de Simon e estremeceu.

– Sim, talvez. Um dia.



Simon chegou a Chelstone às nove e meia da manhã seguinte. Maisie já estava de pé desde as cinco e meia. Primeiro, foi ajudar Frankie com os cavalos, depois saiu para uma caminhada, preparando-se mentalmente para

a chegada de Simon. Ela foi passear pelo pomar de macieiras repleto de flores e, depois, pelos pastos mais adiante.

Metade da área que antes da guerra havia sido pasto para os cavalos agora era um grande pomar de hortaliças que fornecia produção suplementar não apenas a Chelstone Manor, mas também para uma comunidade maior. Em tempos de guerra, flores e arbustos eram considerados uma extravagância, por isso todos os jardins do povoado estavam quase sem flores. Mesmo o menor pedacinho de terra cultivável, ainda que do tamanho de um selo de correspondência, era usado para a plantação de hortaliças.

Maisie voltou para a casinha e esperou por Simon. Por fim, o estalido dos pneus nos cascalhos anunciou sua chegada. Frankie afastou as cortinas e olhou pela janela da pequena sala.

– Parece que seu jovem está aqui.

Maisie veio correndo do quarto enquanto Frankie se postava diante do espelho, ajustando o lenço no pescoço e puxando para baixo a bainha de seu melhor colete. Ele esfregou o queixo em sinal de dúvida e tirou a boina, que quase nunca ficava fora da cabeça. Antes de ir até a porta para se encontrar com o capitão Simon Lynch, Frankie pegou a amada fotografia em tom sépia da esposa, com quem sua menina – que havia corrido alegremente até a porta – tanto se parecia. Na imagem, o encarava uma mulher alta e esbelta usando uma saia escura e uma blusa de algodão com largas mangas bufantes. Apesar de ela ter arrumado o cabelo na expectativa de tirar uma fotografia com sua filha de 2 anos, algumas mechas revoltas se dispersavam em sua testa.

Frankie correu os dedos pelo vidro, traçando o contorno do rosto da mulher. Ele falou com ternura diante da imagem, como se ela também estivesse na sala, pois Frankie havia rezado para que seu espírito o acompanhasse naquele dia.

– Eu sei, eu sei... Vou devagar com ele. Queria que você estivesse aqui agora, meu amor. Seria bom ter uma ajudinha.

Frankie devolveu a fotografia ao seu lugar e, depois de uma última olhada no espelho, apenas para garantir que não desapontaria Maisie, saiu da casa e

foi cumprimentar o homem em direção ao qual sua filha havia corrido com tanta empolgação.



Simon e Maisie conversaram por horas, primeiro na viagem de automóvel até Sussex e, depois, durante o almoço numa pequena pousada. Foi somente após estacionarem o carro perto de um arvoredor e subirem ao topo dos South Downs, com as gaivotas grasnando no céu, que ficaram em silêncio. O ritmo de um acompanhava o do outro enquanto atravessaram o caminho rugoso no cume das colinas que davam para o Canal da Mancha. Eles se acercaram um do outro, as mãos próximas, mas sem se encostar.

O dia estava quente e, no entanto, Maisie ainda sentia frio. Era um frio que havia penetrado em seus ossos na França e agora parecia não largá-la mais. Simon sentou-se na grama sob uma árvore e, com um gesto, chamou-a para se acomodar ao seu lado. Então, segurou a mão dela, fez uma careta e, brincando, pegou um dos sapatos de Maisie, desfez os laços e segurou o pé dela.

– Por Deus, mulher, como alguém pode estar gelado desse jeito e não estar morto?

Maisie riu junto com ele.

– É o que a lama francesa faz: entra em nossos ossos.

Os dois continuaram a rir e, segundos depois, se calaram.

– Você vai mesmo voltar para Cambridge depois da guerra?

– Sim. E você, Simon?

– Ah, acho que vou querer levar uma vida tranquila, sabe? Como médico no interior. Fazer partos, tratar sarampo, caxumba, acidentes de caça, as enfermidades dos camponeses, esse tipo de coisa. Vou envelhecer de veludo cotelê e tweed, fumar charuto e bater no traseiro dos meus netos quando eles perturbarem a minha soneca da tarde.

Simon se inclinou para a frente, puxou o capim da terra e o enrolou nos dedos longos.

– E depois de Cambridge, Maisie?

– Não tenho certeza.

A conversa fluiu enquanto Simon e Maisie olhavam para o mar, ambos deixando a imaginação vagar com hesitação pelo futuro. Maisie deu um longo suspiro, e Simon a puxou para mais perto. Como se pudesse ler seus pensamentos, ele disse:

– É difícil pensar no futuro quando já vimos tantos que não estarão aqui amanhã, muito menos no ano que vem. Não há futuro.

– Sim. – Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

– Sei que é precipitado, talvez até presunçoso, mas, Maisie, quando tudo isso acabar, essa guerra, quando voltarmos para a Inglaterra... você aceitaria se casar comigo?

Maisie inspirou bruscamente, sua pele se arrepiou de emoção. Que sentimento era aquele? Ela queria dizer “sim”, mas algo a impedia.

– Eu sei, eu sei, você não precisa dizer nada. É a imagem da calça de veludo cotelê e do tweed, não é?

– Não, Simon. Foi apenas a surpresa.

– Maisie, eu amo você.

Ele segurou a mão dela e olhou profundamente em seus olhos.

– Sim. E eu também amo você, Simon. Eu também amo você.

Simon levou Maisie de volta a Chelstone e parou o carro na estrada, no fim da entrada da garagem que levava à casa senhorial. Ele se inclinou e segurou a mão esquerda de Maisie.

– Você não me respondeu, Maisie.

– Eu sei. Estou fazendo o que temos que fazer. Na França. Quero esperar até acabar. Até que não haja mais... não haja mais... mortes. Não posso dizer “sim” para algo tão importante até que estejamos em casa outra vez. Até que estejamos seguros.

Simon aquiesceu, demonstrando compreensão por seus sentimentos na guerra, e também desapontamento.

– Mas, Simon, eu amo você de verdade. Muito.

Simon não disse nada, mas tomou o rosto de Maisie nas mãos e a beijou intensamente. A princípio, Maisie começou a se afastar, com receio de que alguém na casa senhorial pudesse vê-la, mas, quando os braços de Simon a

envolveram, ela retribuiu o beijo, puxando-o pela nuca na direção dela. De repente, Maisie se deu conta de que seu rosto estava úmido e, afastando-se, olhou fundo nos olhos de Simon e tocou sua bochecha, onde as lágrimas dos dois haviam se encontrado.

– Deus, eu queria que essa guerra terminasse. – Simon passou as costas da mão pelos olhos, antes de encará-la outra vez. Ele a beijou nos lábios com suavidade.

– Eu amo você, Maisie, e quero que seja minha mulher. Prometo que, assim que essa guerra terminar, caminharei por quilômetros e atravessarei fronteiras até encontrá-la, e ficarei de joelhos em minhas roupas lamacentas até você dizer “sim”!

Eles se beijaram mais uma vez. E então, pegando a bolsa, Maisie disse a Simon que preferia voltar para casa sozinha. Não queria sofrer com a difícil despedida, possivelmente na frente do pai ou de quem estivesse nos jardins e testemunhasse a separação. Simon se opôs a isso, argumentando que nenhum cavalheiro permitiria que uma dama andasse desacompanhada até em casa, mas Maisie foi inflexível, lembrando a Simon que já havia caminhado por aquela pista muitas vezes, e geralmente com uma cesta pesada.

Simon não contestou mais. Em vez de trocar mais palavras, eles se abraçaram forte e se beijaram. Ela saiu depressa do carro e andou pelo caminho de acesso à garagem, ouvindo ruídos aqui e ali, a distância, enquanto Simon ligava o motor e enfim pegava a estrada.



Maisie insistiu em viajar sozinha de volta a Folskestone, e Frankie, percebendo a maturidade e a independência conquistadas pela filha, concordou em deixar que o novo motorista de lady Rowan, um homem mais velho preterido pelo serviço militar, a conduzisse até a estação. Maisie se despediu do pai em casa. Não tinha mais estômago para digerir despedidas em plataformas.

Foi durante a viagem para Folkestone e depois para a França que ela

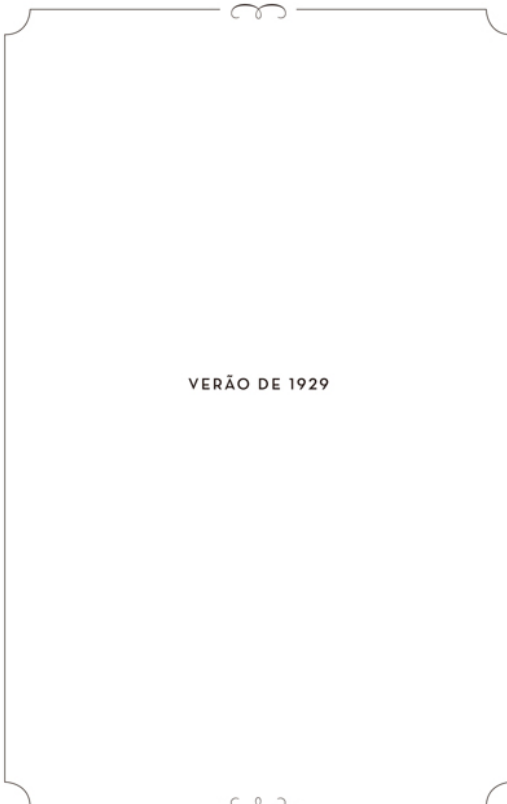
rememorou os episódios daqueles dias de licença. Lembrou-se da camaradagem natural entre Simon e o pai, do sorriso dele ao ser apresentado a Frankie e de como ele imediatamente se pusera a perguntar sobre cavalos e se deixou conduzir aos estábulos para que Frankie Dobbs se sentisse à vontade numa área que obviamente dominava com maestria.

Repetidas vezes em seus pensamentos, Maisie rememorou a proposta de casamento e, apesar de saber que logo receberia uma carta dele, refletiu sobre ter evitado se comprometer. Ela sabia muito bem a fonte dessa hesitação.

Enquanto o trem se deslocava pela névoa das primeiras horas do dia naquela primavera em Kent, Maisie respirou fundo, como se quisesse se lembrar do aroma da liberdade. Ainda precisaria haver um vencedor nessa guerra mundial iniciada quase três anos antes, e, no entanto, Maurice havia escrito para ela que todos eles, de todos os lados, haviam perdido a liberdade. A liberdade de pensar com esperança sobre o futuro.

Foi apenas mais tarde, muito mais tarde, mais de dez anos depois da guerra, que Maisie se lembrou de cada pensamento que passara por sua mente na viagem de volta para o hospital do campo de batalha.

Ela se lembrou de ter rezado para rever Simon pelo menos mais uma vez.



VERÃO DE 1929

CAPÍTULO 21



Da Warren Street, Maisie pegou o metrô até Charing Cross, onde fez a conexão para a District Line, para então chegar à Victoria Station. Enquanto o trem sacolejava, ela ficou se perguntando o que seria revelado na conversa daquela noite com lady Rowan. Suspeitava de que a fazenda em que James pretendia morar fosse o mesmo lugar que Celia descrevera durante o chá.

Ao desembarcar na Victoria Station, Maisie andou pela Lower Belgrave Street em direção à Ebury Place. Enquanto caminhava, pensou em Maurice, que tantas vezes lhe dissera que uma coincidência poderia ser simplesmente aquilo que parecia: dois eventos conectados por meio dos pensamentos e da experiência de uma pessoa. Mas ele também dissera a Maisie para prestar atenção nas coincidências.

A coincidência era um mensageiro enviado pela verdade.

Carter pegou o chapéu cloche e o casaco de Maisie ao recebê-la no hall de entrada.

– É ótimo vê-la, Maisie. Como vai? Sua senhoria a espera na sala de estar e está bastante ansiosa para vê-la.

– Eu vou bem, obrigada, Sr. Carter. Antes, vou só dar um pulinho lá embaixo para ver a Sra. Crawford. Não quero levar uma bronca por não ter descido diretamente para cumprimentá-la.

– Uma decisão muito sensata, Maisie. Você sabe o caminho.

Carter saiu para pendurar as roupas de Maisie no vestiário e se dirigiu à porta que ficava à direita do hall de entrada, descendo até a cozinha. A escada de pedra estava gelada, do jeito que ela lembrava, mas, assim que atravessou a porta e se aproximou da cozinha, foi envolvida por um calor reconfortante e por uma mistura de aromas que remeteram à sua juventude.

A Sra. Crawford estava escutando mal, mas continuou a trabalhar. Maisie parou no limiar de seu território, perguntando-se se algum dia vira as mãos da cozinheira sem que estivessem sujas de farinha ou molhadas. Eram mãos ásperas e calejadas, mas Maisie sabia que, antes de tocar em qualquer comida, a Sra. Crawford se colocava diante da grande pia quadrada de cerâmica e esfregava as mãos com uma escova de cerdas duras e sabão em barra de alcatrão de hulha. Assim, quando ela mergulhava as mãos na massa de torta, seus dedos avermelhados como salsichas contrastavam com a farinha branca. Maisie adorava a torta de maçã da Sra. Crawford e, quando a visitava, sabia que haveria uma para a sobremesa e outra para ela levar para casa.

– Sra. Crawford – chamou Maisie, elevando a voz. – Estou aqui!

A Sra. Crawford se virou num instante, e sua fisionomia concentrada deu lugar a um radiante sorriso.

– Bem, que linda você está! Não vá sujar de farinha essas roupas tão bonitas.

A Sra. Crawford esfregou as mãos no avental e foi em direção a ela com os dois braços bem abertos. Maisie ficou muito feliz em poder se entregar àquele abraço forte e caloroso, ainda que a velha mulher estivesse tomando o cuidado de manter as mãos longe de suas roupas, por isso a abraçava pressionando os cotovelos nela.

– Você tem se alimentado, Maisie? Está sumindo! Eu sempre disse que uma lufada de ar poderia carregá-la até Clacton!

– Juro que estou comendo, Sra. Crawford. Aliás, o que temos para o jantar?

– Uma deliciosa sopa de legumes, seguida por rosbife com todos os

acompanhamentos, e hoje nem é domingo! Depois, torta de maçã e o prato de queijos.

– Ah, meu Deus! Vou explodir!

– Não é tudo para você, mas trate de comer uns bons pedaços. Lorde Compton vai chegar tarde mais uma vez hoje à noite e jantará em seu gabinete. E se James vier com aquela cara infeliz, provavelmente jantarão juntos. Se não, o menino James vai comer em seus aposentos, com a tristeza lhe fazendo companhia.

– Achei que ele tinha o próprio apartamento... Não sabia que ele tinha voltado a morar nesta casa.

– Quando ele quer. Eu sei, eu sei, você está triste pelo garoto e tudo o mais, e sabe que todos nós o amamos, desde que ele era apenas uma chispa de relâmpago correndo de um lado para outro. Mas o fato é que ele não é mais um garoto, certo? E há uma porção de homens por aí que, como ele, viram tudo aquilo na França e trataram de fazer o que todos nós tivemos que fazer: tocar a vida em vez de ficar chorando pelos cantos como um cão de caça perdido e ensopado, com os olhos tristes e o pelo encharcado.

Maisie sabia que não adiantava argumentar com a Sra. Crawford, pois as ideias dela eram muito arraigadas quando se tratava de enfrentar os altos e baixos da vida.

– Esse é o problema com esses rapazes que nasceram em berço de ouro. Não que eu esteja criticando, longe disso, sempre fui muito bem tratada por toda a família, muito bem. Mas aquele James já teve muito tempo para pensar nisso tudo. Há muita coisa acontecendo lá em cima.

A Sra. Crawford voltou para sua torta, mas tocou de leve a lateral da cabeça para enfatizar sua opinião. Dando-se conta de que havia encostado em seu cabelo, ela foi até a pia para esfregar as mãos de novo, mas não perdeu tempo em continuar argumentando.

– Veja os rapazes que voltaram da guerra e precisaram ir direto para as fazendas e fábricas. Eles tinham mulheres e famílias para cuidar. Você não os vê por aí se arrastando pelos cantos, vê? Não, James devia estar ao lado de sua senhoria, tomando para si parte da responsabilidade, para que o lorde não precisasse ficar no centro financeiro de Londres o tempo todo. Não é

justo com um homem da idade dele. E afinal, veja bem, James vai fazer 38 anos.

A cozinheira voltou a abrir a massa da torta com mais do que uma leve pressão do rolo sobre a mesa.

– Você tem recebido notícias do seu pai ultimamente?

A Sra. Crawford olhou para Maisie, mas continuou a polvilhar farinha na massa e a ajustar seu tamanho para caber na fôrma da torta.

– Sim. Mas é complicado, Sra. Crawford. Ele nunca gostou de escrever. E ainda está muito ocupado na casa. James costuma ir muito lá quando quer cavalgar, então sempre há trabalho com os cavalos. E lady Compton gosta de ter certeza de que os animais estão sendo bem cuidados, mesmo que já não possa mais cavalgar.

– Ainda tem isso. Todo esse tempo indo lá para “pensar”, por favor. É como eu disse: muito dinheiro e muito tempo ocioso à disposição.

De repente, uma das campainhas sobre a porta tocou.

– Deve ser sua senhoria. Ela provavelmente deve ter se dado conta de que eu já fiquei muito tempo com você. Bem, não se esqueça de vir até aqui pegar sua torta para levar antes de partir pela manhã.

Maisie deu um beijo na bochecha da Sra. Crawford e subiu para a sala de estar.

– Maisie, como é bom vê-la. Tive que tocar a campainha ou a Sra. Crawford monopolizaria você a noite toda! Venha se sentar aqui perto da lareira. Imagino que já saiba o que teremos para o jantar. Conte para Julian que você jantaria comigo, e ele disse: “Ah, que bom, teremos torta de maçã.” Venha aqui.

Lady Rowan deu um tapinha no lugar vazio ao lado dela no sofá. As duas mulheres conversaram sobre os casos de Maisie e sobre seus novos clientes. Para Rowan Compton, a moça era uma lufada de ar fresco, e ela vivia indiretamente por meio das histórias de Maisie.

– E Maurice está ansioso para revê-la, sabe?

– Pensei que ele ficaria contente em se livrar de mim, para dizer a verdade.

– Bem, Maisie, você é como uma filha para mim. E é a protegida dele.

Você está carregando sua tocha e reluzindo sua própria luz também. Mas eu sei que ele fez uma promessa a si mesmo de dar um pouco de espaço para que você possa trilhar seu próprio caminho. Ele falou: “Rowan, já está na hora de deixar nossa Maisie Dobbs voar livremente.”

– Aposto que ele disse um pouco mais do que isso. Também conheço Maurice, lady Rowan.

– Bem, sim. Ele disse que você sempre olharia para baixo como se estivesse voando e que, se o solo fosse propício para aterrissagem, desceria, ou algo assim. Você sabe, aquele homem fala por meio de parábolas. Eu juro que às vezes penso que ele é a pessoa mais profunda que conheço, e outras vezes ele me enfurece com sua obscuridade. – Lady Rowan balançou a cabeça. – Você o visitará em breve, Maisie?

– Sim, pretendo fazer isso. Na verdade, preciso consultá-lo.

– Algo interessante?

Maisie sorriu para lady Rowan.

– Eu sei, você não pode revelar seus segredos.

– Conte-me sobre James – pediu Maisie.

Lady Rowan revirou os olhos, ergueu a taça da mesa de canto e bebericou seu xerez.

– James. Ah, esse James. Não sei o que fazer, Maisie. Eu sabia disso quando aquele menino ainda era uma criança, sensível demais. Você notou que sempre o chamamos de “menino”? Mesmo agora. Não seria tão ruim se ele estivesse à toa pela cidade, comendo e bebendo e se metendo em encrencas. Mas essa indisposição... Eu gostaria que ele conversasse com Maurice. Só que ele não vai, e você sabe que Maurice não irá vê-lo. É mais um de seus enigmas: James deve abrir a porta e atravessar o caminho em direção a ele.

– Maurice está certo, lady Rowan.

– Bem, você diria isso, não? Filha de peixe, peixinho é. Aliás, ele e seu pai estão iguaizinhos, desde que Maurice comprou a casa da viúva.

– Conte-me sobre James – insistiu Maisie.

Lady Rowan deu outro gole no xerez.

– Sinceramente, estou preocupada. Julian também, mas ele manifesta isso

de outra maneira. Parece pensar que, se formos pacientes, James voltará a si e não ficará mais tão incrivelmente deprimido.

Maisie não comentou nada, permitindo que lady Rowan articulasse seus pensamentos. Sentada imóvel e deixando o silêncio tomar conta do ambiente, podia sentir a frustração, os mal-entendidos e a raiva que haviam se acumulado na casa, permeando cada aposento, junto com a expectativa de que James um dia voltasse a ser o jovem despreocupado que um dia fora.

Carter apareceu para anunciar que a refeição seria servida na sala de jantar e as conduziu pelo caminho. Enquanto se deslocavam, Maisie ofereceu o braço para que lady Rowan se apoiasse, pois agora ela andava com a ajuda de uma bengala com cabo de prata.

– Maravilhoso, Carter, maravilhoso. Meus elogios à Sra. Crawford, como sempre.

A conversa prosseguiu com leveza à medida que cada prato era servido, e apenas voltaram ao assunto de James quando Carter havia deixado a sala.

– Algumas semanas atrás, James encontrou um colega dos tempos de guerra que ouvira falar de uma fazenda, coincidentemente em Kent, onde antigos soldados poderiam viver com outros que os “entendiam”. Esse é o termo que eles usam, “entender”. Como se mais ninguém fosse capaz disso. Parece que essa fazenda é uma ideia bastante revolucionária. A princípio foi estabelecida para aqueles que sofriam de ferimentos no rosto, mas agora está aberta para quem apresenta outros tipos de ferimentos, obviamente quando um quarto fica disponível.

Lady Rowan pôs a faca e o garfo no prato, pegou seu vinho tinto e deu um gole antes de continuar.

– É claro, James ainda sofre de dores na perna e no braço por causa dos estilhaços, mas Maurice diz que esse desconforto é causado por sua melancolia. E, no entanto, James ficou muito interessado nessa comunidade de homens feridos. Ele a visitou e se encontrou com o fundador, e decidiu ir viver nessa... nessa fazenda em um futuro próximo!

– A senhora parece angustiada pela decisão dele, lady Rowan. Há algo mais?

– Sim. Muito mais. O fundador, um homem chamado Adam Jenkins,

afirma que, como todos no campo de batalha deveriam ter tido os mesmos direitos, tanto oficiais quanto soldados, já que todos encararam o mesmo inimigo, não deve haver nenhuma forma de privilégio enquanto estiverem residindo na fazenda. O que é bastante justo, mas James comentou algo sobre se desfazer de seu sobrenome e de seu título. E o que virá depois?

Lady Rowan balançou a cabeça.

Na mesma hora, Maisie pensou em Vincent Weathershaw. Vincent.

Lady Rowan prosseguiu:

– Peço aos céus que James volte para o Canadá. Ele parecia estar feliz lá, antes da guerra, e ao menos estaria trabalhando e sendo útil. Com certeza o pai dele ficaria feliz, seria uma preocupação a menos em sua cabeça. Sei que Julian quer desacelerar e gostaria que James começasse a assumir as rédeas. E agora ele está transferindo a posse de seu dinheiro...

Lady Rowan quase não tocou na comida. Em vez disso, corria os dedos da mão direita para cima e para baixo na taça de vinho tinto.

– O que quer dizer? – perguntou Maisie.

– Aparentemente, é uma das exigências para entrar nesse Retiro, ou seja lá como eles o chamam. Chega-se sem nada para fazer parte de um grupo. Então James transferiu seus fundos pessoais para esse camarada Jenkins. E não apenas ele, outros fizeram a mesma coisa. Graças a Deus o pai dele ainda está vivo e há limites para o que James de fato pode renunciar financeiramente. Julian está tomando medidas para proteger o patrimônio e o futuro de James, até que ele esqueça essa ideia terrível. E Julian já havia tomado muitas providências para proteger o patrimônio quando viu que haveria a Greve Geral alguns anos atrás. Eu me casei com um homem sensato, Maisie.

– O que Jenkins faz com o dinheiro?

– Bem, é uma propriedade de tamanho considerável, e tenho certeza de que os custos de manutenção não são insignificantes. É claro, quando alguém vai embora, recebe o reembolso do saldo restante e um extrato da conta. James disse que viu exemplos dos extratos e dos documentos de reembolso, e que estava satisfeito com esses arranjos. Veja bem, ele parecia

ansioso para se isolar nessa fazenda. Argumentou que as pessoas o compreenderiam ali. Como se eu não o compreendesse!

Lady Rowan estendeu o braço e apertou a mão de Maisie, que nunca havia visto a mulher – geralmente estoica – tão vulnerável quanto agora.

– Onde está James agora?

– Não está aqui. Possivelmente foi para o clube, mas ele não tem ido muito lá. Para ser franca, não sei onde ele está. Pode estar apenas vagando pelas ruas. É mais provável que esteja passando tempo com alguns antigos camaradas. Ele os visita, sabe, aqueles que ainda estão hospitalizados. Talvez esteja de volta mais tarde. Bem tarde. Disse que pode ficar em Chelstone. Afinal, no campo há paz e tranquilidade, e ele poderia fazer o que quisesse e voltar quando estivesse pronto para trabalhar na cidade. Só Deus sabe quanto Julian precisa da ajuda dele no distrito financeiro. Mas James está determinado a ir para essa tal fazenda. Nunca me senti tão... tão distante do meu próprio filho.

Maisie empurrou a comida no prato. Houve um tempo em que mãe e filho haviam sido quase inseparáveis, tendo em comum uma sagacidade impassível e um senso de humor atrevido. Ela se lembrou da vez em que estava na casa de Londres, logo depois de receber a notícia de ter sido aceita na Girton College. James retornara do Canadá e esperava se juntar ao Real Corpo Aéreo. Havia muita alegria na casa e, enquanto ela ia descendo as escadas externas em direção à cozinha, vira o jovem alto e atraente sair de fininho por detrás da Sra. Crawford e abraçar a larga cintura da cozinheira. E quando Maisie observara pela condensação que se formava na vidraça, vira a Sra. Crawford se virando, segurando a orelha do jovem e, com um sorriso, fingindo repreendê-lo.

– Você, menino James, mal chegou e já está acabando comigo. Olhe para você, seu rufião. Se está atrás de biscoitos de gengibre fresquinhos, eu assei uma fornada especialmente para você, mas não sei se está merecendo agora!

Maisie entrou pela porta dos fundos da cozinha bem na hora em que James estava dando a primeira mordida num biscoito de gengibre fresquinho.

– E vejam quem também está por aqui – disse a Sra. Crawford. – Maisie

Dobbs, acho que você está ainda mais magra! Basta eu dar as costas por um minuto, e você não come direito.

Com migalhas nos cantos da boca, James engoliu o biscoito e se esforçou para cumprimentar Maisie com educação.

– Ah, a inteligente Srta. Maisie Dobbs, passando nas provas que, para o resto de nós, meros mortais, são um verdadeiro pesadelo!

Depois, quando a Sra. Crawford se virou para o fogão, James sussurrou para Maisie:

– Diga a Enid que estou em casa.

Mais tarde, ao passar pela sala de estar a caminho do gabinete de lorde Julian, onde foi servir o chá da tarde, que ele preferia tomar sozinho, ela viu James e lady Rowan pela porta aberta. Lady Rowan estava rindo muito ao ser tirada pelo filho para uma dança improvisada, acompanhada apenas pelo som da estrondosa voz de James:

*Ah, ele flutua pelos ares com o menor dos esforços
O jovem audaz no trapézio voador
Ele agrada a todas com movimentos graciosos,
E de mim roubou o meu amor.*

– Não vou pedir que você vá ver James, Maisie – continuou lady Rowan, trazendo a moça de volta ao presente. – Sei que a sua opinião corresponderá à de Maurice, então nem vou perguntar. Mas fico pensando. Você conseguiria descobrir algo sobre essa fazenda ou o que quer que seja esse lugar? Devo dizer que, para James, o melhor seria estar inserido no mundo, e não tentar escapar dele.

– Sem dúvida vou investigar, lady Rowan. Vou para Kent na semana que vem. Preciso ir de qualquer maneira, pois tenho que falar com Maurice e ver meu pai. Vou descobrir sobre O Retiro, também.

– Maisie, leve o MG. Sei muito bem que você sabe dirigir, então, por favor, leve o carro. Quase não o usei desde que Julian me deu o automóvel para que eu passeasse por aí, e George leva Julian para o centro no Lanchester.

– Sim, está certo, lady Rowan. É muita gentileza sua oferecer o carro, e talvez eu realmente precise de flexibilidade, então será bastante útil.

– Está quase novo, então o jovem carrinho deverá cumprir seu papel sem nenhum problema. E, Maisie, não se esqueça de me mandar seus honorários!

Maisie levou a conversa para outros tópicos, e logo lady Rowan estava rindo da maneira contagiante de sempre. Carter ficou observando enquanto duas criadas limpavam a mesa e serviam a deliciosa torta de maçã com um generoso arremate de creme coalhado fresco. Depois do jantar, Maisie e lady Rowan voltaram para a sala de estar e ficaram sentadas perto da lareira, até que lady Rowan anunciou que já passara de sua hora de ir para a cama.

Maisie se dirigiu ao quarto de hóspedes que havia sido preparado para ela. Nora já havia desfeito sua pequena valise, colocando as roupas de dormir sobre a cama. Mais tarde, ao se aconchegar perto da garrafa de água quente que aquecia os lençóis, Maisie se lembrou, como sempre fazia ao dormir na residência dos Comptons, das noites que havia passado no ático, em seu quartinho de empregada.

Ela foi embora no dia seguinte antes do café da manhã, parando só um instante para tomar chá com Carter e a Sra. Crawford, e para pegar sua torta de maçã. Billy Beale adoraria aquela torta, pensou Maisie. Talvez precisasse dela quando pedisse a ele que assumisse uma delicada tarefa. Na verdade, com os planos que começavam a tomar forma em seu pensamento, Maisie talvez precisasse de mais do que uma torta de maçã para convencer Billy Beale.

CAPÍTULO 22



– Muito bem. Preste atenção, senhorita. É assim que se dá a partida.

O jovem motorista deu a volta até a frente do MG 14/40 de dois lugares, modelo do ano de 1927, e pôs a mão na tampa do motor.

– Há cinco passos básicos para dar a partida neste pequeno motor, é muito simples quando se sabe o que deve ser feito, então observe bem.

George gostava da atenção que recebia como resultado de seus conhecimentos sobre manutenção e operação dos carros a motor muito sofisticados dos Comptons.

– Primeiro a senhorita levanta o capô, desta maneira.

Antes de continuar suas instruções, George esperou Maisie assentir mostrando que havia entendido e, quando voltou a atenção mais uma vez ao MG, ela abriu um largo sorriso por conta daquela aula envaidecida.

– Certo. Aqui a senhorita liga o combustível. Entendido?

– Sim, George.

George fechou a tampa do motor e sinalizou para Maisie sair daquele lado do carro, para que ele pudesse se sentar ao volante.

– Dá a ignição, aciona o acelerador e puxa o afogador. Três movimentos, entendeu?

– Entendi, George.

– Pressiona o botão de partida, no chão, senhorita, com seu pé, e...

O motor roncou e começou a funcionar, talvez, de certa forma, com mais

ímpeto do que o usual, devido ao entusiasmo da aula de George.

– Aí está.

George saltou do assento, abriu a porta e, com um gesto, convidou Maisie a tomar seu lugar no carro.

– Acha que compreendeu tudo, senhorita?

– Ah, sim, George. Você explicou tudo com muita clareza. Como disse, é bastante simples. Um excelente motor.

– Ah, um belo carro, com certeza. De acordo com eles lá na Morris Garages, esse aí consegue fazer 105 quilômetros por hora, e mais do que 80 nos primeiros 25 segundos. Sua senhoria sai daqui em disparada, como uma bala de revólver; não sei aonde vai, mas sai como um tiro. Volta com o rosto todo afogueado. Mas me preocupo com as marchas. E quando rangem? Me fazem tremer, quando escuto. Graças a Deus, lady Compton já não sai muito com o carro. Bom, conhece bem o seu caminho?

– Conheço, sim, George. Até a Old Kent Road, e dali, basicamente, é só seguir em frente. Fiz essa viagem muitas vezes quando era mais jovem.

– Claro, a senhorita ficava em Chelstone, não? Mas eu iria até Grosvenor Place, depois atravessaria a Victoria Street, pegaria a ponte de Westminster, a St. Georges Road e iria até o outro lado de Elephant and Castle.

– Acho que consigo me lembrar do caminho, George, e obrigada pelo conselho.

George contornou o carro e colocou a valise de Maisie no compartimento de bagagem na parte de trás enquanto ela se ajeitava no sofisticado assento de couro vinho. Ele se certificou mais uma vez de que a porta estava bem fechada antes de se afastar e bater uma continência zombeteira.

Maisie retribuiu o aceno depois de tirar com cuidado o elegante carro vermelho a motor da garagem. Só quando atravessou o Tâmesa e já tinha passado por Elephant and Castle é que Maisie sentiu que podia respirar novamente. A cada curva, ela se esticava no assento e dava uma espiada por cima do volante para ter certeza de que cada parte do veículo estava livre de qualquer obstrução possível. Aprendera a dirigir antes de voltar para Cambridge, em 1919, mas estava tomando cuidado redobrado, pois havia se

passado algum tempo desde que tivera a oportunidade de conduzir um carro – embora não quisesse admitir isso para George. Na verdade, ela não trocou a primeira marcha até estar bem longe dos ouvidos dele, temendo escutar um terrível ruído enquanto se reacostumava com as complexidades da manobra da embreagem dupla para conseguir mudar de marcha.

Fazia um belo dia naquele começo de junho que parecia prenunciar um longo verão quente em 1929. Maisie dirigia com moderação, em parte para minimizar as chances de causar algum dano ao MG, em parte para apreciar a viagem. Bastaria apenas sentir o aroma e, de olhos vendados, saberia ter chegado a Kent. Não importava quantas vezes tivesse voltado a Chelstone, cada viagem a fazia recordar seus primeiros dias e meses na casa. Enquanto dirigia, Maisie relaxou e deixou os pensamentos vagarem. Memórias da primeira viagem, quando saiu da casa em Belgravia, voltaram aos borbotões. Tanta coisa havia acontecido em tão pouco tempo. Tanta coisa inesperada – e, no entanto, olhando para trás, tudo parecia tão previsível. Ah, como diria Maurice, a sabedoria do olhar em retrospecto!

Maisie parou por uns instantes no acostamento da estrada para puxar para trás a pesada capota conversível do carro de dois lugares, aproveitando para observar a mescla de flores silvestres que ladeavam a grama da beira de estrada. Sagitárias de uma ensolarada cor amarelo-mostarda cresciam ao lado de feixes brancos de morugem, que, por sua vez, ocupavam espaço e se emaranhavam em madressilvas que cresciam formando cercas vivas. Ela se abaixou para tocar a delicada flor azul das verônicas e se lembrou de como amara o condado assim que chegara ali para trabalhar na casa da viúva. Era uma terra que se assemelhava a uma colcha de retalhos macia, na qual encontrara alento para as saudades que sentia do pai e da casa de Belgravia.

Maisie já havia decidido que o dia em Kent se tornaria uma excursão de dois ou três dias. Lady Rowan lhe dera autorização para ficar com o carro pelo tempo que fosse preciso, e Maisie levava uma malinha para o caso de decidir ficar alguns dias por lá. As sebes, os pequenos vilarejos e os pomares de macieiras ainda repletos de flores a estavam enfeitando. Ela parou um momento na agência de correio em Sevenoaks.

– Estou procurando uma fazenda, acho que se chama O Retiro. Será que o

senhor poderia me indicar o caminho?

– Certamente, senhorita.

O agente do correio pegou uma folha de papel e começou a anotar o endereço com algumas direções.

– A senhorita deve tomar cuidado.

Maisie inclinou a cabeça para o lado, sinalizando que estava atenta a qualquer conselho que ele pudesse dar.

– Sim, senhorita. O carteiro que faz esta rota diz que o lugar é uma mistura de mosteiro e caserna. O normal seria achar que os rapazes ali já viram casernas o suficiente, não é? Há um portão e um guarda: a senhorita terá que informar o que vai fazer ali antes que a deixem entrar. Eles são bastante simpáticos, pelo que ouvi dizer, mas me contaram também que não querem que qualquer um fique vagando nas redondezas, por causa dos residentes.

– Sim, sim, de fato – concordou Maisie, pegando a folha de papel. – Muito obrigada por seu conselho.

O sol brilhava alto no céu quando Maisie saiu da agência de correio. A maçaneta da porta do MG estava bastante quente, o que a fez recuar. *Preste atenção*, Maurice sempre avisou. *Preste atenção nas reações do seu corpo. É a sabedoria do ego conversando com você. Esteja atenta à preocupação, à expectativa, a todos os sentimentos que vêm do ego. Eles se manifestam no corpo. Que conselhos têm para nos dar?*

Se, na entrada, os visitantes eram questionados, ainda que de um jeito nada ameaçador, como deveriam ser as entradas e saídas para os residentes, os homens que haviam sido devastados pela guerra? Maisie decidiu dirigir até Chelstone. O Retiro poderia esperar até que ela conversasse com Maurice.

Frankie Dobbs colocou o MG na garagem e ajudou Maisie com a bagagem. Ela ficaria no pequeno quarto da casa do cavaleiro, que já havia sido seu e agora servia para hospedá-la, mesmo que suas visitas fossem cada vez mais raras.

– Não a temos visto muito por aqui, minha querida.

– Eu sei, pai. Tenho andado ocupada com o escritório. Venho tendo um

bocado de trabalho desde que Maurice se aposentou.

– Já era bastante antes de ele se aposentar, não era? Veja você, nosso velho amigo parece estar gostando de ter um tempinho para si. Vem aqui vez por outra tomar uma xícara de chá comigo ou vou até lá para ver suas rosas. Fico surpreso com o tanto que ele sabe sobre as flores. Homem inteligente, esse Maurice.

Maisie riu.

– Preciso ir até lá falar com ele, pai. É importante.

– Pois bem, não sou bobo. Sei que não sou o único motivo para você ter feito toda essa viagem até aqui. Mas espero que eu seja o motivo principal.

– É claro que é, pai.

Frankie Dobbs acabou de preparar o chá e colocou uma velha xícara esmaltada diante de Maisie, então piscou e foi até o armário pegar sua própria xícara grande de porcelana e o pires. Quando ele trouxe um pedaço de torta de maçã da despensa, Maisie serviu o chá para os dois.

– Maisie. Você tem se cuidado, não?

– Sim, pai. Eu consigo tomar conta de mim.

– Bem, eu sei que esse trabalho que você faz às vezes pode ser... bem... traiçoeiro. E agora você está por conta própria. Bem, desde que você tome cuidado...

– Pode deixar, pai.

Frankie Dobbs sentou-se à mesa com Maisie, pôs a mão no bolso e tirou dele um pequeno pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante.

– Bem, eu estava na loja de ferramentas na semana passada, conversando com o velho Joe Cooke... você sabe como aquele homem consegue falar por horas... e, bem, eu vi essa coisinha. Acho que pode ser útil para você. Tem estilo, não é?

Maisie olhou surpresa para o pai, se perguntando se era uma brincadeira. Com dedos ágeis, ela desamarrou o barbante e abriu o papel, revelando um reluzente canivete Victorinox de aço inoxidável.

– O velho Joe disse que era um pouco esquisito comprar uma coisa dessas para a minha filha, mas eu respondi: “Joe, fique sabendo que uma filha

independente pode encontrar mais utilidade para uma coisa dessas, essas pequenas ferramentas, do que qualquer um dos seus rapazes.” Em todo caso, vai saber, pode ser exatamente de uma coisa dessas que você vai acabar precisando, ainda mais se está andando por aí nesse carro.

– Ah, pai, você não devia gastar dinheiro comigo. – Maisie puxou para fora todas as ferramentas, uma de cada vez, e depois olhou para o canivete fechado na palma de sua mão. – Vou mantê-lo comigo o tempo todo, para o caso de eu precisar.

Maisie colocou o canivete na bolsa, inclinou-se sobre a mesa para beijar o pai na bochecha e então tomou o chá.

Pai e filha riram juntos, depois se sentaram num silêncio agradável e ficaram tomando chá e comendo torta de maçã, confortavelmente, na companhia apenas do pesado tique-taque do relógio de seu avô. Maisie estava pensando no Retiro e em como ela deveria apresentar a história para Maurice.

Anos de trabalho junto a Maurice ajudaram Maisie a preparar suas respostas para algumas de suas perguntas, como um jogador de xadrez que prevê as jogadas em uma partida. Mas ela sabia que provavelmente as questões mais difíceis seriam aquelas que pertenciam a seu próprio passado.

Frankie Dobbs interrompeu os pensamentos de Maisie:

– Então, aquele MG. Belo motor, não? Como ele é nas curvas?

Depois do chá, Maisie andou pelos jardins e foi até a casa da viúva. Maurice havia sido convidado a usar a casa depois da morte dela, em 1916, e ele comprara a casa de vigas preta e branca em 1919. Depois da guerra, os Comptons, como muitos proprietários da época, decidiram vender trechos da propriedade e ficaram muito satisfeitos quando a adorada casa se tornou moradia de um amigo. Os jardins haviam se deteriorado durante a guerra, pois os caseiros haviam se alistado no Exército, e as terras incultas foram requisitadas para o cultivo de hortaliças. Por um tempo, receou-se que a própria Chelstone Manor seria requisitada para abrigar oficiais do Exército, mas felizmente, como lorde Julian trabalhava no Gabinete de Guerra, e os tetos e as escadas tortuosas do século XV tornavam a casa imprópria para esse uso, a casa senhorial foi poupada.

Apesar de Maurice ter se tornado oficialmente residente na casa da viúva em 1916, ele quase não foi visto ali durante os anos da guerra, e esteve em Chelstone apenas por períodos curtos, geralmente para descansar. Os empregados especulavam que ele estivesse fora da Inglaterra, o que deu margem a mais boatos sobre o que exatamente ele fazia “lá”. De certa maneira, Maurice Blanche se tornara um enigma. No entanto, qualquer um que o visse cuidar de suas rosas durante o escaldante verão de 1929, como Maisie testemunhou ao abrir o portão aferrolhado que levava ao jardim da casa, pensaria que o velho homem empunhando um par de tesouras para poda e vestindo uma camisa branca, uma leve calça cáqui, sandálias marrons e chapéu-panamá não era alguém a quem a palavra “enigma” pudesse ser atribuída com propriedade.

Maisie quase não fez barulho, e mesmo assim Maurice ergueu os olhos e a encarou logo que ela atravessou o portão. Por um momento, sua expressão permaneceu inalterada, mas, em seguida, se suavizou. Ele abriu um largo sorriso, colocou as tesouras num cesto de jardinagem e estendeu ambas as mãos na direção de Maisie, andando na direção dela.

– Ah, Maisie... Você demorou para vir aqui, não?

– É verdade. Preciso conversar com você.

– Eu sei, minha querida. Eu sei. Vamos dar uma volta. Não vou lhe oferecer chá, pois seu querido pai já deve ter feito você nadar nesse líquido.

– Sim. Sim, vamos caminhar.

Juntos, eles passaram pelo segundo portão aferrolhado nos fundos do jardim e depois andaram em direção ao pomar de macieiras. Maisie revelou a história de Christopher Davenham, de sua mulher, Celia, do pobre falecido Vincent, e lhe contou sobre como ouviu falar na fazenda O Retiro pela primeira vez.

– Então você seguiu seu faro, Maisie. E o único “cliente”, no caso, é esse Christopher Davenham?

– Sim. Bem, lady Rowan é agora uma espécie de cliente, por causa de James. Mas sempre levamos adiante outros casos, não? Aqueles em que sentimos que a verdade está pedindo nossa ajuda.

– De fato. Sim, de fato. Mas lembre-se, Maisie, lembre-se: a verdade

também chega para nós, para que possamos ter um encontro mais íntimo com nosso eu. Lembre-se daquela senhora francesa, Mireille... Nós dois sabemos que meu interesse no caso veio do fato de que ela me fazia recordar minha avó. Havia alguma coisa ali que me faria descobrir algo sobre mim mesmo, não foi apenas a tarefa de solucionar um caso que as autoridades não conseguiram sequer começar a decifrar. Agora, com relação a você, Maisie, o que há nesse caso para você? – Maurice apontou um dedo e tocou no lugar em que o coração de Maisie começou a bater acelerado. – O que há no seu coração que precisa receber luz e compreensão?

– Eu me reconciliei com a guerra, Maurice. Sou uma pessoa diferente agora – protestou Maisie.

Os dois continuaram a andar entre as macieiras. Maisie estava vestida para enfrentar o calor: saia de linho creme com uma longa blusa de linho com gola de marinheiro, chapéu creme para proteger sua pele sensível do sol escaldante. Mesmo assim, ela ainda sentia muito calor.

Quando já tinham andado por mais de uma hora, Maurice os conduziu de volta para a casa da viúva e para a fresca sala de estar. O cômodo era decorado com muito bom gosto, as cadeiras estofadas com um tecido floral verde-claro de verão. As cortinas combinando pareciam refletir o exuberante jardim, com dedaleiras, malva-rosas e delfínios emoldurando o lado externo. À medida que os meses de inverno se aproximassem, os tecidos claros seriam trocados, e as cortinas e os forros de cadeira de veludo teriam uma cor verde mais escura, o que trazia um bem-vindo aconchego à sala. Nessa época, a sala era iluminada e arejada, e carregava o leve aroma das flores.

Algumas amostras das viagens de Maurice se apresentavam ali na forma de obras de arte e ornamentos. Na entrada do gabinete, adjacente à sala de estar, viam-se duas cartas emolduradas na parede, dos governos da França e da Grã-Bretanha, agradecendo ao Dr. Maurice Blanche por seus serviços especiais durante a Grande Guerra.

– Estou aguardando uma visita esta noite, para um xerez e algumas reminiscências. O chefe de polícia de Kent, um velho amigo. Vou perguntar a ele sobre essa fazenda, Maisie. Acredito nos seus instintos e confio neles.

Vá lá amanhã, siga o plano que você me contou e conversamos novamente à noite, depois do jantar, pois não tenho dúvidas de que vai jantar com seu querido pai. E vamos rever suas anotações e observar o que mais chamará nossa atenção.

Maisie aquiesceu. Um sentimento de expectativa e alegria brotou dentro dela quando percebeu como havia sido muito solitário trabalhar sem Maurice. Antes de deixar a casa, Maurice insistiu que Maisie esperasse um minuto.

– Um livro novo. Achei que você poderia se interessar. *Nada de novo no front*. Acabou de ser publicado. Sem dúvida você já leu resenhas e comentários sobre ele.

Maisie encarou-o surpresa, embora ela nunca fosse desconsiderar uma recomendação vinda de Maurice Blanche.

– Lembre-se, Maisie, embora sempre haja um vencedor e um vencido, há inocentes em ambos os lados. Alguns poucos são verdadeiramente malvados, e eles não precisam de uma guerra para se virar contra nós, apesar de o confronto oferecer-lhes uma máscara oportuna.

– Sim, suponho que você esteja certo nesse ponto, Maurice. Vou ler. Obrigada. E virei vê-lo amanhã quando voltar do Retiro.

Quando Maisie se virou para retomar o caminho e atravessar o jardim até os estábulos e a casa do cavaleiro, Maurice a deteve.

– E, Maisie, quando você visitar essa fazenda, reflita sobre a natureza da máscara. Todos nós usamos máscaras.

Maisie Dobbs segurou o livro com firmeza, assentiu e acenou para Maurice Blanche.

CAPÍTULO 23



Em um dia ensolarado e radiante, O Retiro parecia verdadeiramente merecedor do nome que recebera: um lugar que proporcionaria uma doce trégua para as opressões do mundo. Enquanto empurrava o portão de ferro fundido de estilo gótico, sustentado de cada lado por uma coluna de pedra bruta, Maisie viu através das cercas a fazenda ensolarada mais adiante. Da entrada, a estrada que levava até a casa era poeirenta, formando uma névoa de calor que ondulava em direção ao céu azul salpicado apenas por alguns fiapos de nuvens.

A distância, ela viu uma grande casa de fazenda medieval com macieiras na frente. Um muro alto de tijolos a impediu de examinar mais detalhes, mas, quando Maisie viu o objeto da sua investigação e da sua imaginação, notou os botões de rosa cor-de-rosa e vermelhos que cresciam com vigor no outro lado do muro e, naquele momento, pareciam subir em direção a ela, rumo à liberdade. Cada broto balançava com a brisa, e naquele instante a onda de rosas fez Maisie se lembrar dos homens que saíam do inferno das lamacentas trincheiras para entrar na batalha. Feridos e ensanguentados, milhões de jovens tinham morrido no solo encharcado e cercado por arame farpado de uma terra de ninguém.

Maisie piscou bem depressa para afastar as imagens que se apresentavam tão prontamente em sua imaginação e a assombravam desde que arrancara as ervas daninhas da sepultura de Don no cemitério de Nether Green. Ela se

lembrou de que não poderia se permitir distrair-se ou ser influenciada por suas memórias.

Maisie estava recostada na porta do carro, olhando para os portões, quando um homem atravessou uma pequena entrada para pedestres.

– Posso ajudá-la, senhora?

– Ah, na verdade, pode, sim. Este é O Retiro?

– É, sim. O que a traz aqui hoje?

Maisie sorriu para o homem e se aproximou. Ele era alto e magro, com um cabelo precocemente grisalho. Estava prestes a responder quando viu a cicatriz longa e arroxeadada que corria por sua testa, passando pelo nariz e alongando-se até o maxilar. Ele não tinha o olho esquerdo no lugar onde deveria estar, nem mesmo um olho de vidro. A cavidade ficava à mostra, desafiadora. Quando Maisie olhou no fundo do olho direito do homem desfigurado, percebeu que ele a desafiava a desviar o olhar. Ela fitou-o diretamente.

– Eu escrevi para vocês, mas não recebi resposta, então decidi visitar sem hora marcada. É sobre meu irmão. Acredito que ele possa permanecer aqui até que se cure.

Lembrando-se de como Celia Davenham havia tocado tão delicadamente o próprio rosto ao falar sobre as feridas de Vincent, Maisie levou os dedos à bochecha esquerda, refletindo a dor nunca vista do homem ferido diante dela. Ele deu um profundo suspiro e esperou um segundo antes de responder:

– A senhora veio ao lugar certo. Espere aqui e estarei de volta em dez minutos. O senhor... ahn... o major Jenkins é com quem a senhora deve falar, e precisarei obter autorização.

Maisie assentiu, sorriu e disse que esperaria com prazer. Ele saiu apressado pela entrada de pedestres e, pegando a bicicleta encostada no outro lado do muro, saiu pedalando em direção à casa. Maisie olhou de soslaio para observar o homem, agora um pontinho a distância. Ele parou a bicicleta diante de uma porta na lateral da casa e correu para dentro. Cinco minutos depois ele voltou correndo, pegou a bicicleta e foi aumentando de tamanho em sua visão à medida que se aproximava do portão frontal.

– A senhora pode entrar. Vou abrir o portão. Dirija devagar até a frente da casa e estacione o carro perto da grande árvore tombada no cascalho. O major Jenkins a está esperando.

– Obrigada, senhor... – Maisie inclinou a cabeça, esperando o homem se apresentar.

– Archie, senhora.

– Obrigada, Sr. Archie. Obrigada.

– Na verdade, é apenas Archie, senhora. Não usamos sobrenomes aqui.

– Ah, entendo. Obrigada, Archie. Jenkins é o nome de batismo do major?

O rosto dele corou, com exceção da cicatriz, que ficou pálida enquanto a pele ao redor se afogueava.

– Não. Jenkins é o sobrenome do major.

– Ah – disse Maisie –, entendi.

Maisie deu a partida e dirigiu até o cascalho diante da árvore tombada, como havia sido instruída. Ao acionar o freio de mão, a porta do carro foi aberta por um homem que segurava um bastão e trajava calça de equitação bege, blusa branca e botas de montar de cano alto.

– Presumo que seja a Srta. Dobbs. Sou o major Jenkins.

Ao sair do carro, Maisie segurou a mão que ele ofereceu para ampará-la. Jenkins tinha altura e constituição medianas, cabelo castanho-escuro, olhos castanhos e uma tez pálida que não combinava com a cor do cabelo e dos olhos. Seu cabelo estava penteado para trás com tanto capricho que as riscas formadas pelo pente fizeram Maisie pensar em um campo recém-arado. Ela observou rapidamente o rosto do homem, procurando por cicatrizes de guerra, mas não havia nenhuma. Nenhuma que fosse visível.

– Obrigada, major Jenkins. Archie deve ter falado por que estou aqui. Talvez o senhor possa me contar mais sobre O Retiro.

– Sem dúvida. Venha até o meu escritório. Tomaremos um chá e conversaremos sobre o que estamos tentando fazer neste lugar.

Jenkins sentou na cadeira Queen Anne diante de Maisie, que ocupou um assento idêntico. O chá havia sido trazido por Richard, outro homem que parecia ainda não ter nem 30 anos e que lutou para conseguir articular um

cumprimento mexendo sem jeito o maxilar destruído enquanto fazia um enorme esforço físico para projetar a voz, um som gutural.

Maisie, por sua vez, não se assustou com aqueles homens, apesar de ter certeza de que ainda não conhecera os que tinham as feridas mais devastadoras. Ela vira tais ferimentos quando ossos e pele recém-estilhaçados ainda estavam presos ao rosto dos homens, e cicatrizes eram o melhor resultado que se poderia esperar.

– Eu li sobre isso, na verdade – disse Jenkins –, e fui à França para ver com meus próprios olhos. Aparentemente, os camaradas franceses tiveram uma boa ideia: prover um refúgio para homens cujo rosto foi desfigurado ou destruído na guerra. Certamente não foi a coisa mais fácil de criar, ainda mais porque, logo depois do conflito, muitos dos homens daqui tinham ferimentos terríveis.

– O que aconteceu com eles?

– Sendo sincero, para alguns foi simplesmente uma carga pesada demais para suportar. Já era ruim o suficiente terem sofrido os ferimentos, mas, ainda por cima, eram jovens que estavam sendo abandonados pelas namoradas, que não conseguiam sair de casa sem que as pessoas os encarassem, esse tipo de coisa. Para dizer a verdade, perdemos alguns. Mas, é claro, fomos sua última chance de conseguir levar uma vida suportável, afinal.

Jenkins se inclinou para oferecer um biscoito a Maisie, que recusou com um aceno de mão. Ele aquiesceu e deixou o prato na bandeja.

– É claro, para a maioria de nossos hóspedes, estar aqui ajuda. Os homens não receiam se sentar ao sol e aproveitar a vida ao ar livre. O trabalho físico lhes faz bem. Passam a se sentir melhor consigo mesmos. Não precisam ficar sentados em cadeiras de banho e cobertos por mantas. Vez por outra vamos ao cinema em Sevenoaks... É escuro, então ninguém os vê.

– Por quanto tempo um paciente fica aqui?

– Não chamamos de “paciente”, Srta. Dobbs. “Hóspede”. Nós os chamamos de hóspedes.

– E por que usam apenas os nomes de batismo, major Jenkins?

– Ah, sim. Os nomes os fazem se lembrar de tempos melhores, antes de

terem se tornado fantoches no jogo da guerra. Milhões de formiguinhas vestindo cáqui e subindo a colina em direção ao esquecimento. A familiaridade que se estabelece quando usamos apenas o nome de batismo contrasta fortemente com a disciplina do campo de batalha, com essa experiência terrível. Abdicar do sobrenome os faz se lembrarem do que realmente importa, que é o que eles são aqui dentro. – Ele levou a mão para bem abaixo de sua caixa torácica, indicando o centro do corpo. – Aqui dentro. Quem são por dentro. A guerra levou muita coisa embora.

Maisie assentiu e deu um gole em seu chá. Maurice sempre a encorajara a usar as palavras e o silêncio com sensatez.

– Bem... Seu irmão?

– Sim, Billy. Ele não foi ferido no rosto, major Jenkins. Mas anda com certa dificuldade, e tem estado tão... tão... mal. Sim, mal desde a guerra.

– Patente?

– Patente, major Jenkins?

– Sim, ele é capitão, segundo-tenente?

– Ah. Na verdade Billy era soldado, cabo, quando foi ferido.

– Onde?

– Na batalha de Messines.

– Ah, Deus. Pobre homem.

– Sim. Billy viu mais do que era necessário. Como todos eles, não é? Major, por que a patente de Billy é importante?

– Ah, na verdade não é. Apenas me permite ter uma noção do que ele pode ter experimentado.

– E como isso poderia ter sido diferente para Billy e para, digamos, o senhor?

– É apenas porque descobrimos que os homens passam por diferentes experiências de recuperação.

– O senhor é médico?

– Não, Srta. Dobbs. Apenas um homem que quis fazer algo de bom para aqueles que deram sua identidade para a Grã-Bretanha e voltaram para um país que prefere ver seus heróis andarem de cabeça erguida ou, no máximo,

mancando a vê-los exibir as cicatrizes causadas pelas decisões equivocadas de nossos líderes.

Maisie deu outro gole no chá e aquiesceu. Era um comentário justo.

Ela saiu do Retiro meia hora depois, após um tour pelas dependências. Foi acompanhada até o carro por Jenkins, que ficou observando enquanto ela dirigia bem devagar até o portão, a menos de 10 quilômetros por hora, com os estalidos nos cascalhos sob os pneus soando como se fossem tiros.

Archie esperou por ela, tocou a testa numa saudação enquanto Maisie se aproximava e se inclinou para a janela aberta do motorista quando o carro o alcançou.

– E então, o que achou? Seu irmão vai se juntar a nós, senhora?

– Sim. Acho que sim, Archie. Acredito que fará um bem danado para ele.

– Muito bem. Nós o estaremos aguardando aqui, então. Espere enquanto eu abro o portão.

Maisie acenou enquanto pegava a estrada, as rosas novamente balançando com a brisa conforme Archie gesticulava em resposta.

Embora não tivesse vacilado ou recuado diante de seus ferimentos, Maisie sentiu o desconforto das lesões de Archie. O sol brilhava através do para-brisa, e o calor e a luminosidade causavam uma dor forte e aguda, que migrava da cavidade de seu olho esquerdo para um determinado ponto na testa. Era seu corpo solidarizando-se com outra dor, pensou Maisie. Era seu subconsciente alertando-a sobre a agonia de Archie, embora ela tivesse fingindo não reparar na cicatriz e na cavidade vazia do olho.

Maisie não foi muito longe. Parando mais uma vez em Westerham, sentou-se num banco no velho adro da igreja, tirou seu caderno da bolsa e começou a escrever um relato de sua visita.

O passeio pelo Retiro ao lado do major Jenkins lhe revelara muito pouco além do que já conhecia, só que naquele momento ela sabia qual era o tamanho da casa que abrigava os quartos dos “hóspedes”, e como a fazenda funcionava.

Havia 25 hóspedes na casa principal e na antiga construção, cujo forno não era mais usado para a secagem do lúpulo, o cultivo mais conhecido de

Kent. Apesar de ter sido convertida em quartos anos antes, a sala do forno ainda mantinha o aroma forte e picante do lúpulo quente.

O homem mais jovem que ela conheceu devia ter 30 anos, o que significava que ele fora enviado para a França com aproximadamente 17. O mais velho não tinha mais do que 40. Ao questionar Jenkins, Maisie descobriu que, apesar de os hóspedes terem liberdade de ir e vir quando quisessem, a maioria permanecia ali, pois sentiam-se confortáveis com a liberdade que O Retiro lhes proporcionava em relação aos olhares das outras pessoas.

Apesar de a fazenda ser autossuficiente, em grande medida, cada hóspede confiava suas economias individuais ao Retiro para cobrir despesas extras e contribuir para o pagamento dos funcionários. Se a produção da fazenda estava rendendo uma pequena soma e suprindo grande parte da alimentação, as economias compartilhadas deviam render juros e acumular uma grande soma de dinheiro numa conta bancária pessoal. Aquele pensamento perturbou Maisie.

As necessidades dos hóspedes pareciam muito modestas. A equipe não contava com um médico que dispensasse cuidados físicos para os que conviviam com terríveis ferimentos nem com um profissional experiente acostumado a lidar com os problemas emocionais dos traumatizados pela guerra. Alguns dos homens ainda usavam as máscaras de latão que lhes haviam sido fornecidas quando começaram a se recuperar dos ferimentos. No entanto, a delicada cobertura usada no latão moldado para se ajustar a um rosto dez anos mais jovem agora proporcionava pouco alívio diante do reflexo no espelho.

Maisie questionou a abordagem de Jenkins. É verdade, parecia uma ideia benevolente, e ela sabia como os “acampamentos de férias” haviam sido bem-sucedidos na França, proporcionando um refúgio aos homens feridos que se esforçavam para retornar à vida em tempos de paz. Mas se O Retiro foi originalmente inspirado pelo sucesso de uma ideia nascida da compaixão, que combustível fazia a máquina funcionar agora? A guerra já tinha terminado havia quase onze anos. Mas, novamente, os que lidavam com a memória dela ainda estavam muito vivos.

E quanto a Jenkins? Como e onde ele havia servido? Claramente, os homens no Retiro tinham problemas por causa de seus ferimentos e de suas memórias. Mas a alma de Jenkins era perturbada de um jeito diferente. Maisie suspeitava de que suas feridas fossem mais profundas.

James logo iria para lá, então ela precisava agir rápido. Tinha chegado a hora de voltar a Londres. Archie achava que O Retiro faria bem a seu “irmão”. Ela ficou pensando em como Billy Beale reagiria à recém-descoberta fraternidade entre eles, e se, dentro de um mês, ele de fato sentiria que o tempo no campo lhe fizera bem.

CAPÍTULO 24



— Então a senhorita acha que esse camarada Jenkins está armando alguma coisa nesse Retiro?

Billy Beale se sentou na cadeira em frente a Maisie Dobbs, tateando, em círculos, o tecido da borda de sua boina, que ele tirou quando entrou no escritório a pedido de Maisie. Ela não perdeu tempo em contar a Billy por que o havia convocado e como precisava de sua ajuda.

— Sim, eu acho, Billy. Só preciso que você fique lá por uma semana, não, quer dizer, por duas semanas. Para me contar o que acontece, o que você vê naquele lugar.

— Bem, se quer alguém disposto a ajudar, a senhorita falou com a pessoa certa. Mas não sei se sou o mais adequado. Não sou um figurão para me misturar com gente daquele tipo.

— Billy, você não tem que ser um figurão. Precisa apenas ter algum dinheiro...

— Ora, isso é ainda mais engraçado! Dinheiro... uma pessoa como eu!

— Isso será providenciado, Billy. Assim que você for aceito como hóspede, uma soma será transferida de sua conta bancária para a do major Jenkins.

Billy Beale olhou para Maisie e piscou.

— E aposto que sei quem vai abrir uma conta bancária, coisa que eu nunca tive na vida.

— Sim, isso foi feito hoje.

De repente, Billy ficou quieto. Olhou de novo para sua boina e se remexeu, visivelmente desconfortável. Era o fim de outro dia úmido em Londres: o verão de 1929 estava quebrando os recordes de calor e escassez de chuva.

– Eu faria qualquer coisa pela senhorita. Disse isso quando se mudou para cá para cuidar do seu negócio. Vejo a senhorita trabalhar o tempo todo. E vejo como ajuda as pessoas.

Billy tocou um dos lados do nariz em seu costumeiro gesto de conspiração.

– O que a senhorita faz não é o que se poderia chamar de normal. Eu sei disso. E se é para ajudar alguém, então conte comigo. Como eu já falei. A senhorita me ajudou quando não passava de uma menina. Eu lembro.

– Pode ser arriscado, Billy. Acredito que esse Jenkins seja um homem perturbado e possivelmente perigoso.

– Não. Não se preocupe comigo. A senhorita explicou tudo muito bem. Entendo o que está em jogo. E não vai demorar muito para eu pensar num plano para nós, assim que eu fizer o reconhecimento de área. Bom. Vamos olhar de novo aquele mapa. Lembre-se...

Billy se levantou para analisar o mapa que Maisie havia aberto sobre a mesa.

– Ainda bem que a patroa está levando os meninos para ficarem com a irmã dela em Hastings. Vamos partir amanhã?

– Quanto mais cedo, melhor, Billy. Vamos rever o plano e a história. Partiremos amanhã para Chelstone. Vamos nos encontrar com Maurice Blanche à tarde. Ele está buscando mais informações com um dos seus contatos.

– E quem é esse, se me permite perguntar?

– O chefe de polícia de Kent.

– Raios...

– Sim, Billy. Pois bem, William Dobbs, estamos esperando uma carta do Retiro que chegará a Chelstone na quinta-feira, para que possamos viajar no sábado. O outro cavalheiro sobre o qual lhe contei, que não deverá me ver ou saber que estou envolvida em qualquer coisa que tenha a ver com

O Retiro, se tornará residente em apenas algumas semanas. Espero que esta... esta... investigação esteja concluída antes disso.

– Certo, senhorita. Então é melhor eu ir para casa agora. Preciso arrumar minha velha mochila novamente, para o bem do meu país.

– O Dr. Blanche já providenciou suas roupas, Billy.

– Não eram roupas que eu ia colocar na mochila, irmãzinha – disse Billy, com um sorriso travesso. – A senhorita não se incomoda se eu a chamar de “irmã”, para me acostumar, certo? Preciso colocar na mochila outros apetrechos e pecinhas de que vou precisar para o serviço.

Maisie olhou para Billy e sorriu.

– É muita bondade sua, Billy. Você é a única pessoa a quem eu poderia pedir isso. Não há palavras para expressar quanto estou agradecida. Sua ajuda será recompensada.

– Já está sendo. Afinal, eu estava começando a ficar entediado por aqui. Precisava de uma mudança.

Maisie demorou-se mais um pouco no escritório antes de ir embora, fechou a porta e seguiu pelo corredor em direção a outra porta, sem identificação. Ali, ela tirou uma chave do bolso e entrou na sala. Sua casa. Ela se mudara algumas semanas antes, quando ficou claro que precisaria estar mais perto do trabalho. O conjugado era pequeno, mas tudo de que ela precisava cabia dentro daquelas quatro paredes. E quando ela necessitasse respirar fora de uma acomodação tão espartana, naturalmente surgiria um convite para que ficasse na Ebury Place ou ela iria até Chelstone passar algum tempo na companhia tranquila e reconfortante do pai.



– Pronto. Acho que peguei tudo.

Billy Beale colocou outra mala no compartimento de bagagem do carro de lady Rowan e ficou de pé observando Maisie, que segurava sua boina azul-marinho com um longo alfinete com a ponta de pérola. Seu casaco de veludo cotelê tinha sido jogado no encosto do banco do motorista, dando a impressão de que um velho e robusto homem acabara de se sentar. Um

observador poderia considerar que a jovem era “prática”, pois nesse dia Maisie estava vestindo uma longa calça bege com a bainha dobrada, uma blusa de linho e sapatos confortáveis marrons.

Maisie consultou o relógio e acomodou-se no assento do motorista do MG.

– Muito bem. Não está muito tarde. É melhor irmos andando. Precisamos chegar a Chelstone até o meio-dia.

Billy Beale hesitou.

– O que foi, Billy?

– Não é nada, senhorita... É só que... – Ele tirou a boina e olhou para o céu. – É só que essa é a primeira vez que saio de Londres desde que voltei da guerra. Não consegui encarar. É claro que a patroa já esteve fora com as crianças. Foi para Kent com seu pessoal para colher lúpulo e, claro, para a casa da irmã em Hastings. Mas eu não, senhorita.

Maisie não respondeu. Ela entendia bem o poder do reflexo, e, da mesma maneira como havia agido com Celia Davenham apenas algumas semanas antes, não fez nenhum movimento para consolar Billy Beale, permitindo que ele dispusesse do tempo que julgasse necessário para entrar no carro.

– Mas nunca se sabe, pelo menos talvez eu tenha uma boa noite de sono lá no campo. – Ele ainda hesitava.

– O que quer dizer, Billy?

Maisie protegeu os olhos do sol da manhã enquanto olhava para ele.

Billy suspirou profundamente, tomou ar, abriu a porta do carro e se sentou no banco do passageiro. O couro vinho quase sem uso rangeu quando Billy se acomodou.

– Não consigo dormir, senhorita. Não por muito tempo. Tem sido assim desde que voltei da França. Há tantos anos. Logo que fecho os olhos, tudo aquilo volta. – Ele fitou o vazio, como se estivesse vendo o passado. – Nossa, eu quase sinto o cheiro do gás, às vezes quase não consigo respirar. Se caio no sono imediatamente, acordo lutando para respirar. E os estrondos na minha cabeça. Não dá para esquecer aqueles estrondos, as bombas. A senhorita sabe disso, não?

Enquanto ele falava, Maisie se lembrou de quando voltou para casa, de

Maurice levando-a para rever Khan, que parecia não ter envelhecido nada. Na sua imaginação, ela se viu sentada com Khan, contando sua história, e Maurice sentado com ela.

Khan falou sobre testemunhar a dor das memórias de outra pessoa, um ritual tão antigo quanto o próprio tempo, e então lhe pediu que contasse sua história mais uma vez. E outra vez. E mais uma. Ela contou sua história até, exausta, não ter mais nenhuma história para contar. E Maisie se lembrou das palavras de Khan, de que esse pesadelo era um dragão que permaneceria vivo, mas adormecido, esperando insidiosamente para acordar e soltar seu fogo, até que ela encarasse a verdade sobre o que havia acontecido com Simon.

– A senhorita está bem?

Billy Beale colocou a mão sobre o ombro de Maisie por um instante.

– Sim, sim, eu estava pensando sobre o que você disse, Billy. Então o que você faz quando não consegue dormir?

Billy olhou para as mãos e começou a apertar o forro da boina, passando a costura entre o indicador e o dedão de cada mão.

– Eu me levanto, para não acordar a patroa. E então saio. Ando pelas ruas. Por horas, às vezes. E sabe de uma coisa, senhorita? Não sou só eu. Vejo muitos homens com quase a mesma idade que eu perambulando. E todos nós sabemos, senhorita, todos nós sabemos quem somos. Velhos soldados que continuam a ver a batalha. É o que somos. Às vezes acho que somos como mortos-vivos. Vivendo normalmente nossas vidas durante o dia e tentando esquecer algo que aconteceu anos atrás. É como ir ao cinema, mas o filme se passa todo na minha cabeça.

Maisie inclinou a cabeça para demonstrar compreensão, com um silêncio respeitoso diante das memórias terríveis de Billy e da confiança que ele havia compartilhado. E mais uma vez ela foi levada de volta para aquele ano nas alas hospitalares depois de seu retorno da França, onde trabalhou para levar conforto aos homens cujos pensamentos estavam destroçados pela guerra. Pouco conforto, de fato. E, no entanto, para cada um que não conseguia trazer a cabeça de volta do inferno esfumaçado, provavelmente

havia dúzias como Billy, vivendo agora como bom pai, bom marido, bom filho e bom homem, mas temendo a escuridão, a luz extinta no fim do dia.

– Pronto, Billy? – perguntou Maisie quando Billy firmou a boina na cabeça outra vez.

– Acho que sim, senhorita. Sim, acho que estou pronto. Isso me faz muito bem, sabe. Ser útil assim.

Eles conversaram pouco durante a viagem até Kent. Maisie fazia perguntas para Billy enquanto avançavam pelas estradas sinuosas do campo. Queria ter certeza absoluta de que ele havia entendido tudo o que a situação lhe exigiria. Informações. Ela precisava de mais informações. Sentir o lugar. Como aquilo funcionava para quem estava lá dentro? Haveria algo estranho?

Ela falou sobre intuição, resumindo os ensinamentos que recebera de Maurice e Khan muitos anos antes.

– Você precisa ouvir a voz interior, Billy – disse Maisie, colocando a mão no centro do corpo. – Lembre-se até da mínima sensação de inquietação, porque ela pode muito bem ser importante.

Billy aprendeu e entendeu rápido que suas impressões seriam importantes como fatos impressos em uma página. Como Maisie sabia desde o primeiro encontro, Billy Beale era um observador arguto e perspicaz das circunstâncias e das pessoas. Era exatamente de quem ela precisava. E estava disposto a ajudar.

Mas era justo envolver Billy em seu trabalho? Se ela achava que a morte de Vincent tinha alguma coisa de suspeita, seria certo incluir Billy? Mas, novamente, ele não ficaria no Retiro por muito tempo. E eles fariam contato todos os dias. Ela prometera a Maurice que, assim que tivesse reunido informações suficientes, encaminharia suas descobertas às autoridades – se suas descobertas exigissem esse tipo de medida.

Maisie sabia que sua curiosidade enredava tanto Billy quanto ela mesma no mistério de Vincent. E, mesmo dirigindo, ela fechou os olhos por um segundo e rezou para ter confiança e coragem de enfrentar o que quer que estivesse oculto sob a escuridão.

CAPÍTULO 25



Maisie parou o carro perto da residência da viúva e levou Billy à casa de Maurice Blanche para apresentar seu velho professor ao seu novo assistente e para almoçarem juntos antes que ela e Billy se dirigissem ao Retiro.

Conversaram sobre O Retiro, e Billy fez comentários sobre as primeiras deliberações de Maisie com relação ao nome do lugar onde os feridos de guerra ainda buscavam refúgio depois de dez anos desde o fim do conflito.

– É claro, pode não se tratar apenas de “Retiro”, sabe, quando se fala em se afastar de tudo e encontrar um abrigo. Há ali um pouco da “Retirada”, não é mesmo? Sabe, o toque de clarim no momento em que o sol se põe. Suponha que você tenha que ser do Exército para saber disso, hein? Como também “retirar-se de uma posição”. É o que deveríamos ter feito muitas vezes... Teríamos salvado algumas vidas, e isso é fato.

Maisie apoiou a faca e o garfo sobre a mesa e assentiu pensativamente.

O Retiro, o melhor jogo de palavras para descrever um lugar para os feridos. Mas o que aconteceria se alguém quisesse se retirar, por assim dizer, do Retiro?

– Maisie, enquanto você estiver visitando seu pai, antes que você e o Sr. Beale... ou talvez eu deva dizer “Dobbs”, para que ele vá se acostumando com o nome?... De toda forma, antes de sua partida para O Retiro, vou caminhar com o Sr. Beale no prado, atrás do pomar – disse Maurice.

Maisie sabia que essa não era uma sugestão fortuita, e observou os dois homens se dirigirem ao prado, suas cabeças alinhadas enquanto conversavam, o mais jovem ligeiramente mais inclinado para equilibrar o mais velho caso este fraquejasse. Se apenas ele soubesse, pensou ela, quanto o velho homem temia que o jovem fraquejasse...

Assim que os dois voltaram, Maisie levou Billy para O Retiro. Mas, antes de entrar, ela dirigiu pelo perímetro da propriedade e estacionou sob a sombra de uma faia.

– É um belo retiro, não é mesmo, senhorita? É uma pena que não permitam visitantes no primeiro mês. Fico pensando no que vão dizer quando eu lhes contar que irei embora depois de duas semanas. Provavelmente vão ficar um pouco chateados comigo, hein?

Billy examinou a paisagem, a cerca, a estrada e as distâncias entre esses pontos de referência.

– Veja bem, o que estou pensando é o seguinte: não adianta tentar nada muito elaborado aqui, subir fios para se comunicar, por exemplo. Que tal se eu apenas encontrar você à mesma hora toda noite, em frente àquela parte da cerca ali, para contar sobre o que descobrir?

– Bem, Billy, parece que esse é um bom plano para sua segurança.

– Não se preocupe comigo. Pelo que a senhorita disse, não acho que serei importante para uma gente como aquela. Sou café com leite, não sou? Nenhum grande legado a ser transferido ou algo do gênero.

Billy sorriu para Maisie e apontou em direção aos campos a distância, localizados entre a grande casa e a estrada.

– Para dizer a verdade, olhando para essa paisagem agora, acho que é melhor não fazermos nenhuma confusão com linhas de telefone muito próximas da casa. Chamam mais atenção. Ninguém vai questionar um velho soldado que quer sair sozinho para dar uma caminhada à noite. Mas eles podem ficar se perguntando sobre um velho sapador matando o tempo com uma linha de telefone na escuridão. E a senhorita sabe: posso ser bom com esse tipo de coisa, mas nunca disse que era invisível. E já não posso correr como costumava, não com esta perna aqui. – Billy deu um tapinha na perna para enfatizar o que dizia. – Mas isso é o que posso fazer agora. Posso

improvisar um fio que vá até aquela cabine telefônica pela qual acabamos de passar, logo ali, saindo do povoado e chegando aqui. Dei uma olhada rápida enquanto estávamos passando em frente... não que tenha dado muito tempo, a essa velocidade toda.

Maisie fez uma careta para Billy, que continuou:

– É um desses novos, o Quiosque Número 4, eu acho. Foram instalados em lugares onde não há agências do correio, a senhorita viu? Eles têm uma máquina de selos na parte de trás e um suporte com uma caixa para as cartas. Meio que para todos os propósitos... Veja bem, meu camarada que trabalha nessas coisas disse que os selos ficam empapados quando chove, que ficam todos grudados e vira uma bagunça daquelas. Então, voltando ao assunto dos meus velhos fios, se eu precisar falar com a senhorita com urgência ou se estiver apressado para sair daqui, posso sempre pular essa cerca... bem, pular é um modo de falar, porque com essa perna e tudo mais... e usar o fio que vou improvisar para conectar a um fio externo na cabine da estrada. Entende o que estou dizendo, senhorita? Então vou correr como um doido, com a perna ruim e tudo!

Maisie riu de nervoso.

– Certo, Billy, acho que acompanhei o raciocínio. Parece uma boa ideia.

Billy abriu a porta do carro, saltou do assento baixo e andou até o compartimento de bagagem. Com cuidado, tirou duas mochilas de lona grandes e velhas e as colocou no chão. Tirando bobinas de cabo, “pequenas para que eu possa trabalhar com elas por conta própria”, Billy aproximou-se do canal de irrigação na base da cerca.

Afastando a grama e as flores silvestres que cresciam inocentemente na beira da estrada, ele começou a desenrolar o cabo no canal, afastando-se de Maisie, que permaneceu no carro. A estrada principal era tranquila, então eles não ficaram com muito receio do tráfego, mas, ainda assim, o pessoal do campo poderia ficar curioso em relação a dois estranhos parados na estrada. Especialmente se um deles fosse visto desenrolando um cabo.

Maisie saiu do carro e se aproximou da cerca, olhando para o terreno que pertencia ao Retiro. A cerca, de quase 2 metros de altura e coberta por arame farpado, unia-se a um muro de pedra ao longo de aproximadamente

1 metro na direção oposta ao fio estendido por Billy. O portão principal situava-se também a 1 metro do início do muro. Billy por fim retornou.

– Ficou muito bem-feito e foi bem rápido também. Consegui poupar algum trabalho usando a ponta do arame desta cerca aqui. – Billy afastou a grama para mostrar o arame. – Ouvi dizer que é o que estão fazendo na América, sabe? Usam as cercas nas fazendas para fazer conexões entre lugares, algo assim. – Billy recolocou a boina e passou as costas da mão pela testa. – Uma sorte ele estar ali, o telefone. A gente vê mais desses nas cidades, não? Acho que são usados por quem mora nas casinhas geminadas do povoado. Vou lhe dizer, ninguém verá aquele fio... Pode anotar minhas palavras.

Billy retomou o fôlego e, pela primeira vez, Maisie ouviu o chiado que revelava os pulmões prejudicados pelo gás.

– Você não deveria correr tanto assim, Billy.

– Estou bem, senhorita. Agora para este lado. – Billy segurou o fone. – O velho telefone, senhorita. Costumávamos dizer nas trincheiras que quem estava no fim da linha só escutava metade do que era dito e, afinal, apenas aquilo que queriam escutar, os danados. Quanto a mim, acho que é mesmo uma situação infeliz ter que perceber as intenções de uma pessoa a partir da voz que sai por uma concha de estanho.

Billy continuou trabalhando enquanto falava, ligando, com um fio, o fone a uma caixa de metal que ele havia colocado no canal antes de vergar e conectar os fios. Ele levantou o fone, girou o disco e ouviu. O operador respondeu quando ele pediu uma ligação a cobrar, e o conectou com o número de Maurice. Eles conversaram brevemente antes de Billy recolocar o fone no gancho.

– Sei que não é perfeito e que demora um tempinho, mas pode ser útil, nunca se sabe.

Depois de se certificarem de que o telefone improvisado estava bem escondido e seguro, Billy cortou o arame de cerca, formando uma “porta” através da qual ele poderia escapar se fosse necessário. Ele protegeu a porta com o arame que tinha sobrado para camuflar a adulteração na cerca.

Com a primeira parte da tarefa concluída, Maisie e Billy guardaram as

coisas no carro novamente e foram devagar em direção à entrada principal do Retiro. Falaram pouco, o suficiente para confirmar o horário em que se encontrariam a cada noite.

Billy sairia para dar uma volta solitária às sete horas da noite, logo chegaria às sete e meia à cerca diante da grande faia. Maisie estaria esperando para se encontrar com ele por alguns instantes, e então ele voltaria para a casa principal. Ao se entrosar com os outros residentes do Retiro, ele não deixaria que percebessem nada a seu respeito. A não ser pela cama em que dormia e pela comida que consumia, teria que ser invisível aos outros. Mas deveria observar e escutar e depois reportar tudo a Maisie.

– Seja bem-vinda novamente ao Retiro, Srta. Dobbs – disse Archie, ao abrir o portão.

Ele andou em direção ao carro, curvou-se de maneira que seu rosto aparecesse na altura da janela do passageiro e se dirigiu a Billy.

– William, certo? O major o espera para lhe dar as boas-vindas pessoalmente.

Billy Beale tomou a mão que o outro lhe estendia e pareceu não notar as terríveis cicatrizes que haviam transformado a fisionomia de Archie irreversivelmente. Maisie acenou para Archie e dirigiu o carro devagar pela estrada.

– Pobre sujeito, mas que droga... Ah, me desculpe, senhorita. Eu esqueço, às vezes. Pelo menos consigo andar e não há grandes problemas em mancar. Nossa, esse pobre camarada, com aquele rosto. Não que eu já não tenha visto piores. Apenas não via há algum tempo, não tão de perto. Só isso.

Maisie desacelerou o carro ainda mais.

– Billy, se você tiver qualquer dúvida...

– É improvável – disse Billy, endireitando os ombros. – Se estiver acontecendo alguma coisa estranha por aqui que possa causar ainda mais danos a esses coitados, então quero fazer minha parte para pôr um fim nisso. – Ele fez uma pausa e olhou para Maisie. – Não se pode culpá-los por quererem se retirar, não é?

– Não, não se pode. Mas há muito que pode ser feito por eles agora.

– Não quando se passou pelo que eles passaram. Quase o tempo todo, só

querem ser deixados em paz, acho. E nem pensar em colocar na cabeça deles ideias sobre esses produtos ultramodernos para a pele e tudo mais.

O carro foi se aproximando da lateral do prédio principal quando Adam Jenkins, o major, passou pela porta de entrada e desceu os degraus na direção deles.

– Ah, William, seja bem-vindo ao Retiro. Tenho certeza de que você encontrará conforto aqui. Venha até o meu escritório tomar um chá, e mais tarde podemos acomodá-lo.

Com outra camisa branca cuidadosamente lavada e passada, botas de couro polidas e brilhantes e nenhum fio de cabelo fora do lugar, Adam Jenkins mostrou o caminho. Ele convidou Maisie e Billy a se sentarem, ficando de pé atrás da cadeira de Maisie para ajudá-la, e depois indicou calmamente o assento próximo à janela, onde Billy deveria se sentar.

Que estranho, pensou Maisie, fazer Billy se sentar logo onde está batendo o sol do fim da tarde com toda a intensidade. Os raios levariam Billy a sentir calor e desconforto, e precisaria proteger os olhos com a mão que ele usaria para pegar a xícara de chá quando esta lhe fosse oferecida. É estranho perturbar assim uma pessoa.

O olhar de Billy cruzou com o de Maisie e ele franziu a testa. *Ele sabe, pensou ela. Ele sabe que Jenkins o colocou próximo à janela de propósito.*

Passaram-se dez minutos de uma conversa entre Jenkins e Maisie que parecia não ter propósito algum. Como era condizente com seu caráter – o de um cansado veterano de guerra, passados mais de dez anos –, Billy ficou em silêncio. E com calor. Maisie olhou para Billy outra vez. Viu o suor em sua testa, seu desconforto à medida que corria o indicador da mão direita pela beirada da gola de sua camisa.

De repente, Jenkins tirou o foco de Maisie e direcionou sua atenção para Billy.

– Meu caro, que descuido de minha parte. Como fui tonto. Mude-se já para esta outra cadeira, na parte fresca da sala.

Jenkins colocou sua xícara na mesa e, com uma das mãos, fez um gesto para que Billy saísse daquela cadeira próxima à janela. Com a outra, indicou um assento diferente.

Interessante, pensou Maisie. Um pequeno gesto, mas sutil e significativo. Seria um estratagema para começar a ganhar a confiança de Billy? Colocando-se de imediato no lugar de salvador e de alguém preparado para reconhecer seu erro. Ou Adam Jenkins estava admitindo mesmo um erro de julgamento? Seria este abrir de braços um movimento para fazer com que Billy se sentisse mais confortável em outra cadeira, um gesto de preocupação genuíno? Ou talvez uma ação deliberada para atrair Billy ao seu círculo de admiradores? Braços abertos para trazê-lo para a esfera de sua influência.

Maisie observou Jenkins com atenção enquanto ele se entretinha com os arranjos do chá da tarde. Em seu trabalho com Maurice, ela havia aprendido muito sobre o charme e o carisma do líder natural, que, levado ao extremo, poderia se tornar autoritário e vingativo. Seria Adam Jenkins um homem dessa natureza? Ou uma alma iluminada e preocupada?

– Bem, é hora de deixarmos algumas digitais na página, não acham? – disse Jenkins.

Ele olhou de relance para o relógio, ergueu-se e aproximou-se de uma mesa grande e entalhada. A parte de cima era coberta com um sofisticado couro marrom, e sobre ela havia apenas uma pasta de papel pardo simples numa prancha de madeira, esperando que lhe dedicassem atenção. Ele abriu a pasta, verificou os papéis ali dentro, pegou uma caneta-tinteiro do bolso interno da jaqueta de linho clara e voltou para sua cadeira ao lado de Maisie.

– Nós recebemos os documentos necessários... obrigado, Srta. Dobbs... relativos ao acordo financeiro. – Ele se virou para Billy. – E sei que compreende totalmente o comprometimento que esperamos dos que vêm residir no Retiro, William. Agora, por gentileza, assine aqui.

Ele colocou os papéis na prancha de madeira para ter uma superfície estável sobre a qual escrever e os passou para Billy, apontando com o dedo indicador o lugar da assinatura.

Depois que Billy escreveu com cuidado “William Dobbs” no lugar indicado, Jenkins tocou a sineta para que um assistente acompanhasse o novo hóspede até os quartos. Enquanto ele fazia isso, Billy piscou para Maisie. No entanto, quando Jenkins se virou de volta para os dois supostos irmãos, viu apenas a vazia resignação do homem e a preocupação

estampada no rosto de sua irmã. Mas a preocupação de Maisie não era fingimento. Ela estava mesmo preocupada. Precisaria garantir que Billy não ficasse no Retiro um minuto a mais do que o necessário.

CAPÍTULO 26



Maisie esperou ansiosamente na casa de Maurice Blanche. Billy já estava no Retiro havia três dias, e a cada tarde, às sete horas, ela saía no MG de lady Rowan, ladeando o campo em estradas que exalavam o aroma de cenouras selvagens e alfeneiros, para encontrar Billy na cerca, diante da antiga faia do outro lado da estrada.

A cada noite, com os mosquitos do verão voejando ao redor de suas orelhas, ela observava Billy se aproximar. Primeiro via apenas a cabeça dele a distância, conforme atravessava o terreno baldio coberto pela grama alta. Depois, mais próximo, o cabelo da cor do trigo refletia o sol poente, e Maisie se perguntava como ninguém notava que Billy saía para dar uma volta toda noite.

– Boa noite, senhorita – disse Billy enquanto enrolava para trás o arame da cerca e a atravessava.

– Billy, como vai? – Como sempre, Maisie estava ao mesmo tempo aliviada e feliz por vê-lo. – Você pegou sol – comentou ela.

– Reconheço que sim, senhorita. – As bochechas de Billy coraram. – Com todo esse trabalho na terra, é o que acontece.

– E como é trabalhar na terra?

– Não é nada mau, senhorita. E parece que faz bem a esses rapazes. Precisa ver alguns deles. Dizem que estavam numa infelicidade quando vieram para cá. Então, aos poucos, o trabalho e o fato de ninguém ficar

olhando para eles começaram a lhes dar, sabe, o tipo de confiança de que precisam.

– Nada fora do comum, Billy?

– Não posso dizer que haja, senhorita. Claro, não que eu vá sair por aí fazendo perguntas, mas mantenho os olhos abertos e parece que tudo é honesto. O major é um tipo esquisito, mas ele está fazendo sua parte, não? E agora que há lugar aqui, porque alguns dos camaradas se foram, eles estão aceitando outros rapazes, com ferimentos não apenas no rosto e na cabeça. Mas disso a senhorita já sabe, não é? Ou eu não estaria aqui, não com esta bela fisionomia.

Billy abriu um largo sorriso para Maisie e esfregou o queixo.

– Sim, Billy. Então todo mundo está feliz aqui?

– Devo dizer que sim, senhorita. Não há muito do que não gostar, certo? Entretanto, há um rapaz, ele tem algumas cicatrizes terríveis no rosto, bem aqui.

Billy girou a cabeça para a direita e, com o indicador da mão esquerda, mostrou uma linha que ia da orelha à boca e depois até o peito. Fez uma careta e logo continuou:

– Acho que ele já ficou tempo demais aqui. Diz que se sente bem para voltar ao mundo real.

– E o que o major acha disso?

– Não sei se ele concordou ou discordou. Acho que gostam que eles reflitam bem, sabe, os que querem ir embora.

– Mas por que isso? O que impediria alguém de simplesmente partir? Está no contrato que você pode ir embora quando quiser.

– Bem, o que ouvi dizer é que alguns rapazes recobram a confiança e, em seguida, querem voltar, pôr a cara no mundo. Então, quando voltam, descobrem que lá fora não é tudo cor-de-rosa, que as outras pessoas os encaram e tudo mais. Aparentemente, isso aconteceu algumas vezes e os rapazes se suicidaram.

– É o que você ouviu, Billy?

– Aqui e ali. Eles acham que esse rapaz, o que está querendo voltar para o que ele chama de “mundo real”, está preocupando o major. Parece que o

major disse que ele... O que era mesmo? – Billy fechou os olhos e coçou a nuca. Ao fazer isso, Maisie notou seu pescoço queimado de sol. – É isso. O major disse que ele é *suspeitível*.

– Você quer dizer *suscetível*, Billy?

Billy sorriu outra vez.

– Sim, reconheço que é isso, senhorita.

– Mais alguma coisa, Billy?

– Na verdade não, senhorita. O major parece um bom sujeito. Não sei o que aconteceu aos rapazes sobre os quais descobriu. Talvez tenham partido e fossem do tipo que não consegue aguentar a vida lá fora. Mas vou dizer uma coisa. Há uns rapazes aqui que adoram o major, sabe? Consideram que ele salvou suas vidas. E acho que é isso mesmo, se pensar bem. Deu a alguns garotos uma vida depois da guerra, garotos que acharam que não teriam nenhuma.

Maisie anotou os comentários de Billy em fichinhas de arquivo e assentiu. Deslizando as fichas e o lápis para dentro de sua pasta preta com fecho de prata gasta pelo uso, olhou diretamente para Billy.

– À mesma hora amanhã à noite, Billy?

– Sim, senhorita. Apesar de que... Poderíamos combinar um pouco mais cedo? Lá pelas seis e meia? Alguns dos garotos vão fazer um torneio de bilhar. Eu gostaria de tentar, se puder... participar um pouco da diversão, algo assim.

Maisie ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder:

– Certo, Billy. Mas mantenha os olhos abertos, sim?

– Não se preocupe, senhorita. Se houver algo de estranho acontecendo por aqui, vou descobrir tudo.

Maisie ficou olhando Billy se virar e voltar pelo campo. Ela cruzou de novo a estrada, abriu a porta do carro e sentou-se ao volante, deixando a porta entreaberta enquanto via Billy se transformar num pontinho a distância.

Teria cometido um erro? Seu dom, sua intuição lhe pregara uma peça? Teria sido a morte de Vincent – e dos outros garotos que usavam apenas o

nome de batismo – um suicídio? Ou só uma coincidência? Ela suspirou ao dar a partida.

Maisie passou os dias em Chelstone perto do telefone. Ela nunca deixava de passar uma ou duas horas preciosas com o pai, mas logo voltava para a casa da viúva, para o caso de precisarem falar com ela. Juntos, ela e Maurice examinaram casos antigos em busca de pistas e inspiração, e especularam sobre os detalhes da vida no Retiro.

– Eu gostaria muito de ter visto os laudos da autópsia do nosso amigo Vincent e de seus colegas.

– Localizei os processos de inquérito, e parece que todos os casos foram atribuídos a “morte acidental”, de um jeito ou de outro.

– De fato, Maisie. Mas eu gostaria de examinar os detalhes, de observar pelos olhos do legista, porque talvez eu pudesse ver o que ele não viu. Vamos rever as anotações. Quem conduziu a autópsia de Vincent?

Maisie passou o relatório para Maurice.

– Hummm. Assinado pelo médico-legista, e não pelo legista responsável.

Maisie se levantou e andou pelo quarto.

– Para resolver um problema, dê um passeio – disse ele, notando seu sorriso.

Quantas vezes no passado eles trabalharam juntos dessa maneira, Maisie sentada no chão, as pernas cruzadas à sua frente, e Maurice na cadeira de couro? Ele costumava se levantar, andar de um lado para outro com as mãos juntas como numa prece enquanto Maisie fechava os olhos em meditação e respirava profundamente, como Khan havia lhe ensinado muitos anos antes.

De repente, Maurice parou de caminhar e, quase no mesmo instante, tão simultaneamente que nenhum dos dois teria sido capaz de dizer quem havia sido o primeiro, Maisie se levantou.

– O que você está achando tão interessante nos relatórios, Maisie?

Ela olhou para Maurice.

– Não é de fato o conteúdo do relatório, Maurice. É a falta de pormenores. Não há nada para seguir, nenhuma ponta solta. Não há a menor partícula de informação com a qual trabalharmos.

– Correto. É muito simples. Simples demais. Deixe-me ver... – Maurice

virou as páginas do fim para o início. – Ah, sim. Deixe-me telefonar para meu amigo inspetor-chefe. Ele deve poder me ajudar. – Olhou as horas no relógio: nove e meia. – Ele ficará muito contente em me ajudar. Seu corpo já está aquecido pela segunda dose de uísque da noite.

Maisie retomou o lugar na almofada e esperou por Maurice. Ouviu a voz dele vir abafada do cômodo ao lado, reconheceu o ritmo de sua fala – nem totalmente inglês nem totalmente continental. O telefone foi recolocado no gancho com um baque, e Maurice voltou.

– Interessante. Extremamente interessante. Parece que o legista responsável pelo caso de Vincent, e provavelmente pelos outros casos, estava de plantão nas primeiras horas da manhã, e seu serviço foi finalizado às oito e meia. Assim, ele pôde ir para O Retiro imediatamente depois de ter sido convocado. Voltou para casa após completar seu exame superficial e escrever um breve relatório. Seu nome, Maisie, é Jenkins. Armstrong Jenkins. Uma coincidência, acho. E o exame registra o horário da morte às... deixe-me ver... sim, foi às cinco horas da manhã.

– Ao amanhecer – disse Maisie.

Ela folheou os papéis que havia espalhado pela mesa de Maurice. O mentor se pôs ao seu lado.

– Maurice, eles morreram ao amanhecer. A morte de cada um dos homens enterrados em Nether Green ocorreu durante a aurora.

– Uma hora quase mística, não acha, Maisie?

Maurice juntou as mãos às costas e andou em direção à janela.

– Uma hora em que a luz está mais propensa a enganar o olho, uma hora entre o sono e o despertar. Uma hora em que provavelmente um homem estará em seu momento mais frágil. Na aurora, véus difusos cobrem a realidade, criando ilusão e trapaceando a verdade. Diz-se, Maisie, que a escuridão é mais profunda no momento em que surge a aurora.



– Ainda não há muito que contar, senhorita.

Billy Beale ficou de pé com as mãos nos bolsos da calça leve de verão feita

de lona e chutou o solo seco sob os pés. Estava no Retiro havia apenas uma semana.

– Não se preocupe, Billy. Não era garantido que você descobriria alguma coisa. Você só vai ficar aqui por um curto período, afinal. Achei que poderia ser útil ouvir as observações de alguém que estivesse lá dentro.

Maisie se colocou ao lado de Billy e, sem ele notar, adotou sua postura. Ela estava usando calça e uma blusa de algodão leve, então foi fácil colocar as mãos nos bolsos, emulando a pose exata de Billy.

Ele está sem jeito com alguma coisa, pensou Maisie. *Há algo que não quer me contar*. Quando Billy se mexeu com evidente desconforto, Maisie o imitou. Ela fechou os olhos e sentiu o dilema dele.

– E você acha que esse Adam Jenkins é um homem bom, não acha, Billy?

Billy deu mais um pequeno chute no solo e, apesar de seu rosto estar bronzeado pelo trabalho na terra, ela viu um rubor intenso surgir nas bochechas dele.

– Bem, sim, reconheço que sim, senhorita. E às vezes me sinto péssimo por isso. Depois de tudo o que fez para eles, fico aqui farejando alguma coisa de ruim.

– Entendo como isso deve ser difícil para você, Billy. Você passou a admirar o major.

– Sim, sim. Eu admiro o homem.

– Tudo bem, Billy.

Maisie se virou para encará-lo e, com a intensidade de seu olhar, o compeliu a olhar de volta para ela.

– Tudo bem que você admire o homem. Isso vai tornar mais fácil o seu tempo aqui e o que vou pedir para você fazer.

– O que quer dizer?

– Apenas continue a desempenhar seu trabalho. Continue o que está fazendo. Nada além de ser você mesmo. Mas eu lhe peço duas coisas: que a gente mantenha nossos encontros noturnos, essa é a primeira. E a outra é que você tome o cuidado de continuar usando seu nome falso. Não revele nada. Está claro?

Billy ficou mais tranquilo conforme Maisie falava e assentiu.

– Só quero saber como tem passado seus dias aqui. Isso é tudo, Billy. Na semana que vem, virei pegar você. Na verdade, posso vir amanhã, se quiser.

– Não. Não, senhorita. Vou ficar, como combinamos. Mas não espere que eu descubra alguma coisa. Nossos encontros aqui podem se tornar um pouco sem graça.

Maisie assentiu e continuou a imitar os movimentos de Billy.

– Só mais uma coisa. Sobre o homem que queria partir. Lembra-se de que me falou sobre ele? O que aconteceu?

– Não sei dizer, pois não o vejo há um dia ou dois. Mas não é incomum que os camaradas queiram ficar sozinhos durante algum tempo. Eles costumam fazer isso.

Billy parou de falar, chutou mais uma vez o solo e então olhou para Maisie.

– O que é, Billy?

– Só estou pensando... Ele queria tanto ir embora. No fim do mês, ele disse. Nesse caso, não acho que ele ia querer um tempo para ficar sozinho... Agora me dei conta disso.

Maisie não concordou nem discordou.

– Como eu disse, Billy, você não precisa ficar bisbilhotando por aí. Apenas me encontre aqui todos os dias.

– Certo, senhorita. Pois bem. É melhor eu voltar, antes que sintam minha falta.

Maisie esperou um instante antes de reagir ao movimento de Billy em direção à cerca.

– Billy...

– Sim, senhorita.

Com seu joelho bom dobrado, prestes a passar pelo buraco da cerca, Billy se virou e cruzou o olhar com o de Maisie, que o encarava.

– Acha que não entenderiam se você precisasse de um pouco de tempo para si mesmo? Quer dizer, se voltasse um pouco mais tarde?

– Ah, eles poderiam entender, sim, senhorita – respondeu Billy, pensativo. Então, com uma piscadela, continuou: – Mas não quando falta tão pouco para eu defender meu título no bilhar, daqui a meia hora.

Maisie sorriu enquanto Billy se esgueirava para o outro lado da cerca e segurava o arame. Mas, em vez de voltar para o carro, ela permaneceu ali e o observou atravessar mais uma vez os campos e voltar para sua vida temporária no Retiro.



– Ah, por favor, não se preocupe com o carro, minha querida. Céus, eu nem consigo dirigir essa coisa! Não com o meu quadril nesse estado. Além disso, acho que você está precisando dele mais do que eu e, afinal, está trabalhando em meu interesse.

Maisie segurava o telefone longe da orelha enquanto lady Rowan falava, mas o aproximou para responder:

– Obrigada. Eu estava preocupada. Mas devo devolvê-lo até meados da semana que vem.

– Certo. Agora me conte: o que está acontecendo? James planeja se mudar para O Retiro em dez dias. Só Deus sabe que nada vai convencê-lo a desistir. Nem o pai... Juro que ele não é o mesmo desde que aquela garota...

– Sim, lady Rowan. Eu sei.

– E se não fosse por você, eu já estaria completamente histérica.

– Lady Rowan, eu poderia conversar com lorde Julian, por favor?

– Sim, sim... Eu sei, estou me tornando tediosa. Ele está no gabinete. Vou lá rapidinho chamá-lo. Não espere por Carter, isso levaria o dia todo.

Maisie sorriu. Provavelmente levaria algum tempo até que lady Rowan andasse até a porta do gabinete e chamasse lorde Julian. Havia tempos ela já não era capaz de ir “rapidinho” a lugar algum.

Por fim, ela ouviu a voz de Julian Compton:

– Maisie, o que posso fazer por você?

– Lorde Julian, é confidencial.

– Claro.

– Gostaria de saber se poderia me ajudar com algumas informações que acredito que o senhor seja capaz de obter com seus antigos contatos no Gabinete de Guerra.

– Farei o que puder. Do que precisa, Maisie?

– Jenkins. Major Adam Jenkins. Preciso ver o registro de serviço, se isso for possível.

– Eu já o obtive, minha querida. Não me soou bem esse negócio de Retiro, quando soube dele através de James. Estou com o registro de serviço no meu escritório agora. No entanto, eu não sabia que ele se autodenomina “major”. Por James, soube apenas que se chama Jenkins.

– Os homens no Retiro o chamam de major.

– Interessante. Jenkins era apenas tenente.

– Há mais alguma coisa aí, lorde Julian? Outras anomalias?

– É claro que um registro de serviço é limitado. Ele foi liberado por licença médica.

– Para onde?

– Craiglockhart.

– Ah!

– Sim. Bem apropriado aos interesses dele, eu diria, Maisie. Veja bem, o caso dele não era grave, aparentemente. É claro, não tenho o registro do tratamento. Só as anotações do seu oficial de comando. Diz que ele ficou fora de si depois que alguns camaradas do comando desertaram. Parece que era um sujeito inócuo, muito francamente. Recebeu um comando baseado na necessidade, e não em algum talento militar, eu diria, pelo que mostram os registros. Oficiais estavam morrendo feito moscas, como você deve lembrar. Bem, é claro que lembra. Veja bem, o camarada obviamente arrumou um negócio e tanto para ele, montando esse Retiro.

– Parece que os homens o idolatram pelo que ele tem feito lá: prover um lugar aonde eles possam ir – disse Maisie.

– Sim, eu devo lhe dar algum crédito por isso. Agora ele abriu as portas àqueles que carregam outros ferimentos. Como James. No entanto, é um pouco como um monastério, se a ideia é que seja para sempre um refúgio...

– Sim.

– É uma pena, não? Que só gostemos de nossos heróis quando estão lá fora, em sua melhor forma, com seus uniformes impecavelmente limpos, e

não quando nos mostram os ferimentos que sofreram por nós. Bem, algo mais, minha querida?

- Não. Acho que é tudo. Há alguma chance de que eu possa ver...?
- Vou pedir que levem para Chelstone amanhã de manhã.
- Obrigada, lorde Julian. O senhor me ajudou muito.

Maisie havia passado a maior parte do dia na casa da viúva com Maurice, fazendo apenas uma breve pausa para visitar Frankie Dobbs. Ela não quis dormir no quartinho que sempre fora seu na casa do cavaleiro. Em vez disso, preferiu ficar perto do telefone de Maurice, caso Billy precisasse dela. Repetidas vezes, repassou os detalhes dos acontecimentos e das informações que havia reunido.

Adam Jenkins mentira sobre sua patente. Mas seria mesmo uma mentira ou alguém apenas o chamara de “major” e o apelido pegou? Ela se lembrou de seu avô, que trabalhava nos barcos do Tâmis. As pessoas o chamavam de “Comandante”, mas ele nunca estivera na Marinha, nunca comandara coisa nenhuma. Era apenas um apelido, cuja origem se perdera no decorrer dos anos. Mas como Jenkins, “um sujeito inócuo”, adquirira tamanho poder? Billy se tornara um apoiador, e os outros homens pareciam idolatrá-lo. O medo seria um fator? Haveria alguma ligação mais profunda entre Vincent e Jenkins? E quem era Armstrong Jenkins? Algum membro da família ou apenas uma coincidência?

Ela havia deixado escapar alguma coisa. Algo muito importante. Quando reexaminou, em sua imaginação, cada evidência coletada que a levara àquele lugar, refletiu sobre as palavras de Maurice e sentiu como se a cada dia, o dia todo, estivesse vivendo no momento que antecede a aurora. Maisie voltou os pensamentos para aquela aurora distante no tempo, havia mais de dez anos. O início do fim – isso é o que foi.

CAPÍTULO 27



— O tempo está apertando o cerco, não, minha querida? – perguntou Maurice.

Ele olhou para o relógio do avô, pacientemente tiquetaqueando os segundos perdidos.

– Sim, Maurice. Quero tirar Billy do Retiro.

– De fato. Sim. Para longe de Jenkins. É interessante, Maisie, como a guerra pode dar um propósito ao ser humano. Em especial quando esse propósito, esse poder, por assim dizer, provém de algo tão essencialmente ignóbil.

De sua cadeira, Maurice se esgueirou para a frente em direção à base de madeira dos cachimbos, que ficava no console da chaminé. Ele escolheu um, pegou o tabaco e os fósforos no mesmo lugar e reclinou-se, olhando mais uma vez de relance para o relógio. Observava Maisie enquanto pegava um punhado de tabaco da bolsa e o pressionava no forninho.

– Em que está pensando, Maisie?

Maurice riscou um fósforo no tijolo rústico da lareira e, aproximando o cachimbo, levou a chama ao tabaco. Maisie achava pungente aquele aroma; já o ritual de acender e fumar um cachimbo a tranquilizava. Ela sabia que Maurice se permitia fumar cachimbo apenas quando o xis da questão estava em jogo. E revelar a verdade, por mais difícil que fosse, era sempre um alívio.

– Eu estava pensando sobre o mal. Sobre a guerra. Sobre a perda da inocência, na verdade. E sobre inocentes.

– Sim, de fato. A perda do que é inocente. Poderíamos argumentar que, se não fosse pela guerra, Jenkins...

O relógio bateu a meia hora. Era o momento de Maisie partir para se encontrar com Billy Beale. Maurice se pôs de pé, apoiando-se na cornija da lareira com a mão direita para se estabilizar.

– A que horas você estará de volta?

– Até as oito e meia.

– Vejo você mais tarde, então.

Maisie saiu apressada, e Maurice foi até a janela para vê-la partir. Eles quase não precisavam dizer nada um ao outro. Ele tinha sido seu mentor desde que ela era jovem, e ela havia aprendido tudo que ele sabia. Sim, Maurice fizera bem em se aposentar e em se prontificar a apoiá-la quando Maisie assumiu a prática.



– Billy. Bem a tempo. Como vai?

– Tudo certo. E a senhorita?

Sem responder, Maisie continuou:

– Alguma novidade?

– Bem, andei pensando um pouco e mantive os olhos bem abertos.

– Sim.

– E percebi que o camarada que queria ir embora não está aqui.

– Talvez ele tenha partido, ido para casa.

– Não, não. Não está no livro.

– Que livro?

– Descobri que existe um livro. Perto da guarita. Registra as entradas e as saídas. Fui até lá ter uma palavrinha com o velho Archie outro dia, e parece que o entregador de pão foi o único a entrar e a sair por uma semana.

– E Jenkins?

– Amigável, como sempre.

– Billy, acho que chegou a hora de você ir embora.

– Não... Não, senhorita. Me sinto na segurança de um lar. Até que gosto daqui, na verdade. E ninguém repara muito em mim.

– Não dá para ter certeza, Billy.

– Uma noite a mais, então. Quero descobrir para onde foi esse camarada. Vou ficar com os olhos bem abertos. Como disse, num minuto ele estava lá e no outro, não. Veja bem, tem alguém na enfermaria.

– E quem cuida da enfermaria?

– Bem, um camarada que foi médico na guerra faz todas as coisas básicas. E então esse outro camarada apareceu hoje. De carro, com maleta de médico e tudo mais. Nessa hora eu estava trabalhando no jardim da frente. Um sócia de Jenkins, na verdade. Um pouco maior, entretanto. Mas é possível notar a semelhança nesta parte aqui. – Billy esfregou o queixo e o maxilar. – Em volta dos beijos.

– Sim, eu sei quem ele é – sussurrou Maisie enquanto fazia anotações numa ficha.

– O que foi, senhorita?

– Não, nada. Billy, escute, sei que você acha que Jenkins é um homem bom, mas receio que você agora possa estar correndo perigo. Você é uma pessoa inocente que eu envolvi em meu trabalho porque precisava de informação. Isso tem que mudar. É hora de você ir embora.

Billy se virou para Maisie e olhou profundamente em seus olhos.

– Sabe, a primeira vez que nos encontramos, quando eu disse que já a havia visto, depois que aquele projétil acertou minha perna... A senhorita me reconheceu?

Maisie fechou os olhos por um instante, olhou para o chão para se recompor e, depois, em direção a Billy.

– Sim. Eu reconheci você, Billy. Algumas pessoas a gente nunca esquece.

– Eu sei. Eu lhe disse, eu nunca esqueceria a senhorita e aquele médico. Poderia ter tirado minha perna fora, poderia, sim. Qualquer outro teria simplesmente cortado a perna e me tirado de lá. Mas aquele médico, mesmo naquelas condições, tentou fazer mais do que isso.

Billy ficou contemplando os campos na direção do Retiro.

– E eu sei o que aconteceu. Sei o que aconteceu depois que saí de lá. Ouvi dizer. É surpreendente que a senhorita não tenha morrido.

Maisie permaneceu calada e lentamente começou a tirar os grampos que prendiam seu longo cabelo preto arrumado num coque. Ela virou a cabeça e levantou o cabelo. Ao puxar para trás as tranças, revelou uma cicatriz arroxeadada que começava bem acima da linha do cabelo, na nuca, e seguia pelo couro cabeludo.

– Um cabelo longo, Billy, esconde múltiplos pecados.

Seus olhos começaram a ficar vermelhos e Billy olhou em direção ao Retiro outra vez, como se estivesse verificando para saber se tudo ainda estava em seu lugar. Ele não disse nada sobre a cicatriz, mas pressionou os lábios e balançou a cabeça.

– Ficarei aqui até amanhã, senhorita. Sei que precisa que eu permaneça neste lugar pelo menos mais um dia. Vou encontrá-la amanhã às sete e meia da noite e trarei comigo a mochila. Ninguém vai me ver, não se preocupe.

Billy não esperou a resposta de Maisie e já estava atravessando a cerca para voltar. E, como havia feito toda noite por mais de uma semana, Maisie o observou mancar pelos campos até O Retiro.

– Estarei aqui – sussurrou Maisie. – Estarei aqui.

Ela não foi para a cama e não foi encorajada por Maurice a fazer isso. Sabia que a hora do ajuste de contas poderia ocorrer em breve. Se Jenkins estava prestes a agir, seria agora. Se não, a investigação seria inoperante e o dossiê permaneceria em aberto.

Ela se sentou no chão com as pernas cruzadas observando o céu escurecer e, depois, as primeiras horas da manhã lentamente avançarem até o despertar da aurora. O relógio marcou a meia hora. Quatro e meia. Ela inspirou fundo e fechou os olhos. De repente, o telefone tocou, seu som estridente atravessando a quietude da noite. Maisie abriu os olhos e levantou-se na hora. Antes que pudesse tocar uma segunda vez, ela o atendeu.

– Billy.

– Sim. Senhorita, alguma coisa está acontecendo aqui.

– Primeiro, Billy... você está seguro?

– Ninguém me viu. Saí de fininho, andei rente ao muro, vim direto pelo campo e atravessei a cerca até chegar ao telefone.

– Bom. Agora... o que está acontecendo?

Billy tomou fôlego.

– Não consegui dormir ontem à noite. Fiquei pensando, a senhorita sabe, sobre o que conversamos.

– Sim, Billy.

Maisie se virou para a porta enquanto falava e acenou para Maurice, que havia entrado no quarto vestido da mesma maneira que estava quando lhe deu boa-noite. Ele também não havia dormido nada.

– Sobre... Bem, nossa, deve ter sido há mais de meia hora... Ouvi uma espécie de algazarra lá fora, o barulho de um saco sendo arrastado. Então fui até a janela ver o que era.

– Prossiga, Billy. E continue a prestar atenção em sua volta.

– Não se preocupe, senhorita. Continuo com os olhos bem abertos. Enfim, era ele, sendo arrastado pela estrada de terra.

– Quem?

– O camarada que queria ir embora. Claro como o dia que era ele, pude ver com a luz que vinha da porta.

– A estrada de terra vai dar em que parte? Na pedreira?

– Sim, senhorita. Isso mesmo.

Maisie respirou fundo.

– Billy, eis o que você tem que fazer: vá ao povoado. Mantenha-se muito perto da estrada. Não seja visto. Pode haver mais alguém vindo daquele sentido em direção ao Retiro. Não deixe que o vejam. Encontre-se comigo no carvalho, no gramado. Agora vá.

Maisie colocou o telefone no gancho. Não havia tempo para deixar que Billy fizesse mais perguntas antes de finalizar a chamada.

Maurice entregou a Maisie o casaco e o chapéu e pegou o seu. Ela abriu a boca para protestar, mas foi silenciada pela mão em riste de Maurice.

– Maisie, eu nunca disse que você era jovem demais para enfrentar os inúmeros riscos que assumiu. Não venha agora me dizer para ficar em casa porque sou velho!



Billy saiu da vala desajeitadamente e alongou a perna ferida. Após ter ficado de joelhos, a perna ficou dolorida, e ele friccionou os músculos contraídos. O som de um graveto se quebrando no silêncio das primeiras horas da manhã, enquanto as folhas farfalhavam numa brisa fresca, aguçou sua atenção. Ele permaneceu imóvel.

– Agora, diabos, dei para ouvir coisas – murmurou Billy na friagem da aurora, que atingiu seu peito e fez seu coração bater acelerado, tão acelerado que ele poderia escutá-lo reverberar nos ouvidos. – É como esperar aquele maldito apito disparar e alertar sobre o ataque militar.

Billy pegou a mochila pela alça e a pendurou no ombro. Olhando para os dois lados, começou a cruzar a estrada para aproveitar os galhos pendendo das árvores, que o cobririam enquanto caminhasse pela pista até o povoado. Mas, enquanto caminhava, ele sentiu de novo câibras na perna.

– Diabos, vamos lá, perna! Não me deixe na mão agora.

Billy tentou endireitar o corpo, mas, enquanto se movia, seus ferimentos de guerra foram revividos, propagando dor enquanto ele tentava avançar.

– Sinto muito que você tenha se decepcionado, William – soou a voz de um homem.

– Quem é? Quem está aí? – Billy tombou para trás, os braços se debatendo enquanto ele tentava recuperar o equilíbrio.

Adam Jenkins apareceu à meia-luz diante de Billy. Archie estava de pé ao seu lado, junto com outros dois residentes de longa data do Retiro.

– “Deserção” é como chamamos isso. Quando se vai embora antes da hora.

– Eu só, bem, eu só quis dar uma volta, senhor – disse Billy, passando os dedos pelo cabelo, apreensivo.

– Bem, é uma ótima hora para caminhar, William. Ou talvez você prefira ser chamado de “Billy”. Um ótimo momento para um passeio.

Jenkins fez sinal para Archie e os outros homens, que prenderam as mãos de Billy nas costas e amarraram com força um pano preto sobre seus olhos.

– Deserção, Billy. Que coisa terrível. Não há nada pior para um soldado.

Nada pior.



Maisie estacionou ao lado do carvalho no povoado de Hart's Lea. Nem sinal de Billy.

– Maurice, ele não está aqui! – exclamou Maisie, enquanto virava o carro na direção do Retiro e acelerava. – Temos que encontrá-lo.

Ela dirigiu a toda velocidade na pista que levava à fazenda, percorrendo com os olhos a lateral da estrada enquanto manobrava o carro. Ao seu lado, Maurice estava em silêncio. Ela girou o carro abruptamente no acostamento, na altura da faia, e saiu. Ajoelhando-se no acostamento, correu os dedos pelo solo áspero. Sob a luz das primeiras horas da manhã, pôde ver sinais de luta. Sim, eles tinham pegado Billy.

Maurice saiu do carro com certa dificuldade e se juntou a Maisie.

– Preciso encontrá-lo, Maurice. Ele está em perigo.

– Sim, vá, Maisie. Mas eu devo avisar que esta é a hora...

Maisie suspirou.

– É claro, você tem razão, Maurice. Por aqui acho que teremos sorte.

Abaixando-se na vala do outro lado da estrada, perto da cerca do Retiro, Maisie estendeu a mão e pegou o telefone improvisado de Billy.

– Graças a Deus! Eles não encontraram isso... Devem ter chegado logo depois que ele recolocou o telefone no gancho. Não tenho muita certeza de como você...

– Agora vá, Maisie. Deixe comigo. Posso estar velho, mas essas coisas não estão além do escopo da minha inteligência.

Maisie correu para o carro, abriu a porta e tirou o casaco preto que Maurice lhe dera quando saíram de casa. Estava prestes a fechar a porta quando parou e, em vez disso, alcançou a bolsa atrás do banco do motorista. Com pressa, tirou de lá o canivete Victorinox, deslizou-o para dentro do bolso da calça e trancou o carro. Ela atravessou a estrada, parando apenas para tocar o ombro de Maurice antes de puxar o arame para trás e se

esgueirar pelo buraco da cerca. Correu pelo campo iluminado pela luz difusa do sol nascente.

Primeiro, Maisie tomou cuidado para passar de forma silenciosa pelas construções da fazenda, mas logo percebeu que estavam desertas, fato que não a surpreendeu.

“Ele provavelmente quer dar um bom exemplo para os residentes”, dissera para Maurice quando deixaram a casa da viúva. “Assim terá seu público. Um homenzinho ‘inócuo’ adora um público.”

Maisie apertou o relógio de prata preso ao bolso esquerdo do casaco na altura do peito. O relógio que até aquele momento fora seu talismã. O tempo havia seguido junto com ela, mas agora avançava mais rápido. Billy corria sério perigo. Ela precisava agir imediatamente.

Em poucos minutos, ela alcançou a pedreira e, enquanto corria, as lembranças atravessaram sua mente num turbilhão. Precisava chegar até ele. Simon o salvara, e ela devia fazer o mesmo. Precisava chegar até Billy.

Ela diminuiu o ritmo, caminhou e silenciosamente se aproximou da boca da pedreira, mantendo-se perto da entrada de arenito rugosa e tomando cuidado para não ser vista. Maisie arquejou ao entender o quadro diante dela. Um mar de homens estava sentado em cadeiras, de frente para um palanque erguido com uma estrutura de madeira sobre ele. Com aqueles rostos desfigurados, um dia tão amados por mães, pais, namoradas ou esposas, eles agora se reduziam a figuras grotescas por causa de uma guerra que, para eles, nunca havia terminado. Havia homens sem narizes ou mandíbulas, homens que buscavam a luz com as cavidades oculares ocas, homens com apenas metade do rosto que antes havia projetado um sorriso inteiro. Ela reteve as lágrimas, procurando por Billy Beale.

Enquanto o sol nascente lutava contra os vestígios da noite, Maisie percebeu que a estrutura de madeira era uma força rudimentar. De repente, os homens viraram a cabeça. Maisie acompanhou seus olhares. Vindo da outra direção, Jenkins andou até o palanque. Foi até o centro do palco e ergueu a mão. Ao seu sinal, Archie e outro homem se dirigiram ao palanque, em parte guiando, em parte arrastando um homem vendado. Era Billy. Enquanto ela assistia, Billy – o jovial, o bem-disposto Billy Beale –, que

seguramente teria dado a própria vida por ela, era colocado de joelhos diante da força e preso em seu nó retesado. Bastaria um puxão certo dado ao mesmo tempo pelos dois homens para que concluíssem seu terrível trabalho.

O público permanecia imóvel e, no entanto, temeroso. Seus olhos, depois das terríveis deformidades causadas pela guerra, mostravam terror. Nesse pavoroso momento, quando achou que suas pernas fortes e rápidas que a haviam levado para aquele lugar estavam paralisadas, Maisie foi assombrada pelo passado e pelo presente, que surgiram como uma coisa só. Ela sabia que precisava agir, mas o que poderia impedir de imediato aquela maluquice, sem que os homens se levantassem contra ela – tal era o controle que Jenkins exercia sobre eles – e sem tornar ainda mais iminente a morte de Billy?

– Lute de igual para igual – sussurrou, lembrando-se de uma das lições de Maurice.

Ao pronunciar as palavras, uma imagem se iluminou em sua mente, uma memória de quando estava no trem com Iris observando os soldados que caminhavam depois da batalha e cantavam ao seguir sua trilha em direção às portas da morte. Não havia uma rota secreta pela qual ela pudesse furtivamente se colocar ao lado de Billy. Ela só tinha uma opção. Por um segundo apenas, Maisie fechou os olhos, endireitou os ombros para trás e alongou-se até ficar o mais alta que pôde. Respirou fundo, limpando a garganta, e começou a andar com calma em direção ao palanque. Por Billy, ela deveria agir como uma guerreira destemida. E quando os homens se deram conta de sua presença, ela olhou para seus rostos, sorriu de forma gentil e começou a cantar:

*Há uma rosa florescendo
Na Terra de Ninguém
E é maravilhoso vê-la
Mesmo regada por lágrimas
Ela viverá por anos
No jardim de minhas memórias...*

Quando Maisie alcançou o palanque, mantendo o foco em Jenkins, ela ouviu uma voz profunda e ressonante juntar-se à sua. Depois, outra voz ecoou a dela, e outra, até sua voz isolada unir-se a um coro de homens cantando em uníssono, suas vozes graves formando um coro na aurora que reverberava pela pedreira.

*É a única rosa vermelha
Que o soldado conhece
É a obra da mão do Mestre
Em meio à grande maldição da guerra,
Levanta-se a Enfermeira da Cruz Vermelha
Ela é a Rosa da Terra de Ninguém...*

Maisie expulsou todo o medo ao se postar de pé ao lado de Jenkins. Vestido com o uniforme de um oficial que serviu na Grande Guerra, ele ficou de pé com os olhos flamejando. Ela evitou olhar para Billy; em vez disso, fitou o olhar furioso de Jenkins enquanto subia os degraus para o palanque. Os homens continuavam a cantar baixinho atrás dela, encontrando consolo no ritmo doce de uma canção muito querida. Diante de Jenkins, ela manteve contato visual. Sua ação o silenciara, mas, ao imitar sua postura, ela percebeu sua confusão interior, seu tormento e sua dor. Ao olhar dentro de seus olhos, ela soube que ele era louco.

– Major Jenkins... – Ela se dirigiu ao oficial diante dela, que pareceu recuperar os sentidos de tempo e lugar.

– Você não pode impedir isso. Este homem é uma desgraça para o país. – Ele apontou o bastão em direção a Billy. – Um desertor.

– Com que autoridade, major Jenkins? Onde estão suas instruções?

Jenkins piscou, confuso. Maisie ouviu Billy gemer quando a corda apertou seu pescoço.

– Este homem recebeu um julgamento na corte marcial? Um julgamento justo?

Vozes murmuraram atrás dela quando o público de Jenkins, os “hóspedes” feridos do Retiro, começou a manifestar sua discordância. Ela

precisava estar no controle o tempo todo, pois uma única palavra fora do lugar poderia transformar facilmente aqueles homens numa turba raivosa – perigosa não apenas para aquele homem de mente perturbada, mas também para Billy e para ela mesma.

– Um julgamento? Não temos tempo para julgamentos. Temos que ir em frente com isso. Temos um trabalho a ser feito e não podemos tolerar aqueles que perdem tempo, como este aqui. – Ele apontou mais uma vez o bastão para Billy, depois bateu com ele em suas botas de couro polidas.

– Nós *temos* tempo, major.

Maisie conteve a respiração enquanto aproveitava aquela chance. Billy tinha começado a engasgar. Ela precisava fazer sua jogada mais corajosa.

Embora Maurice tivesse advertido Maisie sobre o uso do toque, ele também havia enfatizado o poder inerente da conexão física: “Quando colocamos a mão num joelho inflamado ou em costas doloridas, estamos realmente usando nossos recursos curativos primordiais. O uso judicioso da energia do toque pode transformar, pois o poder de nossa aura alivia o local machucado.”

– Major Jenkins – disse Maisie, em voz baixa. – A guerra terminou. O senhor agora pode descansar... O senhor pode descansar.

Ao sussurrar as palavras, ela levantou a mão, aproximou-se dele e instintivamente pousou a mão no peito dele. Por um instante, não houve movimento, pois Jenkins fechou os olhos. Ele começou a tremer e, com a ponta dos dedos, Maisie pôde sentir que lutava para recuperar o controle de seu corpo – e de sua mente.

Os espectadores arfaram quando Jenkins se pôs a chorar. Caindo de joelhos, ele puxou do coldre o revólver Webley MK IV e apontou o tambor para sua cabeça.

– Não – disse Maisie, resoluta mas suavemente, e com um gesto tão brando que Jenkins mal percebeu, tomou a arma de sua mão.

Nesse momento, enquanto o público assistia em um silêncio aturdido que o paralisou, ela viu luzes na entrada da pedreira. Homens uniformizados correram em direção ao palanque, gritando:

– Parados! Polícia!

Ela abandonou Jenkins, que se sacudia para trás e para a frente, abraçando o próprio corpo e gemendo com um grito esganiçado, gutural.

Maisie enfiou o revólver em seu bolso e andou depressa em direção ao corpo desacordado de Billy. Não havia sinal de Archie e de seu assistente. Ela pegou o canivete e, afastando o pescoço de Billy com a mão esquerda, deslizou a lâmina pela corda e o libertou do nó da forca. Quando Billy tombou em sua direção, Maisie tentou suportar o peso e tropeçou. Ela sabia que agora Jenkins estava cercado por dois policiais e que a paralisia dos outros homens dera lugar a uma frenética atividade.

– Billy, olhe para mim, Billy – disse Maisie, recuperando o equilíbrio.

Ela deu tapinhas no rosto dele e verificou o pulso.

Os olhos de Billy reviraram nas órbitas enquanto suas mãos instintivamente imploravam para ela afrouxar a compressão que ele ainda podia sentir no pescoço.

– Calma, senhorita, calma, pelo amor de Deus.

Billy estava engasgando, seus pulmões danificados pelo gás chiavam com o enorme esforço que fazia para respirar. Quando Billy tentou se sentar, Maisie o escorou colocando os braços em volta dos ombros dele.

– Está tudo bem, senhorita. Ainda não foi desta vez. Deixe-me respirar um pouco de ar. Um pouquinho de ar.

– Você consegue me ver, Billy?

Ele olhou para Maisie, que agora estava de joelhos ao seu lado.

– Estou bem agora que a senhorita está aqui, mesmo que seja um pouco desajeitada. Veja bem... – Ele tossiu e limpou o sangue e a saliva que saíram de sua garganta. – Achei que a senhorita nunca viria bater um papinho com aquele maldito lunático ali. – Billy apontou em direção a Jenkins e então levou a mão outra vez à boca e deu mais uma tossida áspera e profunda.



– Podemos dar uma palavrinha, Srta. Dobbs?

O homem que olhava para ela gesticulou para que o médico da polícia fosse atender Billy, em seguida estendeu a mão para Maisie. Com sua ajuda,

ela se pôs de pé e ajeitou para trás os cachos do cabelo preto que estavam soltos ao redor do rosto. O homem estendeu a mão direita novamente.

– Detetive-inspetor Stratton. Brigada de Homicídios. Seu colega está em boas mãos agora. Bem, se eu puder conversar com a senhorita.

Maisie avaliou o homem que estava de pé diante dela. Stratton tinha mais de 1,80 metro de altura, era corpulento e confiante, sem aquela presunção que ela havia notado em alguns homens de alto escalão. Seu cabelo, quase tão preto quanto o dela, exceto por alguns tufo grisalhos nas têmporas, estava penteado para trás. Ele vestia calça de veludo cotelê e uma jaqueta de tweed com aplicações de couro nos cotovelos. Segurava um chapéu de feltro marrom com uma faixa de gorgorão preta em sua mão esquerda. Como um médico do interior, pensou Maisie.

– Sim. Sim, é claro, detetive-inspetor Stratton. Eu...

– Deveria ter sido mais cuidadosa, Srta. Dobbs? Sim, provavelmente não deveria ter feito isso. No entanto, fui informado pelo Dr. Blanche e me dou conta de que a senhorita estava numa situação em que não poderia perder um minuto sequer. Bem, não é hora para discussões ou reprimendas. No entanto, devo pedir-lhe que fique disponível para um interrogatório em conexão com esse caso. Talvez amanhã?

– Sim, mas...

– Srta. Dobbs, preciso tratar do suspeito agora, mas, enquanto isso...

– Sim? – Maisie estava corada, cansada e indignada.

– Bom trabalho. A senhorita agiu com muita calma, excelente trabalho.

O detetive-inspetor Stratton e Maisie trocaram um aperto de mãos novamente, e ele estava prestes a ir embora quando ela o chamou.

– Ah, inspetor, só um momento... – Maisie lhe entregou o revólver que ela havia tomado de Jenkins. – Acho que vai precisar juntar isso às provas.

Stratton pegou o revólver, verificou o tambor e removeu a munição antes de guardar a arma com segurança no bolso. Ele inclinou a cabeça em direção a Maisie, sorriu e depois se virou para Jenkins, que agora estava ladeado por dois membros da força policial de Kent. Maisie observou enquanto Stratton dava início à advertência oficial:

– Você não é obrigado a se pronunciar a menos que queira, e tudo o que

disser poderá ser registrado e usado como prova.

Maisie olhou ao redor procurando por Billy e satisfez-se ao ver que ele estava a salvo – naquele momento, estava de pé conversando com o médico –, então avaliou a cena à sua frente. Observou Maurice Blanche caminhar por entre o público aterrorizado de “velhos soldados” que ainda pareciam tão jovens, contagiando-os com sua tranquilizadora presença ao permanecer ali com eles, ao colocar uma das mãos no ombro em sinal de apoio ou, sem embaraço algum, abraçar um ex-soldado aos prantos. Os homens pareciam entender sua força e se agrupavam em volta dele para ouvir suas palavras reconfortantes. Ela o viu fazer um gesto para Stratton, que mandou os policiais conduzirem os residentes do Retiro, um a um, para fora da pedreira. Eram homens para os quais o terror da guerra havia sido revivido e cuja confiança fora abalada. Primeiro por seu país e então por um único indivíduo. Eram homens que teriam que encarar o mundo, no qual não havia um lugar para onde pudessem se retirar. Maurice tinha razão: eram todos inocentes. Talvez até mesmo Jenkins.

Naquele momento, Jenkins estava algemado e era levado para um carro da polícia que tinha sido conduzido à boca da pedreira. Usava suas botas polidas e imaculadas e seu cinto Sam Browne, que reluzia contra o uniforme bem-passado. Nenhum fio de cabelo estava fora do lugar. Ainda era o oficial impecavelmente arrumado.

CAPÍTULO 28



— Então, o que eu quero saber – disse Billy, sentado na poltrona preferida de Maurice, que ficava perto da lareira na casa da viúva – é como vocês chegaram até Adam Jenkins no fim das contas. Ele sem dúvida me convenceu. Eu estava começando a achar que ele era um sujeito excelente.

Maisie se sentou sobre uma grande almofada no chão e ficou bebericando seu chá, enquanto Maurice acomodou-se confortavelmente em um sofá diante de Billy. Ela apoiou a xícara e o pires no chão e massageou os pés gelados.

– Tive uma sensação aqui. – Maisie tocou o local entre suas costelas, na base do esterno. – Havia algo errado desde o início. Bem, você sabe sobre Vincent, é claro. E sobre os outros. Foi um erro da parte de Jenkins ter sugerido à família de Vincent que ele fosse enterrado em Nether Green, porque é um grande cemitério, com muitos túmulos de soldados. Foi um erro porque ele fez isso muitas vezes.

Maisie tomou um gole de seu chá e continuou:

– Eu questionei a coincidência de haver vários homens enterrados e identificados apenas com os nomes de batismo. Depois descobri que todos vinham do mesmo lugar. O Retiro.

– E o que mais? – perguntou Billy, abanando a mão para dispersar a fumaça do cachimbo de Maurice.

– Uma desconfiança, de minha parte, em relação a alguém que detém

tamanho poder. A inspiração para O Retiro era admirável. Lugares como esse funcionaram bem na França. Mas, na maioria dos casos, foram planejados para que soldados desfigurados pudessem passar ali as férias, não para morarem até o fim de suas vidas. E a subtração do nome de família foi uma inovação de Jenkins. Privar alguém de seu sobrenome é uma forma básica de exercer controle sobre essa pessoa. Isso é feito em todo tipo de instituição, como o Exército. Por exemplo, eles chamavam você de “cabo”, não de “Billy”, e apenas raramente de “Beale”.

Billy assentiu.

– A ironia é que foi um dos primeiros homens a viver no Retiro, Vincent Weathershaw, que deu a ele a ideia dos nomes de batismo como a única forma de se dirigir aos homens. – Maisie tomou fôlego e continuou: – Outros indícios foram revelados depois que você foi para O Retiro. Cada causa de morte era diferente. Houve até mesmo o registro de um afogamento. E, no entanto, cada uma delas, de um modo ou de outro, poderia ser atribuída a algum tipo de asfixia. Para um olhar pouco treinado, isso seria uma mera coincidência. A palavra do legista não seria questionada. A polícia não seria envolvida, pois todos considerariam se tratar de mortes por causas “acidentais” ou “naturais”. E como todos os homens, ao irem para O Retiro, estavam buscando consolo para o seu tormento, as famílias não faziam perguntas. Na verdade, não raro se sentiam aliviadas por seus entes queridos não precisarem continuar sofrendo.

– De fato. – Maurice olhou para Maisie, mas ela não retribuiu o olhar.

Ele prosseguiu com a narrativa:

– E havia a própria história de Jenkins. Como alguém que os superiores chamavam de “inócua” poderia ter conquistado tamanho poder? Maisie telefonou para o médico que supervisionara o tratamento dele em Craiglockhart, o hospital na Escócia para onde oficiais com trauma de guerra foram mandados durante a guerra. O poeta Siegfried Sassoon ficou internado lá.

– Bem, senhor, eu nunca fui muito chegado a poesia. – Billy afastou a fumaça do rosto mais uma vez.

– O médico, que agora trabalha no hospital psiquiátrico Maudsley, em

Londres, me informou que o estado mental de Jenkins não era tão grave quanto o de outros oficiais – disse Maisie. – Mas, mesmo assim, havia motivo para preocupação.

– Posso apostar que sim! – Billy passou a mão pela marca avermelhada que a corda deixara em seu pescoço.

– Você sabe o que acontecia com os desertores, Billy?

Billy olhou para as próprias mãos e as virou, examinando primeiro a palma e depois as articulações.

– Sim. Sim, eu sei, senhorita.

– Eles eram levados e atiravam neles. Ao nascer do sol. Conversamos sobre isso. Alguns deles eram jovens de 17 ou 18 anos, estavam apavorados. Há boatos de que houve até mesmo o caso de dois soldados que foram assassinados por terem adormecido durante o serviço. – Lágrimas brotaram nos olhos de Maisie, que contraiu os lábios. – Jenkins era o oficial comandante com ordens para lidar com os desertores. O “inócuo” Jenkins. Contra a sua vontade, pois, aparentemente, ele chegou a questionar essas instruções. Ele tinha ordens de presidir execuções como essas.

– E...

Billy chegou para a frente em sua poltrona de couro.

– Ele executou as ordens. Se não o fizesse, talvez ele mesmo tivesse enfrentado esse destino. Desobedecer teria sido considerado insubordinação.

Maisie se levantou e andou até a janela. O olhar de Maurice a acompanhou e depois se virou para Billy.

– A mente é capaz de coisas estranhas, Billy. Assim como podemos nos acostumar com a dor, podemos nos acostumar com uma experiência e, em alguns casos, uma experiência detestável pode se tornar mais palatável se a acolhermos.

– Como colocar açúcar no óleo de rícino.

– Algo do gênero. O açúcar de Jenkins era o poder que ele reivindicava. Pode-se argumentar que essa era a única maneira por meio da qual ele poderia digerir a situação. Ele não era um homem de caráter forte. Esteve tão próximo do ato da deserção que isso o fez detestar o verdadeiro desertor

e, ao desempenhar essa terrível punição, manteve controle sobre a parte de si mesmo que queria escapar dali. Ele se tornou muito eficiente em lidar com os desertores dos campos de batalha. De fato, até mesmo desfrutou de certo prestígio, que, como sabemos, ele não teve em outras esferas de responsabilidade.

Maurice olhou de novo para Maisie, que se virou para encarar Billy.

– A ideia de Jenkins ao fundar O Retiro foi concebida com boas intenções. Só que, mais uma vez, a necessidade de controle veio à tona. A série de assassinatos começou quando um dos homens quis partir. Jenkins se ressentiu profundamente dessa decisão. Para todos os efeitos, ele estava desertando. Para Jenkins, com sua mente afetada pela guerra, haveria apenas um curso de ação. E a primeira morte tornou as outras mais fáceis.

– Minha nossa... – murmurou Billy.

– Se você ficasse mais tempo no Retiro, também ouviria dizer que era difícil sair de lá com vida. Obviamente, ele não poderia atirar num homem. Não teria sido fácil para o médico-legista escamotear a verdade de um ferimento desses, mas ele poderia usar um método mais dramático. A força na pedreira não partiria o pescoço de um homem, mas privaria o corpo de oxigênio por tempo suficiente para acabar com sua vida. Uma morte que seria mais fácil atribuir a uma causa como suicídio ou acidente. E ele deve ter agido com pressa no seu caso, Billy, pois, no caso dos outros, ele usou um tecido pesado ao redor do nariz. As marcas da corda não ficavam tão arroxeadas quanto o colar que agora você tem.

Billy mais uma vez passou a mão pelo pescoço.

– Reconheço que é muito errado esse negócio de atirar em desertores. Vou dizer, metade de nós não sabia que diabos deveríamos fazer ali, afinal. Sei que os oficiais, em especial os jovens, não sabiam.

Maurice apontou a piteira do cachimbo na direção de Billy, pronto para fazer um comentário.

– Ponto interessante, Billy. Talvez você se interesse em saber que Ernest Thurtle, um americano de nascimento, agora membro do Parlamento por Whitechapel, trabalhou ardorosamente para que essa prática fosse banida.

Não me surpreenderá se uma nova lei for aprovada no ano que vem ou por volta disso.

– Demorou até demais! E, falando em desertores, qual é a conexão disso tudo com Vincent Weathershaw? Lembra que eu fiquei tentando descobrir se alguma coisa tinha acontecido com ele?

– Sim – continuou Maisie. – Pelo que sei, Weathershaw foi punido porque reclamou sobre a prática da execução militar. Ele era veemente com relação a isso, o que desagradou aos oficiais do alto escalão. Mas ele foi ferido antes que pudesse ser destituído de suas responsabilidades e julgado na corte marcial por insubordinação.

Billy assobiou.

– A coisa fica cada vez pior.

– Para Weathershaw, ficou mesmo. Ele foi para O Retiro em boa-fé, um homem terrivelmente desfigurado. Enquanto se recuperava dos ferimentos, ouviu falar sobre Jenkins, mas no Retiro descobriu sobre sua reputação como executor no campo de batalha. Vincent colocou os pingos nos is, e foi por isso que Jenkins decidiu que ele tinha que sumir. Ele sofria de uma grave depressão, pobre homem, portanto todos acreditariam em morte acidental ou suicídio.

– Pobre coitado. E quanto a esse outro Jenkins?

– Um primo. Achemos que Armstrong Jenkins era um irmão, mas não... Trata-se de um primo. É surpreendente, mas Adam Jenkins não se envolveu nisso pelo dinheiro. Sua recompensa era a sensação de controle. Soberano de todos aqueles que ele supervisionava e com uma legião de servos que escutariam cada palavra sua e, não importando o que tivessem ouvido, o adorariam. E essa é a peça mais intrigante do quebra-cabeça.

– De fato – disse Maurice. – A mais intrigante.

– Apesar dos rumores que se ouviam e da morte daqueles que “iam embora” do Retiro, Jenkins era tido em alta conta pelos homens.

Billy corou.

– Um fenômeno interessante – comentou Maurice. – Tanto controle sobre um grupo de pessoas. Receio que isso seja algo que veremos de novo, sobretudo em tempos como este, quando as pessoas estão buscando

respostas para perguntas incompreensíveis, liderança em meio à incerteza, e uma conexão com outras pessoas que passaram por experiências parecidas. De fato, há uma palavra para descrever um grupo reunido sob uma liderança todo-poderosa e que busca respostas no ocultismo. O que Jenkins fundou poderia ser descrito como uma seita.

– Isso está me dando calafrios – admitiu Billy, passando as mãos nos braços.

Maisie retomou a história:

– Armstrong Jenkins foi quem persuadiu o primo a fazer os homens transferirem a posse de seus bens. Para alguém que estava chegando ao Retiro tão desesperadamente infeliz a ponto de se enclausurar por vontade própria, isso não representava um grande passo. Armstrong controlava o dinheiro. Ele veio para esta área trabalhar como médico-legista quando o Retiro foi fundado. Como o primo, é um caso que mescla fascínio por poder e maldade.

– Valha-me Deus... essa foi por pouco!

– Fiz três telefonemas antes de nosso último encontro na estrada, e o que fiquei sabendo me alertou para o nível de perigo que você estava correndo. Uma das ligações foi para Maudsley, para falar com o médico de Adam Jenkins. Outra foi para o médico-legista do condado, para confirmar a história de Armstrong Jenkins. E, por fim, para um amigo de Maurice, o chefe de polícia, para informá-lo sobre minhas suspeitas. Era intenção dele começar uma investigação sobre O Retiro no dia seguinte, mas, é claro, os acontecimentos se precipitaram. Billy, eu queria que você tivesse abandonado a missão logo que me contou que outro homem desejava ir embora do Retiro. Mas você foi inflexível.

O olhar de Billy cruzou com o de Maisie.

– Como eu disse, eu não queria decepcionar a senhorita. Queria fazer algo de útil como a senhorita fez por mim, junto com aquele médico. Mesmo exaustos, vocês se esforçaram. Por todo lado havia homens esperando na fila e, mesmo assim, salvaram minha perna. Quando voltei para casa, o doutor disse que aquela era a melhor cirurgia numa perna feita num campo de batalha que ele já tinha visto.

Lágrimas brotaram nos olhos de Maisie. Ela pensava que a dor havia cessado. Não gostava nada do fluxo de lágrimas que surgiu, comandado pela verdade.

– Bem, sei que não tem muito a ver com o assunto, mas eu queria lhe perguntar uma coisa, e eu... não sei... Só achei que a senhorita não queria falar sobre isso, e quem pode culpá-la? Mas... o que aconteceu com ele? O que aconteceu com o médico?

A sala foi tomada por um silêncio carregado de tensão. A entusiasmada explicação dos acontecimentos no Retiro deu lugar ao embaraço. Maurice suspirou, franziu a testa, enquanto observava Maisie, que se sentou com a cabeça apoiada entre as mãos.

– Veja bem, espero não ter falado nada de errado... Desculpem-me se fui inconveniente. Não era da minha conta, não é? Eu achei que vocês gostavam um do outro, só isso. Lembro que pensei isso. Então achei que a senhorita saberia. O homem salvou minha perna, provavelmente até mesmo a minha vida. Mas peço desculpas. Não devia ter dito nada. – Billy pegou o casaco como se fosse sair da sala.

– Billy. Espere. Sim. Sim, eu devia ter lhe contado. Sobre o capitão Lynch. É mais do que justo que você saiba. Depois do que fez por mim, é mais do que justo.

Maurice aproximou-se de Maisie e segurou sua mão. Ela respondeu à pergunta de Billy.

CAPÍTULO 29



Maisie teve a sensação de que, ao retornar para o posto avançado de tratamento de feridos depois do período de licença que passara em casa com Simon, uma multidão não parava mais de chegar. Com o dia se estendendo até a noite, as poucas horas que Maisie conseguia dormir ofereciam apenas uma breve pausa na guerra.

– Você se lembrou de amarrar o lenço? – perguntou Iris, referindo-se ao tecido preso ao mastro da barraca que indicava aos assistentes que as enfermeiras lá dentro estavam no primeiro turno e deveriam ser chamadas se mais feridos chegassem à noite.

– Sim. Está lá, Iris. Boa noite.

– Boa noite, Maisie.

Com frequência, Maisie caía num sono profundo logo depois de deitar em sua cama de campanha. Repetidas vezes, seus sonhos a levavam de volta a Chelstone, onde caminhava em direção ao pai no pomar. Mas, quando ela se aproximava, ele se afastava, esgueirando-se para o alto para colher maçãs vermelho-rosadas antes de ir embora. Ela o chamava e ele se virava e acenava, mas não parava, não esperava por ela. O Frankie Dobbs dos sonhos simplesmente pegava as maçãs muito vermelhas, as colocava em sua cesta de vime e se deslocava pelo longo gramado nos últimos dias de verão. Ele carregava tamanho peso que o delicioso suco escorria do fundo da cesta, deixando uma trilha para ela seguir. Maisie tentava correr mais rápido, mas

seu longo e pesado vestido de lã ficava ensopado com o suco, grudava em suas pernas e embaralhava-se à grama, e à medida que a distância entre os dois aumentava, ela o chamava aos berros.

– Pai, pai, pai!

– Deus do céu, o que há de errado com você?

Iris se sentou na cama e olhou para Maisie, que, em seu despertar repentino, ficou encarando o teto na direção do mastro da barraca principal, seus olhos violeta acompanhando as gotas de chuva que se acumulavam na lona e pingavam no chão.

– Você está bem?

Iris se inclinou e cutucou Maisie.

– Sim. Sim, obrigada. Um pesadelo. Foi um pesadelo.

– Ainda nem está na hora de levantar. *Brrr*. Por que parece que o clima aqui nunca esquenta? Já estamos na terceira semana de maio e estou congelando!

Maisie não respondeu, mas puxou as cobertas até o pescoço.

– Temos mais meia hora. Depois vamos nos levantar e pegar uma xícara de chá forte – disse Iris, numa tentativa de recuperar o conforto do sono pesado.



– Parece que hoje chegará reforço, senhoras.

Um dos oficiais médicos se sentou com Iris e Maisie, pronto para tagarelar enquanto bebericava o chá escaldante e mordia uma casca grossa de pão.

– Meu bom Senhor, estamos precisando mesmo! Nunca há médicos o suficiente, muito menos enfermeiras – disse Iris, pegando sua xícara e se sentando num banco perto de Maisie.

– O que aconteceu? – perguntou Maisie.

– Acho que estão chegando mais médicos do hospital para trabalhar na linha de combate. Aqui estamos atendendo tantos a cada dia que alguém com uma caneta na mão finalmente ouviu falar a respeito. Alguns médicos estão sendo realocados. Primeiro para cá.

Maisie e Iris se entreolharam. Ela havia escrito para Simon na véspera. Ele não mencionara nada sobre ser realocado. Era possível que ele fosse um dos médicos que seriam mandados para o posto de tratamento de feridos?

– Vejam bem, é possível que eles não gostem muito disso. Afinal, com as bombas chegando cada vez mais perto ultimamente... – acrescentou o oficial.

– Achei que a cruz vermelha significava que estamos seguros em relação aos bombardeios – disse Iris, envolvendo sua xícara com as mãos.

– Bem, deveria ser. A cruz vermelha sinaliza que o território é neutro.

– Bem, eles vão chegar... do hospital? – perguntou Maisie, mal disfarçando sua agitação. Agitação misturada com receio.

– No fim da semana, pelo que estão dizendo por aí.



Já era fim de tarde quando a nova equipe médica começou a aparecer. Maisie estava caminhando pela ala, onde, a cada lado, homens em diferentes estágios de recuperação permaneciam deitados em suas camas esperando para serem transportados para um hospital militar. Foi quando ela viu a silhueta que conhecia tão bem no outro lado da aba de lona que formava uma divisória separando a área dos medicamentos. Era o lugar onde as enfermeiras preparavam curativos, dosavam excipientes, faziam anotações e paravam para verter lágrimas por apenas um instante quando perdiam um paciente.

Ali estava ele. No mesmo lugar que ela. Juntos.

Sem correr e ainda verificando seus pacientes enquanto andava em direção a Simon, Maisie lutou para controlar as batidas do seu coração. Um pouco antes de puxar para trás a aba de lona, ela respirou fundo, fechou os olhos e então avançou pela área dos medicamentos.

Ele estava sozinho, examinando a pilha de registros e se familiarizando com os estoques de medicamentos e curativos. Quando Maisie entrou, Simon olhou para ela admirado. Por instantes, nenhum dos dois se mexeu.

Ele rompeu o silêncio, estendendo a mão e tomando a dela.

– Por que você não me contou na sua carta? – sussurrou Maisie, olhando ao redor, receosa de que alguém pudesse vê-la conversar com Simon.

– Eu não sabia que seria enviado. Não até ontem. – Ele sorriu. – Mas agora estamos juntos. Não consigo acreditar na minha sorte, Maisie.

Ela segurou a mão dele com mais força.

– Estou tão feliz. Tão feliz por você estar aqui. E em segurança.

– É um bom presságio, não acha? Estarmos aqui, no mesmo lugar.

Maisie ouviu um soldado ferido chamar por ela a distância:

– Irmã. Aqui. Rápido.

Simon agarrou a mão de Maisie por um segundo antes que ela saísse apressada para atender seu paciente.

– Eu te amo, Maisie – disse ele, e levou a mão dela aos seus lábios.

Ela assentiu, sorriu e se lançou às suas obrigações.



Trabalhar um ao lado do outro foi mais fácil do que eles poderiam ter imaginado. Por três dias, os feridos foram trazidos ao hospital e, repetidas vezes, Maisie conheceu novas versões do Simon que ela amava, o Simon que havia roubado seu coração quando ela dançou com ele em um vestido azul de seda. Ele era um excelente médico.

Mesmo sob extrema pressão, Simon Lynch não trabalhava apenas para salvar a vida de um soldado, mas para tornar suportável a vida daquele homem quando o serviço militar tivesse terminado. Com Maisie ao seu lado, pronta a lhe passar os instrumentos antes mesmo que ele os pedisse – e para limpar o sangue de ferimentos quando ele recompunha ossos estilhaçados e dava pontos em lacerações brutais –, Simon usava cada pitada do conhecimento acumulado nos hospitais da Inglaterra e nas barracas onde realizava cirurgias em campos de batalha.

– Certo, e agora o próximo – dizia ele, quando um paciente era deslocado e os assistentes avançavam com outro soldado em uma padiola.

– O que temos à espera na fila?

– Senhor, temos cerca de doze pernas, quatro cabeças, três braços e cinco

pés, e isso só até a esquina. As ambulâncias não param de chegar.

– Assegure-se de que venham para cá os que estejam em condições de viajar pela estrada o quanto antes. Precisamos de espaço, e eles precisam ir para o hospital de base.

– Sim, senhor.

Os assistentes saíram rápido para buscar o soldado seguinte, enquanto Simon olhou para baixo, para o homem ferido que no momento dependia de seu conhecimento e de sua habilidade, um jovem com o cabelo da cor do trigo banhado pelo sol, e uma perna dilacerada por estilhaços. Um jovem que assistia a cada movimento seu muito atentamente.

– Vai conseguir salvar minha perna, doutor? Não quero me tornar um velho perna de pau.

– Não se preocupe. Farei o melhor que puder. Senão, como vai correr atrás das senhoritas, cabo? – Simon sorriu para o homem, apesar da exaustão.

Maisie ergueu o olhar para Simon, depois olhou para o cabo, e, enquanto Simon removia os estilhaços, ela limpou o sangue para que ele pudesse avaliar a gravidade dos ferimentos. Para manter o moral do soldado elevado – desse homem tão consciente de tudo o que acontecia à sua volta –, Maisie tirou os olhos por um segundo do trabalho e o encarou. Enquanto Simon cortava a pele e juntava os tecidos, os músculos e os ossos que haviam sido dilacerados, o soldado sentiu-se encorajado. Pois mesmo que não pudesse ver o sorriso de Maisie pela máscara de linho branca que protegia parte de seu rosto, seus afetuosos olhos azuis comunicaram ao soldado o que ele queria ouvir. Que tudo acabaria bem.

– Muito bem. Agora você já pode voltar para a Grã-Bretanha, meu grande. Fiz o melhor que pude aqui, e Deus sabe que você fez o melhor para a pátria. Quanto mais rápido chegar em casa, mais rápido vai andar novamente. Pode ficar tranquilo, cabo, a perna sairá daqui com seu dono.

– Obrigado, capitão. Obrigado, irmã. Nunca me esquecerei de vocês, nunca.

O soldado olhou com atenção para Simon e Maisie, lutando contra o efeito da morfina para se lembrar de seus rostos. Uma “dispensa”, um

ferimento suficientemente grave para justificar ser mandado de volta para a Inglaterra, e ele não perderia a perna. Era um homem de sorte.

– Este aqui está pronto para ser transportado. Próximo.

Simon chamou os assistentes e Maisie preparou a mesa quando o cabo William Beale foi levado para uma ambulância para ser transferido ao hospital de base mais próximo do porto. Ele estaria em casa em dois dias.



– Eu lamento tanto pelos que são deixados – disse Maisie.

Ela e Simon estavam caminhando sob o luar por um corredor de terra entre as barracas, quietos e prontos a se afastarem um do outro depressa caso fossem vistos juntos. Tiros esporádicos soavam ao longe e pontuavam a conversa.

– Eu também, apesar de me ressentir mais pelos que foram tão terrivelmente feridos, e de forma tão visível, em seus rostos ou membros. E por aqueles cujos ferimentos não podem ser vistos.

– No Hospital de Londres, muitas vezes uma mulher chorou aliviada pela morte de um marido ou de um filho. Eles tinham ferimentos com os quais a família não conseguiria lidar, ferimentos que as pessoas nas ruas não suportariam ver.

Ela se aproximou de Simon, que tomou sua mão.

– Logo isso acabará. Tem que ser assim, Maisie. A guerra não pode continuar dessa maneira. Às vezes tenho a sensação de que estou trabalhando num matadouro. Um corpo em carne viva depois do outro.

Simon parou, puxou Maisie para perto e a beijou.

– Minha Maisie do vestido azul de seda. Ainda estou esperando uma resposta.

Maisie se afastou e olhou dentro dos olhos de Simon.

– Simon, eu pedi para você perguntar novamente quando a guerra tiver terminado. Quando eu puder vislumbrar um futuro.

– Este é o problema – disse Simon, começando a agradecer. – Às vezes acho que você consegue *mesmo* ver o futuro, e isso me dá calafrios! – Ele a

abraçou de novo. Andaremos juntos pelos South Downs e você poderá então me dar sua resposta. Que tal assim?

Maisie sorriu e olhou diretamente em seus olhos, brilhantes ao luar. *Simon, Simon, meu amor*, pensou ela, *como temo essa pergunta*.

– Sim. Sim, Simon. Pergunte-me novamente nos South Downs. Quando a guerra tiver terminado.

Simon jogou a cabeça para trás e riu, sem se preocupar em ser ouvido.



– Deus...

Os lábios de Simon estavam entreabertos enquanto ele olhava uma ferida no peito de um soldado e rezava aos céus. Maisie na mesma hora começou a limpar a cavidade formada pelos estilhaços, à medida que Simon estancava o fluxo de sangue. Enfermeiras, médicos, anestesistas, assistentes e carregadores de padiola estavam em todo lugar, andando apressados, correndo, trabalhando para salvar vidas.

Maisie secou o suor da testa de Simon com um pano e continuou a se concentrar no ferido. Simon avaliou a extensão do ferimento. As luzes tremeluziram e a barraca estremeceu.

– Deus, mal consigo ver neste lugar.

De repente, pareceu que o campo de batalha tinha chegado ao hospital. Enquanto trabalhavam para salvar a vida dos homens trazidos às dezenas, a barraca estremeceu outra vez com o impacto de uma bomba num alojamento próximo.

– Mas que diabos...?

– Senhor, senhor, acho que estamos sob ataque! – gritou um assistente para Simon.

A barraca de cirurgia estava se integrando ao próprio campo de batalha. Maisie engoliu de volta o líquido amargo que subiu de seu estômago. Ela olhou para Simon e, para enfrentar o medo, sorriu para ele. Por um segundo, ele retribuiu com um largo sorriso, e depois se virou para o paciente. Eles não podiam parar.

– Bem, vamos continuar!

Vamos continuar.

Essas foram as últimas palavras que ela ouviu Simon dizer.

Vamos continuar.

CAPÍTULO 30



Foi numa tarde quente de fim de setembro que Maisie saiu do MG e ergueu o olhar diante de uma imponente construção georgiana em Richmond. Duas colunas gregas erguiam-se a cada lado da escadaria, que, por sua vez, dava acesso às pesadas portas de carvalho da entrada principal. A casa fora um dia uma residência majestosa, com jardins que se estendiam até o Tâmesa, onde o grande rio se avolumava em sua serpenteante jornada que começava no vilarejo de Thame, em Oxfordshire, depois de brotar como um pequeno córrego. De Richmond, ele correria até Londres, avançando pela cidade em direção ao mar, onde as massas de água fresca e salgada se encontravam num torvelinho. Maisie adorava contemplar o rio. Olhar para suas águas lhe trazia sossego, e ela queria se manter calma. Costumava andar até lá e voltar quando precisava se reencontrar consigo mesma.

O caso do Retiro havia sido concluído. Jenkins estava agora em Broadmoor, encarcerado com outros prisioneiros considerados doentes mentais perigosos. Archie e quem mais havia se envolvido nos malfeitos de Jenkins no Retiro também estavam presos em instituições onde poderiam encontrar alguma medida de compaixão e consolo. Eles não ficariam presos por tempo indeterminado – “para o prazer de Sua Majestade” –, mas seriam soltos dentro do prazo especificado. Os outros hóspedes haviam retornado para o seio de suas famílias ou para suas vidas solitárias, alguns tendo encontrado uma compreensão renovada.

Billy Beale descobriu que não era afeito a muita exposição, que lidar com seus afazeres rotineiros já o satisfazia, mas, se alguém precisasse de ajuda, então ele seria a pessoa certa para isso.

– É claro, a patroa não se importa em receber uma atençãozinha a mais quando vai até aquele pão-duro do açougueiro para comprar um belo pedaço de cordeiro, e isso até pintou no seu rosto um pequeno sorriso. Mas eu... eu não sei. Não sou do tipo que gosta de ser reconhecido na rua.

Maisie sorriu para Billy, que todo dia lhe contava sobre algum encontro na rua, que costumava resultar do fato de ele ser o herói dos episódios ocorridos no Retiro. Ele estava supervisionando a instalação do mobiliário do novo escritório de Maisie, pois ela acabara de se mudar para uma sala maior no primeiro andar de um prédio imponente na Fitzroy Square, quase na esquina do prédio da Warren Street. Por fim, rendendo-se aos insistentes apelos de lady Rowan, Maisie agora moraria em seus próprios aposentos na casa de Belgravia.

– Veja bem, minha querida, Julian e eu decidimos passar nossa velhice em Chelstone. É claro que viremos para a temporada e para irmos ao teatro e coisas assim. Mas é tão mais tranquilo em Kent, não acha?

– Bem, lady Rowan...

– Ah, não, suponho que para você não tenha sido nada tranquilo, não é mesmo? – Lady Rowan riu e continuou: – Afinal, agora que James irá para o Canadá e cuidará dos negócios de novo, graças aos céus, a casa estará vazia. Ficaremos com uma equipe mínima aqui, evidentemente. Maisie, devo insistir que você tome posse dos aposentos do terceiro andar. Na verdade, preciso que você faça isso.

Maisie acabou concordando. Apesar de os negócios estarem progredindo a um ritmo respeitável, Billy agora trabalhava para ela, e o dinheiro que ela economizaria ajudaria a pagar seu salário.

Como era hábito de Maurice na conclusão de seus serviços, Maisie visitara os lugares de maior significância para o caso do Retiro. Durante seu aprendizado, ela entendera a importância dos rituais, não apenas para garantir a integridade das anotações que seriam salvaguardadas como referência, mas para aquilo que Maurice chamava de “acerto de contas

pessoal”, o que lhe permitiria trabalhar com energia renovada na investigação seguinte.

Maisie andara mais uma vez pela Mecklenburg Square, apesar de não ter planejado um encontro com Celia Davenham. Ela recebera uma carta de Celia depois que os episódios no Retiro foram parar nas manchetes. Celia não se referiu à inconsistência do sobrenome que Maisie havia lhe informado, mas, em vez disso, agradeceu por ter contribuído para que a memória de Vincent descansasse em paz.

Ela tomou chá na Fortnum & Mason. No cemitério de Nether Green, colocou margaridas frescas nos túmulos de Vincent e de seu vizinho Donald, parando para conversar com o coveiro, cujo filho jazia num local que se podia avistar de dentro dos trens em movimento.

Maisie dirigiu para Kent no começo de setembro, quando a fragrância pungente do lúpulo desidratado ainda pairava no ar quente como o de um verão indiano. Ela passou por carretas e ônibus levando famílias que voltavam para o East End de Londres depois da peregrinação anual para a colheita do lúpulo e sorriu ao ouvir velhas canções pairando na brisa. Não havia nada como cantar em grupo para fazer uma longa viagem passar mais rápido.

Ela parou o carro ao lado de ameaçadores e pesados portões de ferro e olhou para cima, não para os brotos de flores, mas, dessa vez, para rosas mosquetas vermelho-sangue que ultrapassavam o muro. O Retiro estava fechado. Pesadas correntes presas aos portões e um aviso com a insígnia da Polícia de Kent instruíam os intrusos a manter distância.



Como reviveu suas memórias durante a investigação, as lembranças agora também faziam parte de seu acerto de contas pessoal. Maisie escreveu cartas para Priscilla, que estava morando com o marido e os três filhos no sul da França – cada menino recebera o nome do meio de um tio que nunca conheceria. Escreveu também para o famoso cirurgião Charles Hayden e sua família, e para Iris, que morava em Devon com a mãe. Como muitas

jovens mulheres que atingiram a maioridade entre 1914 e 1918, Iris não tinha marido, pois seu amado morrera na guerra. As cartas de Maisie não mencionavam a história do Retiro, apenas contavam aos destinatários que ela pensava neles com frequência, e que estava bem.

Naquele momento, enquanto Maisie estava de pé nos jardins da casa imponente, olhando na direção do rio e refletindo mais uma vez sobre tudo o que havia acontecido em tão pouco tempo, ela soube que, para que o futuro se estendesse diante dela, teria que encarar o passado.

E estava pronta.

A conversa que Billy estimulara havia desfeito um nó em seu passado, um que a havia amarrado à guerra na França mais de dez anos antes.

Sim, estava na hora. Estava mais do que na hora.



– Srta. Dobbs, não é mesmo?

A mulher na recepção sorriu para Maisie, seu batom vermelho realçando um largo sorriso que acolhia a entrada dos visitantes na casa. Ela riscou o nome de Maisie da lista dos convidados aguardados e inclinou-se para a frente, apontando com a caneta.

– Siga pelo corredor à esquerda, logo ali, e depois desça até o escritório das enfermeiras, à direita. Não tem como errar. Elas estão esperando. A enfermeira desta ala vai atendê-la.

– Obrigada.

Maisie seguiu as orientações, caminhando devagar. Enormes arranjos florais de cada lado do corredor de mármore exalavam uma fragrância que a acalmou, assim como a visão da água a tranquilizara antes que entrasse ali. Sim, ela estava satisfeita por ter tomado essa decisão. Por algum motivo, já não era mais tão difícil. Ela se sentia mais forte. A parte final de sua cura se aproximava.

Ela bateu à porta do escritório das enfermeiras, ligeiramente entreaberta, e olhou ali dentro.

– Sou Maisie Dobbs, visitando...

A enfermeira da ala andou até ela.

– Sim. Bom dia. É ótimo receber uma visita. Não temos muitas por aqui.

– É mesmo?

– É difícil para as famílias. Mas a senhorita ficaria surpresa com a diferença que isso faz.

– Sim. Fui enfermeira.

A enfermeira da ala sorriu.

– Sim. Eu sei. A mãe dele nos contou que a senhorita viria. Estava muito contente. Muito alegre com isso. Contou para todas nós... Bem, deixe para lá. Venha comigo. Está fazendo um dia lindo, não?

– Onde ele está?

– No solário. É encantador e bastante aquecido. O sol bate ali. Eles adoram o solário.

A enfermeira a conduziu pelo corredor, virou de novo à esquerda e abriu uma porta que dava em uma grande extensão de vidro, anexa ao prédio principal. Era uma sala enorme, repleta de plantas exóticas e árvores. A mulher não havia parado de falar desde que elas tinham saído do escritório. *Fazem isso para deixar os novos visitantes confortáveis*, pensou Maisie.

– Originalmente, esta parte foi chamada de jardins de inverno e foi construída pelo proprietário para que as senhoras da casa pudessem dar uma volta durante a estação sem precisarem sair no frio. Dá para fazer uma boa caminhada por aqui. É um pouco grande demais para ser chamado de solário, suponho. Mas é como chamamos agora.

Ela gesticulou para Maisie mais uma vez.

– Por aqui, perto da fonte. Adora a água, ele adora...

A enfermeira apontou para uma janela aberta.

– Apesar de ser aquecido, nunca é quente demais, se a senhorita entende o que quero dizer. Abrimos as janelas para deixar entrar a brisa no verão, e ainda parece que estamos no verão, não é mesmo? Ah. Aqui está ele.

Maisie olhou na direção da mão estendida para o homem numa cadeira de rodas de costas para as duas. Ele estava fitando a fonte, a cabeça inclinada para o lado. A enfermeira andou até o homem, postou-se diante dele e

curvou-se para falar. Ao fazer isso, tocou com suavidade em sua mão. Maisie permaneceu imóvel.

– Capitão Lynch, o senhor tem uma visita. Uma senhora muito bonita está aqui para vê-lo.

O homem não se mexeu. Continuou encarando a fonte. A enfermeira sorriu para ele, ajeitou a manta que cobria seus joelhos, então abriu um largo sorriso para Maisie antes de se juntar a ela.

– Gostaria que eu ficasse aqui por mais alguns instantes?

– Não, não. Ficarei bem. – Maisie mordeu o lábio.

– Certo. Daqui a mais ou menos vinte minutos? Voltarei para buscá-la. Nunca se deve tentar encontrar sozinho a saída da selva!

– Obrigada, enfermeira.

A mulher aquiesceu, consultou a hora no relógio preso ao seu avental e atravessou o caminho de tijolos coberto por galhos. Maisie aproximou-se de Simon e se sentou diante dele, na mureta baixa que cercava a fonte. Ela ergueu o olhar para o homem que amara tão profundamente, com toda a intensidade de um primeiro amor, um amor forjado no ardor desesperado dos tempos de guerra. Maisie olhou para o rosto que ela não via desde 1917 e que havia mudado tanto.

– Olá, meu amor – disse Maisie.

Não houve resposta. Os olhos fitaram um lugar distante, muito além de Maisie, um lugar que apenas ele podia ver. O rosto estava assustado, o cabelo crescia num chumaço grisalho ao lado de cicatrizes arroxeadas que corriam até o alto de sua cabeça.

Maisie pôs a mão no rosto dele e, passando os dedos pelas linhas salientes, se perguntou como o impacto dos ferimentos poderia ter sido tão diferente. Como cicatrizes tão parecidas do lado de fora podiam esconder uma ferida muito mais profunda. Em comparação, seus próprios ferimentos decorrentes da mesma explosão haviam sido superficiais. E, no entanto, os danos sofridos por Simon o libertaram de toda a sensação da ferida mais profunda: um coração partido.

Simon ainda não se mexera. Ela tomou as mãos dele nas suas e começou a falar:

– Desculpe-me, meu amor. Desculpe-me por não ter vindo até você, eu estava com tanto medo. Com tanto medo de não me lembrar de você quando estávamos juntos, quando você era...

Ela esfregou as mãos dele. Estavam quentes ao toque, tão quentes que conseguiu sentir o frio das suas.

– A princípio, as pessoas me perguntaram por que eu não vinha, e eu disse que não me sentia bem o suficiente para vê-lo. Então, a cada mês, a cada ano que passou, era como se a memória que eu tinha de você... de nós... da explosão... estivesse revestida por um delicado papel de seda.

Maisie mordeu o lábio, sem parar de pressionar as mãos inertes de Simon enquanto confessava.

– Eu sentia como se estivesse olhando para meu próprio passado por uma janela, e em vez de se tornar nítida, minha visão ficava cada vez mais nebulosa, até que o tempo acabou passando. O tempo para eu vir até aqui havia passado.

Respirando fundo, Maisie fechou os olhos e organizou os pensamentos, e então continuou, a voz menos tensa à medida que aliviava o peso das palavras que antes calara.

– Papai, lady Rowan, Priscilla... todos pararam de perguntar depois de um tempo. Eu os mantive a distância. Todos, menos Maurice. Maurice vê através de tudo. Ele dizia que, mesmo que as pessoas não pudessem ver minha armadura de papel de seda, elas poderiam senti-la, e não tornariam a fazer perguntas. Mas ele sabia, Maurice sabia, que um dia eu teria que vir. Ele dizia que, quanto mais a verdade é reprimida, mais poderosa se torna, e que com frequência basta uma pequena rachadura para derrubar um muro. E foi o que aconteceu, Simon. O muro que construí ruiu. E estou tão envergonhada de ter sido incapaz de encarar a verdade do que aconteceu com você.

Simon continuava sentado em sua cadeira de rodas, as mãos imóveis, apesar de sua pele ter enrubescido.

– Simon, meu amor. Eu nunca lhe dei minha resposta. Eu sabia que algo terrível aconteceria. Eu não podia lhe prometer casamento, um futuro,

quando não conseguia enxergar um. Perdoe-me, querido Simon, perdoe-me.

Maisie olhou ao redor, tentando ver o que Simon estava focalizando, e se surpreendeu ao perceber que era a janela, na qual os dois estavam refletidos, juntos. Ela, vestindo seu tailleur azul e um chapéu cloche da mesma cor, o cabelo preso num coque na nuca. Algumas mechas, sempre as mesmas mechas pretas, haviam se soltado e caído em volta de seu rosto. Ela mal conseguia ver os ferimentos na face da imagem refletida. O vidro estava pregando peças, mostrando-lhe o velho Simon, o jovem médico por quem ela se apaixonara tanto tempo antes.

Maisie se virou para fitar Simon mais uma vez. No canto de sua boca, um pouco de saliva escorria até o queixo. De sua bolsa, ela retirou um lenço de linho limpo, enxugou o líquido e ficou segurando a mão dele, em silêncio, até a enfermeira voltar.

– Então, como estamos? – Ela se inclinou para a frente para verificar Simon e depois se virou, sorrindo para Maisie. – E quanto à senhorita? – perguntou ela.

– Bem. Sim, estou bem. – Ela engoliu em seco e retribuiu o sorriso da enfermeira.

– Muito bem. Aposto que a senhorita lhe fez um bem enorme. – A enfermeira olhou de novo para Simon e deu um tapinha na mão dele. – Não é mesmo, capitão Lynch? Um bem poderoso!

Simon permaneceu completamente imóvel.

– Permita-me conduzi-la para fora deste labirinto, Srta. Dobbs.

Enquanto ia embora, Maisie se deteve e olhou para trás na direção de Simon e, depois, para o reflexo na vidraça. Ali estava ele. Para sempre o jovem, o galante Simon Lynch que havia roubado seu coração.



– A senhorita voltará?

Elas haviam chegado à porta principal da casa. Uma casa imponente que agora era o lar de homens ancorados no tempo em função da Grande

Guerra, homens aprisionados nas cavernas de suas próprias mentes, de forma irreversível.

– Sim. Sim. Eu voltarei. Obrigada.

– Muito bem. Basta nos avisar. O capitão Lynch adora uma visita.



Maisie dirigiu de volta para Londres, acenando para Jack Barker quando freou o MG na esquina da Warren Street, antes de parar em seu novo escritório na Fitzroy Square. Estacionou o carro na frente do prédio e ficou observando Billy prender com preguinhos a nova placa de latão com a identificação dela e dar um passo para trás para avaliar se a posição estava correta antes de fixá-la com parafusos. Ele esfregou o queixo e deslocou a placa ainda duas vezes. Por fim, assentiu, satisfeito por ter encontrado o lugar exato para o nome dela, um lugar que permitiria aos visitantes saber que M. DOBBS, PSICÓLOGA e INVESTIGADORA, estava disponível para negócios.

Maisie continuou a assistir ao trabalho de Billy, que poliu o latão até obter um brilho resplandecente. Então ele ergueu o olhar e viu Maisie no carro. Acenou e, limpando as mãos num pano, desceu os degraus e abriu a porta do carro para que ela saísse.

– É melhor ir andando, senhorita.

– Por quê? O que aconteceu?

– Aquele detetive-inspetor Stratton, da Scotland Yard, o camarada da Brigada de Homicídios. Já telefonou quatro vezes. Urgente, parece. Precisa fazer uma “conferência” com a senhorita sobre um caso.

– Minha nossa! – exclamou Maisie, pegando a velha pasta preta do assento do passageiro.

– Pois é. Que tal essa? É melhor nos apressarmos, não é mesmo, senhorita?

Maisie ergueu uma sobrancelha e foi andando com Billy até a porta. Ela correu os dedos pelo nome gravado na placa de latão e se virou para o novo assistente.

Estava na hora de trabalhar.

– Então, Billy... Vamos continuar!

AGRADECIMENTOS



Em primeiro lugar, devo minha gratidão a Holly Rose, amiga e companheira de escrita, que leu os primeiros esboços de *Maisie Dobbs* e me estimulou a seguir em frente. Adair Lara, meu mentor, foi o primeiro a sugerir que eu considerasse me dedicar à ficção e, mais tarde, depois de meu *acidente horribilis*, quando *Maisie Dobbs* mal estava pela metade, insistiu que o período de recuperação seria o ideal para terminar o livro – não obstante o meu braço quebrado.

Tenho sido muito abençoada graças à associação com Amy Rennert e Randi Murray, da Amy Rennert Agency, por seus sábios conselhos, pelo maravilhoso bom humor, pelo trabalho dedicado e, principalmente, por sua crença entusiasmada em *Maisie Dobbs*. Sou também abençoada por ter como editora Laura Hruska, cujas virtudes fazem dela uma das melhores profissionais na área e incluem, acredito, poderes sensitivos que lhe permitem ler minha mente.

Minha avó, Dorothy Lindqvist, me levou pela primeira vez ao Museu Imperial de Guerra de Londres quando eu era menina, uma experiência que me propiciou uma nova compreensão das histórias que meu avô contava sobre a Grande Guerra. Agora, anos depois, devo muitos agradecimentos ao museu, por seus incríveis recursos, e à equipe tão solícita no decorrer da minha pesquisa.

As seguintes pessoas responderam gentilmente a e-mails e consultas

telefônicas, fornecendo-me informações pormenorizadas que deram cor e textura à vida e às experiências de Maisie Dobbs: Kate Perry, arquivista sênior da Girton College; Sarah Manser, diretora de imprensa e relações públicas do The Ritz, Londres; Barbara Griffiths, do BT Group Archives, Londres; John Day, presidente do MG Car Club Vintage Register; e Alison Driver, do Departamento de Imprensa e Relações Públicas da Fortnum & Mason, Londres. Por sua perspicácia mordaz e sua obstinada habilidade investigativa, devo eterna gratidão a Victor – que sabe muito bem quem ele é.

No nível pessoal, meus agradecimentos vão para meus pais, Albert e Joyce Winspear, por suas vastas memórias da “velha Londres” e por suas lembranças das experiências do meu avô no pós-guerra; para meu irmão, John, por todo o estímulo; para minha amiga Kas Salazar, que constantemente me lembra de minhas prioridades criativas; e por último, mas sem dúvida não menos importante, para meu marido e maior torcedor, John Morell, por seu apoio infalível e por dividir nosso lar com uma mulher chamada Maisie Dobbs.

NOTA DA AUTORA



Parece que foi ontem que uma mulher chamada Maisie Dobbs entrou em minha vida – isso resume mais ou menos o que aconteceu quando eu estava a caminho do trabalho, parada no trânsito durante uma típica tempestade californiana. O céu estava desabando! Fiquei parada no sinal com um mar de lanternas traseiras à minha frente, e era como se nós, que nos deslocávamos para o trabalho, estivéssemos fadados a permanecer ali por dias. Numa situação dessas, não adianta se preocupar – o melhor é esperar passar. Olhei os outros motoristas ao meu redor e comecei a pensar em outras coisas – sim, acho que eu poderia dizer que “sonhei acordada”. Foi então, em minha imaginação, que vi uma jovem mulher com trajes do fim dos anos 1920. Ela vestia um chapéu cloche e carregava uma pasta surrada. Eu a vi subir à tona das profundezas da estação de metrô da Warren Street, em Londres – em meus devaneios, em vez de uma escada de aço, ela ascendia por uma velha e ruidosa escada de madeira. Passava pela catraca – sem que houvesse uma barreira onde inserir o bilhete automático –, parava para falar com o jornaleiro do lado de fora, depois seguia seu caminho pela Warren Street, onde parava em uma casa, pegava um envelope com duas chaves e subia os degraus até o corredor iluminado a gás. O nome dela era Maisie Dobbs. Era uma psicóloga e investigadora e, em certo período do passado, havia sido enfermeira nos campos de batalha da França durante a Primeira Guerra Mundial. E, como os leitores mais tarde acabariam

descobrimos, carregava traumas como qualquer homem que lutara na guerra.

Um alarido de buzinas interrompeu meus devaneios – o trânsito começara a fluir e eu estava segurando uma fileira de carros! No entanto, não pude parar de pensar nessa Maisie Dobbs e, quando cheguei ao trabalho, praticamente já tinha a história toda na cabeça. Mal podia esperar para chegar em casa aquela noite e, assim que entrei no meu apartamento, comecei a escrever – de fato, naquela noite, escrevi o que se tornou o primeiro capítulo de *Maisie Dobbs*, meu primeiro romance. Na verdade, era o primeiro livro de ficção que eu já havia escrito como adulta, pois, até então, eu fora escritora de não ficção no tempo livre.

Desde que *Maisie Dobbs* foi publicado, em 2003, pela Soho Press, diversos outros romances com Maisie Dobbs, Billy Beale, Rowan Compton, Priscilla Evernden e outras personagens da série tomaram as livrarias. Eu estava de queixo caído com a recepção por parte dos críticos e dos júris de prêmios. Mas, acima de tudo, foram as cartas dos leitores que me comoveram, lembrando-me do lugar especial que as histórias ocupam em nossas vidas.

Uma das primeiras cartas que recebi foi de uma senhora de 94 anos. Ela explicava que seu pai retornara da França em 1918 bastante mudado, e acabou tirando a própria vida quando ela tinha 11 anos – a perda do pai a atormentara desde então. Ela continuava a carta dizendo que ler *Maisie Dobbs* e *O caso das penas brancas* lhe haviam trazido paz, que ela enfim entendeu o que o pai podia ter passado e que os horrores da guerra deviam ter permanecido dentro dele com tamanha intensidade que ele não suportou viver por mais tempo, apesar de ser marido e pai. Chorei ao ler essa carta.

Outros leitores, muitos deles veteranos ou familiares de veteranos de guerras mais recentes, relataram experiências parecidas, e consigo apenas imaginar que a leitura de uma série de romances nos quais as raízes de cada história se fixam num tempo tumultuoso de conflito pode proporcionar diálogos e talvez até mesmo um meio de compreensão – de fato, os seres humanos têm tentado entender o sentido de suas vidas por meio das histórias desde que mitos e lendas eram transmitidos de geração em geração, ao redor de uma fogueira ao pôr do sol. Soube de pessoas que leram o livro

em família, o que atiçou a curiosidade sobre a história de avós e bisavós que pudessem ter participado da Grande Guerra, e sei que os livros foram adotados em faculdades. Mas há também os leitores que se entretêm acompanhando um grupo de personagens para saber o que acontecerá em seguida. Pude encontrar muitos de vocês ao longo dos anos, desde que *Maisie Dobbs* foi publicado – o que é um privilégio.

É sempre ótimo revisitar a série e, uma vez mais, me lembrar de como fui afortunada por ter ficado parada no trânsito num dia chuvoso na Califórnia, quando fui transportada para um lugar e um tempo distintos e uma mulher chamada Maisie Dobbs entrou na minha vida.

LEIA AGORA UM TRECHO DO
SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE MAISIE DOBBS

O CASO DAS PENAS BRANCAS



Maisie Dobbs reordenou e empilhou os papéis em sua mesa e os guardou dentro de uma pasta de papel manilha. Pegou uma caneta-tinteiro W.H. Smith com um padrão verde marmorizado e escreveu na capa o nome de seus novos clientes: Sr. e Sra. Herbert Johnson. Eles estavam preocupados, suspeitando que a noiva do filho talvez tivesse mentido sobre seu passado. Era o tipo de caso fácil de administrar, que lhe renderia boas referências e poderia ser concluído com a apresentação de um relatório acompanhado da nota pelos seus serviços. Para Maisie, no entanto, as anotações sobre o caso só poderiam ser arquivadas quando aqueles cujas vidas seriam influenciadas pela investigação estivessem de certa forma em paz com relação às suas descobertas, consigo mesmos e uns com os outros – quando possível. Enquanto escrevia, uma mecha de cabelo preto-azeviche caiu sobre seus olhos. Com um suspiro, ela logo a prendeu no coque baixo, na altura da nuca. Mas de repente Maisie limpou a tinta da caneta no mata-borrão, puxou a mecha de cabelo rebelde para que se soltasse novamente e foi até o grande espelho pendurado na parede, acima da lareira. Ela soltou o

cabelo longo e o enfiou por dentro da gola da blusa de seda branca, deixando para fora apenas uns poucos centímetros abaixo da linha do queixo. Será que ela ficaria bem com o cabelo mais curto?

– Talvez lady Rowan tenha razão – disse Maisie para seu reflexo no espelho. – Talvez um corte mais curto fique mesmo melhor.

Ela se virou de um lado para outro diversas vezes e levantou um pouco o cabelo. Se ele fosse mais curto, ela não perderia tantos minutos de seu precioso tempo toda manhã, e as mechas não ficariam se desprendendo do coque e caindo em seus olhos. Mas algo a conteve. Ela levantou o cabelo e virou a cabeça. A cicatriz ficaria visível? Será que o novo caimento revelaria a marca arroxeadada que formava uma linha a partir de seu pescoço e seguia até a parte sensível de seu couro cabeludo? Com o cabelo cortado, ao se debruçar sobre as anotações, ela deixaria, sem querer, que um cliente visse o estrago infligido pelo projétil alemão que explodira no posto de tratamento de feridos em que trabalhara na França, em 1917?

Olhando a sala refletida no espelho, Maisie considerou quanto havia progredido – não só em relação ao escritório lúgubre e sombrio na Warren Street, tudo com que conseguira arcar apenas um ano antes, mas também em relação ao seu primeiro encontro com Maurice Blanche, seu mentor e professor, quando ela era uma criada na casa de lorde Julian Compton e sua esposa, lady Rowan. Maurice e lady Rowan tinham notado a inteligência de Maisie e assegurado que ela tivesse todas as oportunidades para realizar o desejo de se educar. Eles possibilitaram que a antiga empregada fosse aceita na Girton College, em Cambridge.

Maisie fez depressa outro coque e, enquanto torcia o cabelo, olhou de relance pela janela que ocupava a altura da parede e que dava vista para a Fitzroy Square. Seu assistente, Billy Beale, havia acabado de virar a esquina da praça e estava atravessando o pavimento cinzento e molhado pela chuva em direção ao escritório. Sua cicatriz começou a pulsar. Ao observar Billy, Maisie se pôs a imitar sua postura. Ela se aproximou da janela com os ombros caídos, as mãos enfiadas em bolsos imaginários, e reproduziu a dificuldade de locomoção dele, resultante de seus recalcitrantes ferimentos de guerra. Sua disposição começou a mudar e ela percebeu que a

inquietação ocasional que sentira em Billy semanas antes era agora uma constante na vida dele.

Quando ela olhou para baixo pelo que antes costumava ser a janela da sala de estar da construção georgiana, ele puxou o punho da manga de seu sobretudo até a palma da mão e começou a polir o latão da placa de identificação que informava aos visitantes que o escritório de “M. Dobbs, Psicóloga e Investigadora” situava-se ali. Satisfeito, Billy se aprumou, jogou os ombros para trás, endireitou a coluna, correu os dedos pelo desganhado tufo de cabelo cor de trigo e sacou do bolso a chave da porta principal. Maisie o viu corrigir a postura. *Você não me engana, Billy Beale*, disse a si mesma. A porta da frente fechou com um baque surdo e as escadas rangeram quando Billy subiu ao escritório.

– Bom dia. Trouxe os registros que a senhorita queria. – Billy colocou um envelope marrom sobre a mesa de Maisie. – Ah, e tem outra coisa, eu comprei um *Daily Express* para que possa dar uma olhada. – Ele tirou o jornal do bolso interno de seu sobretudo. – Aquela mulher que foi encontrada morta na própria casa há uma ou duas semanas lá no Surrey, lembra? Em Coulsden... Bem, há mais detalhes aqui sobre quem ela era e o estado em que estava quando foi encontrada.

– Obrigada, Billy – disse Maisie, pegando o jornal.

– Ela tinha a sua idade, senhorita. Terrível, não é mesmo?

– Realmente, terrível.

– Fico me perguntando se nosso amigo... bem, seu amigo, na verdade... se o detetive-inspetor Stratton está envolvido no caso.

– É bem provável. Como o assassinato ocorreu fora de Londres, é um caso para a Brigada de Homicídios.

Billy parecia pensativo.

– É engraçado dizer que alguém trabalha na Brigada de Homicídios, não é? Não parece exatamente um nome caloroso...

Maisie passou os olhos pela matéria.

– Ah, isso é uma invenção dos jornais para vender mais. Acho que começaram a usar esse nome quando o caso Crippen se tornou uma grande notícia. Costumava se chamar Brigada de Reforço, mas isso não soava

suficientemente ameaçador. E Departamento de Investigação Criminal é muito longo. – Maisie olhou para Billy. – Aliás, Billy, por que você disse que ele é meu amigo, hein?

– Ah, por nada, senhorita. É só que...

Billy foi interrompido pelo toque do telefone preto que ficava sobre a mesa de Maisie. Ele franziu a testa e o tirou do gancho.

– Fitzroy 5.600. Boa tarde, detetive-inspetor Stratton. Sim, ela está aqui. Vou passar para ela. – Ele abriu um largo sorriso, cobrindo o bocal com a palma da mão, enquanto Maisie, corando um pouco, estendeu a mão para pegá-lo.

– Bem, senhorita, o que era mesmo que aquele Dr. Blanche costumava dizer sobre a coincidência ser uma... como era? Ah, sim, uma mensageira da verdade?

– Já basta, Billy. – Maisie pegou o fone e acenou para que ele saísse dali. – Inspetor Stratton, é um prazer falar com o senhor. Imagino que esteja ocupado com o caso do assassinato em Coulsden.

– E como sabia disso, Srta. Dobbs? Não, não me diga. Provavelmente é melhor que eu não saiba.

Maisie riu.

– A que devo esta ligação, inspetor?

– O motivo é puramente social, Srta. Dobbs. Pensei em perguntar se gostaria de jantar comigo.

Maisie hesitou, deu batidinhas com a caneta na mesa e respondeu:

– Obrigada pelo convite, inspetor Stratton. É muito gentil de sua parte... mas talvez pudéssemos almoçar juntos, em vez disso.

Houve uma pausa.

– É claro, Srta. Dobbs. Estará livre na sexta-feira?

– Sim, na sexta-feira seria excelente.

– Ótimo. Vou encontrá-la em seu escritório ao meio-dia, e de lá podemos ir ao Bertorelli.

Maisie hesitou.

– Talvez eu possa encontrá-lo *no* Bertorelli? Ao meio-dia?

De novo, a linha ficou muda. *Por que isso tem que ser tão difícil?*, pensou

Maisie.

– Claro. Sexta-feira, ao meio-dia, no Bertorelli.

– Combinado. Até logo.

Ela colocou de novo o telefone no gancho, refletindo.

– Aqui está uma bela xícara para a senhorita. – Billy depositou a bandeja sobre a própria mesa, serviu para Maisie leite e chá em uma grande xícara esmaltada e a pôs diante dela.

– Espero que não se incomode com a pergunta, senhorita... e sei que não é da minha conta... mas por que não aceitou o convite para jantar? Quer dizer, não há nada de mau ser convidada para um jantar, certo?

– Um jantar e um almoço são duas coisas totalmente diferentes, e sair para almoçar com um cavalheiro definitivamente não é o mesmo que sair para jantar.

– Em primeiro lugar, enche-se mais a barriga num jantar...

Billy foi interrompido pela campainha. Quando ele se aproximou da janela para ver quem era, Maisie o observou friccionar a coxa e se contrair. O ferimento de guerra, sofrido quase treze anos antes, durante a Batalha de Messines em 1917, voltava a incomodá-lo. Billy saiu para atender à porta e Maisie o ouviu enfrentar os degraus com dificuldade ao descer até a entrada da frente.

– Mensagem para M. Dobbs. Urgente. Assine aqui, por favor.

– Obrigado, parceiro.

Depois de acusar o recebimento do envelope, ele pôs a mão no bolso para pegar algum trocado para o mensageiro. Fechou a porta e suspirou antes de subir as escadas de novo. Ao voltar para o escritório, entregou o envelope para Maisie.

– Essa perna anda incomodando você? – perguntou ela.

– Só um pouco mais do que de costume. Já não sou mais tão jovem.

– Você alguma vez voltou ao médico?

– Não nos últimos tempos. Não há muito que ele possa fazer, não é? Sou um homem de sorte. Tenho um belo trabalho quando há por aí centenas e centenas de camaradas fazendo fila para arrumar serviço. Eu não posso ficar sentindo pena de mim mesmo, posso?

– Somos afortunados, Billy. Parece que agora há mais trabalho para nós, com todas essas pessoas desaparecendo depois de terem perdido seu dinheiro e outras fazendo coisas ruins. – Ela virou o envelope nas mãos. – Ora, ora, ora...

– O que é isso, senhorita?

– Você notou o endereço do remetente no envelope? Esta carta é de Joseph Waite.

– Está querendo dizer o Joseph Waite? O milionário Joseph Waite? O que chamam de Açougueiro dos Banqueiros?

– Ele está solicitando que eu vá à sua residência... “o quanto antes”, diz aqui... para receber instruções para uma investigação.

– Acho que ele está acostumado a mandar nas pessoas e a conseguir as coisas do jeito dele. – Billy foi interrompido mais uma vez pelo toque do telefone. – Deus, senhorita, lá vem o telefone de novo!

Maisie pegou o fone.

– Fitzroy 5.600.

– Eu poderia falar com a Srta. Maisie Dobbs, por gentileza?

– Sou eu. Como posso ajudá-la?

– Aqui quem fala é a Srta. Arthur, secretária de Joseph Waite. O Sr. Waite a aguarda.

– Bom dia, Srta. Arthur. Acabei de receber sua carta pelo mensageiro pessoal.

– Ótimo. Poderia vir hoje às três? O Sr. Waite se encontrará com a senhorita por meia hora.

A voz da mulher vacilou ligeiramente. Será que a Srta. Arthur se sentia tão intimidada assim por seu empregador?

– Certo, Srta. Arthur. Meu assistente e eu chegaremos às três. Poderia me informar a localização, por gentileza?

– Sim, o endereço é o seguinte... A senhorita conhece Dulwich?



– Estou pronto, senhorita.

Maisie olhou o relógio de prata de enfermagem preso ao casaco à maneira de um broche. Ele havia sido um presente de lady Rowan quando Maisie deixara a Girton College para se tornar enfermeira do Destacamento de Ajuda Voluntária no Hospital de Londres durante a Grande Guerra. A partir do momento em que ela o prendera a seu uniforme, o relógio nunca havia errado a hora, prestando-lhe um bom serviço durante o tempo em que cuidara de homens feridos no posto avançado de tratamento na França e de novo ao retornar à Inglaterra, quando atendeu pacientes com trauma de guerra. Desde que Maisie concluísse seus estudos na Girton e passara a trabalhar como assistente de Maurice Blanche, o relógio muitas vezes estivera sincronizado com o relógio de bolso dele. E lhe serviria por mais alguns anos ainda.

– É só o tempo de eu terminar mais uma pequena tarefa, Billy, e logo partiremos. É a primeira semana do mês, e preciso fazer umas contas.

Maisie pegou uma chave em sua bolsa, abriu a gaveta do meio das que ficavam no lado direito da mesa ampla e tirou lá de dentro um pequeno livro-razão entre seis outros cadernos de capa dura. O livro-razão estava identificado como “CARRO”.

Maisie tinha recebido o direito de uso do MG 14/40, um carro esporte de dois lugares que pertencera a lady Rowan. Devido a uma dor recorrente no quadril causada por um acidente de caça, ela tinha dificuldade para dirigir e insistira que Maisie pegasse o carro emprestado sempre que quisesse. Depois de ter usado o veículo com frequência durante alguns meses, Maisie se ofereceu para comprá-lo. Lady Rowan gracejou, dizendo que essa devia ser a única transação comercial envolvendo um carro na qual o comprador insistia em pagar um valor maior do que o preço que o proprietário havia estipulado. Uma pequena porcentagem de juros foi adicionada por insistência de Maisie. Pegando a caneta, ela tirou seu talão de cheques da mesma gaveta e fez um cheque nominal a lady Rowan Compton. A quantia paga foi inscrita numa coluna do livro-razão, e o novo saldo devedor foi sublinhado em vermelho.

– Muito bem, Billy, acabei. Tudo certo?

– Sim, senhorita. Os mapas do caso estão em minha mesa, trancados. O

arquivo com as fichas está trancado. O chá está trancado.

– Billy!

– É brincadeira, senhorita! – Billy abriu a porta para Maisie e eles deixaram o escritório, assegurando-se de trancá-la ao sair.

Maisie olhou para o céu carregado.

– Parece que vai chover de novo, não é?

– Parece que sim. É melhor irmos logo e torcer para o tempo abrir.

O carro estava estacionado no fim da Fitzroy Street, um vermelho-escuro resplandecente contra a tarde cinzenta de abril.

Billy segurou a porta para ela e levantou o capô para ligar a bomba do combustível, fechando-a outra vez com um ruído que fez Maisie estremecer. Quando ele estava inclinado sobre o motor, Maisie observou as manchas cinzentas abaixo de seus olhos. Fazer troça era a artimanha de Billy para negar a dor. Ele ergueu o dedão em um sinal positivo e Maisie ligou a ignição, acelerou e puxou o afogador antes de pressionar o botão de partida no chão do automóvel. O motor ganhou vida. Billy abriu a porta do passageiro e tomou seu assento ao lado dela.

– Lá vamos nós. Tem certeza de que sabe o caminho?

– Sim, conheço Dulwich. A viagem não deve levar mais do que uma hora, dependendo do trânsito. – Maisie passou a marcha e, com cautela, entrou na Warren Street. – Vamos repassar o que já sabemos sobre Waite. O fato de Maurice ter fichas de arquivo sobre ele já é bem intrigante.

– Bom, de acordo com esta primeira, o Dr. Blanche o procurou para pedir dinheiro para uma clínica. Do que isso se trata? – Billy olhou de relance para Maisie e depois encarou a estrada. – O céu está começando a desabar.

– Eu sei. O clima londrino é tão incrivelmente previsível que nunca se sabe o que poderá acontecer – observou Maisie ironicamente antes de responder à pergunta de Billy. – Maurice foi médico, Billy, você sabe. Antes de ele se especializar em jurisprudência médica, seus pacientes eram um pouco mais vivos.

– Espero que sim...

– Enfim, anos atrás, muito antes de eu trabalhar na Ebury Place, Maurice envolveu-se num caso que o levou ao East End. Enquanto estava lá para

investigar uma vítima de assassinato, um homem veio correndo em sua direção, gritando por ajuda. Maurice o seguiu até uma casa na vizinhança, onde se deparou com uma mulher com enorme dificuldade para dar à luz seu primeiro filho. Resumindo, ele salvou a vida da mãe e da criança e saiu de lá determinado a fazer algo em relação à falta de tratamento médico para a gente pobre de Londres, principalmente mulheres e crianças. Assim, por um ou dois dias na semana, ele voltou a medicar os vivos, atendendo pacientes no East End e do outro lado da ponte, em Lambeth e Bermondsey.

– E onde entra Waite nessa história?

– Leia a ficha e verá. Acho que foi um pouco antes de eu vir para a Ebury Place, em 1910. Maurice levou lady Rowan em uma de suas rondas. Ela ficou alarmada e determinada a prestar ajuda. Assim, se pôs a engajar todos os seus amigos ricos para que Maurice pudesse ter uma clínica adequada.

– Aposto que eles deram o dinheiro só para que ela largasse do pé deles!

– Ela tem a reputação de conseguir o que quer e de não ter receio de pedir. Acho que seu exemplo inspirou Maurice. É provável que ele tenha conhecido Waite em seu círculo social e simplesmente tenha lhe pedido dinheiro. Ele sabe reconhecer de imediato a disposição de uma pessoa e sabe como usar essa... acho que se pode chamar de “energia”... a seu favor.

– Um pouco como a senhorita?

Maisie não respondeu, apenas sorriu. Tinham sido os notáveis poderes intuitivos dela, somados a um intelecto afiado, que levaram Maurice Blanche a aceitá-la como sua pupila e, mais tarde, como sua assistente no trabalho que ele descrevia como “a ciência forense da pessoa como um todo”.

– Bem, aparentemente o velho Dr. Blanche pediu a Waite 500 libras – prosseguiu Billy.

– Olhe de novo, e você provavelmente descobrirá que 500 libras foram apenas uma de várias contribuições. – Maisie usou as costas da mão para enxugar a condensação acumulada no para-brisa.

– Ah, aqui tem outra coisa – disse Billy, subitamente reclinando-se com os olhos fechados.

– O que foi? – Maisie olhou para seu assistente, cujo rosto agora estava quase verde.

– Não sei se eu deveria ler no carro, senhorita. Fico todo embrulhado.

Maisie parou no acostamento da estrada e mandou Billy abrir a porta do passageiro, colocar os pés no chão e a cabeça entre os joelhos. Ela pegou as fichas e resumiu as anotações sobre Joseph Waite:

– Rico, fez fortuna por seu próprio mérito. Começou a vida como aprendiz de açougueiro em Yorkshire, Harrogate, aos 12 anos. Logo demonstrou tino para os negócios. Ao completar 20 anos, já havia comprado sua primeira loja. Prosperou bastante em dois anos. Começou a vender também frutas e hortaliças, alimentos não perecíveis e produtos finos, todos de boa qualidade e a bons preços. Abriu outra loja, e mais outra. Agora possui várias lojas Waite International Stores em cada cidade e, em povoados da região, a Waite's Fancy Foods, que é menor. Todas têm em comum o serviço de primeira qualidade, entregas em domicílio, bons preços e bons produtos. Além disso, ele faz uma visita-surpresa a pelo menos uma loja por dia.

– Aposto que quem trabalha para ele adora isso.

– Hummm, você tocou num ponto importante. A Srta. Arthur pareceu um coelho assustado quando conversamos ao telefone esta manhã. – Maisie deu um peteleco na ficha que estava segurando. – Agora, isto é interessante... Ele recorreu a Maurice... sim, me lembro bem... para se consultar com ele há cerca de dez anos. Ah, céus...

– O que foi? O que está escrito aí? – perguntou Billy, enxugando a testa com um lenço.

– Isso não combina com Maurice. Está escrito apenas: “Eu não poderia concordar com seu pedido. Comunicação interrompida.”

– Que ótimo... Então em que pé ficamos?

– Bem, ele ainda deve ter Maurice em alta conta para pedir minha ajuda.

– Maisie olhou para Billy, notando sua palidez. – Ah, meu Deus. Seu nariz está sangrando! Rápido, recoste-se e pressione a ponte nasal com este lenço.

– Maisie tirou um lenço limpo e bordado do bolso e o colocou no nariz de Billy.

– Ah, minha nossa, me desculpe. Primeiro eu tenho que me inclinar para

a frente, depois para trás. Eu não sei... Hoje eu estou atrapalhando, não estou?

– Que bobagem, você é de grande ajuda para mim. Como está o nariz?

Billy baixou o olhar para o lenço e pressionou-o de leve.

– Acho que está melhor...

– Então vamos.



Maisie estacionou em frente à entrada principal, que conduzia a uma mansão neogeorgiana de tijolos vermelhos. Ela se erguia majestosa em meio ao jardim planejado que se estendia além do portão de ferro forjado e ornamentado.

– A senhorita acha que alguém virá abrir o portão? – perguntou Billy.

– Tem alguém vindo.

Maisie apontou para um jovem de calça de golfe, paletó xadrez de tweed, camisa de lã e gravata verde-pinheiro. Ele foi logo abrindo um guarda-chuva enquanto corria em direção à entrada e acenou para Maisie ao destrancar os portões. Ela chegou o carro para a frente, parando ao lado do homem.

– Imagino que seja a Srta. Dobbs, para encontrar-se com o Sr. Waite às três horas.

– Sim, sou eu.

– E seu acompanhante é... – O homem se curvou para a frente e observou Billy no assento do carona.

– Meu assistente, o Sr. William Beale.

Billy ainda estava pressionando o nariz contra o lenço de Maisie.

– Certo, senhorita. Estacione diante da porta principal, por favor, e lembre-se de manobrar o carro, para que fique virado de frente para o portão.

Maisie arqueou uma sobrancelha para o homem, que deu de ombros.

– É como o Sr. Waite gosta que seja feito, senhorita.

– Um pouco exigente, se quer saber – comentou Billy enquanto Maisie dirigia até a casa. – Manobre o carro para que fique virado de frente para o

portão! Talvez eu deva andar assim lá dentro, de costas! Fico me perguntando quem ele acha que é!

– Um dos homens mais ricos da Grã-Bretanha, se não da Europa. – Maisie manobrou o carro conforme as instruções. – E, como sabemos, ele precisa de alguma coisa de nós, do contrário não estaríamos aqui. Vamos lá.

Depois de saltarem do carro, eles avançaram a passos largos até a porta principal, onde uma mulher esperava para cumprimentá-los. Tinha cerca de 55 anos, pelos cálculos de Maisie, e usava um vestido liso cinza-ardósia na altura da panturrilha com gola branca estilo Peter Pan. Um camafeu estava alfinetado no centro da gola, e o único adereço que ela trazia era um relógio de pulso de prata com pulseira de couro preto. Seu cabelo grisalho fora puxado para trás com tanta força que esticava suas têmporas. Apesar da aparência austera, quando Maisie e Billy alcançaram o último degrau, ela sorriu calorosamente, seus olhos azul-claros irradiando um brilho acolhedor.

– Venham logo, antes que morram de frio! Que manhã! O Sr. Harris, o mordomo, está doente, terrivelmente resfriado. Sou a Sra. Willis, a governanta. Deixe-me pegar seus casacos.

A Sra. Willis pegou o casaco Mackintosh de Maisie e o sobretudo de Billy e os entregou a uma empregada.

– Pendure-os no secador acima da lareira, na lavanderia. Os convidados do Sr. Waite partirão em... – ela verificou o relógio – ... aproximadamente 35 minutos, portanto deixe os casacos bem secos até lá.

– Muito obrigada, Sra. Willis – disse Maisie.

– Em breve o Sr. Waite se reunirá com os senhores na biblioteca.

Maisie sentiu a atmosfera de tensão que permeava a casa. O ritmo da Sra. Willis era apressado, impelindo-os a avançar. Diante da porta da biblioteca, ao segurar a maçaneta de bronze, ela consultou o relógio. Uma porta se abriu atrás deles e outra mulher juntou-se apressada ao trio.

– Sra. Willis! Sra. Willis, eu assumo a partir daqui. Guiarei os convidados do Sr. Waite à biblioteca – avisou ela, ofegante.

A Sra. Willis franziu a testa, aborrecida, antes de os deixar partir.

– Claro, Srta. Arthur. Por favor, prossiga. – Ela se virou para Maisie e Billy.

– Bom dia – comentou ao se afastar sem olhar de novo para a Srta. Arthur.

Infelizmente, ela foi impedida de fazer uma saída digna, pois a porta se abriu mais uma vez e um homem rechonchudo veio andando a passos largos na direção deles, consultando o relógio ao se aproximar.

– Muito bem, são três horas. É melhor andarmos logo com isso. – Mal olhando para Maisie e Billy, ele avançou depressa em direção à biblioteca.

Billy inclinou-se em direção a Maisie e sussurrou:

– Isto aqui é uma palhaçada!

Ela reagiu com um aceno discreto.

– Sentem-se, sentem-se.

Joseph Waite apontou para duas cadeiras no lado do comprimento de uma mesa retangular de mogno polido e imediatamente se sentou numa cadeira maior, à cabeceira. Por causa da circunferência de sua cintura, ele parecia baixo apesar de ter quase 1,80 metro de altura, e era mais ágil do que se poderia imaginar. De acordo com as anotações de Maurice, Waite havia nascido em 1865, o que significava que tinha 65 anos. Seu terno listrado azul-marinho sem dúvida custara muito caro e fora costurado por um alfaiate da Savile Row. Ele também usava uma camisa branca, gravata de seda cinza-claro, sapatos pretos muito lustrados e meias de seda cinza-claro que Maisie pôde ver ao olhar de relance para o chão. Tudo caro, muito caro. Joseph Waite cheirava a dinheiro novo e ao grande charuto Havana que ele moveu da mão direita para a esquerda a fim de cumprimentar primeiro Maisie, depois Billy.

– Joseph Waite.

Maisie inspirou e abriu a boca para responder, mas foi interrompida.

– Vou direto ao ponto, Srta. Dobbs. Minha filha, Charlotte, desapareceu. Sou um homem ocupado, então direi logo que não quero envolver a polícia, pois nem por um minuto acredito que possa ser um assunto de polícia. Não quero que revirem este lugar de ponta-cabeça enquanto perdem tempo especulando isso ou aquilo e atraindo jornalistas entediados até os meus portões enquanto estiverem por aqui.

Maisie mais uma vez tomou fôlego e abriu a boca para falar, mas Waite ergueu a mão, a palma voltada para ela. Ela notou um grande anel de ouro

em seu mindinho e, enquanto o homem colocava a mão de volta sobre a mesa, Maisie viu que o anel era incrustado de diamantes. Ela olhou furtivamente para Billy, que ergueu uma sobrancelha.

– Não é um assunto para a polícia porque esta não é a primeira vez que ela sai de casa. A senhorita deve encontrá-la e trazê-la de volta antes que comecem os boatos. Um homem na minha posição não pode ter uma filha perambulando por aí e aparecendo nos jornais. Não preciso lhe dizer que estes são tempos difíceis para um comerciante, mas a Waite está se adaptando às novas circunstâncias e vai muito bem, obrigado. E precisa continuar assim. Pois bem. – Waite consultou o relógio mais uma vez. – A senhorita tem vinte minutos do meu tempo, então faça as perguntas que desejar. Não vou esconder nada.

Maisie percebeu que, embora Waite se esforçasse muito para eliminar um forte sotaque de Yorkshire, sua fala revelava aqui e ali um jeito peculiar, diferente do dialeto londrino.

– Gostaria de informações mais detalhadas sobre sua filha. – Maisie pegou as fichas de arquivo em branco que Billy lhe estendeu. – Em primeiro lugar, qual é a idade de Charlotte?

– Trinta e dois. Mais ou menos a sua.

– Sim.

– E com cerca de metade da sua energia!

– Desculpe, pode repetir, Sr. Waite?

– Não vou tentar dissimular meus sentimentos sobre isso. Charlotte é como a mãe. Um lírio fenecido, é assim que a chamo. Um bom dia de trabalho não lhe faria nenhum mal, mas é claro que a filha de um homem na minha posição não tem necessidade disso. Infelizmente.

– De fato. Talvez o senhor pudesse nos contar o que aconteceu no dia em que Charlotte sumiu. Quando ela foi vista pela última vez?

– Há dois dias. Sábado. De manhã. Durante o café. Eu estava no andar de baixo, na sala de jantar, e Charlotte entrou com toda a alegria da primavera e sentou-se na outra extremidade da mesa. Em um minuto, ela parecia perfeitamente bem e saudável, comendo um pedaço de torrada, bebendo

uma xícara de chá, e de repente começaram as lágrimas, os soluços, e ela saiu correndo da sala.

– O senhor foi atrás dela?

O homem suspirou e pegou um cinzeiro, no qual bateu a brasa da ponta do charuto, deixando ali um círculo de cinzas de forte odor. Deu um longo trago no charuto mais uma vez e exalou a fumaça.

– Não, não fui. Terminei meu café da manhã. Charlotte tem um quê de Sarah Bernhardt, Srta. Dobbs. Uma atriz... Devia estar nos palcos, como a mãe dela. Nada é bom o suficiente para ela, nunca. Achei que, a esta altura, ela já teria feito um bom casamento, mas não, na verdade... a senhorita deveria anotar isso... – Ele agitou o charuto em direção à ficha de Maisie. – Ela foi abandonada pelo noivo uns meses atrás. Mesmo com meu dinheiro, ela não consegue arranjar um marido!

– Sr. Waite, o comportamento que descreve sugere que sua filha poderia estar desesperada.

– Desesperada? *Desesperada?* Ela sempre teve comida da melhor qualidade na barriga, roupas, ótimas roupas, devo acrescentar, à sua disposição. Eu lhe proporcionei boa educação, na Suíça, se quer saber. E ela teve um respeitável baile de debutantes. Seria possível alimentar uma família por um ano inteiro apenas com o dinheiro que gastei com seu vestido. Aquela menina teve tudo do bom e do melhor, então não venha me falar em desespero, Srta. Dobbs. Aquela menina não tem o direito de estar desesperada.

Maisie o encarou com firmeza. *Pronto, pensou ela, é agora que ele vai me contar sobre a vida difícil que teve.*

– Desespero, Srta. Dobbs, é quando seu pai morre num acidente na mina e você tem 10 anos de idade, sendo o filho mais velho de seis. Isso é desespero. Desespero é aquilo que dá um bom chute no seu traseiro e o obriga a cuidar do sustento da família mesmo quando você é só uma criança.

Waite, que agora estava falando com todo o seu sotaque de Yorkshire, continuou:

– Desespero, Srta. Dobbs, é quando você, aos 14 anos, perde sua mãe e

seu irmão mais novo para a tuberculose. Isso, Srta. Dobbs, é desespero. Desespero é quando você acha que todos estão sendo bem cuidados, porque vem trabalhando noite e dia para se tornar alguém, mas perde outro irmão na mesma mina que matou seu pai, porque ele aceitou qualquer trabalho que podia para ajudar em casa. Isso é desespero. Mas a senhorita sabe disso por experiência própria, não? – Waite se inclinou para a frente e colocou o charuto no cinzeiro.

Maisie então percebeu que em algum lugar ali no escritório Joseph Waite guardava um dossiê sobre ela com tantas informações quanto as que ela obtivera sobre ele, se não mais.

– Sr. Waite, tenho bastante consciência dos desafios da vida, mas se eu assumir este caso, e a decisão é minha, serei responsável pelo bem-estar de todas as partes envolvidas. Se esse tipo de fuga é algo habitual para sua filha, e se a discórdia na casa for o principal motivo da inquietação dela, então claramente algo deverá ser feito para aliviar a, digamos, *tensão* entre as partes. Precisarei que se comprometa a ter conversas adicionais sobre o problema quando encontrarmos Charlotte.

Os lábios de Joseph Waite se retesaram. Ele não era um homem que costumava ser desafiado. No entanto, como Maisie agora sabia, tinham sido suas origens similares que o levaram a escolhê-la para a tarefa, e ele não recuaria na proposta. Era um homem muito inteligente e beligerante, e não gostaria de perder nem um momento a mais.

– Sr. Waite, mesmo que Charlotte tenha desaparecido por vontade própria, notícias sobre o desaparecimento dela logo atrairão a atenção da imprensa, exatamente como o senhor receia. Dada a sua situação financeira e os tempos difíceis, há um risco de que o senhor sofra tentativas de extorsão. E embora pareça certo de que Charlotte está em segurança e de que apenas se escondeu, não podemos ter certeza disso até que ela seja encontrada. O senhor mencionou sumiços anteriores. Pode me dar mais detalhes?

Waite se reclinou na cadeira, balançando a cabeça.

– Acho que ela foge toda vez que não consegue o que quer. A primeira vez foi depois que me recusei a permitir que ela tivesse um automóvel. – Ele

olhou para o gramado e abanou o charuto na direção do que Maisie imaginou ser a garagem. – O motorista pode levá-la aonde ela quiser. Não sou a favor de que mulheres dirijam.

Maisie e Billy se entreolharam.

– Então ela correu para a casa da mãe, sem dúvida para reclamar sobre seu terrível pai. Vou dizer uma coisa: de onde eu vim, as mulheres dariam tudo para que alguém as conduzisse em vez de terem que andar 10 quilômetros para fazer compras empurrando um carrinho de bebê, com um garotinho berrando e as sacolas de compras penduradas na alça do carrinho!

– E a segunda vez?

– Ah, ela estava noiva e queria cair fora. Foi o noivado antes desse último. Apenas deu na veneta e ela se mudou para o Ritz, faça-me o favor! Uma bela casa aqui, e ela queria morar no Ritz. Eu mesmo fui até lá e a arrastou de volta.

– Entendo. – Maisie imaginou o embaraço de uma mulher sendo carregada para fora do Ritz pelo pai furioso. – Então, na sua opinião, Charlotte tende a fugir quando é confrontada?

– Sim, para a senhorita ter noção de como é a situação... – respondeu Waite. – Então o que acha de sua “conversinha adicional” quando Charlotte voltar dessa vez, hein, Srta. Dobbs? Considerando que a garota nem consegue olhar nos olhos do pai?

Maisie foi rápida ao responder:

– Minhas condições se mantêm, senhor. Parte do meu trabalho em trazer Charlotte para casa será escutá-la e *entender* o que ela tem a dizer.

Waite empurrou a cadeira para trás, enfiou as mãos nos bolsos da calça e andou até a janela. Ele ergueu o olhar para o céu apenas por um breve momento e sacou um relógio de bolso.

– Concordo com suas condições. Envie-me seu contrato até as nove horas de amanhã. A Srta. Arthur providenciará qualquer depósito que seja necessário e acertará suas contas e despesas mediante apresentação de recibo. Se precisar que eu responda a mais perguntas, a Srta. Arthur agendará uma reunião. Do contrário, aguardo um relatório parcial na sexta-

feira. Pessoalmente e no mesmo horário. Isto é, se a senhorita não conseguir encontrá-la até lá. Sou um homem ocupado, como já disse, Srta. Dobbs.

Ele se virou para ir embora.

– Sr. Waite?

– Sim?

– Podemos ver os aposentos de Charlotte, por favor?

– A Srta. Arthur chamará a Sra. Willis para lhe mostrar os cômodos. Boa tarde.



SOBRE A AUTORA



JACQUELINE WINSPEAR nasceu e cresceu em Kent, no sul da Inglaterra. Em 1990, após uma carreira no mercado editorial e no ensino superior em Londres, ela se mudou para a Califórnia, onde mora atualmente. Primeiro livro de sua série de sucesso, *Maisie Dobbs* ganhou o Agatha Award de melhor romance de estreia e foi finalista de diversos prêmios de mistério, como o Anthony e o Edgar Allan Poe Awards.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

